

# EDUCAÇÃO JESUÍTICA:

Aprendizagem Integral, Sujeito  
e Contemporaneidade

Um novo olhar sobre as  
práticas educativas

Vol. 2

---

Organização:

Christiane Miranda Sisson

Adriana Rodrigues Jacques

Dionara Gonçalves Cavalheiro Ritta

Eliane da Silveira Nunes

Gustavo da Costa

Marcela Vargas Brandt Costabeber

Márcia da Silva Zucolatto

Rosária Anele

Sheila Guidi Milioli

Thais Menotti de Souza

Ignatius

COLÉGIO ANCHIETA

Rede Jesuíta de Educação



# **EDUCAÇÃO JESUÍTICA:**

**Aprendizagem Integral, Sujeito  
e Contemporaneidade**

Um novo olhar sobre as  
práticas educativas

**Vol. 2**



Adriana Rodrigues Jacques  
Dionara Gonçalves Cavalheiro Ritta  
Eliane da Silveira Nunes  
Gustavo da Costa  
Marcela Vargas Brandt Costabeber  
Márcia da Silva Zucolatto  
Rosária Anele  
Sheila Guidi Milioli  
Thais Menotti de Souza

# **EDUCAÇÃO JESUÍTICA:**

**Aprendizagem Integral, Sujeito  
e Contemporaneidade**

Um novo olhar sobre as  
práticas educativas

**Vol. 2**

---

**Porto Alegre/RS - 2022**

Copyright © Colégio Anchieta, 2022

DIREÇÃO-GERAL

Pe. Jorge Álvaro Knapp, S.J.

DIREÇÃO ACADÊMICA

Dário Schneider

DIREÇÃO ADMINISTRATIVA

Inácio Reinehr

CAPA ILUSTRAÇÃO

Daniel Romanenco e Stefan Fernandes – Projeto VHR

PROJETO GRÁFICO – EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Anderson Muniz – Clemente Design

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Setor de Comunicação e Marketing do Colégio Anchieta

Marcela Brandt Costabeber, Patrícia Martins e Ana Luiza Szevcynski Del Mestre

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Renato Deitos

PRODUÇÃO GRÁFICA

Cristina Guzinski

(2021)

Todos os direitos desta edição reservados a:

Colégio Anchieta

Av. Nilo Peçanha, 1521 - Porto Alegre, RS - 91330-000

## SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	9
----------------	---

### **Adriana Rodrigues Jacques**

#### ORIENTAR E CONVIVER:

Cultivando a arte do encontro e a experiência para além da resolução de conflitos com crianças pequenas .....	11
--	----

1. Introdução .....
  2. Fundamentação Teórica.....
  3. Metodologia.....
  4. Considerações Finais.....
- Referências.....

### **Dionara Gonçalves Cavaleiro Ritta**

#### A GRATIDÃO NA PEDAGOGIA INACIANA:

Um olhar sobre o fazer docente .....	39
--------------------------------------	----

1. Introdução .....
  2. Materiais e Métodos .....
  3. Fundamentação Teórica.....
  4. Resultados e Discussões .....
  5. Considerações Finais .....
- Referências .....

## **Eliane da Silveira Nunes**

### **PEDAGOGIA INACIANA NO SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL:**

A relação família-escola em contexto de pandemia .....	70
1. Introdução .....	70
2. Fundamentação Teórica.....	72
3. Metodologia.....	77
4. Resultados e Discussão dos Dados.....	78
5. Considerações Finais .....	83
Referências.....	85
Apêndice A.....	87

## **Gustavo da Costa**

### **O VOLUNTARIADO NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO INTEGRAL .....**

1. Introdução .....	88
2. Fundamentação Teórica.....	91
3. O Amor é (do)Ação .....	98
4. Formar: Aprender, Ensinar e Experienciar .....	104
5. Considerações Finais .....	108
Referências.....	111
Apêndice A.....	112

## **Marcela Vargas Brandt Costabeber**

A IMPORTÂNCIA DA TRADIÇÃO PARA O POSICIONAMENTO DE MARCA DO COLÉGIO ANCHIETA NO MERCADO DE EDUCAÇÃO BÁSICA PRIVADA DE PORTO ALEGRE .....	113
1. Introdução .....	113
2. Fundamentação Teórica.....	115
3. Metodologia.....	120
4. Resultados.....	121
5. Discussão.....	123
6. Considerações Finais .....	125
Referências.....	126
Apêndice A.....	127

## **Márcia da Silva Zucolatto**

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INACIANAS COMO UM FATOR ESSENCIAL PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL EM UM COLÉGIO JESUÍTA.....	128
1. Introdução .....	128
2. Educação Integral e Aprendizagem .....	131
3. Pensando as Emoções e a Afetividade.....	133
4. A Relação Professor-Aluno .....	136
5. Análise da Coleta de Dados .....	139
6. Considerações Finais .....	148
Referências .....	151
Apêndice A – Roteiro de Entrevista.....	157
Anexo A – Planos de Aula/Estudos .....	158

## **Rosária Anele**

### *CURA PERSONALIS:*

Um modo de ser e proceder da Educação Jesuíta para e com as Lideranças Intermediárias.....	166
1. Introdução .....	166
2. Fundamentação Teórica.....	169
3. Material(is) e Métodos.....	175
4. Resultados e Discussão.....	176
5. Considerações Finais .....	184
Referências.....	187

## **Sheila Guidi Milioli**

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO NO PROCESSO ESCOLAR DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA PANDEMIA.....	189
1. Introdução .....	189
2. Fundamentação Teórica.....	193
3. Análise dos Dados da Pesquisa .....	200
4. Considerações Finais .....	206
Referências.....	208

## **Thais Menotti de Souza**

O TRABALHO PASTORAL NOS COLÉGIOS DA REDE JESUÍTA.....	213
1. Introdução .....	213
2. Fundamentação Teórica.....	216
3. Metodologia.....	220
4. Análise dos Dados.....	222
5. Considerações Finais .....	230
Referências.....	231



## PREFÁCIO

Este livro é o resultado da 4ª edição da Especialização “Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade”. Ofertada pela UNISINOS, é um dos projetos de formação continuada da RJE com os Colégios da Rede.

A especialização é organizada em cinco módulos: Entender o Mundo; Experiência: sentir e saborear as coisas internamente; Pensadores da Educação e a Pedagogia Inaciana; Ação Pedagógica; Educativa e Avaliação: Pessoa e Processo. O objetivo principal desta formação é inspirar e consolidar esta Identidade Inaciana em nossos Colégios a partir de uma profunda reflexão sobre o Fazer. Nesse sentido, o Projeto Educativo Comum (PEC) aponta para essa missão ao dizer que “Uma obra educativa da Companhia de Jesus tem como um dos seus objetivos a formação de líderes que tenham, na justiça e no serviço, seus principais compromissos” (PEC n° 52).

Dessa forma, é proporcionado aos nossos colaboradores um mergulho no aprofundamento e no conhecimento da Educação Jesuítica baseada nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, fundador e inspiração para as práticas educativas em nossos Colégios. Nesse convite para os colaboradores participarem da Especialização, realizado pelo nosso diretor Dário Schneider, tivemos profissionais nesta turma tanto da área acadêmica quanto da administrativa. Foi uma alegria imensa receber o convite para ser a orientadora de aprendizagem de um grupo tão diferente em sua composição, mas tão próximo em seus ideais e na missão educativa.

Foram dois anos de intensos estudos, encontros, reflexões, conversas, enfim, vínculos. Muitos laços foram criados, muitas histórias contadas, partilhas de angústias e medos foram acolhidos. Afinal, estávamos no início da Pandemia (COVID-19), o que exigiu do grupo muito mais do que esperávamos. A fé, a união e o desejo de saborear cada vento que o novo tempo nos desafiava foi maior! Precisei reorganizar meu planejamento, dando prioridade para os atendimentos individuais e encontros mensais com a turma, de maneira *on-line*, o que resultou em excelentes artigos. Os encontros *on-line*

eram frequentes, visto que não podíamos estar no presencial. Porém, descobrimos que a união de desejos em comunhão supera as barreiras impostas pela ventania que soprava nossas vidas. Como nos inspira Santo Inácio, “Tudo para a maior glória de Deus”.

Foi uma experiência fascinante poder olhar para o Fazer, tanto pedagógico quanto administrativo, a partir do aprofundamento dos preceitos Jesuíticos e da Identidade Inaciana. Vivenciando os cinco pilares do Paradigma Inaciano (Contexto, Reflexão, Experiência, Ação e Avaliação), o resultado foi este belo livro intitulado *EDUCAÇÃO JESUÍTICA: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade, um novo olhar sobre as práticas educativas* que conta as experiências vividas e sentidas por cada profissional do Colégio Anchieta.

Ressignificando as práticas no fortalecimento da Identidade Inaciana, as temáticas desenvolvidas foram variadas com uma reflexão profunda sobre o fazer na perspectiva da Educação Integral, com temas como a relação Família e Colégio no contexto da pandemia e a gratidão na Pedagogia Inaciana. Ousamos falar sobre a importância da Tradição para o posicionamento da Marca em tempos tão difíceis para a educação. Refletimos sobre o papel da Pastoral sob a perspectiva dos Colégios da Rede e sobre a importância do Voluntariado como um dos pilares para a Educação Integral. Falamos sobre *Cura Personalis* em nosso modo de Ser e de Fazer e na importância da Afetividade nas práticas educativas. Ainda aprofundamos nossos estudos sobre Vínculos Afetivos no processo de ensino-aprendizagem num contexto pandêmico e sobre o Orientar e Conviver como prática da arte do encontro.

Como orientadora de aprendizagem, foi uma experiência instigante estar à frente de todo esse processo. Construí e desconstruí certezas, desafiei preceitos para abrir espaço ao inédito, tematizei algo realizável e transformador. O PEC aponta e nos convoca a estarmos atentos e disponíveis ao que nos acontece, a estarmos atentos ao Tempo e ao Contexto de nossos Colégios ao afirmar que “a capacitação profissional consiste na busca por atualização e por aprimoramento teórico e prático de conhecimentos, competências e habilidades exigidas para o exercício das funções, associadas à compreensão e à assimilação da Identidade e da Missão da Unidade Educativa (PEC nº 83)”.

Precisamos buscar neste processo de conhecimento e de aprofundamento da nossa Identidade a unidade na diversidade com costuras afetivas e novos saberes. Que seja uma leitura inspiradora e reflexiva com a ousadia de quem sabe apreciar e saborear o desconhecido.

Christiane Miranda Sisson  
*Orientadora Convivência Escolar*  
*- Educação Infantil*



Adriana Rodrigues Jacques

## ***ORIENTAR E CONVIVER:***

*Cultivando a arte do encontro e a experiência para além da resolução de conflitos com crianças pequenas*

### **1. INTRODUÇÃO**

*Então lhe foram apresentados vários meninos para que lhes impusesse as mãos e orasse (por eles). Mas os discípulos increpavam-nos. Jesus, porém, disse-lhes: Deixai os meninos, não os impeçais de vir a mim, porque deles é o reino dos céus. E, tendo-lhes imposto as mãos, partiu dali.*

(Mt 19,13-15)

Nos Evangelhos, lendo o período de pregação de Jesus e parte da história da sua vida, é possível perceber a importância que Ele dava às crianças, aos que sofriam, aos pobres, aos pecadores e aos excluídos, querendo sempre mostrar a bondade de Deus a todos, conforme aponta Konings (2009, p. 33), “[...] Jesus ensinava a procurar em tudo a vontade de Deus, que é o amor fraterno”. No Evangelho segundo Mateus (18, 2-6), ao ser questionado pelos discípulos sobre a maior grandeza no reino dos céus, Jesus aponta para a inocência, a pureza e a humildade das crianças. Trazendo, também, a importância do respeito e do amor. Ainda em Mateus (19, 13-15), que conta a saída de Jesus da Galileia para os confins da Judeia, é relatada outra referência de Jesus às crianças no sentido da presença delas em sua passagem, ficando em evidência a importância da inclusão das crianças junto a Ele e aos que ali estavam. Já no Evangelho segundo Marcos, encontramos outra referência: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo do Senhor. [...] Aquele que receber uma destas crianças por causa do meu nome, a mim recebe” (Mc 9,

37), estando aqui outra manifestação de Jesus às crianças, no sentido do respeito a todas as pessoas.

Esses ensinamentos de Jesus que evidenciam o cuidado, o respeito e sobretudo o amor com toda a criação, a exemplo do que foi vivido por Inácio de Loyola, muito se aproxima da premissa dos Colégios da Rede Jesuíta de Educação (RJE) e do ser humano que se deseja formar: pessoas capazes de buscar, com generosidade, o seu melhor para encontrar a vontade de Deus e segui-la, vivendo em harmonia com a toda Criação, o *Magis*. A Companhia de Jesus, entre seus objetivos, ressalta que: “O objetivo da educação jesuíta é ajudar o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus a cada indivíduo como membro da comunidade humana” (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1989, p. 24-25).

Conforme a biografia de Inácio de Loyola, escrita por Botero (2018), Inácio, o fundador da Companhia de Jesus, após ter sido gravemente ferido por uma bala de canhão, em 24 de maio de 1521, na batalha de Pamplona, passou por um período de convalescença. Durante esse tempo, através de leituras sobre a vida de Jesus e dos Santos, iniciou seus momentos de reflexões que foram chamados de “discernimento espiritual”, uma das características marcantes de Inácio de Loyola, que se singulariza pelo modo de proceder tipicamente inaciano no sentido de encontrar a vontade de Deus em todas as coisas. Essas reflexões levaram-no a se identificar com a missão cristã e a desejar viver a sua vida inspirada na vida de Jesus Cristo, segundo aponta o documento *Educação Jesuíta, Fundamentos Contextual, Doutrinal e Conceitual do Colégio Anchieta* (2018, p. 17): “[...] Ele é a expressão máxima de humanidade e de divindade, razão pela qual Deus o elegeu Caminho, Verdade e Vida para todo o gênero humano”.

A Pedagogia Inaciana, com o objetivo de formar homens e mulheres para e com os demais na perspectiva da Formação Integral, preocupa-se, para além da formação acadêmica, com a formação humana e com a educação em valores, do sentido crítico e do posicionamento ético, a fim de que os alunos possam se desenvolver como agentes de fé, de amor e de mudanças, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Assim, com vistas ao desenvolvimento da Formação Integral e vislumbrando o meu trabalho como educadora inaciana que sempre teve como mote o amor e o cuidado, busco no aprofundamento de meus estudos algumas respostas para as indagações que surgiram ao longo dessa especialização.

Olhando para a minha prática educativa em diálogo com os documentos que regem o trabalho do Colégio Anchieta, procurei nesse entrelaçamento algumas respostas referentes ao contexto da Educação Infantil e ao desenvolvimento social das crianças de três a seis anos de idade. Nesse sentido, como o Serviço de Orientação de Convivência Escolar (SOCE) pode auxiliar as crianças da Educação Infantil na promoção de experiências que

possibilitem o diálogo entre as crianças e os adultos, nos momentos de conflito, visando favorecer sua constituição como sujeito único e pertencente a um grupo social?

Em junho de 2001, fui contratada pelo Colégio Anchieta para substituir uma professora em sua licença-maternidade. Passados os quatro meses, encerrou-se o contrato e, logo após, em fevereiro de 2002, fui chamada para um novo contrato, atuando como professora do Ensino Fundamental 1 em uma turma da então 2ª Série. Ao final de 2002, fui convidada a assumir uma 1ª Série (atualmente chamada 1º Ano do Ensino Fundamental), atuando como professora alfabetizadora. Permaneci 14 anos alfabetizando crianças de seis a sete anos de idade. Em 2018, recebi o convite da direção do Colégio para assumir como orientadora de convivência escolar, integrando os serviços de apoio da Educação Infantil.

O Colégio Anchieta, uma instituição da Rede Jesuíta de Educação, localizado na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, conta com mais de três mil alunos, dos quais, em torno de 320 fazem parte da Educação Infantil, estando organizados em: Infantil A – crianças de três a quatro anos; Infantil B – crianças de quatro a cinco anos; e Infantil C – crianças de cinco a seis anos. Para atender às demandas e às necessidades educacionais inerentes a essa faixa etária, a instituição apresenta uma organização acadêmica que conta com os serviços de apoio ao ensino, compostos por: Coordenadora de Unidade, Serviço de Orientação Pedagógica (SOP), Serviço de Orientação Religiosa, Espiritual e de Pastoral (SOREP), Serviço de Orientação Educacional (SOE) e o Serviço de Orientação de Convivência Escolar (SOCE), além de uma Orientadora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para toda a Unidade de Ensino.

Considerando as características das crianças pequenas como seres criativos e ativos, suas especificidades e necessidades referentes às interações sociais, consciência social e autoconsciência, bem como a importância de assegurar às crianças os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, como define a quarta versão da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de 2018, ficam as perguntas: qual a importância da atuação da orientadora de convivência na construção de uma cultura do encontro para além da resolução de conflitos? Como a atuação da orientadora de convivência auxilia na ampliação e na constituição das diferentes aprendizagens das crianças, especialmente no que se refere à autonomia nas interações sociais, entendendo essa criança como um sujeito da experiência e, portanto, aberto às transformações? Como o SOCE pode estabelecer pontes seguras entre as crianças pequenas e o mundo, através da escuta infantil?

Professores e direção, jesuítas e leigos, são mais do que orientadores acadêmicos. Estão envolvidos na vida dos alunos e têm um interesse pessoal no desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual de cada aluno, ajudando cada um deles a desenvolver um senso de autoestima e a se tornarem pessoas responsáveis dentro da comunidade. Respeitando a

privacidade dos alunos, estão prontos a ouvir suas perguntas e preocupações sobre o significado da vida e compartilhar suas alegrias e suas tristezas, a ajudá-los no crescimento pessoal e suas relações interpessoais. Desta e de outras maneiras os membros adultos da comunidade educativa orientam os estudantes para o desenvolvimento de um conjunto de valores que conduzem a decisões que transcendem a própria pessoa e se abrem à preocupação com as necessidades dos outros. A atenção pessoal continua a ser uma característica básica da educação jesuíta. (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1989, p. 32)

Tal ideia foi fonte de inspiração para aprofundar minhas reflexões e buscar na minha prática elementos que justifiquem o estudo, procurando subsídios ao trabalho da orientadora de convivência escolar na Educação Infantil, na perspectiva do olhar cuidadoso para as infâncias e para a escuta infantil, reconhecendo a criança como indivíduo pleno e sujeito de direitos, objetivando a Educação Integral, premissa da Pedagogia Inaciana. Considerando também, para a resolução de conflitos entre crianças pequenas, a importância da arte do encontro nas relações interpessoais, a riqueza das experiências enquanto abertura ao desconhecido nas diversas interações das crianças e a necessidade das mediações pautadas no diálogo, favorecendo a convivência fraterna na comunidade educativa.

Nesse contexto, o SOCE, além de organizar os espaços, horários, tempos, materiais e cronogramas, atua diretamente com as crianças, as professoras, os pais e os colaboradores não docentes, auxiliando na organização e realização das atividades pedagógicas. Durante os períodos escolares atende, com frequência, as crianças em momentos de conflito, especialmente após os recreios e pátios livres, quando as intervenções das professoras e dos auxiliares não são suficientes para a resolução desses, contribuindo para o cuidado e a atenção ao clima institucional, conforme aponta o Projeto Educativo Comum (PEC):

O clima institucional de um Colégio Jesuíta constrói-se a partir do que chamamos “modo de proceder” da Companhia de Jesus e observa-se cotidianamente na convivência e na interação entre os diversos membros da comunidade, assim como na realização das tarefas e no uso do poder. Implica considerar a comunicação e a relação entre todos os atores educativos: a participação nos diversos espaços de ação e decisão; a motivação, o compromisso e a identificação com as finalidades da escola; os mecanismos de resolução de conflitos; os eventuais episódios de desrespeito entre ou para com os estudantes. Tem especial relevância o cuidado pessoal de cada um dos membros da comunidade (*cura personalis*), sempre orientado à melhor realização dos objetivos definidos para cada segmento da escola. Trata-se de cuidar da pessoa, porque ela é sempre o centro do processo, e, ao mesmo tempo, garantir o alcance dos resultados nos processos que são compromisso institucional com alunos e famílias. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 65)

Sendo assim, este artigo objetiva abrir um espaço para a reflexão sobre a função do orientador de convivência escolar em um Colégio da Companhia de Jesus que, inspirado na figura de Jesus Cristo como modelo de vida humana e expressão de divindade, procura orientar as ações de seus estudantes para o desenvolvimento de suas potencialidades – ética, espiritual, cognitiva, afetiva, comunicativa, estética, corporal e sociopolítica –, visando relacionarem-se consigo, com os outros e com a Criação, buscando nessas relações o encontro, o diálogo, a escuta, a convivência e o amadurecimento para fazer escolhas e interagir no mundo com amorosidade, de forma solidária, ativa, crítica e fraterna.

Na Educação Infantil do Colégio Anchieta, onde diariamente circulam muitas crianças, pais, profissionais docentes e não docentes, ocorrem muitos cruzamentos e encontros que propiciam variadas relações sociais, consolidando a convivência entre a comunidade educativa, conforme aponta Tamaro (apud BARDANCA, 2020, p. 62):

Ao longo dos cruzamentos do seu caminho, você se encontra com outras vidas: conhecê-las ou não conhecê-las, conviver profundamente com elas ou deixá-las seguir é uma questão que somente depende da escolha que você faz em um instante. Ainda que você não o saiba, ao passar batido ou ao parar com frequência, está em jogo a sua existência, e a de quem está ao seu lado.

Considerando os cruzamentos que ocorrem na Educação Infantil do Colégio Anchieta, destaco que, no decorrer dos turnos trabalhados, muitas crianças, pais e colegas circulam nos ambientes e ali se constituem, se desenvolvem e estabelecem variadas relações sociais, consolidando a convivência entre a comunidade educativa. Entre tantos e diferentes encontros e desencontros, o SOCE atua diretamente com todos, mas especialmente com as crianças que, em momentos de conflito, necessitam de apoio do adulto no sentido de ressignificar essas vivências através da escuta, atribuindo potência à fala das crianças. Um exemplo disso é a situação que segue: uma criança se retira de um momento livre na pracinha e, ao ser indagada pela orientadora de convivência escolar sobre o ocorrido no momento da saída do ambiente, relatou que não tinha amigos e que não queria ser o Homem de Ferro na brincadeira. A orientadora então vai até o local e chama os colegas envolvidos para todos conversarem. Ao ouvi-los, juntamente com a criança que saiu do local, descobre que uma criança havia dado uma negativa à sua proposta de ser o Homem-Aranha na brincadeira, dizendo que poderia ser o Homem de Ferro. Por esse motivo, interpretou que não teria mais amigos. Assim, nessa interação mediada pela orientadora de convivência, ao ouvir os argumentos dos amigos, a criança conseguiu perceber que tinha sido uma negativa, não uma exclusão, e conseguiu se posicionar perante os amigos, relatando o seu desejo. Em seguida, todos conseguiram encontrar uma solução com uma nova proposta de brincadeira na qual teriam dois Homens-Aranhas. Dessa forma, todos conseguiram relatar os fatos e entender os sentimentos envolvidos,

reorganizando a brincadeira.

E assim, no dia a dia da Educação Infantil, muitos são os encontros e desencontros, os quais necessitam do olhar cuidadoso, da escuta empática e do diálogo na busca de experiências. Conforme aponta Larrosa (2002, p. 27), “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendemos, para nos deixarmos encantar.*

(Mia Couto)

### 2.1 A Educação Infantil e os direitos de aprendizagem e desenvolvimento

No Brasil, o primeiro documento que legitimou a Educação Infantil enquanto direito da criança foi a Constituição Federal de 1988. A partir daí, se fez necessária a implementação das especificidades da educação de crianças de zero a seis anos. Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a educação e o cuidado passaram a ser legalmente considerados como função da Educação Infantil. Em 2009, as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (DCNEI) definiram as interações e as brincadeiras como os dois eixos estruturantes da Educação Infantil e afirmaram a indissociabilidade entre o cuidar e o educar. A BNCC, de 2018, definiu e assegurou às crianças os seis Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Direitos esses fundamentados nos princípios éticos, políticos e estéticos estabelecidos pelas DCNEI, que precisam ser contemplados nas práticas pedagógicas por meio dos Campos de Experiências, arranjo curricular que acolhe os saberes e as experiências concretas das crianças, entrelaçando-as aos conhecimentos do patrimônio cultural, conforme consta no Referencial Gaúcho, documento elaborado em 2018, dentro do sistema de leis, pelo governo e setores da sociedade civil. Como um marco histórico de reconhecimento da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica e visando a um currículo que levasse em conta as especificidades do Estado do Rio Grande do Sul, foi elaborado, com a participação de diferentes atores da educação do Estado do RS, o documento de referência curricular, considerando os aspectos locais e regionais nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, bem como



a valorização da diversidade cultural do território, conforme consta:

O Referencial Curricular Gaúcho para a Educação Infantil está alinhado ao disposto nos marcos legais: Constituição Federal (1988), LDB (1996), DCNEI (2009), Emenda Constitucional nº 59 (2009), Lei nº 12.796 (2013), Plano Nacional de Educação (PNE, 2014), além de considerar a diversidade e a especificidade dos aspectos culturais, sociais e históricos do Estado do Rio Grande do Sul. (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 52)

A Educação Infantil do Colégio Anchieta, atenta às demandas e às necessidades inerentes à faixa etária de três a seis anos (seu público-alvo), bem como atenta ao modo de ser e proceder da Companhia de Jesus e à Pedagogia Inaciana, tendo por base o Paradigma Inaciano – “contexto, experiência, reflexão, ação, avaliação” –, está em conformidade com o que preconiza a legislação vigente, indo para além das necessidades descritas, visando à participação dos alunos na sociedade, de forma autônoma. De acordo com o PEC:

A proposta pedagógica dos Colégios Jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 37)

Desta forma, assegura-se à criança este olhar cuidadoso e atento à diversidade, à escuta e ao conhecimento, buscando elementos que auxiliem na concretude da Aprendizagem Integral e na potência de cada um.

## 2.2 A criança de três a seis anos e o direito de aprendizagem-conviver

*CONVIVER com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.*  
(RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 77)

Considerando os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, e destacando a importância do desenvolvimento integral da criança como um sujeito de cultura, faz-se necessário salientar que a infância se constitui em uma fase muito importante, pois nela o ser humano estabelece a base para o seu desenvolvimento pessoal, marcando um jeito

de ser e estar no mundo.

O infante está inserido em um contexto social e cultural, e neste tem suas experiências através das quais constrói sentido e dá significado aos acontecimentos, buscando compreender o mundo por meio das interações que estabelece com seus pares, com os adultos e com o ambiente, se desenvolvendo em seus aspectos físico, afetivo e cognitivo, de acordo com o que consta no artigo 29 da LDB, na redação dada em 2013:

A educação infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 2013)

Segundo o Referencial Curricular Gaúcho, com criatividade e atividade, as crianças vivem suas infâncias no presente. Da mesma forma, as aprendizagens e o desenvolvimento se constituem e se ampliam através das interações e das brincadeiras. Entende-se que as crianças estão inseridas em diferentes realidades culturais, sociais, econômicas e políticas, por isso, considera-se também que existem diversas infâncias. Assim,

temos concebido as crianças como seres humanos concretos, um corpo presente no aqui e agora em interação com outros, portanto, com direitos civis. As infâncias, temos pensado como a forma específica de conceber, produzir e legitimar as experiências das crianças. Assim, falamos em infâncias no plural, pois elas são vividas de modo muito diverso. Ser criança não implica ter que vivenciar um único tipo de infância. As crianças, por serem crianças, não estão condicionadas às mesmas experiências. (BRASIL, 2009, p. 22 apud RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 61)

Nessa concepção de infância plural que entende a criança como sujeito ativo, o Referencial Curricular Gaúcho (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 61) aponta: “que através de suas ações as crianças reelaboram, recriam e agem sobre o mundo e que seus processos de interação envolvem o criar e o transformar”.

### **2.3 A singularidade e o desenvolvimento social das crianças da Educação Infantil**

Conforme já pontuado anteriormente, a partir de 2009, a legislação definiu que as interações e as brincadeiras passariam a ser os dois eixos estruturantes da Educação Infantil, assim, busquei numa perspectiva sociointeracionista alguns autores como Wallon, Piaget e Vygotsky, que, embora não concordem em todos os aspectos, apontam para o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, visto que as crianças estabelecem relações sociais e que o conhecimento e a aprendizagem se dão a partir das trocas entre o sujeito e o meio. Conforme aborda Felipe (2001, p. 27):

Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem.

Assim, observa-se a importância da interação para a construção da autonomia e para o desenvolvimento da criança como sujeito histórico, ativo e produtor de cultura. Nesse mesmo sentido, Wallon afirmou que as crianças desenvolvem suas capacidades sociocognitivas a partir das relações afetivas e emocionais, considerando seus sentimentos, o meio em que vivem e com quem ou com o que elas interagem. Ele considera importante o entendimento da individualidade da criança e suas especificidades. Em sua proposta, apresenta quatro campos funcionais que sustentam a cognição: o Movimento, a Afetividade, a Inteligência e a Pessoa (Formação do “eu”).

Wallon, assim como Piaget, também apresentou uma proposta de organização do desenvolvimento infantil, por fases, porém com maior flexibilidade sobre as relações de idade e fase, pela atualização social das características biológicas de cada pessoa. De acordo com Felipe (2001, p. 28):

Wallon assinala que o desenvolvimento se dá de forma descontínua, sendo marcado por rupturas e retrocessos. A cada estágio de desenvolvimento infantil há uma reformulação e não simplesmente uma adição ou reorganização dos estágios anteriores, ocorrendo também um tipo particular de interação entre o sujeito e o ambiente.

São eles:

- a) estágio impulsivo-emocional (1º ano de vida);
- b) estágio sensório-motor e projetivo (um a três anos, aproximadamente);
- c) personalismo (três aos seis anos, aproximadamente);
- d) estágio categorial (seis anos).

Dos três aos seis anos, idade das crianças da Educação Infantil, estágio que Wallon nomeou como personalismo, a criança se percebe como parte do mundo, reconhece seu corpo e o modo como se associa e deve interagir socialmente. Começa a

ter seus interesses vinculados às pessoas a sua volta, apontando para a importância das relações afetivas. Também é importante destacar que, no que se refere à cognição, as emoções servem como base para o campo da inteligência que está ligado à linguagem e à capacidade de abstração, segundo Felipe (2001, p. 28) explicita:

Nesta fase ocorre a construção da consciência de si, através das interações sociais, dirigindo o interesse da criança para as pessoas, predominando assim as relações afetivas, no plano do pensamento, a indiferenciação inicial entre inteligência e afetividade.

No que se refere à teoria piagetiana, Wadsworth (1997, p. 29) destaca que “[...] todo conhecimento é conhecimento físico, conhecimento lógico matemático ou conhecimento social. As ações da criança sobre os objetos e as interações com outras pessoas são de importância fundamental na construção do conhecimento [...]”. Piaget pontua que o desenvolvimento pode ser compreendido a partir de quatro estágios, são eles:

- a) Sensório-Motor (zero a dois anos aproximadamente);
- b) Pensamento Pré-Operacional (dos dois aos sete anos aproximadamente);
- c) Operações Concretas (sete a onze anos);
- d) Operações Formais (a partir de doze anos).

No estágio Pré-Operacional, a representação e a linguagem falada são instrumentais no desenvolvimento dos sentimentos sociais das crianças. Segundo o autor, Piaget pontua que o desenvolvimento social age sobre o desenvolvimento cognitivo e afetivo, à medida que a criança estabelece intercâmbio com o meio social. Neste estágio, também começa a desenvolver os conceitos morais. A criança começa a ter a consciência de que, embora não sejam desejáveis, algumas coisas precisam ser feitas. Começa a conhecer as regras, percebendo-as como fixas e permanentes e, nesse sentido, cobrando dos outros uma adesão rígida às regras estabelecidas. O conceito de intencionalidade constitui uma dificuldade para as crianças dessa faixa etária, pois não conseguem levar em conta as intenções dos colegas, o que ocasiona diferentes conflitos durante as interações. Os acidentes como tropeços e esbarrões dificilmente são vistos como sem propósito, ocasionando conflitos, demandando as mediações dos adultos para solucioná-los. Ainda entendem que a justiça está relacionada com as punições, e esperam essas punições dos adultos àqueles que deram causa ao conflito, segundo a sua interpretação.

Em oposição a Piaget, que atribui importância aos processos internos, Vygotsky enfatiza o social, atribuindo um papel preponderante às relações sociais. Segundo Pimentel (2007, p. 222):

No ideal vygotkiano, a educação tem um papel transformador do homem e da humanidade. Na primeira infância, isso significa dimensionar quais bases efetivamente propiciam o desenvolvimento na sua multiplicidade cognitiva, afetiva, social, psicomotora e moral, divisões estas que, na acepção histórico-cultural, não são tratadas separadamente, mas em uma perspectiva holística, integrada. Em sua visão educativa, sublinha dois conceitos nucleares: o de formação social das funções psicológicas superiores e o da via dupla do desenvolvimento – real e potencial.

Para Vygotsky, a partir das relações que estabelecemos com outras pessoas, desenvolvemos nossas habilidades psicológicas e sociais. Dessa forma, uma habilidade é internalizada pela pessoa quando ela passa do nível interpessoal, que se dá no coletivo, para o nível individual. Vygotsky nomeou esse conceito de “internalização”, uma importante concepção de sua abordagem histórico-cultural.

Em relação ao processo de desenvolvimento da criança, Vygotsky apresentou dois níveis distintos, o real (aquilo que a criança já faz sozinha) e o potencial (aquilo que a criança consegue fazer com a ajuda de alguém) e, dessa forma, nomeou de Zona do Desenvolvimento Proximal o espaço de possibilidades que existe entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. Refere ainda que a maior parte das atividades em que as crianças ficam engajadas se dão na Zona do Desenvolvimento Proximal, apontando que, assim, o desenvolvimento parte do coletivo para o individual. Para Vygotsky (1994, p. 101 apud PIMENTEL, 2007, p. 225):

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar zonas de desenvolvimento proximal; ou seja, [...] desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente (na interação entre) pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente.

Nesse sentido, durante os momentos de aulas, a relação das crianças em seus ambientes fica muito evidente, especialmente nos momentos mais livres, quando não há o direcionamento dos adultos. Durante os momentos de brincadeiras coletivas e livres, é possível observar diversas situações entre as crianças. Certo dia, uma professora procurou a orientadora de convivência escolar e relatou que uma aluna estava manifestando muita tristeza em aula e que não queria ir para o pátio. Então, a orientadora foi até a sala para conversar com a criança. Durante a conversa, a menina disse que não tinha mais amigas no colégio, pois sua melhor amiga não a deixou ser o bebê na brincadeira, dizendo a ela que só poderia ser o “bebê malvado”, e nessa hora começou a chorar. Em seguida, a orientadora questionou se gostaria de conversar um pouco mais. A criança, então, fez outros relatos sobre a mesma amiga em relação aos empréstimos de materiais e trocas de lanches. Dito isso, a orientadora chamou a colega e convidou

as duas para um passeio pelo pátio do colégio. Durante o passeio, ambas falaram sobre suas preferências nas brincadeiras, entre outros assuntos. Na praça, sentaram na caixa de areia para fazer comidinha e, durante a brincadeira, a orientadora perguntou o que elas gostavam de fazer e brincar juntas, até que chegou o momento em que a criança que estava triste conseguiu se expressar sobre o ocorrido e a outra criança, ao ouvir o relato da amiga, se sensibilizou e começou a chorar, explicando que não queria deixar a amiga triste, mas que naquele dia ela queria ser o bebê na brincadeira e que, se deixasse a outra ser, ela teria que ser a mamãe. Então a orientadora questionou sobre o que seria ser o “bebê malvado” e ela explicou que é aquele bebê que só chora e quer colo. A orientadora também questionou se haveria outra forma para fazer essa brincadeira em que as duas pudessem brincar juntas. As crianças começaram a citar outras formas de brincar e, assim, conseguiram resolver o conflito. Alguns dias depois, a orientadora voltou na turma para perguntar às crianças como estavam e as duas contaram sobre as novas descobertas que fizeram ainda sobre a mesma brincadeira.

Em diálogo com o mesmo tema, as irmãs Bardanca (2020, p. 47) abordam a importância da etapa de três a seis anos como um tempo de olhar para a singularidade das crianças e o pertencimento ao grupo:

A etapa 3-6 é um tempo em que se deve procurar tirar o menino ou a menina do anonimato do grupo no qual viverá toda a sua vida escolar. É o momento em que dão as condições ideais para que aflore sua singularidade, seu caráter, seus gostos e desgostos, seus pontos fortes e seus pontos fracos. Tudo isso ao mesmo tempo que desenvolve um sentimento de pertencimento a alguma coisa regida por certos códigos comuns.

E é nesta constituição de cidadania, de pertencimento, de relações e construções no espaço escolar que o papel da orientadora de convivência se torna essencial. Ao possibilitar a escuta entre os pares, essa profissional auxilia a criança a escutar-se e a escutar o outro, abrindo espaço para o diálogo e para a compreensão mútua do acontecido.

## 2.4 SOCE – construindo experiências a partir do encontro e da escuta

*É experiência aquilo que “nos passa”, ou nos toca,*

*ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.*

(Larrosa)

Na perspectiva do educar e do cuidar para o desenvolvimento dos sentimentos morais na resolução de conflitos e respeitando o Direito de Aprendizagem CONVIVER, destaco o Serviço de Orientação de Convivência Escolar, o SOCE, que tem a função de organizar o espaço escolar onde o dia a dia da Educação Infantil acontece.

Com a premissa de viabilizar a ambientação aos múltiplos espaços, o orientador de convivência favorece vivências coletivas e individuais e propicia diferentes interações entre todos os membros da comunidade escolar: crianças, professoras, professores, orientadoras, auxiliares de professoras, auxiliares de pátio, pais e familiares. Enfim, conforme aponta Perissé (2012, p. 54): “Na Pedagogia do Encontro, o próprio encontro conduz à ação pedagógica.”

Assim, o orientador de convivência procura acolher as diferentes realidades, compreendendo as particularidades e potencialidades desta etapa, possibilitando o diálogo com as famílias, com os profissionais docentes e não docentes, favorecendo experiências significativas a toda a comunidade escolar.

E como diferenciar o trabalho do SOCE e do SOE nesta perspectiva de Educação Integral, visando à criança da Educação Infantil? Destaco que os dois serviços, no Colégio Anchieta, atuam de forma complementar e interativa no processo educativo, cada um na sua função, tendo suas atribuições e competências distintas no trabalho diário com a comunidade escolar, conforme o quadro que segue com algumas das atribuições de ambos:

### **Quadro 1 – Principais funções do SOCE e do SOE segundo o Regimento Escolar**

<b>Compete ao Orientador de Convivência Escolar:</b>	<b>Compete ao Orientador Educacional:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orientar alunos e pais de acordo com o estabelecido nas Normas de Convivência Escolar.</li> <li>• Zelar pela convivência escolar, garantindo o clima favorável ao bom andamento do processo de ensino-aprendizagem.</li> <li>• Escutar o aluno e/ou grupo de alunos, professor e/ou grupo de professores, funcionário e/ou grupo de funcionários, as famílias para aprofundar a compreensão e o encaminhamento de situações de convivência escolar, bem como de questões específicas e demais pessoas da comunidade educativa.</li> <li>• Incentivar o bom relacionamento entre aluno e professor e as demais relações necessárias para a boa convivência escolar.</li> <li>• Mediar os conflitos, harmonizando as inter-relações de acordo com os Princípios de Convivência Escolar.</li> <li>• Dialogar com pais e/ou responsáveis sobre assuntos de convivência escolar, estabelecendo parceria com as famílias na formação e educação dos alunos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Planejar, executar e avaliar as atividades que favorecem o desenvolvimento do aluno como pessoa que reflete e age responsabilmente com vistas à construção da autonomia.</li> <li>• Acompanhar, orientar e assessorar o professor na sua função de educador e como pessoa, sugerindo atendimento de profissionais conforme as necessidades constatadas.</li> <li>• Assessorar os professores, oferecendo informações relevantes no âmbito pessoal e acadêmico do aluno, subsidiando a condução do processo de ensino-aprendizagem e a tomada de decisão no conselho de classe.</li> <li>• Orientar e acompanhar os alunos em relação ao rendimento escolar, ao processo de aprendizagem e à vivência dos princípios de convivência escolar.</li> <li>• Orientar os pais e/ou responsáveis pelo aluno sobre assuntos relacionados ao rendimento escolar, ao processo de ensino-aprendizagem e à convivência escolar, sugerindo o encaminhamento, quando necessário, a profissionais de áreas afins, mantendo contato permanente com eles, bem como com os professores e responsáveis.</li> <li>• Colaborar e promover a adaptação e integração dos novos alunos.</li> </ul>

*Fonte: Elaborado pela autora com base em Colégio Anchieta (2017) e Rhoden (2011).*

Analisando o Quadro 1 e as diferentes competências dos dois serviços, é possível observar que o orientador de convivência, entre outras demandas, atua na prevenção



dos conflitos, realizando as mediações com as crianças para que elas consigam entender a naturalidade com que esses podem ocorrer, dando um tempo de expressão ao que acontece no dia a dia. Também intervém diretamente com as crianças para que elas consigam resolver suas discordâncias através da linguagem e possam, a partir de suas vivências e com a mediação dos adultos, construir o conceito de intencionalidade, como foi abordado anteriormente, para poder perceber as situações e resolver os desacordos com diálogos significativos, tomando como suas essas experiências e ampliando o seu conhecimento social. Conforme aponta Wadsworth (1997, p. 74),

[...] na construção do conhecimento social, a linguagem tem o papel básico de proporcionar um eficiente meio de comunicação entre a criança e os outros. Ela contribui para facilitar o acesso da criança à experiência social. À medida que suas habilidades de comunicação melhoram, aumentam as oportunidades de encontrar pontos de vista que conflitam com os seus. Tal atividade social é uma importante fonte de equilíbrio.

Assim sendo, a linguagem tem a função social de efetivar a comunicação da criança com os outros, favorecendo o encontro e as experiências. A partir da comunicação, as crianças adquirem e se apropriam da linguagem falada.

Galvão (1995, p. 77) diz que: “Segundo Wallon, a linguagem é o instrumento e o suporte indispensável aos progressos do pensamento”. Para ele, a linguagem tem um grande impacto sobre o desenvolvimento do pensamento e da atividade global da criança, representando uma mudança no que se refere à forma de a criança se relacionar com o mundo.

Segundo Wadsworth (1997, p. 71), “a teoria de Piaget tem como pressuposto que a motivação para a aprendizagem da linguagem falada decorre do valor adaptativo que ela apresenta”.

No mesmo sentido, Vygotsky aponta que as relações do indivíduo com o mundo são mediadas por sistemas simbólicos em que a linguagem tem uma função essencial, visto que vem permeada de conceitos consolidados da cultura a que o indivíduo pertence, possibilita o diálogo entre as pessoas e favorece a internalização, conforme o que pontua Felipe (2001, p. 29): “Para Vygotsky, primeiro a criança utiliza a fala socializada, para se comunicar. Só mais tarde é que ela passará a usá-la como instrumento de pensamento, com a função de adaptação social”.

Considerando os estudos desses autores, é pertinente destacar que no dia a dia da Educação Infantil, muitos conflitos entre crianças pequenas decorrem justamente de alguns diálogos desencontrados nos quais a interpretação da fala não condiz com o significado do que foi falado, por conta da falta do conceito da intencionalidade e da incapacidade da criança de colocar-se na perspectiva do outro.

Já que o conhecimento social é construído pela criança à medida que ela interage com os adultos e com as outras crianças, é de grande importância a presença de um responsável nas mediações dos conflitos, para que as crianças possam avançar no que se refere ao conhecimento social, bem como possam, gradativamente, apresentar maior intencionalidade e serem mais preditivas em suas atitudes. Da mesma forma, é fundamental que o adulto possa estimular a troca nas relações, o reconhecimento e a identificação de quereres, visto que a base do intercâmbio social é a reciprocidade de atitudes e valores. Considerando que essa troca pode levar cada um a valorizar o outro. Piaget (1981b, p. 45-46 apud WADSWORTH, 1997, p. 90) diz que: “Estas considerações nos levam a ver o gostar de outras pessoas não tanto como consequência do enriquecimento que cada parceiro obtém do outro, mas como uma reciprocidade de atitudes e valores”.

Perissé (2012) aprofunda a reflexão ao apresentar a importância do investimento atitudinal das pessoas durante os encontros para que eles aconteçam. As pessoas precisam ter boa vontade, gentileza, cordialidade e trabalhar com a capacidade de ouvir o outro e se ouvir, propiciando, assim, o diálogo.

Nesses encontros entre as crianças pequenas, geralmente os conflitos vêm da suposição da criança ao passar por diferentes situações, por exemplo, quando usam a expressão “cala a boca”. Para muitas crianças essa fala pode ser interpretada como um xingamento ou até mesmo um “palavrão”, já para outras crianças é uma afirmativa impositiva ou apenas um pedido. Outro exemplo que acontece de forma recorrente diz respeito ao momento do brinquedo livre e do jogo simbólico, quando se recusam a dividir um brinquedo ou revezar os papéis durante as brincadeiras. Especialmente quando estão brincando de super-heróis e todos querem ser o mesmo personagem. Nesses momentos de interações sociais, faz-se importante a mediação das professoras ou das orientadoras, através de questionamentos para que as crianças possam efetivamente estabelecer um diálogo com compreensão, dando significado à situação, tornando-a uma experiência.

Quanto maior a diversidade de interações sociais entre pares e com adultos, maior a ampliação da linguagem falada e maior será o significado das experiências, visto que é nas implicações com as linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social, de acordo com Larrosa (2002, p. 27): “No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.”

E o que acontece com as crianças? Este é o grande desafio da orientadora de convivência. Estar presente e atuante na vida das crianças. Estar próxima, disponível ao que ocorre, buscando no diálogo a compreensão do que acontece no e com o outro.

Nesse diálogo com as experiências e a mediação de conflitos com as crianças, o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação também aborda a importância

das mediações dos professores e orientadores no auxílio ao desenvolvimento dos alunos, visto a intencionalidade da Pedagogia Inaciana com a formação dos alunos, que vai além dos saberes específicos, apresentando um olhar aos saberes necessários para que tenham uma Formação Integral. Conforme aponta a obra *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1989, p. 37):

Os professores e orientadores ajudam os alunos neste crescimento, estimulando-os e ajudando-os a refletir sobre suas experiências pessoais, de tal modo que possam compreender a sua própria experiência de Deus; e, ao mesmo tempo que estes aceitam suas limitações e as superam na medida do possível. O programa educativo, confrontando os alunos realisticamente consigo mesmos, tenta ajudá-los a reconhecer as diversas influências que recebem e a desenvolver uma faculdade crítica, que vai além do simples reconhecimento do verdadeiro e do falso, do bem e do mal.

Em se tratando de diálogo para a resolução de conflitos, a Educação Integral na perspectiva da Pedagogia Inaciana aponta para o desenvolvimento pleno do sujeito, num processo contínuo, permanente e participativo, que busca desenvolver harmonicamente e coerentemente todas as potencialidades do ser humano. Na mesma linha, Dunker e Thebas (2019) abordam a importância da escuta como um tratamento social e psicológico dos conflitos como uma forma de deixar a experiência humana mais rica e interessante. Em concordância, entra a Pedagogia do Encontro de Perissé (2012), que apresenta o diálogo, a generosidade (no sentido de gerar novas possibilidades) e um novo espaço de convivência para que as pessoas se sintam valorizadas e respeitadas, como necessidades para que o encontro aconteça e nele se dê o crescimento humano para a vida em sociedade. De acordo com Perissé (2012, p. 22):

Professores que sabem garantir as boas regras de um diálogo respeitoso estão ensinando aos seus alunos que não é impossível conviver com pessoas diferentes, que aprender com as opiniões contrárias é gesto civilizado e caminho para a sabedoria, que não é absurdo, enfim, apostar numa vida social e política a favor de um mundo melhor.

Para que o diálogo respeitoso aconteça com sentido e significado, é necessário estar atento ao ato de escutar. Uma escuta respeitosa, na qual a reciprocidade também esteja presente e que a pessoa que irá escutar possa realmente estar pronta a essa escuta. Sobre isso, Dunker e Thebas (2019, p. 81) apontam:

Na atitude preliminar de escuta, em geral, vale a regra da reciprocidade. Ou seja, se você quer confiança, confie; se você quer autoridade, atribua autoridade; se você quer proximidade, ofereça proximidade. Há alguns exercícios que favorecem a experiência de vulnerabilidade e abertura para a experiência, necessárias para uma boa escuta. Esses procedimentos permitem que a gente se vulnerabilize, possibilitando que o acolhimento

do outro aconteça mais facilmente e que com ele nos tornemos melhores hospedeiros das palavras dos outros e das nossas próprias.

Segundo Dunker e Thebas (2019), os adultos precisam tomar a responsabilidade por ouvir o que as crianças têm a dizer, não só em palavras, mas também em gestos e atitudes. Eles apontam para a importância de ouvir a criança como sujeito, pois isso dá a responsabilidade ao que é falado, traz a responsabilidade enquanto a capacidade de produzir uma resposta, de cuidar de uma promessa. Em entrevista, Dunker disse que “para escutar uma criança como sujeito é preciso apostar que ela é capaz de ser responsável por seus pequenos prazeres e decepções” (PENZANI, 2019). E ele complementa: “Para escutar é preciso colocar-se aberto ao diálogo e a possibilidade de se mostrar por inteiro”. Da mesma forma, o autor indica alguns pontos que corriqueiramente dificultam a experiência da escuta do adulto para com as crianças. Para Dunker (2019, p. 56):

Uma das coisas que tem tornado a experiência da escuta mais difícil e rara é que os progressos de nossa individualização nos tornam cada vez mais buscadores de resultados concretos e mensuráveis, o que nos subtrai do caminho e nos coloca antecipadamente em pontos de chegada. Escutar é essencialmente estar no caminho.

## 2.5 Orientador(a) de convivência, a presença amorosa na missão

*Em tudo, amar e servir*  
(Santo Inácio de Loyola)

Inácio de Loyola, no Exercício Espiritual nº 233, ensina a todos que o amor deve estar à frente de todas as ações das pessoas, membros da comunidade humana. Ele evidencia que as pessoas devem ter como inspiração Jesus Cristo, visto que O tem como modelo de toda vida humana devido ao Seu amor ao Pai e à dedicação e serviço aos outros. Assim, convida todos a serem generosos e amorosos com toda a Criação. Dessa forma, destaco a educação nos Colégios Jesuítas segundo a obra *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1989, p. 24):

A educação da Companhia reconhece Deus como Autor de toda a realidade, toda verdade e todo conhecimento. Deus está presente e trabalhando em toda a criação: na natureza, na história e nas pessoas. A educação da Companhia, portanto, afirma a bondade radical do mundo, “carregado com a grandeza de Deus”, e considera cada elemento da criação digno do estudo e contemplação, capaz de infinda exploração.

Segundo a mesma publicação, aí se encontra a importância da Educação Integral

nos Colégios Jesuítas que consideram cada indivíduo pessoalmente conhecido e amado por Deus, tendo por objetivo o desenvolvimento mais completo possível dos talentos dados por Deus a cada pessoa.

Nessa mesma linha de abordagem em relação aos afetos, ao amor e às relações interpessoais, as irmãs Bardanca (2020) organizaram um livro no qual fazem uma metáfora do pulsar do coração e a Educação Infantil, visto que o coração é um órgão vital e que geralmente é associado aos sentimentos e afetos. Elas relacionam o coração ao que nos comove e gera vida, com o mundo real e a singularidade dos sujeitos. Apontam para uma forma de abordar a disciplina – o aprender a viver – tão importante, mas esquecida pelos livros e manuais, conforme o prólogo escrito por Marcano (MARCANO, 2020, p. 11). Para as autoras, é na Educação Infantil que a escola pode começar a auxiliar as crianças a se tornarem membros ativos em uma comunidade ao

ajudá-los a se abrir, a se mostrar do jeito que são, ao mesmo tempo que tentamos fornecer as chaves para serem membros de uma comunidade, sempre gera uma tensão que deve ser resolvida com o passar do tempo. Conciliar ser indivíduo com ser cidadão é uma coisa que nos acompanhará por toda a vida, de modo que ocorrerão incontáveis choques e contradições, principalmente na vida adulta, mas é na educação infantil que são dados os primeiros passos nesse caminho. (BARDANCA, 2020, p. 48)

As irmãs Bardanca (2020, p. 48) consideram a importância de fortalecer o coração coletivo, ou seja, a turma de alunos, pais e professores, “cuidando do coração de todos os membros com toda a forma de amor: com o toque, com a compreensão, com o conhecimento, com o tempo, com o acompanhamento, com o respeito e com o carinho”. Elas acreditam que é na Educação Infantil que o coração pulsa mais forte, visto que ali é o momento e o espaço apropriado para acontecer o início da educação e que sempre estará aberto às mudanças e buscando se reinventar, se recriar. As autoras provocam ao afirmar: “Pode ser que o primeiro passo da educação seja ensinar a se conhecer a si mesmo, já que, quando nos conhecemos, é mais fácil compreendermos os demais” (BARDANCA, 2020, p. 85).

Elas também referem a importância de, na Educação Infantil, poder retornar o trabalho na vertente construtiva do amor, em contraponto ao momento vivido na sociedade no qual o amor está reduzido às questões bioquímicas. Elas pontuam:

O amor, o carinho, o afeto são edificados no dia a dia, com dedicação,

trabalho, sacrifício, constância; por meio do contato, dos gestos, das renúncias, das manifestações e ações que nos proporcionam alegria, segurança, confiança, estímulo e vínculo. É aplicável a qualquer forma de amor: filial, fraternal, próprio, ao próximo, aos amigos, aos animais, universal, à arte ou aos princípios. (BARDANCA, 2020, p. 216)

Elas acrescentam a possibilidade de termos que, no futuro, ensinar as crianças a amar, assim, a escola, desde a Educação Infantil, já pode começar a ensinar a amar com inteligência, dando às crianças a possibilidade de buscar a conscientização das inclinações pelas coisas, com racionalidade e consciência. Contudo, para isso, as(os) professoras(res) e os adultos que tiverem nesse papel também precisarão ter passado por experiências positivas e conscientes sobre o amor em suas mais variadas formas, para poder transferi-las do âmbito teórico para o prático.

Tão moderna é a mente quanto antigo o coração. Pensa-se, então, que quem ouve o coração se aproxima do mundo animal, da falta de controle, ao passo que quem ouve a razão se aproxima das reflexões mais elevadas. E se as coisas não fossem assim; se a verdade fosse exatamente o contrário? E se esse excesso de razão fosse o que deixa a vida desnutrida? (TAMARO apud BARDANCA, 2020, p. 216)

No dia a dia da Educação Infantil do Colégio Anchieta é possível observar, desde a chegada das crianças até os atendimentos que são realizados com os funcionários do quadro administrativo, pedagógico e com as famílias, a importância do cuidado não somente com os processos, mas especialmente com as pessoas e com seus sentimentos, falas e necessidades. Visando à Formação Integral de todos os membros da comunidade humana, busca-se o respeito e a escuta empática durante as mediações nessas relações interpessoais. Nesse sentido, destaco o que aponta o Pe. Adroaldo Palaoro sobre o cuidado e a ternura com a Criação:

Jesus de Nazaré foi aquele que mais encarnou o “modo-de-ser-cuidado-so”. Revelou à humanidade o “Deus-Cuidado”, experimentando-o como Pai/Mãe que cuida de cada um(a) de seus (suas) filhos(as), do alimento dos pássaros, do sol e da chuva para todos. Jesus resgatou a centralidade do cuidado e da ternura para com todas as manifestações da vida. (PALAORO, [2021?:])

Assim como Inácio de Loyola, a partir do encantamento que teve ao conhecer as histórias da vida de Jesus, passou a amá-lo e desejou segui-lo na missão, como exemplo de vida, ênfase a missão do(a) orientador(a) de convivência, enquanto cuidador, que deve ser aquele que sai de si e vai em direção ao outro, a exemplo de Jesus Cristo, visto que o cuidado é uma forma de amor, conforme relata o Pe. Palaoro: “O amor é a expressão mais alta do cuidado, porque tudo o que amamos também cuidamos. E tudo o que

cuidamos é um sinal de que também amamos.”

Em concordância ao falar de amor, trago as contribuições do livro *O amar e servir sob o olhar de Santo Inácio de Loyola* (JESUS; FERREIRA, 2018). Segundo os autores, “sair do próprio amor” para abraçar o amor de Cristo é, para Santo Inácio, o processo que leva o homem a sair do próprio eu e abandonar-se ao Pai. “Dá-me o Teu amor e Tua graça e isso me basta”, dizia o santo. Segundo eles, para Santo Inácio, não é possível reduzir o amor a uma experiência sentimental, para ele, o amor é Deus. Esse pensamento lhe permitiu encontrar a “Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”.

### 3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Desta forma, a pesquisa bibliográfica dialogou com o tema e com o problema, servindo de base para que as perguntas e as inquietações fossem aos poucos sendo esclarecidas. Entre as razões para se desenvolver uma pesquisa estão aquelas que vêm do desejo de conhecer mais e melhor para fazer algo de forma mais eficiente e eficaz, possibilitando uma aproximação e uma apropriação conceitual entre os autores escolhidos e o problema elencado. Como salienta Godoy (1995, p. 23):

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Assim, com o intuito de buscar maior apropriação sobre o problema elencado, levantando diferentes hipóteses e aprimorando as descobertas acerca das problematizações evidenciadas e com base em materiais já elaborados a partir de livros, artigos científicos e revistas, fui realizando esta costura a fim de dar sentido aos questionamentos que surgiram ao longo dessa especialização e do meu fazer pedagógico na função de orientadora de convivência da Educação Infantil. Como nos afirma Gil (2002, p. 61):

Esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa.

Essas buscas exploratórias nos levantamentos bibliográficos realizados

provocaram maiores reflexões acerca do objetivo da pesquisa. As imersões e as análises de documentos da Companhia de Jesus, um aprofundamento e uma atualização no que se refere às leis que regem a Educação Infantil no Brasil, e os estudos nas abordagens dos autores sociointeracionistas Piaget, Vygotsky e Wallon, e outros estudiosos das Infâncias e da pedagogia, como as irmãs Bardanca, Dunker, Thebas e Perissé, foram compondo esta pesquisa.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.*

(Larrosa)

O Serviço de Orientação de Convivência Escolar busca este tempo de reflexão anterior aos conflitos. Tem como objetivo este olhar sensível, acolhedor, que ouve as crianças com o objetivo de saber o que acontece e por que acontece. Assim, com a expectativa da possibilidade de compreender o que nos acontece ou nos toca, para chegarmos a uma experiência, especialmente nos momentos que antecedem os conflitos com as crianças, abre-se este espaço de diálogo entre os envolvidos. Assim é o meu trabalho, vislumbro diferentes possibilidades, diariamente, em minha prática como uma educadora inaciana que objetiva a Educação Integral na promoção do acolhimento e do protagonismo da criança neste aprendizado da convivência.

Este artigo propiciou uma atualização nos estudos realizados acerca do desenvolvimento infantil de crianças de três a seis anos, apontando-as como sujeitos sociais e culturais e, portanto, sujeitos de direitos. Possibilitou, ainda, a revisão da LDB, que desde 1988 legitimou a Educação Infantil como direito da criança até chegar, em 2017, à nova Base Nacional Curricular Comum, definindo e assegurando às crianças os seis Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento. Aprofundei meus estudos em relação



à Pedagogia Inaciana e ao Desenvolvimento Integral, que objetiva formar homens e mulheres para e com os demais na busca do melhor, o *Magis*.

A pesquisa bibliográfica junto às reflexões e atuações apontou para a importância de oportunizar às crianças experiências através do diálogo e escuta nos momentos de conflito a fim de favorecer sua constituição como sujeito único e atuante no grupo social, bem como a necessidade de seguir buscando aprofundamento nessas questões do cotidiano da Educação Infantil.

Por isso, entendo que uma orientadora de convivência escolar de um Colégio da RJE precisa estar atenta aos diferentes contextos em que atua, estando aberta às experiências e às diferentes possibilidades na convivência social entre as crianças, os pais, as(os) professoras(es), as auxiliares de professoras, as(os) auxiliares de pátio e as(os) funcionárias(os) dos serviços gerais. Mas, principalmente, estar presente e atuando no cotidiano das crianças pequenas, estando disponível e atenta ao que acontece.

Dessa forma, o orientador de convivência precisa ter ciência e atualização do que preconiza a lei que regulamenta a Educação Infantil no Brasil, bem como amplo conhecimento do desenvolvimento infantil e suas especificidades, com foco nos direitos à Aprendizagem e Desenvolvimento. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 38):

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na educação infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.

Como Serviço de Orientação Escolar que atua no pulsar constante do dia a dia da Educação Infantil, deve favorecer que as pessoas possam viver plenamente, construindo experiências singulares e individuais, como aponta Larrosa (2002, p. 27):

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.

Durante essas experiências, que o orientador de convivência possa orientar com assertividade as pessoas para que as interações sociais possam ser significativas a ponto de que os encontros e desencontros, olhares, falas e escutas, se constituam em novos horizontes e descobertas, nas quais cada um e cada uma possa investir em suas atitudes no sentido de entrelaçarem suas iniciativas com boa vontade, cordialidade e, acima de tudo, com a capacidade de ouvir o outro e, da mesma forma, ser ouvido.

Assim, destaco a importância da amorosidade e do cuidado, indispensáveis no acompanhamento e no atendimento das mais variadas situações que necessitam da mediação do orientador de convivência. Esse profissional deve ouvir todos com o coração e com cuidado, entendendo esse último como uma atitude de esvaziamento da própria pessoa, permitindo que o mistério da outra encontre abrigo em seu coração, conforme aponta o Pe. Palaoro. Dessa forma, poderá favorecer que as pessoas ouçam a Deus, o Criador, que está presente em suas vidas, trabalhando por todas as coisas e que pode ser descoberto, pela fé, em todos os acontecimentos naturais e humanos, na história como um todo, e muito especialmente no íntimo da experiência vivida individualmente, conforme aponta as *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1989).

Nesse sentido, o(a) orientador de convivência deve estar aberto(a) para entender o propósito que Ele deu a cada um e cada uma, como membro da comunidade humana, deixando presente nas ações cotidianas a criança que existe dentro de cada um, conforme a letra da música que segue:

*Enquanto houver sol*

*Quando não houver saída  
Quando não houver mais solução  
Ainda há de haver saída  
Nenhuma ideia vale uma vida*

*Quando não houver esperança  
Quando não restar nem ilusão  
Ainda há de haver esperança  
Em cada um de nós, algo de uma criança*

*Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol  
Ainda haverá  
Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol*

*Quando não houver caminho  
Mesmo sem amor, sem direção  
A sós ninguém está sozinho  
É caminhando que se faz o caminho*

*Quando não houver desejo  
Quando não restar nem mesmo dor  
Ainda há de haver desejo  
Em cada um de nós, aonde Deus colocou*

*Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol  
Ainda haverá  
Enquanto houver sol  
Enquanto houver sol*

(BRITTO, 2004).

Descobrir o nosso caminho e o lugar no mundo que Deus nos colocou, bem como auxiliando todos em suas descobertas, que o(a) orientador(a) de convivência possa, a exemplo de Santo Inácio, buscar “amar para viver na liberdade e na caridade, colocando toda confiança com verdadeira fé e intenso amor ao Seu Criador e Senhor”. Pois esse é o caminho para “em tudo, amar e servir”, expressão que define a história de Santo Inácio de Loyola e que lhe permitiu encontrar a “Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus” conforme aponta Jesus (2018 p. 47).

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARDANCA, Ángelles Abelleira; BARDANCA, Isabel Abelleira. **O pulsar do cotidiano de uma escola da infância**. Tradução Goal Translations (Firma). 1. ed. São Paulo: Phorte, 2020.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo, Edições Paulinas, 1980 – Com aprovação eclesiástica. Coordenação: Honório Dalbosco, ssp. Revisão: Dom Mateus Rocha, osb.
- BOTERO, Horácio, S.J. **Inácio de Loyola Fundador da Companhia de Jesus**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e bases da educação nacional, LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 8 set. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Seção II. Da Educação Infantil, Art. 29. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm). Acesso em: 8 set. 2021.
- BRITTO, Sergio. **Enquanto houver sol**. São Paulo: BMG: 2004.
- CARACTERÍSTICAS da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Educação Jesuíta**. Fundamentos Contextual, Doutrinal e Conceitual. Porto Alegre, 2018.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Plano Orientador das Práticas Pedagógica – POPP – Educação Infantil**. Porto Alegre, 2020.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Regimento Escolar**. Porto Alegre, 2017.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? E outras intervenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DUNKER, Christian; THEBAS, Claudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. (orgs.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. 27-31.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis: Vozes, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/20595/S0034-75901995000300004.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 set. 2021

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de, S.J. **A contemplação para alcançar o amor nos exercícios espirituais.** Belo Horizonte.

ICAJE (Comissão Internacional do Apostolado da Educação Jesuíta). **Colégios Jesuítas: Uma tradição viva no século XXI. Um exercício contínuo de discernimento.** Tradução: Pedro Risaffi. Revisão: Pe. Luiz Fernando Klein, S.J. e Pe. Sérgio Mariucci, S.J. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

JESUS, Kleber Barreto de; FERREIRA, Elismael Silva. **O amar e servir sob o olhar de Santo Inácio de Loyola: a experiência mística no decorrer da sua história de vida.** Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação jesuíta e pedagogia inaciana.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.

KONINGS, Johan. **Ser cristão: fé e prática.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação,** n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002.

MARCANO, Beatriz Trueba. Prólogo. Floresta protetora: coração de ouro. In: BARDANCA, Ángelles Abelleira; BARDANCA, Isabel Abelleira. **O pulsar do cotidiano de uma escola da infância.** Tradução Goal Translations (Firma).1. ed. São Paulo: Phorte, 2020.

MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano.** São Paulo: Palas Athena, 2004.

PALAORO, Adroaldo, S.J. **Bom Pastor**: Jesus, “homem de cuidado”. Centro Loyola. [2021?] Disponível em: <https://www.centroloyola.org.br/revista/outras-palavras/espiritualidade/1296-bom-pastor-jesus-homem-de-cuidado>. Acesso em: 16 set. 2021

PENZANI, Renata. “Escutar as crianças é um ato de coragem”. **Lunetas**, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://lunetas.com.br/escutar-as-criancas/>. Acesso em: 16 set. 2021

PERISSÉ, Gabriel. **Pedagogia do encontro**. São Paulo: Factash Editora, 2012.

PIMENTEL, Alessandra. Vygotsky: uma abordagem histórico-cultural da educação infantil. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; MORCHIDA KISHIMOTO, Tizuco; PINAZZA, Mônica Appezato (orgs.). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 219-248.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **PEC: Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2016.

RHODEN, João Claudio Rhoden, S.J. (coord.). **Estrutura Organizacional dos Colégios da BRM, Província do Brasil Meridional da Companhia de Jesus**. Porto Alegre: Gráfica Radial, 2011.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico, R 585r União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Referencial Curricular Gaúcho**: Educação Infantil. Porto Alegre. Secretaria de Estado de Educação, Departamento Pedagógico, 2018. v. 1.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. 5. ed. rev. São Paulo: Pioneira, 1997.

Dionara Gonçalves Cavalheiro Ritta



## ***A GRATIDÃO NA PEDAGOGIA INACIANA:***

### ***Um olhar sobre o fazer docente***

#### **1. INTRODUÇÃO**

*Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo, Vós me destes; a Vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso; dispõe de tudo inteiramente, segundo a vossa vontade. Dai-me o vosso amor e graça, que esta me basta.*

(LOYOLA, 1966, p. 147).

Com esta oração de total entrega e gratidão, inicio este estudo, certa de que muitos têm sido os desafios para responder, com excelência, aos anseios da educação na atualidade. Neste sentido, receber o convite para participar da Especialização da Rede Jesuíta de Educação – **Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade**, fez emergir em mim o desejo de aprofundar os estudos sobre a gratidão na Pedagogia Inaciana e suas contribuições para o fazer docente, tendo como norte para este estudo os retiros das Pegadas Inacianas.

---

*Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande (1998); Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Porto Alegrense (FAPA - 2002); Especialista em Pedagogia Gestora: Administração, Supervisão e Orientação pela Faculdade Avantis (2008); Especialista em Educação Especial e Neuropsicopedagogia pela Universidade Candido Mendes (2016); Especialista em Metodologia do Ensino Religioso - Centro Universitário Internacional - UNINTER (2019). Professora/Orientadora Educacional na Prefeitura Municipal de Porto Alegre e Orientadora Religiosa no Colégio Anchieta.*

*Artigo apresentado ao curso de Educação Jesuíta: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orientação: Prof. Dr. Pe. Sérgio Eduardo Mariucci, S.J*

Nestes 16 anos de Colégio Anchieta, instituição pela qual expresso diariamente minha gratidão, recordo o ano de 2005, início das minhas atividades no Colégio. Tudo era novidade: muito espaço, prédios enormes, muitos alunos, metodologia nunca vista antes, jeitos diferentes de ser e de fazer educação, jeito inaciano de ser e proceder e, muita, mas muita gente acolhedora, como diz a música de Gonzaguinha, apresentada no decorrer deste curso: *“E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar”*, e é assim que me sinto hoje, observando, aprendendo, errando, pedindo ajuda, crescendo, e, encantada, absorvo cada dia mais os valores inacianos.

Muitas são as aprendizagens e as experiências significativas para minha vida pessoal e profissional, e uma delas foi trilhar os caminhos dos Exercícios Espirituais, nos retiros das Pegadas Inacianas, uma experiência ímpar de encontro comigo, com o outro, com Deus e com a Espiritualidade Inaciana que nos ensina a reconhecer a gratidão, a reconhecer que tudo é graça, dom de Deus.

Neste sentido, é possível compreender a gratidão não apenas como um simples ato de agradecer a alguém por algo recebido, mas, sim, como um ato de agradecimento que vem da comunhão com Deus, com a criação e com os outros: *“trazer à memória os benefícios recebidos da criação, Redenção e dons particulares, ponderando com muito afeto quanto tem feito Deus Nosso Senhor por mim e quanto me tem dado do que possui”*. (LOYOLA, 1966, p. 146).

Tendo a gratidão como uma virtude em minha vida, percebo que ela é primordial na Espiritualidade e na Pedagogia Inaciana, pois cabe esclarecer que, embora a palavra não apareça explicitamente com este nome nos Exercícios Espirituais, a gratidão está principalmente na primeira e na quarta semana dos Exercícios Espirituais – Princípio e Fundamento e Contemplação para Alcançar o Amor, respectivamente. Temas que aprofundaremos no decorrer deste estudo.

Pertencer a uma instituição que tem o carisma inaciano é uma grande graça. Santo Inácio de Loyola nos inspira por suas muitas conversões, pela transposição de inúmeros desafios, o maior deles foi um “Santo Revertério” em sua vida: o episódio da bala de canhão. Este momento modificou completamente seu ser. Saiu ao encontro de Deus e do outro. Deixou-se ensinar, guiar-se por Deus. Neste processo, Inácio não somente envia as pessoas ao encontro de Deus, vai com elas e é, sem dúvida, este gesto marcante que inspira a escrita do presente artigo.

Nesta perspectiva, este estudo tem a intenção de responder à seguinte questão: Como os educadores, participantes da Formação Espiritual – Pegadas Inacianas, se apropriam dos princípios da educação inaciana e mais especificamente da gratidão, que permeia todo o itinerário dos retiros, e os vivenciam no cotidiano escolar? Com isso,



perceber também o quanto essa experiência acrescenta ao ser e fazer do educador e, por consequência, auxilia no desenvolvimento de uma Educação Integral de qualidade, que tanto se almeja nos Colégios da RJE.

Busca-se fazer memória do histórico das “Pegadas Inacianas” (retiros espirituais), revisitar os documentos da Rede Jesuíta, entender as Pegadas Inacianas, a partir da fundamentação teórica que traduz o sentido dos Exercícios Espirituais e do carisma de Santo Inácio.

Desta forma, a metodologia utilizada será a investigação qualitativa, baseada na análise documental e bibliográfica, na interlocução entre os relatos de um dos orientadores dos retiros das Pegadas Inacianas, de depoimentos de educadores do Colégio Anchieta, com autores como Luiz Fernando Klein, James Martin, Daniel Goleman, Martin Seligman, Robert Emmons, Adroaldo Palaoro, Luiz Sureki e Ulpiano Vazquez, que possibilitam a reflexão sobre o tema da gratidão e da Pedagogia Inaciana.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo é fruto do desejo de aprofundar os estudos sobre a gratidão, virtude esta que me acompanha há muito tempo e que ganhou muita importância, quando iniciei a caminhada das Pegadas Inacianas. Tem como objetivo, ainda, refletir sobre a Formação Espiritual dos educadores do Colégio Anchieta a partir do tema *A Gratidão na Pedagogia Inaciana: um olhar sobre o fazer docente*, tendo como norte para este estudo os retiros das Pegadas Inacianas. Com base nisso, Gil nos explica:

Há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa. Podem, no entanto, ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática. As primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer. As últimas decorrem do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz. (GIL, 2002, p. 17)

Para a realização deste trabalho, optou-se pela pesquisa documental e bibliográfica e coleta de depoimentos livres sobre a experiência das Pegadas Inacianas. A pesquisa bibliográfica contribui para o aprimoramento e a atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas: livros, artigos científicos, teses, dissertações, revistas, entre outros tipos de fontes escritas.

[...] Grande parte dos estudos exploratórios é desenvolvida a partir de fontes bibliográficas e são importantes para o surgimento de novos caminhos para as pesquisas empíricas. Permite ao pesquisador cobrir uma gama maior de fenômenos. Como principal desvantagem, destaca-se o risco da apresentação de dados com baixa qualidade. (GIL, 1999 apud SILVA, 2014, p. 23)

Para tanto, utilizou-se os documentos da Companhia de Jesus e para dialogar com os documentos foram escolhidos autores como Klein (1997, 1999, 2014, 2015, 2017), conhecedor da Companhia de Jesus; Adroaldo Palaoro (2021), Luiz Sureki (2021), James Martin (2012) e Ulpiano Vázquez (2005), pela abordagem e enfoque na Espiritualidade Inaciana e gratidão; Antonio P. Esclarin (2011) sobre Educação Integral, entre outros autores.

Para a pesquisa documental, “materiais que não receberam ainda um tratamento analítico” (GIL, 1999 apud SILVA, 2014, p. 24) foram utilizados, os documentos coletados junto aos orientadores dos retiros e, também, junto ao arquivo histórico da Associação Antônio Vieira (ASAV).

Os depoimentos obtidos são de um orientador dos retiros, de um gestor e de educadores do Colégio Anchieta que concluíram os cinco tempos da formação. Cabe ressaltar que ao serem convidados para colaborar com o seu depoimento, todos demonstraram total interesse e muita alegria em poder participar e expressar seus sentimentos a respeito da vivência. Os educadores foram identificados na pesquisa pelas iniciais dos nomes.

Devido ao momento de pandemia da COVID-19, apenas um depoimento foi coletado presencialmente, no local de trabalho do educador, os demais depoimentos foram coletados por e-mail, por conversas telefônicas ou por áudios. Estes depoimentos foram transcritos e inseridos no corpo da pesquisa.

O trabalho de pesquisa permite conhecer mais a fundo algo que conhecemos superficialmente, permite desacomodar, retornar, reviver o que foi vivenciado, validar o que já se sabe e buscar novos horizontes para seguir.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 Projeto de formação e experiência espiritual “Pegadas Inacianas”

A Rede Jesuíta de Educação, alicerçada na Pedagogia Inaciana, tem como objetivo o desenvolvimento global da pessoa e, desta forma, reconhece a importância de favorecer uma formação contínua aos educadores que ajudam a formar e a educar crianças e jovens, preparando-os para viver com consciência e responsabilidade no mundo em que estão inseridos.

Neste sentido, surge o Projeto “Pegadas Inacianas”, uma formação sobre a Espiritualidade Inaciana e a experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, sendo estes a base e a fonte de inspiração de toda a Pedagogia Inaciana. A dinâmica de formações/retiros proporciona aos participantes – diversos colaboradores (docentes e não docentes) dos Colégios da RJE – conhecerem mais sobre a vida e obra de Santo Inácio e revelam a verdadeira busca de sentido de vida e a vivência da fé.

Analisando os documentos que norteiam o projeto, fornecidos pelos jesuítas responsáveis pelo programa, é possível destacar os objetivos principais:

- a) proporcionar uma experiência pessoal com Deus, através dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio;
- b) incentivar, animar e impulsionar os leigos a ter um maior compromisso com a missão da Igreja e da Companhia de Jesus;
- c) oferecer aos leigos que colaboram com a missão elementos que fortaleçam os valores inacianos e os auxiliem no discernimento em suas vidas.

Reforçando esses objetivos, o jesuíta Mario de França Miranda afirma:

É no interior da própria ação apostólica, e no bojo da própria entrega pelos semelhantes, é no seio do próprio servir que o ser humano irá experimentar a ação do espírito, ser por ela fortificado, consolado e reconfortado... É um aprendizado a ser realizado para se chegar a esta sensibilidade espiritual, a qual tem início já nos primeiros retiros marcados pela oração e pelo silêncio. (MIRANDA, 2006, p. 6)

Somos membros de uma mesma rede de instituições e estamos envolvidos nesta sensibilidade caracterizada por Miranda (2006). As Pegadas Inacianas nos convidam a

revigorar a espiritualidade, ampliando sua ação, entre todos os colaboradores; e a dar passos juntamente com Inácio, situando-nos no mundo, agindo positivamente nele e, acima de tudo, a “Encontrar Deus em todas as coisas”. Esse é o gene.

Sobre a vivência dos Exercícios, Sureki (2021) diz que esses têm um potencial transformador na vida das pessoas, modificando todo o ser, pois o exercitante deixa de ser individualista, voltando-se para remodelar sua vida, modificando sua realidade a partir do encontro com o criador. Contudo, essa é uma experiência de cada um, não individualista, mas uma experiência de doação, na qual a partir do autoconhecimento o exercitante poderá cuidar do outro, e isso, posteriormente, refletirá na sociedade à qual o indivíduo pertence. Procurar viver melhor no mundo com gratidão e disponibilidade sempre.

### 3.1.1 Contextualizando o percurso

Ao iniciar a descrição desta caminhada, cabe salientar que foram encontrados poucos documentos oficiais. Frente a isso, fui em busca de depoimentos daqueles que fizeram parte da equipe que projetou o programa Pegadas Inacianas. Todo o histórico aqui transcrito parte das narrativas e das experiências do Pe. Dionysio Siebel. É ele quem situa no tempo e no espaço este percurso e que foi mencionado por outros Jesuítas como sendo a pessoa mais indicada para fazê-lo. As conversas ocorreram por telefone ou e-mail.

Pe. Dionysio Siebel destaca que:

“As Pegadas Inacianas concretizam uma ideia de formação espiritual presente nas diferentes atividades jesuítas incluindo a educação, paróquias, grupos constituídos e, também, nas variadas atividades pastorais dos jesuítas. As Pegadas Inacianas são uma entre muitas tentativas de concretizar este ideal.” (SEIBEL)

A leitura dos documentos disponíveis nos faz entender que por ocasião da 34ª Congregação Geral da Companhia de Jesus (1995), em seu decreto 13, que faz alusão à *Colaboração com leigos na missão*, os Jesuítas são convocados a colaborar, a colocar seus dons a serviço dos leigos e das leigas que buscam na Espiritualidade Inaciana a força que os impulsiona e anima e que brota dos Exercícios Espirituais. O decreto considera que é necessária a participação mais incisiva dos leigos na vida das comunidades e da Igreja, o que tende a expandir-se cada vez mais. Desta forma, “a Companhia de Jesus reconhece como graça do nosso tempo e esperança para o futuro que os leigos tomem parte viva, consciente e responsável na missão da Igreja, nessa hora magnífica e dramática da história” (DECRETOS DA CONGREGAÇÃO GERAL XXXIV, 1995, p. 205).

Pe. Dionysio conta que entre 1999 e 2000, o Pe. Eduardo Mercieca, da Província do Chile, era o responsável pelo Curso de Formação Permanente para a América Latina (CURFOPAL). Mercieca elaborou uma proposta de formação fundamentada nos Exercícios Espirituais que poderia ser feita por leigos de toda a América Latina, que se tornariam os propagadores em suas Províncias.

“Diante do grande custo e da dificuldade que os leigos tinham de se afastar de suas famílias e atividades durante um mês, fez-se opção por outras modalidades. Na época, funcionavam na Província do Brasil várias comissões de estudo e trabalho, entre elas a Comissão de Espiritualidade coordenada pelo Pe. João Geraldo Kolling e a Comissão de Formação de Leigos coordenada por mim. As duas comissões adaptaram a proposta para o Sul do Brasil.” (SEIBEL)

Ainda segundo Pe. Dionysio:

“primeiramente surgiu a ideia de dividir o mês de Exercícios Espirituais em três etapas, de acordo com as quatro semanas dos Exercícios Espirituais. Na mesma época, o Pe. Alberto Atalábio Schneider seguia uma experiência exitosa de formação para a oração bíblica em voga no Colégio Anchieta. Com estas duas fontes, foram elaboradas as cinco etapas. Como a atividade era dinâmica, foi-lhe dado o nome de “Pegadas Inacianas”, um método de formação para as pessoas desejosas de vivenciar a espiritualidade inaciana”.

Conforme os registros disponíveis, o Projeto de Formação e Experiência Espiritual “Pegadas Inacianas” se propõe a colaborar neste processo e ficou formatado conforme o Quadro 1:

## Quadro 1 – Projeto de Formação e Experiência Espiritual “Pegadas Inacianas”

<p><b>Primeiro tempo</b>  <b>Duração:</b> dois dias completos  <b>Pessoa humana à luz de Inácio, homem do seu Tempo</b></p>	<p>Introdução à Espiritualidade Inaciana com ênfase na vida e no legado de Inácio de Loyola. O Primeiro Tempo deseja dar uma visão inaciana de Deus, do ser humano, do mundo e da sociedade, para facilitar a resposta pessoal ao amor de Deus.</p>
<p><b>Segundo tempo</b>  <b>Duração:</b> dois dias completos  <b>Introdução à Sagrada Escritura e Metodologia de Oração Inaciana</b></p>	<p>Experiência de oração baseada na Bíblia e introdução à oração inaciana com apresentação do Princípio e Fundamento. Numa perspectiva Cristã e Inaciana, a Sagrada Escritura é meio privilegiado de acesso à pessoa de Jesus, por isso, este Tempo visa favorecer uma maior compreensão da Escritura.</p>
<p><b>Terceiro tempo</b>  <b>Duração:</b> três dias completos  <b>Princípio e Fundamento e Primeira Semana dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio: Jesus Misericordioso e Perdão</b></p>	<p>Experiência de Deus que considera a história do indivíduo como “história de salvação”, isso requer buscar o sentido radical da própria existência. Os Exercícios Espirituais seguem um método de oração e uma sistemática processual de conhecimento e adesão à pessoa de Jesus Cristo. Eles começam com uma etapa chamada Princípio e Fundamento e posteriormente, oferece meios que ajudem a pessoa a situar-se num contexto histórico marcado por injustiças e desigualdades decorrentes do pecado, mas fazendo a experiência de um Deus misericordioso que perdoa e convida a lutar por um mundo mais solidário e fraterno, que é o foco da Primeira Semana.</p>
<p><b>Quarto tempo</b>  <b>Duração:</b> três dias completos  <b>Segunda Semana dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio: Compromisso e Seguimento de Jesus</b></p>	<p>O conhecimento e seguimento de Jesus Cristo se constitui elemento fundante da Espiritualidade Inaciana.</p>
<p><b>Quinto tempo</b>  <b>Duração:</b> cinco dias completos  <b>A Experiência pessoal dos Exercícios Espirituais</b></p>	<p>Maior proximidade com a pessoa de Jesus. Mergulho na Espiritualidade Inaciana; Dimensão espiritual como fonte integradora do ser humano.</p>

*Fonte: Material disponibilizado pelo Pe. Nereu Fank.*

Estas cinco etapas supõem uma continuidade na comunidade de origem para que a experiência se aprofunde através da oração e da contemplação presentes principalmente no conteúdo do texto inaciano *Contemplação para alcançar o amor*. Neste sentido, para melhor auxiliar na missão e no processo educacional da Companhia de Jesus, vislumbra-se que tenhamos profissionais bem preparados, conhecedores e imersos na Espiritualidade e Pedagogia Inacianas. Decorre daí o convite e o incentivo para que os educadores participem da formação, como podemos ler no documento *Características da Educação da Companhia de Jesus*:

A prática dos Exercícios Espirituais é incentivada como um meio de conhecer melhor a Cristo, amando-O e seguindo-O. Os Exercícios também podem ajudar os membros da comunidade educativa a compreender a visão de Inácio como o espírito que move a educação da Companhia. Os Exercícios podem ser feitos de vários modos, adaptados ao tempo e às possibilidades de cada pessoa, adultos ou estudantes. (CARACTERÍSTICAS, 1987, p. 41)

Desta forma, a experiência das Pegadas Inacianas contemplava pessoas que tinham um contato com obras da Companhia de Jesus ou faziam parte de um grupo sob a responsabilidade de um Jesuíta ou de uma pessoa formada na Espiritualidade Inaciana. O projeto foi se adaptando a algumas realidades concretas como a dificuldade de financiamento, a disponibilidade das pessoas, a duração dos momentos de oração e a duração de cada etapa.

Trabalho com a hipótese de que a Espiritualidade Inaciana ficava restrita aos religiosos e aos grupos ligados aos Jesuítas, contudo, sempre foi propósito da Companhia a formação, a promoção e a assimilação dessa espiritualidade, não só por parte de seus colaboradores (docentes e não docentes), e leigos ligados aos Jesuítas, mas também por outros grupos que desejassem o acesso aos Exercícios Espirituais.

### 3.1.2 Das Pegadas Inacianas à Educação Integral

A Educação Integral é um termo importante no âmbito da educação católica, que paulatinamente começou a ser usado por outras redes de ensino para significar a educação da pessoa toda em contraposição a um tipo de educação utilitarista. Ganha destaque no Documento de Aparecida, escrito a partir da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, no ano de 2007:

[...] Tais projetos devem promover a formação integral da pessoa, tendo seu fundamento em Cristo, com identidade eclesial e cultural, e com excelência acadêmica. Além disso, há de gerar solidariedade e caridade para com os mais pobres. O acompanhamento dos processos educativos, a participação dos pais de família neles e a formação de docentes, são tarefas prioritárias da pastoral educativa. (CELAM, 2007, p. 153)

Neste sentido, as bases do que hoje entendemos por Educação Integral remontam à tradição educacional da Companhia de Jesus, de certo modo, por níveis humanistas, da *Ratio Studiorum* (1599) até os documentos mais recentes: *Nossos Colégios Hoje e Amanhã* (1980) e *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1986), e estes apontam que um olhar para a integralidade do indivíduo sempre fez parte das intenções da Companhia de Jesus.

Desta forma, a pessoa, os tempos e os espaços não são fragmentados, todas as dimensões da pessoa estão implicadas. “A Companhia nunca se limitou a um eixo simplesmente, cognitivo ou intelectual, mas procurou ultrapassá-lo com a ajuda da Educação Integral que é um valor insubstituível” (KLEIN, 2017, p. 10). Neste sentido, Singer (2016, p. 66), em seus estudos sobre a Educação Integral, destaca que ela “propõe a articulação dos diversos espaços e agentes de um território para garantir o desenvolvimento dos indivíduos em todas as suas dimensões – intelectual, afetiva, corporal, social e criativa”.

Diante disso, a Formação Integral é o que identifica uma instituição educativa inaciana. É um processo contínuo para a realização plena e integral da pessoa. “Um processo onde se eduque a razão e o coração, a inteligência e os sentimentos, a memória e a imaginação, a vontade e a liberdade. Eduque os sentidos, pés e mãos, estômago e sexualidade” (ESCLARIN, 2011, p. 21).

Portanto, os Colégios da Companhia são espaços propícios para o crescimento integral e seus diversos agentes são responsáveis pela formação de *homens e mulheres para os demais*. Imbuídos de uma Educação Integral, baseada na Espiritualidade e na Pedagogia Inaciana, contribuindo, assim, para “formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivas e comprometidas” com seu ser e fazer, capazes de transformar a realidade que ora se apresenta (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 37).

Quando se fala em educação, logo pensamos que o foco de todo o trabalho é o aluno, ele é o protagonista da sua formação e para que sua atuação social seja repleta de significado, sua vida escolar também precisa, portanto, contar com uma Formação Integral centrada nos alicerces das dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa. Uma educação que vise a integralidade de cada ser. Diante disso, é importante pensar no papel fundamental que exerce o educador nesta caminhada. É ele que



conduzirá as experiências dos alunos de forma que as reflexões e ações possam verdadeiramente efetivar-se e façam sentido.

É necessário, então, que em sua formação permanente o educador de uma escola jesuíta conheça e viva em sua prática o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI): Contexto – Experiência – Reflexão – Ação – Avaliação. Cada momento do PPI se complementa, estão interligados. Assim, “para servir-se com êxito do PPI, os professores devem estar cômicos da própria experiência, atitudes, opiniões para que não imponham aos alunos as suas próprias ideias” (PEDAGOGIA INACIANA, 1994, p. 35). “O PPI baseia-se na fé e tem uma atenção personalizada ao aluno” (KLEIN, 2020, p. 12).

Uma formação baseada nos valores, na espiritualidade e no humano é o propósito da RJE, expresso no meio educacional confessional como Educação Integral, desenvolvimento pleno da pessoa, em todas as suas dimensões de vida.

Frente a isso, Klein (2014, p. 3) salienta que: “O educador, mais que instrutor acadêmico, é um orientador de vida, companheiro de aprendizagem dos educandos, para os quais é chamado a ser testemunha dos valores que se pretende alcançar”, valorizando o potencial de cada aluno e ajudando-o a encontrar em si o melhor ser humano que ele pode e decide ser.

Portanto, cada colaborador da instituição é um educador e tem a responsabilidade de zelar pela Formação Integral, desenvolvendo-se também plenamente para, assim, auxiliar o desenvolvimento humano dos educandos. Vislumbra-se, portanto, o desenvolvimento harmonioso da pessoa e, com base, no documento referencial curricular em países da América Latina, o *Mapa de Aprendizajes para la Formación Integral* (MAFI), considera-se as principais dimensões da pessoa: a cognitiva, a socioemocional, e a espiritual-religiosa, tendo sempre presente que todas as dimensões são essenciais e se complementam.

O resumo dessas dimensões, a partir do MAFI, constam no Quadro 2:

Quadro 2 – Dimensões apontadas pelo MAFI

Dimensão Cognitiva	Dimensão socioemocional	Dimensão espiritual religiosa
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Está intimamente ligada ao processo de aprendizagem e de como se dá este aprender.</li> <li>• Contempla o desenvolvimento dos alunos e as disposições e habilidades de pensar que permite adquirir e construir reflexiva, crítica e criativamente, novos conhecimentos sobre si mesmo, os outros e o mundo, a fim de colaborar na construção de um mundo mais fraterno e justo (2011, p. 6).</li> <li>• Compreende os pensamentos: metacognitivo, o crítico, e o criativo proativo.</li> <li>• Professor é observador, mediador.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreende a relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo.</li> <li>• O educando vai desenvolvendo sua identidade pessoal, construindo-se como pessoa a partir da integração de seu corpo, afetos, pensamentos e valores na relação que estabelece consigo mesmo, seu ambiente e sociedade para, assim, transformá-la.</li> <li>• Educador, desafiador e comprometido com o seu serviço; um companheiro de caminhada do educando, rumo a sua construção.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contempla a formação das disposições e habilidades necessárias para deixar-se mover pelo Espírito.</li> <li>• Conhecer, relacionar-se e seguir a Jesus Cristo, fazendo-lhe como membros da comunidade da Igreja e experimentando, agradecidamente, como filhos e filhas amados por Deus e, por Ele, livres para amar e servir.</li> <li>• Educador orientador de vidas.</li> </ul>

*Fonte: Elaborado pela autora com base em Red Educacional Ignaciana, 2011.*

Nessa perspectiva, a Formação Integral trabalha as dimensões, aspectos constitutivos, potencialidades da pessoa por toda a vida. Vai além da sala de aula e implica toda a comunidade educativa, vislumbra a formação de pessoas comprometidas, capazes de discernir o sinal dos tempos, de forma reflexiva, crítica e investigativa. Que sejam pessoas autênticas, e, neste sentido, o educador torna-se um buscador e um despertador dos mais variados dons.

Um profissional que se reconhece em “amizade pessoal com Jesus Cristo, discernindo sua vocação e os modos de concretizá-la” (KLEIN, 1997, p. 8). É nessa perspectiva que o educador é convidado a participar da Formação Espiritual – Pegadas Inacianas, experiência de total encontro com Deus e consigo mesmo. “O convite à experiência dos Exercícios Espirituais (EE) é parte dos programas de desenvolvimento das Unidades

Educativas” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2021, p. 52), pois acredita-se que imersos nestas experiências e reconhecendo tudo o que é proposto o profissional se sinta mais pertencente e engajado na missão de colaborar para o desenvolvimento pleno de todas as dimensões do educando que por ele passar.

## 3.2 A Pedagogia Inaciana

### 3.2.1 Nasce a Pedagogia Inaciana

No ano dos 500 anos da conversão de Inácio, colocamos em evidência a caminhada desse homem de muita coragem, sentido, discernimento, fé, oração, peregrinação e conversão. Homem que, em Manresa, teve a inspiração para escrever os Exercícios Espirituais, que foram posteriormente aprovados pelo Papa Paulo III e são a essência da Pedagogia Inaciana.

Inácio era uma pessoa à frente do seu tempo que, transformada pela graça, funda, com seus companheiros, em 1540, a Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, com o intuito inicial de se colocar a serviço da Igreja e do Papa para as missões. Contudo, logo já estavam comprometidos com a educação e com a formação da experiência humana e acadêmica. E em pouco tempo já eram muitos os Colégios da Companhia de Jesus.

Cinquenta anos depois, os jesuítas criam a Ratio Studiorum, Código Pedagógico da Companhia de Jesus e primeira sistematização dos estudos no mundo, “um modelo educacional (ordem, modo, conteúdos e fins) que transformou a escola na Europa e no Novo Mundo” (CPAL, 2019, p. 7), sendo este o único documento a inspirar por muitos anos a Ordem dos Jesuítas.

Após sua supressão, no Concílio Vaticano I, a Ordem é restaurada pelo Papa Pio VII (1814) e continua com o mesmo intuito de promover os estudos com incentivo à vida cristã. Nasce, a partir do discurso do Superior Geral dos Jesuítas, Pe. Pedro Arrupe – *Nossos Colégios Hoje e Amanhã* –, a Pedagogia Inaciana. Neste documento, o superior destaca que os Colégios devem dotar seus alunos de inacianidade, com jeito próprio, maneira de ver o mundo, encarar a mudança.

[...] a educação que recebem os nossos alunos os dotará de certa “inacianidade”, se me permitem o termo. Não se trata de atitudes esnobistas ou arrogantes, nem mesmo de complexo de superioridade. É lógica consequência do fato de que vivemos e atuamos

em virtude deste carisma e de que em nossos centros devemos prestar aquele serviço que Deus e a Igreja requerem de nós jesuítas como tais. (ARRUPE, 1980 apud KLEIN, 2015, p. 18)

No ano de 1986, o Superior Geral da Companhia de Jesus, Pe. Peter Hans Kolvenbach, S.J, promulgou o documento *Características da Educação da Companhia de Jesus* que estabelece que a educação central é a educação para a justiça e o contexto dessa educação são os pobres.

Em 1993, Pe. Kolvenbach promulgou um novo documento, *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*. Este apresenta uma proposta para educadores, a partir dos EE: o PPI, no qual a reflexão é o elemento central da educação e o objetivo dos educadores é a formação de homens e mulheres competentes, conscientes, compassivos e comprometidos, conforme já destacamos anteriormente.

Atualmente, ou mais precisamente em 2015, fomos desafiados a refletir e colaborar na construção coletiva do Projeto Educativo Comum (PEC) da Rede Jesuíta de Educação, que nos incentiva a redesenhar, a renovar a obra apostólica educativa, com o mesmo vigor, que nos inspira a responder o questionamento: *“Que nova vida é esta que agora começamos?”*

Este documento foi estudado, analisado e reformulado e, muito recentemente, chegou às mãos de todos os educadores, trazendo os aspectos norteadores para o quinquênio 2021-2025. Uma proposta encorajadora e ousada, em um mundo que muda constantemente e clama por transformações na educação. Que exige mudança e revisão do modo de proceder de cada instituição. Formar pessoas que, conscientes, saibam colocar seu conhecimento a serviço dos demais, que sejam compassivas ao olhar o outro e se importem com seus semelhantes, comprometendo-se com eles.

Todos esses documentos dão corpo ao apostolado educacional da Companhia de Jesus, pautados na espiritualidade e no carisma de Inácio de Loyola, alicerçados no paradigma contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. Uma educação humanista, reconhecida pela tradição de quase 500 anos e ao mesmo tempo muito atual.

### 3.2 Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio

Certa vez, chamou-me a atenção a reflexão trazida pelo Pe. Mário Sündermann – primeiro diretor-presidente da RJE e atual diretor-geral do Colégio Loyola, em Belo Horizonte (MG) – em visita ao Colégio Anchieta: os Exercícios Espirituais são a grande escola da Pedagogia Inaciana, a pessoa bebe da fonte, vive a experiência, absorve a experiência da relação, da consciência do método que tem diversas modalidades de ser aplicado.

Conforme primeira anotação do livro dos Exercícios Espirituais (LOYOLA, 1966, p. 13): “Estes são o modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e de outras operações espirituais.” Esta experiência implica no encontro do exercitante com seu “criador e senhor”, envolvendo todas as dimensões de sua vida, sobretudo, a dimensão mais profunda, a da afetividade. (PALAORO, 2021).

[...] A pessoa pode adquirir quatro aprendizagens dos Exercícios Espirituais: 1) aprendizagem do conhecimento e aceitação de si mesma; 2) aprendizagem de relação interpessoal; 3) aprendizagem de um método; e 4) aprendizagem da consciência de uma missão e compromisso com ela. (KLEIN, 2014, p. 5)

Essas aprendizagens perpassam um processo dialógico que ocorre no mais profundo da pessoa, do exercitante e, segundo Palaoro (2021), acontece em múltiplas direções: exercitante com o Senhor; exercitante com o orientador; diálogo com o texto inaciano ou texto bíblico; diálogo do exercitante consigo mesmo. Neste último, o exercitante é convidado a revisitar o seu passado, a reconhecer suas limitações e potencialidades e a ter uma experiência livre e direta com Deus.

Os EE, embora idealizados há 500 anos e expressos numa linguagem que, hoje necessita de mais esclarecimentos para ser plenamente compreendida, são de uma atualidade impressionante em diversas áreas, mas em especial para a educação.

Os Colégios que têm a Pedagogia Inaciana por princípio apostam no crescimento integral de todos: alunos e educadores, buscando ampliar horizontes, proporcionando aos educadores formação continuada e imersões na Espiritualidade Inaciana a fim de melhor atuar e qualificar a vida e a missão.

### 3.3 A gratidão na Pedagogia Inaciana

#### 3.3.1 A Gratidão

*Gracias a la vida que ha me dado tanto.*  
(Mercedes Sossa)

Vários são os estudos que buscam compreender a gratidão neste último século, mas foi com o advento da Psicologia Positiva (2000), com o estudo das emoções positivas, que a gratidão recebeu maior atenção. Até este momento, a gratidão era tratada como uma virtude secundária, associada à virtude primeira que é a justiça. Com o passar

dos tempos, foi ganhando espaço, a partir de estudos que correlacionam a gratidão a diferentes áreas. Destaco os estudiosos Daniel Golleman, Martin Seligman e Robert Emmons. A gratidão, segundo o Dicionário Enciclopédico da Teologia Moral (ROSSI; VALSECCHI, 1980, p. 430), é uma consciência dos dons de Deus, o impulso mais puro da alma maravilhada desta generosidade, alegre reconhecimento da grandeza divina, uma expressão de alegria e reverência.

Descoberta de Deus, sua grandeza e sua glória. Para Emmons (2020, p. 14-15):

A gratidão é agradável. Dá prazer. Também é motivadora. [...] A gratidão é admissão da bondade na própria vida. [...] Gratidão implica humildade – um reconhecimento de que não poderíamos ser quem somos ou estar onde estamos na vida sem a contribuição dos outros. [E acrescento, sem a contribuição de Deus].

Seligman (2011, p. 319) escreve: “enquanto emoção a gratidão é admiração, agradecimento, apreciação pela própria vida”.

Segundo Bernabé-Valero (2014), Santo Tomás de Aquino explicita que são três os estágios da gratidão: reconhecimento, gratidão e retribuição. Neste sentido, entende-se a gratidão como uma atitude fundamentalmente humana, ela facilita a aquisição, a construção social e o conhecimento, é partilha, é troca, é bem, é pura emoção e afeto. É sentir! É reconhecer!

A gratidão exige um “para quem”, um “a quem”. É pensar sobre como todos os presentes procedem de Deus, pensar que somos destinatários de dons, comprometidos a partilhar todos os dons que recebemos, assim como nos ensina Santo Inácio em sua oração, uma oração de entrega plena com a qual iniciamos este artigo.

### 3.3.2 Espiritualidade Inaciana

Ao iniciarmos esta sessão cabe nos questionarmos: “O que é Espiritualidade?”. Espiritualidade não diz respeito a uma religião, mas “é uma dimensão do ser humano”. (BOFF, 2002, p. 53). Espiritualidade é aquilo que nasce conosco, aquilo que se expressa a partir da experiência, do encontro com alguém na fé e que impulsiona o ser humano a buscar sentido para a sua existência.

Para Martin (2012, p. 8):

A espiritualidade é um modo de viver em relacionamento com Deus. Na tradição cristã, todas as espiritualidades, independentemente de sua origem, têm o mesmo foco: o desejo de união mística com Deus, a ênfase no amor e na caridade e a fé em Jesus como o Filho de Deus enviado a este mundo.

Neste sentido, a Espiritualidade Inaciana brota da experiência pessoal de Inácio com Deus, uma experiência “humanizadora, encarnada, criativa e dinâmica”, como menciona Palaoro (2010, p. 2), marcada pela constante busca de sentido para a vida, em todas as suas expressões, mobilizando uma atitude contemplativa, e pela sua capacidade de perceber a presença de Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus. “Uma sabedoria que, muitas vezes, vai contra todas as aparências, até contra todas as evidências [...] é uma certeza que podemos ter a medida em que temos a certeza em Jesus Cristo” (VÁZQUEZ, 2005, p. 12).

Para Cavassa (2011, p. 10), “a Espiritualidade Inaciana é verificada na prática por um ‘modo de proceder’. O Modo de Proceder é o conjunto de atitudes, valores e padrões de conduta que definem um estilo de vida”. Conforme o autor, estes são exercitados, educados, aprendidos e depois verificados no dia a dia em gestos simples e significativos: encontrar Deus em tudo, tornar-se um contemplativo em ação, enxergar o mundo na perspectiva da encarnação e desejar liberdade e desapego.

Diante disso, os EE constituem um horizonte que vem ajudando muitas pessoas a se encontrarem nesta relação filial com Deus, comprometendo-se a ser presença vital e transformadora no seu ambiente pessoal e profissional.

### 3.3.3 A gratidão na Espiritualidade Inaciana

Para Martin (2012, p. 224), “o caminho de Inácio exala gratidão”, pois, embora a palavra não apareça explicitamente com este nome nos documentos da Companhia, a gratidão está presente em toda a experiência profunda de Inácio, experiência de encontro com Deus e de reconhecimento da gratuidade Dele em sua vida. Neste sentido, o autor enfatiza: “Os EE estão repletos de experiências que expressam a gratidão pelos presentes de Deus. [...] Para Inácio, a ingratidão era o mais abominável dos pecados” (MARTIN, 2012, p. 224).

A gratidão, como já destacamos, está expressa em todo o itinerário dos EE, mais explicitamente na primeira semana – Princípio e Fundamento –, na qual o ser humano se reconhece criado para louvar e reverenciar a Deus Nosso Senhor. E, aparece também, na quarta semana dos EE – Contemplação para alcançar o amor –, em que o exercitante lembra e toma ciência do quanto Deus faz, do quanto Ele dá, do quanto Ele está em cada criatura, ajudando-as a crescer e perseverar, reconhecendo que tudo procede de Deus.

Segundo Palaoro (2010, p. 6):

A experiência dos Exercícios desperta no exercitante o senso da gratidão e da generosidade. Precisamente porque percebeu sua vida como um presente, volta-se para Deus entregando-lhe “*tudo o que tem e possui*”.

Isso unido ao sentido de lealdade e amizade o leva a rejeitar todo tipo de mediocridade na entrega e no serviço. Na expressão inaciana isso se chama “*magis*”, que imprime um dinamismo formidável a tudo o que se empreende. Marcado pela gratidão, a pessoa deseja sempre fazer o melhor.

Luiz Carlos Sureki (2021, p. 87) complementa: “a pessoa que faz a experiência de Deus, faz uma experiência de amor. Ela se sente profundamente amada e se sente convidada e impelida a amar. Daí a expressão de Inácio ‘Em tudo amar e servir’”. Inácio é exemplo de crescimento e progresso na gratidão com práticas repetidas e experiências intensas tanto na desolação quanto na consolação. Ele nos ensina a reconhecer e valorizar tudo o que somos e temos para vivermos em uma atitude positiva de admiração, amor e gratidão. Essa experiência se reverterá no compromisso com a realidade, ou seja, o olhar contemplativo se traduz em profunda gratidão e, por consequência, em um compromisso para viver em favor da vida.

### 3.3.3.1 Princípio e Fundamento

Como podemos ler na primeira anotação dos Exercícios Espirituais, Inácio escreve:

Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, da mesma maneira todo o modo de preparar e dispor a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas e, depois de tiradas, buscar e achar a vontade divina na disposição da sua vida para a salvação da alma, se chamam exercícios espirituais. (LOYOLA, 1966, p. 13)

Ele compara os exercícios físicos, que alinham e adaptam o corpo, aos Exercícios Espirituais, que adaptam os afetos, limpando o que está desordenado para buscar o que é do espírito, o que é divino. É claro que, para que isso aconteça, “é necessária uma disposição interior, desejo da pessoa de ordenar a sua vida e purificar os afetos à luz da relação com Deus porque é nesta relação com Deus que a sua salvação tem lugar” (SUREKI, 2021, p. 89).

É nessa disposição que chegamos ao Princípio e Fundamento, a porta de entrada dos Exercícios, antes da primeira semana, no qual Inácio ressalta a experiência que nos leva ao encontro com Deus numa atitude de disponibilidade, de generosidade e de entrega livre à ação de seu Espírito. “O princípio e fundamento está no início, mas é fundamento para tudo aquilo que será dito ou feito nos EE” (VÁZQUEZ, 2005, p. 46). Uma etapa que visa oferecer uma experiência de Deus que considera a história do indivíduo como “história de salvação”. Requer buscar o sentido radical da própria existência: “O homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor e, mediante isso salvar sua alma” (LOYOLA, 1966, p. 31).



Com base nesta anotação, a partir do momento em que somos criados e nos reconhecemos criados, percebemos que não somos o centro, dependemos de outro ser para existir. Tudo que existe é para nós, para o nosso bem. No princípio e fundamento, tudo vem de Deus como dom. “Somos criados pelo amor gratuito de Deus e, portanto, amados desde o princípio por um Deus que é Pai” (CEI ITAICI, 2002, p. 31).

Sentimos a graça desse amor que extravasa, sentimos envolvidos pela presença amorosa, cuidadosa e desperta em sintonia com a criação. Deus habita em tudo, desperta espanto, deixa pegadas e está em cada um segui-las ou encontrar novo caminho. Escolher o que é mais (*Magis*) não só para si, mas para os outros.

### 3.3.3.2 Contemplação para Alcançar o Amor – CAA

Percorridas as quatro semanas dos EE, percursos e mistérios da vida de Cristo, chegamos à Contemplação para Alcançar o Amor – CAA, último exercício da quarta semana, que tem como foco a comunicação entre criador e criatura, entre criatura e criador. Inácio mostra na CAA uma relação de puro amor, “não só porque Deus nos afeta, quando nos manifesta seu amor e sua misericórdia, mas também porque Deus é afetado por nosso amor e por nossa falta de amor” (VÁZQUEZ, 2005, p. 40). Viver como agradecido é reconhecer que tudo é dom, que nada nos é devido, que tudo parte de um Deus cuja grandeza e bondade são insondáveis.

A um gesto de gratuidade, corresponde outro gesto de gratuidade, a um gesto de amor corresponde outro gesto de amor. Por isso Inácio fala em “Contemplação para Alcançar o Amor”, cuja possibilidade se deve ao fato de que o amor (de Deus) já nos alcançou primeiro. (SUREKI, 2021, p. 96)

A matéria da contemplação é o amor de Deus. Amor que é contemplado, experimentado e reconhecido em cada criatura. Na Contemplação para Alcançar o Amor, está a visão de Inácio sobre a gratuidade: conhecimento do bem recebido para *em tudo amar e servir*. A vida de Inácio é reflexo de suas ideias nos EE. Ideias de uma vida entregue ao amor, na qual o saber se torna esse sentimento intenso de gratidão, expressão de gratuita doação.

Os versos da oração de Santo Inácio “todos os dons que me deste com gratidão vos devolvo” demonstram a expressão do recebimento da graça sobre a graça. E isso basta. Ninguém faz de sua vida um dom se antes não concebe a sua vida como um dom recebido de outro. Não havendo reconhecimento que todos os dons recebidos vêm de Deus, não haverá como oferecer-lhe em total liberdade a Deus para que dispunha deles como achar melhor. “O final dos exercícios é de certo modo parecido com seu início. A

diferença é que no início tudo vem de Deus ao exercitante como dom, e, ao final, tudo é oferecido, disponibilizado pelo exercitante a Deus.” (SUREKI, 2021, p. 95).

Nesta perspectiva, podemos dizer que o ponto de partida é a gratidão pelo dom e o ponto de chegada é a disponibilidade para amar, servir e cuidar do dom. Assim nos ensina Santo Inácio de Loyola.

Mas como observamos isso refletido no dia a dia da sala de aula, no Colégio?

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Todo o processo proposto por Inácio na Contemplação é uma educação dos sentidos, uma vida com sentido. “Não há vida com sentido se o nosso corpo não é educado, se nossos sentidos não são convocados”, disse o padre Francys Silvestrin na conferência do Ano Inaciano – *Amigos no Senhor para ajudar as almas*, no dia 30 de agosto.<sup>2</sup>

Nossos sentidos passam pela afetividade, nos deixamos afetar ao mesmo tempo que também afetamos quem de nós se aproxima. “Esta afetividade está organicamente vinculada ao processo de conhecimento, orientação e atuação do ser humano no complexo meio social que o rodeia” (MOSQUERA, 2006, p. 129). Nesse sentido, o vínculo de gratidão faz-se muito presente no dia a dia do Colégio Anchieta, nas ações e nos relatos afetivos dos educandos, professores e famílias (mesmo aquelas que há pouco chegaram ao Colégio, vindas de realidades totalmente diferentes). E não seria diferente com a experiência das Pegadas Inacianas!

De acordo com o documento *Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI* (ICAJE, 2019), a 35ª Congregação Geral (2008) reconheceu o crescente ritmo de mudança no mundo pós-moderno e no terceiro item do decreto afirma: “Ao ver a vocação jesuíta como um fogo que acende outros fogos, reconheceu a centralidade dos colaboradores e destacou a importância de sua formação no carisma inaciano” (DECRETOS DA CONGREGAÇÃO GERAL XXXV, 2008, p. 82). Desta forma, o PEC (ponto número 78) – Formação para a Missão – convida todos os educadores a aprofundar os conhecimentos que são próprios da Identidade Inaciana e jesuíta e que levam ao amadurecimento e ao crescimento pessoal e profissional.

---

<sup>2</sup> SILVESTRIN, Francys. *Ano Inaciano – “Amigos no Senhor para ajudar às almas”. Uma espiritualidade “jovem” e para os jovens. 1 vídeo (1h05min02seg). Publicado no canal da Faculdade Jesuíta (FAJE). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0rkXHvzqUqA>. Acesso em: 30 ago. 2021.*

Nessa concepção, fazendo valer o compromisso da Educação Jesuíta em fornecer uma sólida formação religiosa e teológica a todos os membros de sua comunidade (ICAJE, 2019), são oferecidos momentos de imersão na Espiritualidade Inaciana, os retiros espirituais Pegadas Inacianas. Uma experiência individual e pessoal de crescimento espiritual que leva a mais amar e servir.

O documento Tradição Viva (ICAJE, 2019, p. 63) também reforça que: “Nem todas as pessoas vinculadas a um Colégio Jesuíta são ou serão católicos, mas são convidadas a entender a identidade eclesial do Colégio e participar dessa identidade na medida em que for apropriada para elas” Cabe destacar que a participação na formação espiritual Pegadas Inacianas não é obrigatória.

Atualmente participam dos retiros educadores dos Colégios Anchieta (RS), Catarinense (SC) e outras obras ligadas aos Jesuítas. No Anchieta, o SOREP (Serviço de Orientação Religiosa, Espiritual e de Pastoral), em consonância com as equipes e coordenações, convida os educadores a participarem do retiro espiritual, contudo, devido às questões já especificadas no primeiro capítulo (custo, disponibilidade de tempo, substituição de professores, entre outros), o número de participantes contemplados em cada tempo é pequeno, diante da quantidade de colaboradores do Anchieta, pois as vagas são distribuídas entre os Colégios da Rede e as instituições afins.

Nos últimos anos, foi oportunizada a experiência ao educador para que realizasse, na sequência, os cinco tempos das Pegadas, ou seja, esta caminhada poderia ser concluída em, no máximo, dois anos, porém sabemos que nem sempre isso é possível. Nos últimos anos, em virtude da pandemia da COVID-19, as etapas previstas para a formação não se realizaram.

Para ratificar a importância das Pegadas Inacianas na compreensão do trabalho educativo e evangelizador, que suscita o sujeito apostólico, tão referido nos documentos da Companhia, trazemos alguns depoimentos de educadores que reconhecem o diferencial desta formação para a tarefa de bem educar, de pensar as estratégias e atender à exigência de excelência humana da Pedagogia Inaciana:

*“Fui selecionado para fazer as pegadas no meu primeiro ano de Anchieta e me senti totalmente honrado pelo convite. Percebia no Colégio uma linha de ação marcada pela Pedagogia Inaciana, a espiritualidade não é um discurso apenas, a escola está toda amarrada em torno da história de Santo Inácio. Eu não entendia, porque fui talhado para pensar o individual e foi assim até em família. Por isso a gratidão é forte no meu depoimento.*

*Precisei aprender e com as pegadas aflorou um ponto em mim: as dúvidas que a fé causa na gente. Sempre fui racional e aí vem a grande transformação*

*que as pegadas causaram em mim: Ser mais humano. [...] Aprendi que é muito melhor caminhar junto, trazer mais e mais pessoas para somar. A partir das pegadas comecei a me equilibrar.”* (EDUCADOR ES)

Um educador equilibrado tende a formar alunos equilibrados, como descreveu Pe. Arrupe: “homens e mulheres novos, equilibrados, de serviço evangélico, abertos ao seu tempo e ao futuro”. (KLEIN, 2020, p. 4). E o educador continua:

*“Aprendi que eu não preciso ser um religioso, mas que eu possa seguir os bons exemplos. Na minha cabeça a fé sempre foi cheia de dúvidas, por mais que tentasse procurar a fé, sempre havia algo que me afastava dela e aprendi com o padre Dionysio que se não tiver dúvida não é fé. Tenho muito a agradecer as pegadas e ao Colégio. A sabedoria, reflexão e discernimento, a pausa, tudo isso faz muita diferença hoje. Sentir-se parte do grupo, do todo, o coletivo, ter equilíbrio, ter calma no coração me faz ser profundamente grato às pegadas, pela forma como eu consegui rever a minha vida e seguir sendo uma pessoa melhor. Um educador melhor para os meus educandos.”* (EDUCADOR ES)

*“A experiência de viver as Pegadas Inacianas nas cinco etapas propostas, é de crescimento pessoal, humano e espiritual. Pessoal, pois nos transforma de dentro para fora com os momentos individuais de oração e reflexões. Humano, por nos provocar o desejo de um mundo melhor para todos seguindo o exemplo de Jesus Cristo e nos reconhecendo como criatura feita à imagem de Deus. E espiritual por tocar nosso íntimo e nos fazer perceber o nosso papel nos planos de Deus.”* (EDUCADOR MC)

Nos depoimentos, é possível perceber que a experiência das Pegadas Inacianas é ao mesmo tempo evangelizadora e formadora, não só profissionalmente, mas também pessoalmente. Cada educador vai conhecendo a si, ao outro e a Deus no momento que se sente imerso na dinâmica da formação espiritual.

Na perspectiva do autoconhecimento, e do conhecimento de suas fragilidades e fortalezas, suas limitações e seus talentos/habilidades, é que a educadora AF descreve a experiência das Pegadas:

*“[...] ao longo da caminhada, fui percebendo algumas mudanças no entendimento do meu perfil: eu sempre fui uma pessoa muito quieta, tímida, gosto de brincar, com os meus alunos mas, nos meus pares sempre fui mais fechada e isso sempre foi motivo de incomodação pra mim, porque sempre quis ser como outras pessoas bastante extrovertidas. [...] perdia muitas*

*oportunidades, ainda perco, por não ser tão expansiva, ou desejar falar mais... mas, nas Pegadas eu descobri que o meu silêncio é tão importante quanto essas pessoas que têm a fala solta, principalmente no ambiente escolar onde as pessoas falam muito. [...] nas Pegadas eu tive esse outro olhar, comecei a entender um pouquinho que o silenciar, o ouvir mais, era tão importante quanto o falar. E comecei a apreciar mais este meu perfil. [...] e ainda a ter mais gratidão por quem sou, por este meu perfil silencioso, de escuta e acolhedor dos sentimentos, das palavras que vêm dos outros. As pessoas têm necessidade de falar, eu tenho necessidade de ouvir. Assim no meu fazer diário busco ouvir mais do que falar e me posicionar quando já refleti sobre o que é necessário falar”.*

Desta forma, podemos comparar tal relato com a experiência de Inácio em Manresa, momento este muito significativo, silencioso e de total encontro com Deus, encontro que transformou a vida de Inácio, que o fez ter certeza de querer fundar a Companhia de Jesus. Conforme é expresso no documento Pedagogia Inaciana (1993, p. 49): “A experiência inaciana ultrapassa a compreensão meramente intelectual. [...] estimula a valer-se tanto da experiência, da imaginação e dos sentimentos, como do entendimento”.

Cabe ressaltar que a aprendizagem só move a ação quando o sentimento se alia ao conhecimento intelectual. Isso exige reflexão constante que está entre as dinâmicas essenciais do Paradigma Pedagógico Inaciano.

E, sabedor da importância de olhar para esse paradigma e colocá-lo em ação, o educador, que passa com gosto e sem ânsia de avançar, pela experiência dos tempos das Pegadas Inacianas, é convidado a mergulhar na gratidão e, desta forma, a aplicar os Exercícios no processo de ensino e aprendizagem que lhe cabe orientar, sendo presença iluminadora no cotidiano, exemplo que faz toda a diferença na vida de seus educandos. Com isso, acredita-se que estes, por sua vez, contagiados pelo educador, exercitarão o olhar para ver gratidão em tudo, desde tenra idade. “Educa-se mais pelo que se é do que por aquilo que se diz e que se faz” (PALAORO, 2006, p. 1).

Com base nesse fazer, nesse ser educador de exemplos para os educandos precisamos pensar nas “exigências de compromisso e de seguir o modelo de Jesus Cristo no cuidado e no atendimento aos que nos rodeiam em diversos tempos e espaços” (ROHR, 2005, p. 117). Neste sentido, o educador RB relata:

*“As pegadas foram muito importantes para mim não apenas em relação ao fazer docente, mas também no que diz respeito a minha vida pessoal e minha humanidade. Lá escrevi alguns versos que pensei em transformar em uma canção ao voltar pra casa: Devagar verdades passam sob o véu/ Tenho em mim a imensidão de andar/ Ansiosamente nas pegadas/ Por onde vais.”*  
(EDUCADOR RB)

Por tudo isso, esta “experiência favorece a construção identitária, o sentimento de pertença e carisma da Rede Jesuíta de Educação. Exige disponibilidade e serviço que é a expressão concreta do amor” (SUREKI, 2021, p. 90).

*“Cada um dos tempos nas Pegadas Inacianas foi um divisor de águas em minha vida, tanto pessoal, quanto profissional, se é possível dissociar uma da outra. Tive oportunidade de fazer mais de uma vez, algumas, mas posso afirmar que nunca os repeti, pois cada experiência foi única. Não há como passar por momentos tão significativos de oração e encontro com Deus, sem uma transformação interna. Eu diria que a cada etapa fui reaprendendo a viver e a valorizar as vivências. Uma experiência, que embora coletiva é extremamente particular e singular.”* (EDUCADORA AP)

*“Participar da experiência que representa as Pegadas Inacianas foi muito enriquecedor. Durante os cinco tempos, além de exercitar um olhar de auto-conhecimento, de exame das minhas ações e dos meus sentimentos à luz dos ensinamentos de Jesus Cristo, foi possível refletir sobre as minhas fraquezas e as minhas fortalezas. Foram momentos de revisitar o meu fazer e o meu sentir e de agradecer muito por cada momento vivido, por cada experiência partilhada e por cada uma das pessoas presentes em minha vida. Foram momentos de agradecer a Deus pelo presente maior que é vida! Foram momentos de contemplação da natureza, da criação divina!”* (EDUCADORA MM)

Desta forma e, pensando na transversalidade do currículo, a gratidão vivenciada nas Pegadas Inacianas é perceptível no relato de cada educador, ela é atitudinal. Abre possibilidade de formar para a solidariedade, carrega a força da utopia e, especialmente, da experiência inaciana do *Magis*,<sup>3</sup> “ser mais para e com os demais”, como reforça a educadora RM:

---

<sup>3</sup> “*Mais’ não implica uma comparação com outros nem uma medida do progresso, em relação a um padrão absoluto. Antes é o desenvolvimento mais pleno possível das capacidades individuais de cada pessoa, em cada etapa de sua vida, unido ao desejo de continuar este desenvolvimento, ao longo da vida, e a motivação para utilizar as qualidades desenvolvidas em benefício dos outros*” (CARACTERÍSTICAS, 1987, p. 59).

*“[...] o sentimento de formação continuada proporcionado pelo Colégio e vivenciado nas Pegadas Inacianas valoriza o trabalho e nos dá a certeza de que não estamos sós. Todos juntos de mão dadas buscando o seu Magis.”*

Uma busca constante, um coração inquieto em ser “mais”, buscar sempre o melhor, desenvolver ao máximo suas capacidades, o que mais convém para ajudar o bem comum. Experiência de superar a mediocridade, de reconhecimento e de gratidão.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir e ilustrar este trabalho, trago fragmentos do poema *Gratidão*, de autoria do Pe. Alexandre Raimundo, SJ:

Gratidão pelas tantas vezes que você abriu esta janela, isso foi muito significativo, sabe? Porque cada vez que eu escutava a palavra gratidão me provoca um sentimento interno aqui no coração, algo muito profundo. É muito significativo. Ah, se pelo caminho eu também experimentei gratidão como peregrino? Ah isso foi demais, a cada pessoa encontrada, a cada fato, são tantas coisas... Eu recorro com muito carinho? É de você amigo que por vezes disse gratidão! [...] Porque você mesmo começou a enxergar coisas interessantes que antes talvez você não conhecia e esta gratidão provoca um sentimento de pureza, algo muito diferente, não é bom?<sup>4</sup>

Ao chegar ao final desta etapa, não é possível dizer que estas palavras são conclusivas, pois considera-se que ainda há muito para pesquisar, muitos conhecimentos a ampliar sobre o assunto. E é fato que todo o processo de pesquisa visa gerar mudanças, ou ao menos um repensar acerca do que foi estudado. Mudei eu com as aprendizagens. Cresci com as incertezas, elas me deram coragem para ir atrás de respostas, cresci com cada leitura, com cada nova informação garimpada e cada conversa partilhada.

Em especial brota a grata satisfação em refletir sobre a autobiografia e o grande legado deixado por Inácio de Loyola – os Exercícios Espirituais – e perceber que a Formação Espiritual do educador, em especial a formação Pegadas Inacianas merece muito o nosso olhar, o olhar de quem passou por estas etapas e sabe o quanto elas são transformadoras na vida de quem se sente livre e aberto para a experiência.

Mesmo aqueles que não professam a fé católica descobrem nela e, mais

<sup>4</sup> ALEXANDRE Raimundo. Ep. 28 – Gratidão. 1 vídeo (5min15seg). Publicado pelo canal TV WEB CEAP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6bkKOQRkXaY>. Acesso em: 21 jul. 2021.

precisamente, na experiência dos Exercícios, um caminho para seguir e ser mais o que desejam ser, aspecto este que ficou claro nos depoimentos de alguns entrevistados: *“Na minha cabeça a fé sempre foi cheia de dúvidas, por mais que tentasse procurar a fé, sempre havia algo que me afastava dela, e aprendi com o padre Dionysio que se não tiver dúvida não é fé”* (EDUCADORES).

Ao refletir sobre o contexto da Formação Espiritual – Pegadas Inacianas, é possível perceber o fervor dos orientadores que estavam à frente da proposta, imbuídos de pensar e estruturar cada etapa dos retiros, iniciada em meados dos anos 2000. Da mesma forma, conhecer o histórico das Pegadas Inacianas e perceber sua importância e suas contribuições para o fazer dos educadores do Colégio Anchieta. Projeto construído a muitas mãos e que se ressignifica a cada novos desafios e novos tempos. Assim como também a trajetória de Inácio de Loyola foi ressignificada a cada passo de sua conversão.

Neste percurso, foi possível reafirmar que a Pedagogia Inaciana, inspirada na Espiritualidade de Santo Inácio de Loyola, aposta não só na Formação Integral do educando, mas também na Formação Integral do educador que passa pelos Colégios Jesuítas, de modo a ajudar na reflexão da realidade, motivando-o a ser mais crítico e sensível, voltado para a valorização da vida humana e encantado com a sua própria existência, seguindo a proposta de Jesus. *“Nada nem ninguém está só; o ser humano, desde o ‘Princípio e Fundamento’ dos Exercícios é visto na complexidade e na unidade de toda a criação”* (PALAORO, 2010, p. 3). E esta foi a conclusão a que chegou a educadora RM e que tão bem expressou em seu depoimento.

O momento atual traz para a educação novos desafios e é primordial ampliar os horizontes para a humanização, num mundo onde percebemos a ausência de valores essenciais e o surgimento de valores cada vez mais superficiais e transitórios. Desta forma, cabe reafirmar que: *“O objetivo supremo da educação jesuítica é, antes, o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação, ação inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo, filho de Deus e ‘Homem para os outros’”* (KLEIN, 2015, p. 177).

Neste sentido, olhar para a Educação Integral e para as dimensões do ser humano foi de total importância, pois reforçou a compreensão da pessoa toda, ampliando cada vez mais a integração entre a educação e a vida de cada indivíduo com o intuito de transformar a sociedade e por consequência a pessoa que nela está inserida. Esta transformação exige dos educadores muita eficácia, sabedoria e discernimento, pois são eles os facilitadores do processo de conscientização e valorização da dignidade humana entre os alunos.

É nítida a importância da Formação espiritual – Pegadas Inacianas como essencial para o fazer de todos os educadores do Colégio, em especial dos professores, pois atuam diretamente com os educandos em sala de aula. Cada tempo trilhado traz para o



educador uma maior consciência de sua humanidade e a certeza de que podem fazer o melhor sempre a cada educando que por eles passam.

Com a pesquisa, surgem outras questões que talvez possam ser respondidas nos próximos estudos: Como fazer para oferecer a um maior número de educadores a participação nos retiros, visto que boa parte dos colaboradores do Colégio ainda não teve a oportunidade de se beneficiar desta formação? Aqui reforço ser fundamental ampliarmos a oferta para os educadores de todos os segmentos e setores do Colégio. Como motivar os educadores que estão há mais tempo na instituição a participarem das Pegadas Inacianas? como dar continuidade à formação daqueles educadores que já concluíram todos os tempos das Pegadas e clamam pela continuidade dos retiros?

Após muito refletir sobre os escritos de Palaoro (2006, 2010 e 2021), Sureki (2021), Martin (2012) e Ulpiano Vázquez (2005) sobre a gratidão, reforço a presença desta virtude durante todo o itinerário dos Exercícios Espirituais, como fonte constitutiva e inspiradora no campo da Pedagogia Inaciana e, por consequência, no fazer diário de cada educador que passa pela experiência das Pegadas Inacianas.

Esta virtude conduz a uma melhor aprendizagem, mais conexão, mais afeto, mais pertencimento e engajamento na comunidade. O educador sente-se envolvido e comprometido com o seu fazer. Fomentar nos alunos esta virtude, como algo diário, como algo simples e ao mesmo tempo grandioso, algo que vivenciamos a cada minuto, a cada instante, é muito significativo. O educador imbuído desse sentimento consegue também transformar seus educandos e estes, imersos nesse sentimento, buscam ser mais e melhor em todos os momentos, em tudo.

Enfim, a gratidão que decorre de uma experiência transformadora das Pegadas Inacianas é a mesma que acontece em uma experiência de conhecimento transformador no fazer diário. O vínculo de gratidão e de afeto entre professor e alunos que passam por um Colégio Jesuíta gera uma oferta de maior valor: o Magis.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE Raimundo. Ep. 28 – **Gratidão**. 1 vídeo (5min15seg). Publicado pelo canal TV WEB CEAP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6bkKOQR-kXaY>. Acesso em: 21 jul. 2021.

BERNABÉ-VALERO, G. **Psicología de la Gracitud**. Integración de la Psicología Positiva y Humanista. La Laguna (Tenerife): Latina, 2014. Col. Cuadernos de Psicología 01.

BOFF, Leonardo. **Crise: Oportunidade de crescimento**. Campinas: Verus, 2002.

CARACTERÍSTICAS da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 1986.

CAVASSA S.J., Ernesto. **A espiritualidade inaciana ilumina a espiritualidade de Fé e Alegria**. 2011. Disponível em: <https://pedagogiaignaciana.com/bibliotecadigital/biblioteca-general?view=file&id=1441:a-espiritualidade-inaciana-ilumina-aespiritualidade-de-fe-e-alegria&catid=8>. Acesso em: 6 nov. 2020.

CEI-ITAI. **A força da metodologia nos Exercícios Espirituais**. São Paulo: Loyola, 2002. Coleção Leituras e Releituras.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado LatinoAmericano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a\\_pdf/cnbb\\_2007\\_documento\\_de\\_aparecida.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf). Acesso em: 5 set. 2021.

CPAL (Conferência de Provinciais Jesuítas da América Latina e Caribe). **A Companhia de Jesus e o direito universal a uma educação de qualidade**. 2019. Disponível em: <http://webexternos.asav.org.br/redejesuita/wpcontent/uploads/2019/04/LivroDUECLancado27mar19.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

DECRETOS DA CONGREGAÇÃO GERAL XXXIV. 15ª desde a Restauração da Companhia. Tradução: Francisco Taborda, SJ. São Paulo: Loyola, 1996.

DECRETOS DA CONGREGAÇÃO GERAL XXXV. 16ª desde a Restauração da Companhia. Tradução: Província de Portugal. São Paulo: Loyola, 2008.

EMMONS, Robert A. **Agradeça e seja feliz!:** como a ciência da gratidão pode mudar sua vida para melhor. Tradução Maria Clara De Biasi W. Fernandes. 3. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2020.

ESCLARÍN, Antonio Pérez. Educación Integral de Calidad. Editora San Pablo, 2011. In: Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana. Disponível em: <https://pedagogiaignaciana.com/biblioteca-digital/bibliotecageneral?view=file&id=355:educacion-integral-de-calidad&catid=8>. Acesso em: 28 fev. 2021.

FERNANDES, Sinésio. Novo Sujeito Apostólico e Pedagogia Inaciana. In: SERAFIN, Vitorino (org.). **Pedagogia Inaciana e os novos sujeitos históricos**. IV Congresso Inaciano de Educação (26 a 29 de julho de 2005). Florianópolis: Ed. Catarinense, 2006.

FUENTES, Jose Luis. **Pedagogia Inaciana** – uma visão sintética. Rio de Janeiro: Centro Pedagógico Pedro Arrupe, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ICAJE (Comissão Internacional do Apostolado de Educação Jesuíta). **Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI – Um exercício contínuo de discernimento**. 1. ed., 2019, Roma, Itália.

KLEIN, Luiz Fernando. **A formação do professor à luz da pedagogia inaciana**. Painel no 2º Congresso Inaciano de Educação *A pedagogia inaciana rumo ao século XXI*, promovido pela Comissão Nacional de Educação Jesuítica (CONEJ), em Vila Kostka-Itaici, Indaiatuba (SP), de 18 a 21 de julho de 1997.

KLEIN, Luiz Fernando. **Exercícios Espirituais: Escola de Formação para a Pedagogia Inaciana**. São Leopoldo: UNISINOS. II Encontro de Professores de Teologia da AUSJAL, 2 set. 1999.

KLEIN, Luiz Fernando. A Pedagogia Inaciana e a sua força impulsionadora: os Exercícios Espirituais. **Itaici-Revista de Espiritualidade Inaciana**. Rio de Janeiro, Centro de Espiritualidade Inaciana, n. 95, mar. 2014.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Loyola, 2015.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação Integral segundo a Pedagogia Inaciana**. Conferência proferida no I Encontro Virtual de Diretores Acadêmicos da FLACSI, 4 set. 2017.

LOYOLA, Santo Inácio. **Exercícios Espirituais**. Tradução de Pe. Gêza Kövecses, SJ. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1966.

MARTIN, James. **A Sabedoria dos Jesuítas para (quase) tudo**. Tradução Joel Macedo.

Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

MIRANDA, Mario França. Inácio, os Jesuítas e a modernidade. [Entrevista cedida a] **Revista IHU Online**, São Leopoldo, 26 jun. 2006. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao186.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBAÛS, Claus Dieter. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Educação**, v. 29, n. 1, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/438>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PALAORO SJ, Adroaldo. A Espiritualidade Inaciana como “**princípio e fundamento**” da missão educativa na **Companhia de Jesus**. 2010. Disponível em: <http://www.pedagogiaignaciana.com/GetFile.aspx?IdDocumento=3250>. Acesso em: 09 ago. 2021.

PALAORO SJ, Adroaldo. Gratidão: a mais agradável das virtudes. **Revista IHU Online**, São Leopoldo, 11 out. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/42noticias/comentario-do-evangelho/593334-gratidao-a-mais-gradavel-das-virtudes>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PALAORO SJ, Adroaldo. **Líderes Educadores para tempos desafiadores**. 2006. Disponível em: <https://pedagogiaignaciana.com/biblioteca-digital/bibliotecageneral?view=file&id=1131:lideres-educadores-para-tempos-desafiadores&catid=8>. Acesso em: 31 ago. 2021.

PEDAGOGIA INACIANA: Uma proposta Prática. São Paulo: Ed Loyola, 1994.

PINILLA, Ignacio Boné S.J. Psicología de la gratitud y Ejercicios Espirituales. **Manresa: Revista de Espiritualidad Ignaciana**, v. 88, n. 349, out./dez., 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/441295>. Acesso em: 23 jun. 2021.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **PEC: Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2016.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação Básica: 2021-2025**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2021.

RED EDUCACIONAL IGNACIANA. **Mapa de Aprendizajes para la Formación Integral**. Santiago: Colegio San Ignacio, 2011. Disponível em: <https://pedagogiaignaciana.com/biblioteca-digital/bibliotecageneral?view=file&id=1059:mapa-de-aprendizajes-para-la-formacionintegral&catid=8>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ROHR, João Roque. Novo Sujeito Apostólico e Pedagogia Inaciana. In: SERAFIN, Vitorino (org.). **Pedagogia Inaciana e os novos sujeitos históricos**. IV Congresso

Inaciano de Educação (26 a 29 de julho de 2005). Florianópolis: Ed. Catarinense, 2006.

ROSSI, Leandro; VALSECCHI, Ambrogio. **Diccionario Eiclopédico da Teologia Moral**. 4. ed. Madrid: Ediciones Paulinas, 1980.

SELIGMAN, Martin E. P. **Florescer**: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar. Tradução Cristina Paixão Lopes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, recurso digital. Disponível em: <https://unisaesiano.com.br/lins/wpcontent/uploads/2021/05/FLORESCER-hoje-convertido.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

SILVA, Antônio João Hocayen da. **Metodologia de Pesquisa**: Conceitos Gerais.

Guarapuava, PR: Unicentro, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/841/1/Metodologia-dapesquisa-cient%3%adfica-conceitos-gerais.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SILVESTRIN, Francys. **Ano Inaciano** – “Amigos no Senhor para ajudar às almas”. Uma espiritualidade “jovem” e para os jovens. 1 vídeo (1h05min02seg). Publicado no canal da Faculdade Jesuíta (FAJE). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0rkXHvzqUqA>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SINGER, Helena. Educação Integral como inovação social. In: Fundação Roberto Marinho, Canal Futura; Anna Penido et al. (org). **Destino**: educação: escolas inovadoras. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

SUBSÍDIOS PARA A PEDAGOGIA INACIANA. Coleção Ignatiana, 39. São Paulo: Loyola, 1997.

SUREKI, Luis Carlos. Espiritualidade Inaciana: Gratidão e Disponibilidade. **Itaici – Revista da Espiritualidade Inaciana**, 2021.

SUREKI, Luis Carlos. Encontros Inacianos – Espiritualidade Inaciana: Gratidão e Disponibilidade. 24 abr. 2021, 1 vídeo (1h28min13seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzvdN6ZiCsU>. Acesso em: 24 abr. 2021.

VÁZQUEZ SJ, Ulpiano. **A contemplação para alcançar amor**. São Paulo: Loyola, 2005.



Eliane da Silveira Nunes

***PEDAGOGIA INACIANA NO SERVIÇO DE  
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL:  
A relação família-escola em contexto de pandemia***

## 1. INTRODUÇÃO

Desde março de 2020, a sociedade vem passando por uma experiência que fez com que o mundo parasse as atividades presenciais para proteger o seu bem maior: a vida. Com isso, surgiram desafios jamais pensados, demandando grandes transformações no coletivo. Conforme aponta Preto, Bonilla e Sena (2020), a avassaladora propagação do vírus invisível (SARS-CoV-2), emergido no final de 2019, exigiu isolamento, confinamento e distanciamento das pessoas frente às suas rotinas, para assegurarem sua própria vida e a do outro. Não sendo diferente com a rotina escolar, um grande contingente de estudantes e de trabalhadores da área da educação foram forçados a desenvolver suas atividades fora do ambiente convencional de trabalho, passando a realizá-las de casa.

Este artigo trata da análise do trabalho desenvolvido pelo SOE do Colégio Anchieta na relação família-escola durante a pandemia, à luz da Pedagogia Inaciana. Nos primeiros dias do isolamento social, foram organizadas e disponibilizadas pelo Colégio Anchieta apenas atividades pedagógicas na plataforma *Moodle*, porém, com a intensificação da pandemia e dos decretos de continuidade do isolamento, o Colégio precisou reorganizar a dinâmica do trabalho, capacitar os docentes para produzir aulas gravadas e, na sequência, para ministrar aulas remotas. Conseqüentemente, houve a

---

*Pedagoga, Orientadora Educacional, pela PUCRS. Psicopedagoga Clínica e Institucional, pela UNIRITTER.*

*Artigo apresentado ao curso de Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orientação: Profa. Dra. Viviane Weschenfelder.*

necessidade de modificar e ressignificar as ações pedagógicas, antes presenciais, de forma diferenciada e efetiva junto às famílias.

Para o Ensino Fundamental II e Médio, observou-se que a mudança não foi tão impactante, pois a utilização da plataforma para realização e postagem já era uma vivência dos alunos e dos professores. No entanto, para a comunidade educativa de Educação Infantil ao 5º Ano foi profunda e transformadora. Desde os professores até as famílias, todos precisaram aprender a acessar e a utilizar a plataforma de Aprendizagem Virtual de Aprendizagem (AVA), cujo *software* é o *Moodle*, para postagem e impressão das atividades pedagógicas disponibilizadas.

Com o distanciamento social, surgiu um outro problema para as famílias: conciliar suas demandas profissionais, o trabalho doméstico, o auxílio aos filhos nas tarefas escolares e a convivência diária. Em função do prolongamento do isolamento, do aumento dos casos de COVID-19 e da permanência do ensino remoto, as demandas do SOE também cresceram na mesma proporção. As dificuldades emocionais, cognitivas e de manejo dos pais com os filhos eclodiram de maneira rápida e intensa, sendo necessárias muitas entrevistas com famílias e alunos, para que o processo de ensino e aprendizagem fosse adequado para o contexto familiar.

Sabe-se que uma das funções da Orientação Educacional inclui os atendimentos às famílias e aos alunos, mas, na pandemia, o trabalho exigiu vinculação e estratégias mais objetivas e periódicas para que as demandas fossem atendidas e a funcionalidade do ensino remoto ocorresse. O SOE na escola deve mediar os processos entre o ensino e a aprendizagem, assegurando o desenvolvimento das competências socioemocionais, na busca pela Formação Integral dos alunos, tornando-os cidadãos comprometidos por uma sociedade mais justa e fraterna.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar o trabalho desenvolvido pelo SOE do Colégio Anchieta na relação família-escola durante a pandemia, à luz da Pedagogia Inaciana. A autora desse trabalho é orientadora educacional do Colégio em questão, onde atua há 12 anos. A pesquisa nasce a partir da experiência do SOE em um momento em que o mundo precisou se reinventar, se transformar para desempenhar suas funções de modo efetivo e diferenciado com todos os protagonistas do ambiente educativo.

Portanto, para melhor ilustrar as funções do SOE no decorrer da pandemia da COVID-19, foram realizadas três entrevistas semiestruturadas com colegas de área do Ensino Fundamental I. As funções da orientação foram mapeadas e analisadas frente às mudanças provocadas pela chegada da pandemia, a partir das dimensões do Paradigma Pedagógico Inaciano na prática, e foram identificadas as contribuições do serviço para o retorno presencial e para as relações família-escola. Acredita-se que esses aspectos poderão qualificar a abordagem praticada com as famílias em contextos desafiantes. Além

da atualização dos aportes teóricos da área de Orientação Educacional, o artigo revisita e aprofunda os conhecimentos da Pedagogia Inaciana.

Este artigo estrutura-se da seguinte forma: o capítulo 2 apresenta o referencial teórico sobre a Orientação Educacional, a relação família-escola e os fundamentos da Pedagogia Inaciana na prática educativa. O capítulo 3 trata da metodologia utilizada, uma pesquisa com abordagem qualitativa. Por fim, o artigo apresenta os resultados da pesquisa, bem como a análise dos dados e as considerações finais, concluindo com o propósito de qualificar o trabalho desempenhado pelos profissionais da educação na relação família-escola.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta fundamentação teórica estrutura-se primeiramente com a contextualização da Orientação Educacional na educação do Brasil e sua importância para o trabalho escolar. A segunda subseção refere-se à relação família-escola, caracterizando as duas instituições sociais como potentes e necessárias no apoio para o desenvolvimento das habilidades e das competências dos alunos. A terceira subseção destaca os principais fundamentos da Pedagogia Inaciana para a prática educativa e para os Colégios da Companhia.

### 2.1 Orientação Educacional

A trajetória da Orientação Educacional passou por transformações bastante significativas e importantes na educação. Na década de 1940, com o decreto n. 17.698, de 1947, referente às Escolas Técnicas e Industriais, o foco do trabalho do SOE restringia-se à ordenação da sociedade brasileira (DAVID, 2017), visando ajudar os adolescentes em suas escolhas profissionais. Com o passar dos anos, novas alterações nas leis e, consequentemente, ampliação nas atribuições, fica evidenciado que uma das suas tarefas era preparar o sujeito para o mundo do trabalho, em razão das mudanças na sociedade.

Com a Lei n. 9394, de 1996, que trata das Diretrizes e Bases da Educação, além de educador, um especialista da educação, o orientador educacional é visto como um dos profissionais da equipe de gestão da escola. Trata-se de um profissional que necessita envolvimento, participação na construção e na execução do projeto político pedagógico da escola, a fim de mediar e auxiliar o educando na sua trajetória de aprendizagem, desde as questões relacionais, pedagógicas e outras, tudo que possa interferir no processo da sua aprendizagem (GRISPUN, 2001). De acordo com Monteiro et al. (2020, p. 2),



“o orientador educacional representaria, então, uma ponte entre a discência, a docência e a gestão no ambiente escolar.”

Atualmente, a Orientação Educacional busca maior aproximação com o processo pedagógico e, com isso, o compromisso de possibilitar o desenvolvimento integral dos sujeitos, mediando e contribuindo para que se efetive o ensino e a aprendizagem. Para Bugone, Dalabetha e Bagnara (2016, p. 2), o orientador atua “[...] buscando o desenvolvimento integral do estudante, sendo o mediador entre os professores, funcionários, estudantes e sociedade”. A orientação vai contribuir para que todos os envolvidos no percurso de aquisição do conhecimento pelo aluno sejam mediados e auxiliem em todos os desafios que impossibilitam esta construção, pois o orientador, com seus conhecimentos específicos aliados à sua formação como base à docência, é sujeito responsável de transformação (BUGONE, DALABETHA e BAGNARA, 2016).

Não resta dúvida que a Orientação Educacional atua especialmente com educandos, mas também com todos aqueles que estão diretamente associados e envolvidos no processo de formação da Aprendizagem Integral: a comunidade educativa. Porém, a família é um dos principais protagonistas. A escola, na função da orientação, tem a incumbência de buscar a responsabilidade, a participação, o envolvimento dos pais com suas ações, com o acompanhamento dos estudos dos filhos em toda a Educação Básica. De acordo com Rosa (2018, p. 19):

A Orientação Educacional também promove a integração da escola com a família, buscando aproximar e favorecer a participação dos pais com a tarefa educativa, orientando-os para o acompanhamento em relação aos estudos dos filhos, como também da importância de sua participação ativa e efetiva nas atividades escolares.

Portanto, o orientador educacional se mostra como gestor, organizador e profissional responsável pela formação integral dos alunos, proporcionando a criticidade, o diálogo e a efetivação da proposta pedagógica da sua escola em busca de uma sociedade mais justa.

## 2.2 Relação família-escola

Após a Revolução Industrial, foi notável o crescimento do capitalismo na sociedade e as novas oportunidades no mercado de trabalho, principalmente para as mulheres, que antes, por um padrão histórico e social, deveriam ficar atreladas às lidas domésticas e cuidados da família (SOARES, 2011). Muitas mulheres, mães, foram em busca de trabalho, algumas para auxiliar no orçamento da família e outras em razão da expansão do consumismo.

Como consequência, observou-se algumas mudanças importantes na sociedade, na rotina e no comportamento dos membros das famílias, assim como na escola. A atenção, a tarefa de educar e o auxílio nos deveres de casa, que antes eram desempenhados pelos pais, deixaram de existir. O propósito das lições de casa e dos estudos além da escola é fundamental para a consolidação da aprendizagem e uma oportunidade para os pais acompanharem o desenvolvimento da criança. Porém, algumas famílias consideram que essa é mais uma obrigação que necessita a cobrança do filho na realização, em um contexto de muitas demandas do trabalho diário (PINHEIRO, 2007).

Nas últimas décadas, essas alterações se intensificaram, e com a necessidade de manter o padrão social alguns membros da família, muitas vezes, decidem duplicar sua jornada de trabalho para poder oferecer à família a qualidade de vida que almejam. Isso pode resultar na ausência e na falta de cuidados importantes para a formação saudável da criança na fase inicial da alfabetização. Conforme Pinheiro (2007), a escola e a família devem compartilhar responsabilidades para melhor auxiliar no desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões. A criança que percebe que a família está acompanhando suas responsabilidades e tarefas, a fim de buscar o sucesso da sua aprendizagem, manifesta o entusiasmo, a motivação para aprender. De acordo com Soares (2011, p. 2),

Ao perceber a diferença no rendimento escolar dos alunos que possuem acompanhamento da família em seu processo de aprendizagem, constata-se que os que têm mais incentivo da família, com um acompanhamento mais intenso, de modo geral, atingem um rendimento superior àqueles que quase não têm a motivação nem o acompanhamento da família em seus filhos; contudo, essa conciliação é complexa na configuração da atual sociedade capitalista.

Em algumas famílias com maiores condições financeiras, esses acompanhamentos recaem em terceiros, como babás e professoras particulares, o que não deveria eximir a atenção e responsabilidade dos pais, pois eles são os maiores influenciadores na personalidade dos sujeitos. Entendemos que os cuidados necessários, higiene, afetos e tudo que a criança precisa para se desenvolver são de responsabilidades da família. No momento atual, com o início da pandemia, as instituições sociais família e escola foram obrigadas a se organizar para oferecer um ambiente de aprendizagem minimamente semelhante ao presencial. De acordo com Pretto, Bonilla e Sena (2020, p. 5), “para as famílias de classes mais abastadas, a novidade [da pandemia] é a convivência cotidiana entre todos os seus membros, algo que há muito já havia sido relegado a um segundo plano”.

A pandemia causada pela COVID-19 proporcionou profundas e crescentes mudanças por parte das escolas. Cada alteração sempre se deu em decorrência da necessidade dos alunos, e consequentemente dos pais, pela dificuldade de não saber o que fazer para que os filhos tivessem a mesma aprendizagem do formato presencial.

Conforme Dalben (2019, p. 6),<sup>2</sup> “famílias cobram incessantemente conteúdos, tempos de aulas com a presença dos professores”. Algumas famílias ora exigiam mais tempo de aula síncrona, ora solicitavam a diminuição da carga horária pela dificuldade em manter a criança em frente a uma tela por um tempo mais longo.

Em contrapartida, ao longo de 2020, as famílias seguiram desempenhando sua jornada de trabalho em casa, tendo que organizar espaço físico e estrutura tecnológica para todos, sem poder contar com alguém que pudesse oferecer auxílio nas demandas domésticas, por conta do isolamento social e/ou dificuldades financeiras. Esse processo desencadeou muitos problemas emocionais, de relacionamento e até mesmo psiquiátricos. As famílias viram-se atormentadas, pressionadas e cansadas para resolver diversas demandas em tão pouco tempo, e uma delas, a escola dentro de casa, com todas as suas particularidades (DALBEN, 2019).

Sabe-se que as instituições escola e família são fundamentais para a constituição dos sujeitos, cada uma com suas incumbências. A escola, além da função da construção do conhecimento, deve promover aos alunos o diálogo, a reflexão para a estruturação de um mundo mais justo, com maiores oportunidades, e constituir um local de transformação social. É um dos espaços responsáveis pela construção das relações e interações com o meio, aspectos necessários para a Formação Integral e para a convivência em sociedade. A família precisa considerar a escola como um espaço de objetivos comuns que convergem para o sucesso da aprendizagem.

A educação jesuítica espera dos seus Colégios o trabalho fundamentado na Pedagogia Inaciana, tendo como missão a excelência acadêmica e a formação de homens e mulheres para os demais, competentes, conscientes, compassivos e comprometidos em busca de um mundo melhor. Na próxima subseção, veremos como a Pedagogia Inaciana orientou o trabalho do SOE.

## 2.3 Fundamentos da Pedagogia Inaciana na prática educativa

A prática desenvolvida em todos os Colégios da Rede Jesuíta no mundo segue as leis orgânicas de cada país e os princípios das *Características da Educação da Companhia de Jesus*, que tem como modelos a figura de Jesus Cristo e os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. Com a necessidade de que os leigos pudessem colocar em prática a metodologia dos Exercícios Espirituais, foi encaminhada pela Comissão Internacional do Apostolado da Companhia (ICAJE) a elaboração de um projeto que auxiliasse os educadores de forma mais prática: os métodos pedagógicos inacianos.

---

<sup>2</sup> A revista Paidéia, que publicou o artigo desta autora, é datada de 2019, mas a publicação ocorreu no dia 14 de dezembro de 2020.

O que resultou, logo em seguida, em um outro documento, *A Pedagogia Inaciana*, como uma proposta mais explícita e aprofundada do capítulo 10 das *Características da Educação da Companhia de Jesus*.

Os fundamentos da Pedagogia Inaciana estão propostos no Projeto Pedagógico Inaciano (PPI), que tem como finalidade introduzir uma estratégia dos ensinamentos do fundador ao ensino e à aprendizagem (PEDAGOGIA INACIANA, 2003). O seu objetivo maior não está atrelado somente ao conhecimento acadêmico, mas à formação dos indivíduos integralmente, como sujeitos conscientes, competentes, compassivos e comprometidos, ou seja, formando “homens e mulheres para os demais”, imbuídos na busca por uma sociedade mais humana, ética e justa (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016). As instituições de ensino, a partir dos pressupostos da Pedagogia Inaciana, devem ter como missão: a formação de alunos perseverantes, com condições de modificar os sistemas sociais e educados na fé de Cristo. Com isso, espera-se dos educadores o desenvolvimento de uma metodologia com base nas dimensões do PPI – contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação – de forma constante (PEDAGOGIA INACIANA, 2003). O professor precisará promover no aluno uma compreensão crítica do contexto em que está inserido, possibilitando a experiência como ponte para motivação da aprendizagem e a reflexão. A formação compreende um exercício sistemático para apropriação desses saberes envolvidos, avaliando-os e modificando-os para aprimorá-los, oportunizando aos alunos colocarem em ação os valores da Companhia de Jesus e as habilidades necessárias para o seu desenvolvimento integral.

Os aportes teóricos da prática inaciana trazem contribuições relevantes para a educação, por meio de uma metodologia que favorece o desenvolvimento das habilidades e das competências necessárias para Formação Integral dos alunos. Uma educação que evidencie o protagonismo de toda a comunidade no processo educativo, enfatizando as potencialidades dos sujeitos, respeitando a sua individualidade. Um ensino que promova a excelência acadêmica e humana, através da reflexão, experiência e ação, a fim de transformar a realidade social. O capítulo destacou conhecimentos importantes para o desenvolvimento da prática docente, na perspectiva de possibilitar aos alunos o conhecimento, a cidadania global, o respeito às diferenças, ou seja, aspectos que oportunizem a sua integralidade como sujeitos no mundo. O Serviço de Orientação Educacional desempenha suas funções cotidianamente, atreladas às dimensões do Projeto Pedagógico Inaciano, tanto nos aspectos cognitivos, socioemocionais e espirituais-religiosos. As reuniões com os pais, os atendimentos aos alunos, aos professores e o desenvolvimento de projetos perpassam pela reflexão, experiência, vivência, diálogo e escuta, que são alguns dos referenciais da Pedagogia Inaciana para o trabalho educativo nos Colégios da Rede Jesuíta de Educação.

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida tem natureza qualitativa. Para responder ao objetivo deste estudo, o procedimento metodológico utilizado para a construção deste trabalho foi a técnica de entrevista semiestruturada, por proporcionar uma coleta de dados mais exata, atualizada e por favorecer uma aproximação do campo de investigação. A escolha por essa técnica se deu pelo conhecimento aprofundado da pesquisadora sobre a fonte do estudo, a Orientação Educacional. De acordo com Duarte (2004, p. 216), é importante conhecer “com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação”. A aproximação favorece a interação do entrevistador com o entrevistado e o compartilhamento de experiências, contribuindo para a avaliação e a comparação das informações em relação ao referencial teórico construído (AZEVEDO; MACHADO; SILVA, 2011).

O estudo focalizou o trabalho desenvolvido pela orientação educacional nos anos iniciais. Essa escolha deu-se em razão dos desafios existentes na relação família-escola, especialmente em um momento que afeta toda humanidade. O Ensino Fundamental I do Colégio Anchieta é composto por 1.233 alunos e 70 professores.

Deste modo, foram entrevistadas três pedagogas com a formação em Orientação Educacional, atuantes no Colégio Anchieta de Porto Alegre, que, neste ano completou 131 anos de história no ensino da capital. Portanto, uma caminhada construída com prestígio e credibilidade por parte da sociedade. Atualmente, a instituição atende 3.200 alunos, desde a Educação Infantil até a 3ª Série do Ensino Médio, e exige dos profissionais o comprometimento, a competência e a experiência no que se propõe, enquanto instituição jesuítica. As entrevistadas foram identificadas por números, sem qualquer relação com o Ano que atendem, a fim de não serem identificadas. Cada uma apresenta um tempo bastante considerável em experiência para que o trabalho se efetive. Duas participantes possuem maior tempo de trabalho no Colégio: uma tem 26 anos de Colégio Anchieta e outra, 17 anos. A terceira participante está há oito anos. As entrevistas foram gravadas e ocorreram pela plataforma *Teams*, levando em média 40 minutos cada uma. Uma entrevistada solicitou acesso às perguntas com antecedência para que pudesse planejar as respostas de forma completa e clara, o que ocorreu. Todas as entrevistadas demonstraram envolvimento durante a atividade e engajamento ao responder o que estava sendo perguntado. Percebeu-se que o fato de gravar os encontros não foi algo que trouxe tranquilidade no início, talvez por não ser apenas uma gravação de falas, mas também da imagem. Foi esclarecido às participantes que as mesmas não seriam identificadas e que os dados seriam destinados apenas para uso da pesquisa.

A entrevista foi composta por oito perguntas que propiciaram o diálogo e a discussão relacionada ao problema de pesquisa, que foi: Em que medida o Paradigma

Pedagógico Inaciano contribuiu para o trabalho desenvolvido pelo Serviço de Orientação Educacional do Colégio Anchieta na relação família-escola durante a pandemia? O roteiro de entrevista encontra-se no Apêndice A. Conforme Azevedo, Machado e Silva (2011, p. 67), “o fluxo do diálogo é mais livre e requer do pesquisador mais atenção para que todos os tópicos de interesse sejam cobertos”. Para diferenciar as falas das entrevistadas das demais citações, as transcrições serão apresentadas em itálico.

As entrevistadas foram questionadas sobre suas principais atribuições, princípios direcionadores e desafios encontrados em suas práticas. Também puderam abordar sobre a relação família-escola em diferentes contextos e na pandemia da COVID-19, tendo como documento norteador a Pedagogia Inaciana. Suas respostas foram ordenadas em três partes para melhor organização do trabalho: Na 1ª parte, a prática do Serviço de Orientação Educacional na pandemia da COVID-19; na 2ª parte, a Orientação Educacional e o Paradigma Pedagógico Inaciano; e na 3ª parte, a relação família-escola.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os resultados desta pesquisa foram obtidos através de três entrevistas realizadas com Orientadoras Educacionais do Colégio Anchieta, de Porto Alegre, no Ensino Fundamental I. Assim, a análise foi dividida em três subtítulos de acordo com os temas mais relevantes das entrevistas.

### 4.1 A prática do Serviço de Orientação Educacional na pandemia da COVID-19

Uma das principais falas das orientadoras entrevistadas, na sua prática desde o início da pandemia da covid-19, trouxe os desafios que a tecnologia exigiu de todos os envolvidos, família, escola, professores e alunos, principalmente na aquisição do conhecimento. A orientadora 1 mencionou a quantidade de reuniões individuais com os pais, para falar sobre as demandas instigadas pelas aulas síncronas. A entrada nos lares das famílias e dos professores, em um tempo de isolamento, mostrando suas particularidades e funcionamento, também trouxe um desconforto e mostrou as fragilidades humanas, no cotidiano da prática educativa. A orientadora 3 comenta isso em uma de suas falas:

*Tivemos acessos a muitas vulnerabilidades, gerando um custo alto para o SOE, que foi um serviço que trabalhou muito com as questões disfuncionais de muitas pessoas. Foi um momento de muitos desafios que nos exigiram manter um equilíbrio para ajudar, acolher e fazer uma escuta compassiva e empática.*

Essa fragilidade e essa exposição são trazidas por Dalben (2019, p. 4), que exemplifica: “E neste clima de mudanças, as pessoas envelhecem, adoecem, tornam-se mais violentas, menos felizes, menos alegres, mais vulneráveis a toda e qualquer nova tensão ou nova pressão”.

As ferramentas também proporcionaram muitas aprendizagens, nunca imaginadas, mas necessárias para que o Colégio pudesse desenvolver sua missão educativa. Conforme a orientadora 2, a pandemia *“Trouxe muitas aprendizagens, que antes julgávamos impossíveis de serem realizadas”*. Dalben (2019, p. 8) descreve as experiências na pandemia: “vivendo situações nunca antes vividas, com exigências de novas formas de se comportar, de interagir, de viver e de se cuidar, intensamente estamos aprendendo coisas, aprendendo sobre o mundo”. Assim, esse novo tempo exigiu inúmeras capacitações para a utilização dos recursos da plataforma *Teams* de forma adequada, demandando conversas com professores, orientando-os na condução com os alunos, a fim de favorecer um ambiente propício para a aprendizagem, na busca pelo mais próximo do modelo presencial. De acordo com a orientadora 1: *“Precisamos realizar muitos atendimentos aos professores para auxiliar na condução dos alunos e famílias”*.

Quanto à prática das orientadoras educacionais, no período do isolamento social, ficou evidente que as demandas foram desafiantes a cada dia, requisitando ajustes entre as equipes de serviços, reuniões diárias, atendimentos de todos os envolvidos na aprendizagem. Atribuições essas, não somente realizadas na pandemia, mas que foram mais intensas e potencializadas no período. Conforme afirmou a orientadora 1: *“Tudo se potencializou na pandemia”*.

A autora observou nas entrevistas que as práticas das orientadoras estão alinhadas às atribuições que a instituição espera do profissional, em quaisquer contextos, como nos atendimentos para todos os atores envolvidos no processo de ensino (famílias, professores, equipe, alunos e profissionais especializados). As práticas desenvolvidas estão em conformidade com o Projeto Educativo Comum (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2021, p. 44), pois “a Equipe Diretiva e as equipes de trabalho da Unidade Educativa colocam-se na condição de corresponsáveis pelo processo educativo e pela missão institucional”. Trabalhou-se também no desenvolvimento de projetos com temáticas específicas e necessárias de acordo com a faixa etária de atuação. Houve a participação em reuniões semanais sobre o funcionamento e o planejamento do trabalho, na perspectiva da Aprendizagem Integral do educando. (ORIENTADORAS 1, 2 e 3). No retorno ao ensino presencial, após sete meses de aulas no ambiente remoto, o SOE foi um serviço que precisou refletir e realizar uma readaptação dos alunos e dos professores em um espaço físico demarcado, diferente de outros momentos e com muitos protocolos de saúde (ORIENTADORA 3). Também teve de orientar os professores para o acolhimento com afetividade e com segurança para evitar o contágio. De acordo com a orientadora 3: *“Tivemos que trabalhar*

*a aproximação dos professores aos alunos em função do medo do contágio*”. A preparação dos docentes para desempenhar a docência em duas modalidades concomitantes requereu planejamento e momentos de simulação presencial na plataforma em sala de aula. De acordo com a orientadora 3: *“Preparar os professores para dar conta das duas modalidades, no espaço da escola, vem sendo um grande desafio”*.

A organização dos grupos em cada turma demandou muitas trocas entre as entrevistadas para o atendimento às solicitações das famílias com mais de um filho, para que ficassem na mesma semana de aula presencial. Segundo explicou a orientadora 1: *“Tivemos que dedicar alguns dias somente para a organização dos grupos de cada turma, procurando atender todas as situações de irmãos”*.

Diante das falas das orientadoras sobre a prática do SOE na pandemia, fica claro o quanto foi vultosa, diversa e importante a prática do serviço, principalmente durante o ensino totalmente remoto. O serviço afirma a validade e a diferença que suas atribuições e contribuições trazem na relação ensino e aprendizagem, no percurso de aquisição do conhecimento dos alunos, independente do contexto, na busca por uma formação de cidadãos na sua totalidade. Conforme Grinspun (2001, p. 13): *A Orientação, hoje, está mobilizada com outros fatores que não apenas e unicamente cuidar e ajudar “os alunos com problemas.” Há, portanto, necessidade de nos inserirmos em uma nova abordagem de Orientação, voltada para a “construção” de um cidadão que esteja mais comprometido com o seu tempo e sua gente.*

## 4.2 Orientação Educacional e o Paradigma Pedagógico Inaciano

Em todas as entrevistas realizadas, as orientadoras afirmaram que os direcionadores de suas práticas estão fundamentados na Pedagogia Inaciana. O Paradigma Pedagógico Inaciano é o principal documento da Companhia de Jesus para educação, que tem como proposta a prática pedagógica baseada nos Exercícios Espirituais.

A Pedagogia Inaciana recomenda aos educadores um modelo de ensino que seja permeado por cinco dimensões: a contextualização, a experiência, a reflexão para aprofundar a experiência, a ação e a avaliação do processo. Conforme a orientadora 3, *“estar em uma escola da Companhia de Jesus é ser serviço, requer conhecimento de onde estamos e para onde queremos ir. Os fundamentos e os marcos da Pedagogia Inaciana, contexto, ação e reflexão”*. Klein (2015, p. 187) afirma que a *“característica de importância decisiva do Paradigma Inaciano é a introdução da reflexão como dinâmica essencial”*. Com o desenvolvimento dessas dimensões, é possível que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de forma integral e significativa para todos os envolvidos. A orientadora 2 mencionou em sua fala a importância de algumas dimensões para aprendizagem do aluno:



A comunidade educativa tem claro o propósito do PPI, pensar o todo do aluno, o cidadão que é preciso entregar na conclusão da Educação Básica. Nossos objetivos estão alinhados na busca de entender o contexto, a experiência, o conhecimento de forma que a aprendizagem aconteça.

O Paradigma Pedagógico Inaciano, como já mencionado, é um dos documentos que traz os principais subsídios para o desenvolvimento do trabalho do Serviço com professores, equipe, alunos e famílias. Pôde-se observar que ele está presente nos planejamentos e nas estratégias de ensino. A orientadora 3 explica que *“o que direciona o meu trabalho, basicamente, é a proposta humanizadora e cristã que o PPI propõe”*. O PPI sugere uma experiência que conduza à Formação Integral dos sujeitos, não somente voltada à excelência acadêmica, mas à excelência humana. Para a orientadora 2, *“a Formação Integral é o fio condutor de toda proposta do Colégio”*. Seus conhecimentos demonstram uma identidade própria e única, engajada na formação para a excelência humana. Esta identidade foi abordada também na fala da orientadora 1: *“A Pedagogia Inaciana nos propõe um modo de ser único e próprio, que não existe em outras escolas, o acolhimento, discernimento e a escuta”*. O alinhamento da prática pedagógica em uma escola oportuniza a unidade, o planejamento integrado, o cumprimento da missão do que se propõe. Possibilita ao professor segurança para o desenvolvimento da docência, resultando na confiabilidade das famílias e no entendimento da proposta pedagógica da Instituição.

### 4.3 A relação família-escola

A interação família e escola é uma relação que está presente em muitos aportes teóricos, por algumas décadas, e é fundamental para o ensino e a aprendizagem. De acordo com Soares (2011, p. 4), *“a família interfere de forma relevante no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança na escola”*. As responsabilidades quanto à educação, desempenhadas na escola e na família, tratam de aspectos semelhantes, porém diferentes. Sendo um dos principais assuntos discutidos em reuniões pedagógicas, pela relevância da parceria entre ambos para a aprendizagem. Não é diferente nos Colégios da Rede Jesuíta de Educação, tal é a importância da relação que uma das dimensões do processo educativo é a família e a comunidade local. A busca pela colaboração da família, tendo em vista as necessidades dos alunos, é uma das demandas apresentadas pelas orientadoras entrevistadas, para auxiliar no processo de aquisição do conhecimento. A importância do conhecimento da realidade do aluno para o sucesso da aprendizagem é afirmada por Grinspun (2001, p. 29): *“O papel do orientador educacional na dimensão contextualizada diz respeito, basicamente, ao estudo da realidade do aluno, trazendo-a para dentro da escola, no sentido da melhor promoção do seu desenvolvimento”*.

Conforme a orientadora 2, *“o SOE busca na família a soma de olhares para trazer a aprendizagem para as crianças”*. O compromisso, a responsabilidade e a preocupação

pela aprendizagem do aluno são aspectos necessários para a troca entre a família e a escola. A orientadora 2 ponderou sobre esse assunto: *“Mostrar para a família que eu respeito, sim, o seu tempo, ritmo, mas como educadora tenho a responsabilidade de apontar o que é esperado para o ano de aprendizagem deixa a família mais segura”*. Buscar a maior participação dos pais em palestras e oficinas sobre temáticas que possibilitam o conhecimento e a condução com os filhos vem sendo um desafio e um recurso bastante utilizado pelo Colégio para a aproximação com toda a comunidade de pais, como lembrou a orientadora 2. Essa busca pela aproximação das famílias com as instituições de ensino pode garantir o êxito dos alunos, na sua totalidade, durante a trajetória escolar. A criança que é acompanhada por aqueles que lhe dão o afeto e atenção demonstra maior motivação pelo aprender. De acordo com Soares (2011, p. 2),

Ao perceber a diferença no rendimento escolar dos alunos que possuem acompanhamento da família em seu processo de aprendizagem, constata-se que os que têm mais incentivo da família, com um acompanhamento mais intenso, de modo geral, atingem um rendimento superior àqueles que quase não têm a motivação nem o acompanhamento da família em seus estudos.

As famílias, atualmente, vêm demonstrando uma postura muito individualizada em relação à convivência e a tudo que envolve a aprendizagem dos filhos, dentro da instituição escola. Não percebem a importância que a escola ocupa na sociedade, ao propiciar o desenvolvimento de habilidades e competências, além do trabalho pedagógico, necessários para a vida, para a Formação Integral. A fala da orientadora 3 traz que *“as famílias viraram microsistemas com dificuldades de enxergar a escola como um local social, de convivência coletiva e não individualizado”*. A parceria dessas duas instituições ainda está em um processo e a escola tem o compromisso de continuar caminhando para esse objetivo.

A instituição escola precisa ter propósitos bem definidos nas suas atribuições e contar com a família para isso, não apenas na transmissão do conhecimento, mas de aguçar as potencialidades dos alunos, tornando-os únicos, a fim de fazerem a diferença na sociedade. Biesta (2017) enfatiza a importância do papel do professor como responsável pelo desenvolvimento de educandos singulares e imbuídos na busca do mundo de pluralidade e diferença.

Foi possível verificar nas entrevistas que existe muito ainda a ser feito para que a relação família-escola tenha os mesmos propósitos. É preciso continuar propiciando às famílias a presença em momentos de formação com assuntos que auxiliem no manejo com os filhos, reuniões com professores, participação em reuniões que contem com a representatividade da comunidade educativa. A escola também precisa oportunizar a cooperação em projetos sociais e atividades de convivência, promovendo a interação

com as demais famílias. Encontros e ações que possibilitem aos pais compreenderem que a escola é um ambiente de aquisição de conhecimento e de aprendizagem social e coletiva, do individual para o compartilhado, um espaço de desenvolvimento de competências e, sobretudo, de Formação Integral.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o trabalho desenvolvido pelo Serviço de Orientação Educacional do Colégio Anchieta na relação família-escola durante a pandemia, com base nos princípios da Pedagogia Inaciana. A pesquisa corroborou para muitas reflexões, especialmente sobre quanto o Serviço de Orientação Educacional e a escola são importantes agentes, na busca do diálogo, parceria e na transformação dos alunos, para que tenhamos uma sociedade melhor, menos desigual e mais fraterna. Para que a responsabilidade compartilhada entre família e escola promova o desenvolvimento do sujeito da aprendizagem, o aluno. A aprendizagem acadêmica e integral só é possível se houver o reconhecimento das potencialidades, o respeito à individualidade, o fomento da criticidade, da criatividade, do diálogo e da reflexão dos alunos. Esse resultado depende da relação de sintonia estabelecida entre os responsáveis pelos alunos durante o processo. Conforme Vygotsky (2000, p. 87):

A educação (recebida na família, na escola, e na sociedade de um modo geral) cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola.

Para a autora, o contexto educacional continua sendo um espaço potente para o desenvolvimento humano, nas suas dimensões cognitivas, socioemocionais e espirituais-religiosas. As famílias precisam compreender que a escola pode ser um laboratório de experiências para a vida em sociedade. Essa compreensão é afirmada no Projeto Educativo Comum (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 37):

A proposta pedagógica dos Colégios Jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos.

Portanto, o Serviço de Orientação Educacional contribui e poderá continuar contribuindo muito através do Projeto Rede de Pais, para que esse discernimento e

entendimento possam ser alcançados pelo Colégio Anchieta. O objetivo do projeto, juntamente com a Associação de Pais e Mestres (APM), desde 2006, é de acompanhar, apoiar, fortalecer vínculos e acolher os pais em sua complexa tarefa de educar, em consonância com sua missão de educar. Com as informações obtidas e os estudos realizados na pesquisa, verificou-se a importância e a necessidade do trabalho da Orientação Educacional no ambiente escolar, em relação ao olhar pedagógico diferenciado para o que interfere e demanda o processo de ensinagem. De acordo com Grinspun (2001, p. 29), “precisamos nos juntar aos demais profissionais da educação, e, dentro das nossas especificidades, favorecer as relações entre o desenvolvimento e o aprendizado”. Nessa direção, uma possibilidade que poderá qualificar as ações desenvolvidas e auxiliar na aprendizagem dos alunos é a realização de reuniões pedagógicas trimestrais para pais e professores sobre o desenvolvimento humano de acordo com cada faixa etária.

As falas das entrevistadas ressaltaram que, no período totalmente remoto, a carência pelo presencial e o manejo para condução dos alunos nas aulas foram as maiores necessidades. O que deixa a certeza de que o contato olho no olho, o abraço e o toque, e a presença do professor da Educação Básica são imprescindíveis para o desenvolvimento da aprendizagem. A pandemia da COVID-19 proporcionou inúmeros desafios no mundo, muitas aprendizagens importantes e necessárias, mas também está demonstrando a desigualdade absurda na educação do Brasil. Conclui-se que a presença e a atuação contínua do SOE são determinante para o desenvolvimento da aprendizagem e o aprimoramento da relação família-escola, durante e após a pandemia.

Portanto, a partir das entrevistas realizadas, análise e reflexões sobre o trabalho, suscitou-se a possibilidade da continuidade do estudo ou desenvolvimento de nova pesquisa, tendo como enfoque as famílias. A fim de, conhecer a percepção dos pais em relação, as principais atribuições, aos desafios e os direcionadores da prática pedagógica que a escola permeia cotidianamente, na busca pela excelência humana e acadêmica.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Debora; MACHADO, Lisiane; SILVA, Lisiane Vasconcellos da. (orgs.). **Métodos e procedimentos de pesquisa: do projeto ao relatório final**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: Educação democrática para um futuro humano**. Tradução Rosaura Eichenberg. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).
- BUGONE, Ana Claudia; DALABETHA, Andiará; BAGNARA, Ivan Carlos. O orientador educacional e seus desafios no contexto escolar. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 11, n. 23, Janeiro/Junho, 2016. ISSN: 1809-6220.
- DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. Relação família x escola em tempos de pandemia. **Paideia: Revista do curso de Pedagogia da Universidade FUMEC**, Belo Horizonte, ano 14, n. 22, p. 11-29, jul. dez. 2019. Publicado em 14 dez. 2020.
- DAVID, Ricardo Santos. Orientador educacional: a criação de espaços de participação social e exercício da cidadania. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 4, n. 5, 2017.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.
- GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin (org.). **A Prática dos Orientadores Educacionais**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- KLEIN, Luiz Fernando. **Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- MONTEIRO, Bianca Resende; CORREIA, Alícia Souza Uchôa; CORRÊA, Lajara Janaína Lopes; FREITAS, Maria da Conceição Silva. A formação e o trabalho do(a) orientador(a) educacional. **Linhas Críticas**, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, v. 27, 2021, pp. 1-17.
- PEDAGOGIA INACIANA: uma proposta prática. Tradução de Pe. Maurício Ruffier, SJ. 5. ed. Loyola: São Paulo, 2003.
- PINHEIRO, Maria Helena Câmara. **Relação família-escola e tarefas escolares nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências/Área: Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza (orgs.). **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19**. Salvador: Edição do autor, 2020.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **PEC: Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2016.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação Básica: 2021-2025**. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

ROSA, Maria Lúcia Fonseca da. **A importância do trabalho do orientador educacional na gestão escolar**. 2018. Monografia (Especialização em Gestão Educacional) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Aberta do Brasil, Santana do Livramento, 2018.

SOARES, Thaís Araújo. **A relação família-escola na construção de uma aprendizagem significativa da leitura e da escrita nos 1º e 2º anos do ensino fundamental**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Faculdade São Luís de França, Aracaju, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamentos e linguagens**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

## APÊNDICE A

### PERGUNTAS DA ENTREVISTA:

1. Quais as principais atribuições do seu trabalho no SOE hoje?
2. Quais os direcionadores para a prática do seu trabalho?
3. Quais os maiores desafios que você encontra no seu trabalho no SOE?
4. O que mudou no seu trabalho com a chegada da pandemia?
5. E quais os desafios que a pandemia trouxe?
6. No contexto de retomada das aulas presenciais, que contribuições o SOE trouxe?
7. Você acredita que o PPI direciona sua prática como orientadora? Como?
8. O que você gostaria que fosse diferente ou melhor na relação família-escola hoje?

Gustavo da Costa



## *O VOLUNTARIADO NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO INTEGRAL*

### 1. INTRODUÇÃO

Outro dia tive contato com um texto do Padre James Hanvey, S.J, por ocasião da preparação para o II COLLOQUIUM JESEDU-Global2021. Colocava ele a seguinte pergunta:

Entonces, ¿Qué relevância tiene Dios?. ¿Qué relevância tiene la fé? ¿Qué perderíamos realmente si la dejáramos de lado, y todas las preguntas y tensiones que podría generar? ¿Serían nuestras escuelas menos eficaces o atractivas o estarían guiadas en menor medida por valores éticos y educativos claros? (HANVEY, 2021, p. 3)<sup>2</sup>

Confesso que a pergunta me fez pensar sobre minhas práticas, enquanto Orientador Religioso, Espiritual e de Pastoral e professor de Ensino Religioso do 9º Ano do Ensino Fundamental, funções que desempenho hoje no Colégio Anchieta, em Porto Alegre.

---

*Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); atua no Colégio Anchieta de Porto Alegre/RS, desempenhando as funções de Professor e Orientador Religioso, Espiritual e de Pastoral (SOREP).*

*Artigo apresentado ao curso de Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orientação: Profª. Ms. Christiane Miranda Sisson.*

<sup>2</sup> *Texto da palestra do Padre James Hanvey, S.J. Disponível em: <https://www.educatemagis.org/wp-content/uploads/2021/05/JESSEDU-Global2021-James-Hanvey-SJ-Spanish-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.*



Nasci em Triunfo (RS), onde vivi junto com os meus pais até os 13 anos de idade. Logo após, vivenciei oito anos de formação em regime de internato para o clero diocesano: quatro anos no Seminário São José, de Gravataí/RS (menor – Ensino Médio e Propedêutico); e quatro anos no Seminário São João Batista, de Viamão/RS (maior – Ensino Superior – Filosofia e Teologia). A experiência deste tempo foi muito significativa na minha formação e continua reverberando enquanto professor e orientador religioso.

Antes de iniciar minhas atividades no Colégio Anchieta, tive a oportunidade de contribuir modestamente com o meu trabalho em outras escolas em Porto Alegre e Região Metropolitana, onde atuei em excelentes projetos, considerando as condições e o meio em que estavam inseridas. De tal experiência, urge em mim um questionamento: qual é o nosso diferencial enquanto Colégio? O que faz com que as pessoas optem pelo Colégio Anchieta em vez de se direcionarem a qualquer outra instituição de ensino? Enfim, qual o nosso diferencial em relação à aprendizagem dos nossos estudantes?

Desde 2017, atuo junto a um grupo específico no Colégio, que integra o projeto Ações Solidárias ou, como popularmente é conhecido, o “Grupo do Voluntariado”. Ao longo desses poucos e intensos anos, pude acompanhar diferentes jovens estudantes na sua busca pessoal pelo sentido da vida, por horas complementares, ou simplesmente por algo que fazer nas quintas-feiras à tarde... Diferentes são os motivos que os fazem ingressar no grupo, mas, de forma geral, o resultado de um encantamento pela proposta, de querer se envolver mais e dar seguimento nessa transformação (externa e interna), é sempre muito parecido.

A leitura do texto do Padre James levou-me a relacionar algumas vivências junto aos estudantes com a produção acadêmica para a conclusão da especialização em Educação Jesuítica, que estou realizando. Vi muito sentido em suas palavras, sobretudo na afirmação de que:

La educación es mucho más que las transacciones de conocimiento del aula. Ocurre en y a través de los valores y las relaciones vividas; las formas en que la comunidad de la escuela da forma a sus estructuras, su enseñanza, sus interacciones y procedimientos, especialmente sus sistemas de apoyo y disciplina, y las expectativas que imparte a sus alumnos, familias y personal con respecto a su comportamiento y disposiciones. Se manifestará en su visión y creatividad; en quiénes están incluidos y excluidos, especialmente en la forma en que responde a los miembros más débiles, sobre todo en esa característica jesuita del “cura personalis”: el cuidado de toda la persona, el desarrollo de sus capacidades y el aprecio de sus dones. (HANVEY, 2021, p. 5)

Enquanto Colégio Jesuíta, temos alguns compromissos em relação aos nossos estudantes que transcendem o “puramente acadêmico”. A grande pergunta que vem me

inquietação ao longo desses anos é: não seria essa a oportunidade de transformar o Voluntariado em algo indispensável na formação dos nossos estudantes? Como já dizia um importante teólogo da Igreja, Santo Agostinho: “Só amamos o que conhecemos”. Como nossos estudantes poderão conhecer essa experiência de autoconhecimento se nunca tiveram uma oportunidade – por vezes a simples opção de participar do projeto é suficiente? – de participação?

O Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) nos aponta cinco movimentos: contextualizar, agir, experienciar, refletir e avaliar. Quando pensamos no dia a dia da sala de aula dos nossos estudantes, quais experiências profundamente cristãs e inacianas estamos realmente proporcionando ao longo da construção dos seus projetos de vida? É suficiente oferecer algo tão especial de forma facultativa?

O presente trabalho pretende salientar como o Projeto Voluntariado é uma valiosa contribuição para a vida dos estudantes a partir da ação e da reflexão que propõe. Enfim, essas foram as motivações, posteriores objetivos deste artigo, que pretende ser o começo de uma investigação, sem a pretensão de constituir-se numa verdade finalizada. Reflito aqui sobre minha experiência vivida, meditada, refletida junto aos estudantes e que visa a contribuir para a constante evolução do Colégio Anchieta e dos demais Colégios Jesuítas na manutenção e no aprimoramento de uma experiência de Formação Integral profunda e humanista para todos os envolvidos no processo.

Fui buscar respostas para a minha pergunta sobre o Voluntariado ser uma experiência indispensável na formação dos(as) nossos(as) estudantes, segundo a proposta educativa dos Colégios Jesuítas, nos documentos da Companhia de Jesus, principalmente naqueles que abordam a Pedagogia Inaciana; trouxe o olhar de teóricos da educação, com destaque para Jorge Larrosa, que apresenta, de forma muito significativa, a ideia inaciana da importância da experiência na trajetória educacional de nosso educando. Realizei também uma entrevista qualitativa com alunos e ex-alunos no intuito de confirmar a premissa apontada por Larrosa.

Para melhor compreensão do funcionamento de um Colégio Jesuíta e do fundamento da questão que proponho nesse artigo, apresentarei, de forma sintetizada, alguns conceitos relevantes sobre experiência e a compreensão de cada um deles na visão de Inácio de Loyola e, hoje, do Colégio Anchieta de Porto Alegre, que tem uma história de 130 anos dedicados à prática de uma educação de qualidade, uma vez que sempre se pautou pela “excelência humana e acadêmica” – “um ser humano consciente, competente, compassivo e comprometido” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 30).

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Formação Integral

*Encontrar Deus em todas as coisas e  
ver que todas as coisas vêm do alto.*

(Santo Inácio)

Quando falamos em Educação Integral, temos como horizonte a Formação Integral dos educandos nas dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016 p. 49): esse é o foco do Projeto Pedagógico dos Colégios da Companhia de Jesus. Formação Integral abrange um âmbito maior: para a vida, para as escolhas, para um projeto de vida. Na proposta educativa da Companhia de Jesus, somos convidados a educar integralmente para formar integralmente.

### 2.2 A Espiritualidade Inaciana

A Espiritualidade Inaciana (EI) tem seu alicerce nos Exercícios Espirituais (EE), que se constituem como um itinerário de vida, mas não de qualquer forma de vida, ou seja, os EE são um caminho (ou uma “pedagogia”) de vida cristã. Um dos grandes objetivos de Inácio com os EE era, segundo Lopes (2018, p. 167), “conduzir (despertar, estimular) o exercitante no caminho de fazer opções de maior estima no seguimento de Cristo vivo, escutando o seu apelo, no serviço da fé e da justiça de um modo inculturado”.

No que diz respeito aos EE, existe uma particularidade (curiosidade): não são um método autoaplicável. Pensemos na hipótese de alguém estar desejoso de conhecer esse “método” e ávido pela leitura dos EE, onde constam as anotações de Inácio ao longo das quatro semanas. Quem ler o livro terá feito os Exercícios? Não! Os EE são mais do que uma simples leitura, são uma “experiência”, que precisa ser vivida sob acompanhamento de alguém mais experiente que, por sua vez, já tenha vivenciado a mesma prática anteriormente (com ajuda de outro “orientador”) e que seja qualificado para conduzir o acompanhamento, propondo reflexões, meditações e contemplações, orientando o exercitante sobre os sentimentos (moções) que forem emergindo ao longo da experiência.

O propósito dessas conversas era que a pessoa que dava os exercícios ajudasse a outra a compreender a experiência como um meio para fazer escolhas cristãs sábias e afetuosas em liberdade, que realmente refletissem o seu desejo de viver para ‘o maior louvor e glória de Deus’ (uma das expressões favoritas de Inácio). (LONSDALE, 2002, p. 16)

Os EE têm por objetivo o autoconhecimento. A estrutura deles apresenta uma variedade de formas de oração ou “exercícios para o espírito” que o próprio Inácio achava interessantes e proveitosos em várias ocasiões, sobretudo quando ele estava se autocomecendo e aprendendo mais sobre si e sobre como rezar, durante sua convalescença em Loyola e depois em sua estadia em Manresa. O que Inácio apresenta no livro dos EE, em outras palavras, é uma sequência ordenada de diretrizes práticas para introduzir as pessoas em novas formas de rezar, a princípio no ambiente de um retiro fechado, mas com possibilidade de ser adaptado para as circunstâncias variadas da vida cotidiana. Inácio sempre se mostrou aberto quanto à adequação dos exercícios de acordo com o desejo e a capacidade de quem os recebe.

Uma das características que também chama atenção na Espiritualidade Inaciana (EI) e que acaba por se diferenciar de algumas outras espiritualidades – como a espiritualidade presente na conhecida ordem beneditina que, de certa forma, traduz-se no lema *ora et labora*, e na espiritualidade presente nas ordens mendicantes, de forma geral, que se traduziam em um fim na própria comunidade, voltadas à oração, à contemplação e à eternidade, quase que “ignorando” o mundo e a importância da missão concreta aqui onde cada um se encontra – é o seu enfoque no mundo presente. Não que a EI não contemple o âmbito da vida eterna, mas ela é voltada para o apostolado. A comunidade, para Inácio, é o sentido da missão. Podemos dizer que a EI tem seus dois “pés no chão”, ou, como diz São Tiago em sua epístola no Novo Testamento: “a fé sem obras é morta” (Tg 2, 26), logo, devemos cultivar nossa relação com o transcendente sem nos desligarmos do presente e do nosso compromisso enquanto seres humanos, cidadãos e cristãos nesse mundo. O Deus vislumbrado por Inácio, portanto,

[...] está bem presente nesse mundo e convida as pessoas a colaborar com um projeto que tem lugar nesse mundo. Sua espiritualidade tem, claro, uma dimensão sobrenatural: de outro modo não seria fiel ao Evangelho. A salvação prometida por Deus e pela qual as pessoas são convidadas a trabalhar tem sua plenitude na vida eterna. Mas ela começa aqui, e a imagem que Inácio faz do Reino de Deus não seria genuinamente cristã se considerasse sem importância essa dimensão presente. (LONSDALE, 2002, p. 84).

Segundo David Lonsdale (2002), a mente de Inácio funcionava mais claramente com o concreto, com narrativas, ilustrações e imagens. Mesmo em momentos de meditação ou de contemplação, Inácio provoca o exercitante a enxergar, a compor a cena, a olhar o que as pessoas fazem, como se comportam, a escutar o que dizem, a imaginar o cenário nos mínimos detalhes. Isso diz muito daquilo que hoje enxergamos nos Colégios da Companhia de Jesus, que enfatizam esse aspecto de ação concreta, olhando para o mundo presente sem perder de vista a ligação com Cristo e seus ensinamentos.

Outra questão importante no que diz respeito a EI é que Inácio tinha consciência de que as pessoas possuem uma vida bastante atarefada, de modo que grande parte do tempo de cada um é consumido pelas tarefas cotidianas. Inácio enxergou isso. Percebeu que, segundo o que era proposto pela Igreja e pelas espiritualidades de sua época, ou as pessoas se dedicavam somente ao trabalho, não tendo uma vida de oração, ou somente à oração, suprimindo a vida de trabalho, de modo que um dos dois pilares ficava sempre enfraquecido. Notou ainda que muitas pessoas carregavam essa “frustração” de não conseguirem levar uma vida mais contemplativa devido a esses “fardos pesados”, propostos a quem desejasse seguir uma vida de oração no caminho da fé cristã. Como Inácio enxerga o cristão em ação no mundo, em diferentes frentes, sua espiritualidade está firmada no ser e no fazer de cada um e de cada uma, o que permite afirmar-se que a espiritualidade proposta por Inácio se aplica a cristãos de todos os modos de vida, fora de mosteiros contemplativos. Propõe um movimento de integração equilibrada, discernente de oração e vida ou ministério de tal forma que uma conduza a outra e vice-versa, para que haja mútuo sustento e enriquecimento entre ambas. Do *ora et labora* (beneditinos), por vezes um dificultador para o apostolado, Inácio enxerga uma saída: os jesuítas são contemplativos na ação.

Uma das frases favoritas de Inácio é caridade ou “amor discernente” (*caritas discreta*). A frase é tentativa de captar o aspecto central dessa integração de vida e oração. O amor que atrai as pessoas com o compromisso com a vida e o reino de Deus é guiado e harmonizado para o Espírito Santo pelo hábito de reflexão constante, piedosa e discernente. (LONSDALE, 2002, p. 126)

Dentro da proposta de espiritualidade apresentada por Inácio, destaca-se o quanto ele valorizava a experiência. Obviamente, de nada serve uma experiência sem uma “reflexão” posterior a ela, fazendo-nos degustar, reviver e entender o real sentido de tudo o que experienciamos. Em certa altura da sua vida e de suas muitas experiências já vividas, Inácio chega a dizer: “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear internamente as coisas” (EE 2). O que estava no desejo do coração de Inácio era que, pelo fruto da sua experiência (a EI), todos pudessem também sentir esse sabor de “vida em abundância” presente nos Evangelhos e que pudéssemos ser multiplicadores da vida. Esse é o apelo de Cristo: “eu vim para que todos tenham vida plenamente” (Jo 10,10). Portanto, a EI também carrega esse compromisso “do discípulo cristão com Jesus, que não é puramente individual e pessoal, pelo contrário, tem uma dimensão estrutural social e envolve engajamento na luta pelo Reino de Deus, que é e tem de ser uma realidade social e política aqui e agora” (LONSDALE, 2002, p. 142).

Certa vez, no ano de 2005, circulou pela internet um texto que foi atribuído ao Papa João Paulo II como sendo uma carta aos jovens. O texto relata o que segue:

Precisamos de Santos sem véu ou batina. Precisamos de Santos de calças jeans e tênis. Precisamos de Santos que vão ao cinema, ouvem música e passeiam com os amigos. Precisamos de Santos que coloquem Deus em primeiro lugar, mas que se “lascam” na faculdade. Precisamos de Santos que tenham tempo todo dia para rezar e que saibam namorar na pureza e castidade, ou que consagrem sua castidade. Precisamos de Santos modernos, santos do século XXI, com uma espiritualidade inserida em nosso tempo. Precisamos de Santos comprometidos com os pobres e as necessárias mudanças sociais. Precisamos de Santos que vivam no mundo, se santifiquem no mundo, que não tenham medo de viver no mundo. Precisamos de Santos que bebam Coca-Cola e comam *hot dog*, que usem jeans, que sejam internautas, que escutem *disc man*. Precisamos de Santos que amem apaixonadamente a Eucaristia e que não tenham vergonha de tomar um refrigerante ou comer uma pizza no fim de semana com os amigos. Precisamos de Santos que gostem de cinema, de teatro, de música, de dança, de esporte. Precisamos de Santos sociáveis, abertos, normais, amigos, alegres, companheiros. Precisamos de Santos que estejam no mundo; e saibam saborear as coisas puras e boas do mundo, mas que não sejam mundanos. (AUTORIA DESCONHECIDA)<sup>3</sup>

Esta carta traduz para uma linguagem concreta aquilo que os Colégios da Companhia de Jesus, por meio de seu currículo (que é como as veias para o corpo humano e por onde corre a EI), buscam oferecer às/aos estudantes, sejam eles crianças, sejam jovens. De maneira alguma, a Espiritualidade Inaciana quer deslocar as crianças e os jovens (estudantes) do seu contexto. Cada um, na sua individualidade, se soma a multiplicidade da vida, com o poder de transformação do espaço ao qual se está inserido. Ser um “santo de calça jeans” é esse “não se afastar do mundo” para transformá-lo como alguém alheio a ele. Sem nenhum proselitismo, a EI deseja formar pessoas mais humanas, justas e fraternas.

Assim, com aplicação concreta na educação e com o propósito de ensinar e propagar a Espiritualidade Inaciana nas obras da Companhia de Jesus, nasce o que hoje conhecemos como Pedagogia Inaciana.

### 2.2.1 A Pedagogia Inaciana

A Pedagogia Inaciana (PI) tem sua raiz e seu coração ancorados na Espiritualidade Inaciana. No entanto, como tudo na vida de Inácio está fortemente relacionado às experiências que ele teve, podemos olhar para (o que veio a ser) a PI como um conjunto de metodologias que os jesuítas (alicerçados na EI e espelhados na vida em

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/noticias-falsas-na-rede-o-poema-que-o-papa-francisco-nao-escreveu-e-as-frases-que-nao-enviou-pelo-twitter-97914>. Acesso em: 01 ago. 2021.

Cristo, ao exemplo de Inácio) julgaram de bom proveito para se aplicar na vida prática de um estudante dos seus Colégios e universidades. Hoje, se analisarmos descontextualizadamente, a PI mostra-se como algo único; porém, quando analisamos a vida de Inácio de Loyola, podemos perceber fortes influências dos meios onde ele (con)viveu.

“A experiência pedagógica parisiense marcou Inácio por diversos fatores que ele não havia encontrado nas demais universidades” (LOPES, 2018, p. 121). Ela está fortemente ligada à forma de olhar para a pessoa toda, em suas múltiplas dimensões. A repetição, por exemplo, é característica da própria EI e fazia-se muito presente nas práticas de Paris, dentre outras práticas e organizações. O próprio Inácio, por acreditar firmemente na eficácia do que havia experienciado, chegou a recomendar os estudos em Paris ao seu sobrinho Beltrán de Loyola, em 1539:

Se meu juízo tem algum valor eu não o enviara a outro lugar se não Paris, porque lá vós o fareis aproveitar mais em poucos anos que em muitos outros em outra universidade, e depois é terra onde os estudantes conservam mais honestidade e virtude. (LOYOLA, 1539 apud LOPES, 2018, p. 121)

A forma de ensino parisiense marcou a vida de Inácio por não ser uma rotina de transmissão tradicional de uma bagagem de conhecimentos, estava para além disso. O que Inácio experienciou em Paris foi “[...] a ativação de todas as capacidades do espírito, o meio por excelência de desenvolver e enriquecer a alma do aluno e de iniciá-lo numa atividade verdadeiramente criativa” (CODINA, 1968 apud LOPES, 2018 p. 127).

As variadas formas de exercícios, encontradas por Inácio em Paris, fizeram-no perceber o potencial daquele local. Não se tratava de uma transmissão de conhecimento de forma rotineira, mas de uma ativação de todos os movimentos do espírito e das faculdades humanas (entendimento, vontade e memória), o que era uma forma brilhante de desenvolver o aluno como um todo (aqui já houve uma primeira noção de Formação Integral). Isso brilhou aos olhos de Inácio e de seus primeiros companheiros neste contexto de Paris.

Além de Paris, Inácio teve outras experiências em relação à educação, como em Alcalá de Henares, na Espanha, e na própria escola dos *Irmãos da Vida Comum* (uma agremiação constituída nos Países Baixos em torno do movimento de renovação religiosa *Devotio Moderna*, de Gérard Groote). Porém, segundo ele, “a ordem dos estudos parecia pouco exigente, sendo a principal razão para desaconselhar os sistemas empregados nesses locais” (LOPES, 2018, p. 136-137).

Em 1534, é fundada a Companhia de Jesus. O reconhecimento por bula papal aconteceu apenas seis anos depois, em 1540, pelo Papa Paulo III. Estando a Companhia oficialmente fundada e aceita pelo papa, os então jesuítas se questionavam sobre o trabalho que desempenhariam para a maior glória de Deus. Aconteceu que, diante do

encantamento pelo *modo parisiense*, os jesuítas se concentraram na abertura do primeiro Colégio para alunos externos e na reprodução dessa “pedagogia” de Paris. Surge em 1548, então, o Colégio de San Nicolò, em Messina, a pedido do vice-rei da Sicília, Juan de Vega, e da própria sociedade local. Esse foi um marco importante e de muito sucesso na história dos jesuítas na educação. O Colégio de Messina juntava os melhores talentos jesuítas da época, entre eles, os conhecidos Pedro Canísio e Jerônimo de Nadal, o primeiro reitor.

Assim que Nadal fora escolhido para desempenhar a função de reitor, não hesitou em elaborar um folder para divulgar todo o investimento em pessoal qualificado (os melhores dos melhores) e em firmar nesse material de divulgação a adesão do Colégio de Messina ao modo parisiense (*modus parisienses*), conhecido pela grande maioria dos sicilianos. Nadal frisava a aplicação do binômio ‘virtudes e letras’, ou de boas maneiras (um olhar para além do acadêmico). Ele afirmava serem as lições e os exercícios escolares “como uma espécie de gancho para pescar almas” (LOPES, 2018 p. 138). Essa mobilização repercutiu tão positivamente, que esse folheto de divulgação é considerado o “primeiro Projeto Educativo da Companhia de Jesus” (LOPES, 2018, p. 138). O sucesso foi tamanho que, em pouco tempo, o Colégio não comportava mais receber estudantes de outros países que vinham em busca dessa metodologia.

O modelo de Messina repercutiu tanto pelo mundo que Inácio decidiu replicá-lo em todos os Colégios que a Companhia de Jesus, com rapidez, ia constituindo em outros países, inclusive no famoso Colégio Romano, instituído por Inácio em 1551, com o qual ele carregava o bem-sucedido sonho de ser a instituição modelar da Companhia.

A breve contextualização até aqui apresentada serve como lastro para um personagem muito importante nessa história: Jerônimo de Nadal. Por seu ímpeto, por sua sabedoria e por ser o primeiro reitor de um Colégio de tamanho sucesso, ele é considerado o fundador da pedagogia dos jesuítas, “pois foi ele que, tendo se inspirado no *modo parisiense*, estabeleceu as bases sobre as quais deveria repousar todo o edifício escolar da Companhia de Jesus” (CODINA, 1968 apud LOPES, 2018 p. 142).

Com o passar dos anos, outros Colégios foram inaugurados, dando corpo à missão proposta pelos Jesuítas, surgindo assim a necessidade de uma diretriz que guiasse o fazer pedagógico de cada uma das novas instituições, de acordo com a ideia original do Colégio de Messina e, posteriormente, do Colégio Romano, considerando que os novos Colégios não contariam com a proximidade de Inácio nem de seus irmãos de fé que trilharam o caminho e criaram uma metodologia muito inovadora. Era preciso elaborar um mapa para chegar a esse tesouro. Eis que nasce em 1599, cinquenta anos depois, a *Ratio Studiorum*, que acabou orientando a missão na educação da Companhia de Jesus e ainda serve de embasamento aos nossos dias.

A *Ratio Studiorum* teve excelente êxito. Sua aplicação se deu de forma



inquestionável até meados dos anos 1980, quando Pe. Pedro Arrupe, então Superior Geral da Companhia de Jesus, dirige a alocução *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*. Em seguida, foi nomeada uma comissão internacional de jesuítas para pensarem e elaborarem uma declaração atualizada sobre a natureza, os princípios e os elementos fundamentais da educação jesuíta. O produto desse trabalho foi o documento *Características da Educação da Companhia de Jesus*, promulgado pelo Superior Geral posterior, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, em dezembro de 1986.

O documento *Características da Educação da Companhia de Jesus* foi amplamente divulgado em 13 idiomas, ocasionando o acesso de muitos educadores às novas premissas apontadas pela Companhia. Diante de tudo o que foi apresentado e das potenciais mudanças que estavam a caminho, começam a surgir dúvidas e anseios referentes à forma de aplicação das propostas apresentadas no documento. Dos anseios trazidos quanto à forma de aplicação do então documento de 1986, uma nova comissão é formada a pedido do Superior Geral para se debater o tema e se chegar a uma conclusão objetiva de tudo o que até então estava sendo apontado. Eis que em 31 de julho de 1993 é promulgado o documento *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*.

O que o documento *Características* aponta de forma muito clara é que

A finalidade da educação jesuíta nunca foi simplesmente a aquisição de um acervo de informações e de técnicas, ou a preparação para uma carreira, embora estas sejam importantes em si mesmas e úteis para os futuros líderes cristãos. O fim último da educação secundária da Companhia de Jesus é antes o crescimento pleno da pessoa que leva à ação. (CARACTERÍSTICAS, 1987, p. 53)

Destarte, a partir do documento *Pedagogia Inaciana*, surge uma forma muito *prática* de entendermos todo o processo de aplicação da PI: o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI).

### 2.2.1.1 O Paradigma Pedagógico Inaciano

O Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) surge como novo modo pedagógico para os Colégios da Companhia. O PPI é composto de cinco elementos: contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação. Esses devem ser entendidos como dimensões, não como passos lineares que se sucedem de forma cronológica. Bastero e La Puente afirmam que esses elementos do PPI são como “um conjunto de vivências que ocorrem em quem aprende e que influem em suas decisões” (BASTERO E LA PUENTE, 2005 apud LOPES, 2018, p. 155). O PPI tem por objetivo fomentar a personalidade, o protagonismo e a criatividade em todo participante de qualquer processo educativo.

Segundo Lopes (2018 p. 109):

A contextualização é o reconhecimento da situação e do ambiente do educando, da instituição educativa e da realidade circundante [...].

A experiência comporta dois elementos: 1) O contato mais direto possível do aprendiz com o objeto do conhecimento e 2) O reconhecimento da ressonância que esta experiência produz no seu mundo interior [...].

A Reflexão [...] Não restringe-se ao pensar sobre o acontecido, mas debruça-se sobre a experiência realizada e inquire o sentido e as implicações do conhecimento que está construindo.

[...] (A) ação, que pode ser interiorizada ou também exteriorizada. A *Ação interiorizada* é a transformação interior que o aprendiz reconhece a partir da experiência que fez e do conhecimento que construiu. *Ação exteriorizada* é a transformação manifesta externamente por novas atitudes do aprendiz.

(O campo da avaliação) [...] por força do binômio *virtudes e letras* [...] se amplia para além dos conteúdos acadêmicos, passando a contemplar também *o progresso nas atitudes, prioridades. Modo de proceder de acordo com o objetivo de ser “pessoa para os outros”*. (LOPES, 2018, p. 109)

### 3. O AMOR É (DO)AÇÃO

A história da conversão de Inácio é conturbada. Inácio encontra-se consigo mesmo e com Deus, a partir de um ferimento gravíssimo em sua perna, por conta de um tiro de canhão em uma batalha. Durante o período de recuperação, Inácio teve contato com livros que contavam a história de vida dos santos, o que o deixou inquieto. De início, ele só tinha interesse por livros que retratassem as histórias de cavalaria, de conquistas e de romances vividos por cavaleiros. Ao se deparar e conhecer a história de vida de pessoas comuns e reconhecer sua oblação para Deus, brota em seu coração um desejo ainda não compreendido de fazer mais, de se doar, de agir!

A máxima “o amor consiste mais em obras do que em palavras” (EE 230) vem ao encontro daquilo que é o cerne da EI: “o ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus” (EE 23,2). O serviço é um ponto central a ser levado em consideração. Todos nós cidadãos (sobretudo os cristãos) temos o compromisso de servir, não por mero assistencialismo, mas por entender que todos somos corresponsáveis na construção de um mundo melhor.

### 3.1 O Voluntariado no Colégio Anchieta – A Memória

*O amor consiste mais em obras do que em palavras.*  
(EE 230)

No Colégio Anchieta, de Porto Alegre, a prática do voluntariado já existe há muitos anos. Quando optei por realizar a escrita do presente artigo sobre o tema, tive uma conversa com um professor que já tem uma longa trajetória na instituição, o professor Ivanor Felix Reginatto. Na conversa, o professor Ivanor apresentou um panorama geral, o qual pretendo resumir aqui nos parágrafos seguintes.

Desde quando o voluntariado começara, sempre houve um forte apelo para que não fosse encarado como uma ação isolada, mas sim, como disse o próprio professor Ivanor, o objetivo era que fosse visto como “apostolado”. Ele mencionou ainda que o projeto acontecia na ocasião do segundo ano do segundo grau, atualmente a 2ª Série do Ensino Médio.

Segundo o professor Ivanor, toda a ação do voluntariado perpassava três momentos ou fases: sensibilização (humana), solidariedade (social) e apostolado (nossa identidade – experiência). Na fase da sensibilização, todos os estudantes iam conhecer um local que necessitava de ajuda. A turma alugava e dividia os custos para o transporte. No local, após observar o contexto da instituição, a turma era convidada a realizar uma ação solidária para aquela comunidade (solidariedade). Após a ação, os que efetivamente quisessem poderiam continuar a missão, mas agora “colocando a mão na massa”. Digamos que a ação social para uma distinta instituição fosse a arrecadação de farinha para fazer pão. Nesse caso específico, o apostolado seria ir até o local todas as semanas e garantir o pão feito e distribuído, alimentando as pessoas carentes e necessitadas.

Um outro projeto que acontecia às segundas-feiras à noite era o Ronda Noturna. Os estudantes, com alimentos doados por eles, preparavam 100 (cem) lanches para serem distribuídos aos moradores de rua de Porto Alegre. As rondas realizadas sob tutela do professor Ivanor guardam histórias emocionantes, como a de um estudante que, depois de sensibilizar-se pelo frio que um dos moradores estava sentindo, em uma noite típica do inverno de Porto Alegre, tirou o seu próprio casaco, seu tênis e suas meias, vestindo o homem desconhecido. Nesse dia, o estudante voltou para casa de pés descalços e sem nada, além da calça e da camiseta para aquecê-lo, contou o professor Ivanor, emocionado.

Obviamente, encurtei radicalmente a história. Vale dizer que houve outros nomes de professores que estiveram à frente desses projetos até chegarem aos dias de hoje. Atualmente, o Ronda Noturna não existe mais. Por uma questão de segurança, optou-se pela descontinuidade do projeto, permanecendo hoje o Colégio com o Projeto Ações Solidárias, que engloba um conjunto de ações, dentre elas, o Voluntariado, que hoje

trabalha com uma metodologia um pouco diferente da época do professor Ivanor e de outros, mas tão significativa quanto.

A partir do relato, nota-se que há oportunidades e desafios de praticar, como comunidade educativa, ações dessa natureza com a prerrogativa de formar integralmente. Como educadores, podemos perguntar: o que, como e por que formar integralmente? A resposta à pergunta é o contraponto que vemos hoje: “[...] o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo que podemos experimentar. A experiência das pessoas em diferentes lugares do mundo se projeta na mercadoria, significando que ela é tudo o que está fora de nós” (KRENAC, 2020, p. 45).

No mundo da velocidade e da mercadoria, somos constantemente chamados à ação. A grande questão é que nossa ação, por vezes, é vazia de sentido e não nos completa, não nos transforma em pessoas mais felizes. O Voluntariado surge com este olhar, quebrando o paradigma de ver a vida e compreender a sociedade apenas pelos livros. Ele é a oportunidade de encontro com outras realidades, é o momento de ver *in loco* (contexto), refletir, agir e experienciar de acordo com os preceitos do PPI. O PPI auxilia nesta reflexão profunda que dá sentido aos homens pelo que são, na sua busca pelo Magis, contrariando a visão de “homem-mercadoria”.

Em 2017, fui convidado para assumir uma das turmas do Voluntariado do Colégio, que atendia a Creche Santa Luiza, localizada na Vila Farrapos, em Porto Alegre. Na ocasião, tivemos uma experiência muito significativa, na qual todos pudemos ajudar a creche a ter um ambiente melhor, seja construindo uma horta, pintando o muro, seja realizando atividades culturais junto às crianças. A partir dessa experiência, compreendi um pouco melhor o real sentido do voluntariado para os estudantes.

Trocando ideias com professores de outros Colégios da Rede Jesuíta, que já tinham o projeto do Voluntariado estruturado de outras formas e que vinham gerando significativas experiências para os estudantes, começamos, com a ajuda dos estudantes e do Serviço de Orientação Religiosa, Espiritual e de Pastoral (SOREP), a desenhar uma nova proposta para o projeto no Colégio Anchieta.

A proposta que assumimos está alicerçada no PPI e conta com um projeto que acontece semestralmente, com uma contextualização; algumas ações – de maior e menor impacto; a reflexão sobre o impacto almejado e alcançado; uma avaliação que aponta para novas melhorias e que fica registrada, servindo como guia para o próximo grupo; e uma experiência nova que cada um(a) leva para a sua vida.

A divisão semestral tem se mostrado eficaz para a participação de estudantes que possuem rotinas variadas e que têm medo de assumir um longo compromisso, uma vez que apresenta uma oportunidade de abrirem uma exceção “curta”, a fim de conhecerem o projeto e participarem dele num curto espaço de tempo. Acaba acontecendo,

na prática, que muitos gostam tanto da proposta que se inscrevem para participar do momento do segundo semestre também.

Falarei muito brevemente de cada etapa do projeto que tem por objetivo ajudar a transformar nossa sociedade num lugar mais justo, humano e fraterno, contribuindo para o desenvolvimento de lideranças e oportunizando o protagonismo aos nossos estudantes. A consciência social, o entendimento de (co)responsabilidade são, não só horizontes buscados, mas habilidades características de uma Cidadania Local e Global, ou seja, valorizando o que faz parte do contexto particular, sem esquecer da importância e a emergência de cuidar do planeta e das demais pessoas. Vivemos um “local” coparticipando do “global”. Ter consciência da importância de pensar no/com o coletivo, é competência indispensável na Formação Integral.

### 3.1.1 O contexto que toca

Após a divulgação e a inscrição dos estudantes interessados em participar do projeto, a primeira ação do Voluntariado consiste numa visita ao local que será atendido. Nela, é feita a apresentação da equipe que está coordenando o espaço, do espaço em si e das fragilidades latentes, que precisariam de alguma intervenção a curto prazo ou mesmo imediatamente.

Ter a oportunidade de caminhar pelo espaço com olhar atento a cada detalhe, conversando com as pessoas, ouvindo as histórias e as necessidades que elas têm (sempre fazendo anotações) é um momento sensibilizador, que toca o coração.

Ao final desse momento, retornamos novamente ao Colégio com o “coração ardendo” (Lc 24, 32) e cheios de vontade de sair em partida para solucionar cada uma das situações identificadas ao longo da visita. Mas, nesse momento, é chegada a hora de cada estudante retornar para a sua casa ou para suas atividades e, ao longo da semana, “ruminar” a primeira experiência, a fim de tirar algum proveito dela.

### 3.1.2 A reflexão que contrasta

Na semana seguinte à visita, novamente é agendada uma reunião no mesmo horário, com uma pauta específica: (1) acolhida; (2) momento de reflexão, preparado pelos coordenadores (alunos que já viveram a experiência); (3) partilha das impressões da visita; (4) eleição de possíveis atividades a serem realizadas; (5) encaminhamentos e divisões de tarefas a serem planejadas; e (6) envio.

Após a acolhida e um breve momento de reflexão, todos são convidados a partilharem o que viram e como perceberam o local. Cada um tem um modo de enxergar as coisas, fazendo desse um rico momento de sensibilização entre eles mesmos.

Realizada a partilha, o que contrasta é perceber uma realidade tão distinta do que a maioria deles vivencia na prática. Os estudantes do Colégio Anchieta, de forma geral, possuem famílias com condições (mesmo que mínimas) de sustentarem uma estrutura de estudos, lazer, cultura... Também vêm à tona as limitações físicas e estruturais que o grupo possui no que diz respeito à solução de todos os problemas identificados.

Após a partilha, todos elegem uma ação de importância/impacto a ser realizada e outras “menores” que poderão ser realizadas no decorrer dos encontros, em paralelo à primeira.

Sabendo o que precisa ser feito, procede-se a divisão do grande grupo em grupos menores com responsabilidades distintas: quem vai cuidar das campanhas, da divulgação, da ação em si, das questões financeiras, equipe de planejamento de atividades lúdicas e culturais, entre outras atividades, dependendo do que for eleito como prioridade.

O momento final da reunião é de fato o envio. Cada um sai sabendo a tarefa que o seu grupo precisa cumprir a fim de que as atividades eleitas para serem realizadas possam acontecer da melhor forma possível.

### 3.1.3 A ação planejada e executada

Ao longo da semana, cada um dos grupos procura dar seguimento aos encaminhamentos dados na reunião. Com frequência, são utilizados os grupos de WhatsApp para alinhar detalhes e garantir o cumprimento das tarefas.

Chegado o dia do encontro da semana seguinte, é hora de colocar em prática as ações culturais e lúdicas e de conviver (o que é muito importante). Dependendo do tamanho do projeto principal, somente se conseguirá uma entrega depois de várias semanas de trabalho. Por vezes, a entrega fica inacabada, sendo uma das incumbências do próximo grupo dar sequência. Esse é o momento em que, antes da pandemia, realizávamos a ida ao local para colocar a mão na massa. Com o advento da pandemia, descobrimos outras formas de ajudar através de vídeo chamadas e de gravações, como por exemplo: de atividades lúdicas, execução de músicas, aulas de reforço escolar etc. Ou seja, além das tradicionais campanhas, encontramos outras formas de atuar à distância, sem perder a consciência da doação e do trabalho que transforma.

A “grande chave” dessa etapa é fazer perceber que o aprendizado está no processo e não no resultado. Como diria Sidarta Gautama: “uma grande jornada se inicia com o primeiro passo”. Assim, os estudantes vivenciam a execução de pequenas ações a cada dia do encontro, alcançando passo a passo o objetivo traçado no início do projeto.

### 3.1.4 A avaliação que constrói

Todo projeto, toda grande caminhada, é marcada por acertos e tropeços. Avaliar não é “colocar o dedo na ferida”, mas identificar onde aconteceram os acertos, para, na medida do possível, repeti-los; porém, acima de tudo, é perceber e entender os erros ao longo do caminho, para também aprender com eles.

O momento de avaliação é importante para o crescimento do grupo e para o sucesso dos próximos grupos que virão (próximos momentos). Sempre existe um grupo de estudantes que já vivenciou o processo e que acompanha o novo que inicia. Essa é uma forma criativa de preservar a memória dos acontecimentos e o aprendizado, ao longo de cada uma dessas etapas. Sempre é novo, mas um novo com raízes na história construída pelos alunos ao longo do projeto.

Essa etapa tem por objetivo a construção de um mapa para o próximo momento. Quem vivenciou o processo já pode mostrar alguns “atalhos” para o próximo grupo, aprimorando a vivência e significando o que já foi realizado.

### 3.1.5 A experiência que marca

O grande ápice do projeto Ações Solidárias – Voluntariado – é a experiência vivida. O estudante que encerra uma etapa junto com o grupo se dá conta de que: (1) não é só mais um grupo qualquer, é um grupo de amigos; (2) é possível transformar o mundo num lugar melhor com pequenos gestos; (3) não existe maior alegria do que fazer o bem e receber um sorriso, um abraço, um sincero “muito obrigado” como retribuição. Essa é a fala dos próprios estudantes, que pode ser verificada na pesquisa aplicada a eles (Anexo A).

*“Para mim o projeto foi uma das partes mais importantes, senão a mais importante, de minha formação acadêmica. Conviver com pessoas de uma realidade diferente da minha; interagir com meus colegas de uma forma mais profunda e em meios diferentes; me empenhar em projetos que antes eu sequer conhecia: foram experiências que me transformaram na pessoa que sou hoje.” (ESTUDANTE 1)*

Participar do Voluntariado é mais do que um momento isolado, é uma mudança de paradigma, uma transformação no modo de ser e de entender o mundo. Cada um encerra o projeto tendo um sentimento vivo de ser “fogo que acende outros fogos” (experiência de Alberto Hurtado – Hogar de Cristo – Chile). Por trás de cada uma dessas etapas, está a Pedagogia Inaciana e o jeito do Colégio Anchieta de entender e transformar a sociedade.

#### 4. FORMAR: APRENDER, ENSINAR E EXPERIENCIAR

Um dos grandes movimentos formativos que percebemos nas escolas, de forma geral, é um olhar centrado no currículo. O Currículo<sup>4</sup> precisa responder aos anseios da sociedade, da própria escola, das famílias, dos estudantes e, também, qualificar para os exames externos de continuidade à vida acadêmica e/ou profissional de cada um.

O que sempre esteve no horizonte de Inácio de Loyola, segundo Lopes (2018, p. 149), foi o desejo de que o estudante deveria participar, vivenciar uma experiência ao longo do processo escolar. Isso o fez se apaixonar pelo *modo parisiense*: “Um dos aspectos mais atraentes do *modo parisiense* foi a metodologia ativa, participativa, colaborativa por parte dos alunos” (LOPES, 2018, p. 149).

Nesta perspectiva, Jorge Larrosa (2017), em sua obra *Elogio da Escola*, também traz, de forma muito significativa, essa ideia de experiência:

Ao invés de narrar as (boas, más, grandiosas, tristes) experiências de aprendizagem na escola, uma língua pedagógica procura dar voz à experiência enquanto aprendizagem escolar. Não a experiência de uma condição na qual alguém não é (ainda) capaz de, por exemplo, escrever ou contar. A Experiência escolar se refere ao que é experimentado no momento único em que escrever ou contar se tornam uma possibilidade; a experiência enquanto se aprende antes de ser de fato capaz de escrever ou contar, mas não apenas a experiência de (simplesmente) não ser capaz de escrever ou contar. Pense-se na criança que aprende a escrever. Antes de ser capaz de escrever, a criança tem (provavelmente) a experiência de não ser capaz, mas ela não experimenta a aprendizagem. Quando é capaz de escrever, talvez se lembre de seu aprendizado, mas não experimenta ela mesma a aprendizagem. A experiência escolar e a experiência no momento em que a habilidade de escrever (e, portanto, de não escrever) é experienciada como tal. (LARROSA, 2017, p. 56)

Lendo a afirmação de Larrosa (2017), pensamos sobre o quanto vivenciamos uma cultura de imediatismo, de velocidade: a cultura do clicar e acontecer. A vida e a aprendizagem não se dão de forma instantânea. Existe um processo pelo qual cada estudante precisa passar para alcançar alguma habilidade específica. Devemos curtir o processo. Isso é viver, experienciar.

Larrosa ainda nos faz refletir sobre outros aspectos a respeito da experiência e do real papel da escola.

---

<sup>4</sup> *Grifo meu.*



A escola não consiste em fazer os estudantes e alunos melhores performers – embora isso lhe seja frequentemente demandado. A escola consiste na oferta aos/às jovens do tempo e do espaço para que fiquem “em forma”, para que trabalhem em seu “condicionamento” (intelectual, físico...), e, claro, pode-se esperar que esse preparo e essa forma ou condicionamento resultem em performances de excelência ou em contribuições únicas mais tarde, mas é absurdo dizer que a escola é responsável por isso. A escola consiste no preparo, não em performances. (LARROSA, 2017, p. 57)

A escola, por excelência, é o lugar onde o aluno vai experimentar. É o laboratório – intelectual, social, emocional... – da Formação Integral. Por isso, ela oferece experiências que promovem um novo pensar, um refletir a partir da ação, contribuindo para o desenvolvimento dos estudantes, para que possam ser pessoas mais preparadas para viverem e contribuírem positivamente no mundo. “Hoje, é necessário uma revolução temporal, que gere outro tempo, o tempo do outro, que não é um tempo do trabalho, uma revolução temporal que traga de volta para o tempo o seu aroma” (HAN, 2021, p. 34).

Sempre foi desejo de Inácio, e hoje está expresso na PI, que os estudantes dos Colégios da Companhia de Jesus vivessem abundantemente. Para tal, é de fundamental importância olharmos para o currículo e enxergarmos o caminho (processo) que desejamos que seja trilhado por eles. Enquanto Colégio da Companhia de Jesus, proporcionamos momentos de experiências significativas na formação de seres humanos mais competentes, conscientes, compassivos e comprometidos, assim como nos aponta o Projeto Educativo Comum (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 30) e as demais diretrizes da Companhia.

#### **4.1 Impactos do Voluntariado na construção do Projeto de Vida dos estudantes**

Quando comecei a participar do Projeto Ações Solidárias – Voluntariado do Colégio, existia uma dinâmica um tanto quanto diferente, na qual praticamente quem exercia o papel de coordenador do grupo era o professor responsável. A ele eram atribuídas tarefas, desde o planejamento até a execução, passando pela avaliação. Aos poucos, conforme fui interagindo com os estudantes, percebi o quão mais significativo era se o protagonismo estivesse nas mãos deles e se o professor responsável atuasse como assessor e orientador. E foi o que fizemos, mesmo que naquele momento isso não estivesse sendo tão bem acolhido por eles, pois estavam acostumados a uma outra dinâmica.

Depois de ter vivido diversas etapas do projeto junto aos/às estudantes, fiz uma entrevista com alguns(mas) que já haviam se formado e outros(as) que estavam concluindo o Ensino Médio, para buscar entender melhor os efeitos do Voluntariado em

suas vidas e saber se eles concordavam que ele fosse mais do que um projeto optativo, passando a ser oferecido com uma carga horária mínima dentro do currículo para todos(as) os(as) estudantes do Ensino Médio. Foram três as perguntas:

- Como você avalia a importância de ter participado do projeto Ações Solidárias – Voluntariado na construção do seu projeto de vida?
- Como você avalia a importância do Projeto Ações Solidárias na perspectiva da Formação Integral dos estudantes?
- Quanto você consideraria importante a participação de todos os seus colegas no Projeto Ações Solidárias?

Entrevistei 13 (treze) estudantes, meninos e meninas. Optei por entrevistar quem já havia se formado e quem estava cursando a 2ª e a 3ª séries do Ensino Médio, ou seja, quem teve maior tempo de experiência com o projeto, visto que, em 2020, por conta da pandemia, tivemos algumas ações isoladas, apenas.

Realizei a entrevista, levando em consideração a seguinte metodologia: primeiro fiz cada uma das três perguntas citadas anteriormente para cada um(a) dos(as) estudantes, pedindo que assinalassem de 0 a 10 pontos o quão significativo ou importante foi o projeto, em que zero significaria que não foi importante e 10, que foi muito importante e/ou indispensável para alcançar o fim destacado na pergunta. Após cada uma das perguntas, para que eu pudesse ter um maior entendimento da nota que eles haviam colocado, pedi que explicassem os motivos que os(as) levaram a dar tal nota.

O resultado da entrevista foi bem revelador. Vou trazê-lo aqui de forma objetiva: para a primeira pergunta, obtive uma média de 9,77 pontos, comprovando que o Voluntariado foi muito importante na construção do projeto de vida dos(as) estudantes; na segunda pergunta, obtive novamente 9,77 pontos, mostrando que ele é essencial quando se trata de Formação Integral; e, por fim, quanto à importância de todos participarem do projeto, mesmo que fosse numa experiência de um semestre, obtive 9,33 pontos, revelando que a maioria dos entrevistados entende que é uma experiência indispensável para todos(as) nessa etapa da vida.

Das justificativas apresentadas, citarei algumas abaixo, como a do seguinte estudante que respondeu à primeira pergunta da forma que segue:

*“Eu sempre gostei de ajudar os outros, faço, nem que sejam, pequenas ações como doar roupas, brinquedos, alimentos, cabelo, sangue. Quando eu tive a oportunidade de participar do voluntariado eu me apaixonei, pois pra [sic] nós, são só algumas horinhas de quinta feira (pelo menos era antes da pandemia), mas pra [sic] eles é muito mais que isso. Tem alguns idosos que só querem alguém pra [sic] ouvir eles algumas vezes, conversar, algumas crianças que só querem alguém pra [sic] brincar. Eu acredito que o*

*voluntariado seja um projeto tocante, marcante, que quem fez com certeza vai lembrar pelo resto da vida. Acredito também que ele possa mudar o pensamento e as atitudes de algumas pessoas, sempre pra [sic] melhor, claro. As pessoas que fazem voluntariado são, de certa forma, diferentes dos outros alunos, na minha visão, e eu fiz amigos que vou levar pra [sic] vida toda. Eu faço outros projetos do Colégio, como o Magis, mas sempre faço questão de dizer que o voluntariado é, sem sombra de dúvidas, o meu preferido”.*  
(ESTUDANTE 2)

É emocionante poder ler essa justificativa após ter vivido o processo junto com cada um deles. E, quando por ocasião do Ano Inaciano, somos convidados a “ver novas todas as coisas em Cristo”, atente-se para o que diz esse estudante:

*“Foi importante, pois me ajudou a perceber que eu poderia ajudar pessoas de diversas maneiras, trazendo momentos de descontração e alegrias para elas e para mim mesmo. O mais significativo foram as experiências acumuladas e a apropriação com uma realidade diferente da qual eu vivia, passei a enxergar as coisas com outros olhos e me tornei mais empático”.*  
(ESTUDANTE 3)

E o que eles disseram sobre o quão importante seria se cada um dos que não participaram tivessem tido a experiência ao menos de um semestre, que corresponde hoje a uma etapa do projeto:

*“Às vezes é complicado arrecadar os itens necessários e realizar divulgações com menos gente no projeto, mas não impossível. Contudo, quanto mais pessoas participando, as ações realizadas se tornam mais grandiosas (no sentido de qualidade) e mais pessoas podem ser beneficiadas, tanto os voluntários quanto os que são assistidos”.* (ESTUDANTE 4)

Esse outro estudante trouxe uma fala mais completa, inclusive apontando a importância de outras ações que compõem o projeto Ações Solidárias, como, por exemplo, o Apadrinhamento, que é experienciado por eles até o 8º Ano, cedendo lugar ao Voluntariado, entendido como uma proposta de maior responsabilidade e engajamento sistemático, a partir do 9º Ano:

*“Eu acho que a experiência do voluntariado, de qualquer tipo que for, deveria ser vivida, pelo menos uma vez, por todos. Isso não precisaria ser necessariamente, uma atividade fixa, já que não é todo mundo que se sente confortável nessas atividades, mas acho, por exemplo, a atividade do apadrinhamento, que experienciei várias vezes durante meus anos na escola, uma ótima proposta, já que nos torna mais conscientes dos nossos privilégios e cientes do impacto que podemos causar na vida de pessoas que, em sua grande maioria, não tiveram as mesmas oportunidades que nós”.*  
(ESTUDANTE 5)

Das respostas que obtive para a pergunta 3, se deveriam todos ter, ao menos uma vez, a experiência do Voluntariado, apenas uma resposta foi contrária à ideia:

*“Eu acho importante que as pessoas façam alguma ação voluntária, pois isso faz muito bem pra si e para o próximo, mas não acho adequado que todo mundo faça (o voluntariado) pois tem gente que realmente não se importa e só iria deixar o clima tenso e ficar incomodando”.* (ESTUDANTE 6)

Ainda que essa resposta enfatize um ponto negativo, ela está embasada em uma dinâmica vivenciada por esse estudante ao longo do processo, que aconteceu de forma lenta até chegarmos ao que hoje temos e, também, em uma experiência particular, talvez até isolada, tendo em vista as demais respostas apontarem essa ideia como uma alternativa interessante.

No intuito de não deixar o presente texto extenso, disponibilizarei a entrevista e suas respostas no Apêndice A. Saliento que o leitor, ao lê-las, terá consciência de como cada estudante se envolveu e compreenderá também a importância do Voluntariado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A educação da Companhia ajuda os alunos a perceberem que os talentos são dons a serem desenvolvidos, não para a satisfação ou proveito próprio, mas antes, com a ajuda de Deus, para o bem da comunidade humana” (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1989, p. 31).

Chegando aos últimos passos dessa caminhada que realizamos, gostaria de reforçar a ideia que foi apresentada na introdução, de que não existe nada concluído e que aqui consta uma pequena síntese de algumas experiências vividas: a minha, enquanto professor responsável pelo Voluntariado do Colégio Anchieta e a de alguns estudantes que tive a oportunidade de conhecer melhor a partir do projeto.

O grande objetivo da formação da Companhia de Jesus é “incentivar os estudantes a usar a suas qualidades a serviço dos outros” (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1989, p. 31), e não posso deixar de apontar o Voluntariado como uma experiência singular na formação de cada um(a). Os benefícios e as habilidades alcançadas por cada um e cada uma, que tive a oportunidade de acompanhar ao longo desses anos, são inegáveis.

Hoje, quando pensamos no Paradigma Pedagógico Inaciano, aplicado no currículo dos Colégios Jesuítas, podemos perceber que a sala de aula, enquanto laboratório,

é um espaço capaz de proporcionar boas avaliações, contextualizações, resolução de problemas específicos de cada área do conhecimento, bem como desenvolver a reflexão, mas é pobre no que diz respeito à experiência. Não é possível simular o mundo a partir da sala de aula para que cada um possa experienciá-lo. Podemos imaginá-lo, enxergá-lo por meio de fotos e vídeos ou outras tecnologias que existem (e ainda passarão a existir), mas jamais será um lugar capaz de fazer o estudante experienciar, arrepiar-se, sentir o mundo que o cerca.

Gosto muito da afirmação de Larrosa (2017, p. 26):

O sujeito da experiência é o sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de portarmos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “expormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. (LARROSA, 2017, p. 26)

No Voluntariado, a oportunidade de olhar para o outro e de ajudar, de transformar a realidade, é possível. Como diz José Saramago em seu livro *Ensaio Sobre a Cegueira*: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara!”

Algumas vezes, fui procurado por estudantes que já haviam saído do Colégio com o intuito de que redigisse uma carta de recomendação, citando a sua atuação no Voluntariado e destacando algumas qualidades que tenha percebido ao longo da formação. Essa carta iria compor um portfólio de documentação para concorrer a uma vaga numa universidade dos Estados Unidos ou do Canadá. É impressionante como as grandes universidades pelo mundo valorizam quem demonstra em seu currículo que fez a experiência do voluntariado. Para além das universidades, o próprio mercado de trabalho tem dado prioridade para os recém-egressos das universidades que possuem atividades voluntárias sistemáticas no currículo.

O Voluntariado tem se mostrado um projeto transformador na vida dos(as) estudantes; um lugar que, por excelência, proporciona uma experiência de vida única e uma oportunidade singular de cada um(a) colocar seus dons a serviço; um espaço de partilha da vida, de construção e de fortalecimento de (novas) amizades; um espaço de desenvolvimento da liderança e do protagonismo; uma experiência que enriquece o currículo do estudante e que é valorizado nas grandes universidades do mundo e no mercado de trabalho.

Diante de tais premissas, deixo para reflexão a seguinte questão: seria muita ousadia por parte dos Colégios da Companhia de Jesus inserir o voluntariado no currículo obrigatório do Ensino Médio? Não quero dizer aqui que todos devam participar do projeto ao longo do Ensino Médio, mas que devam cumprir uma carga horária mínima

ao longo dos três anos ou então, que possam participar de um semestre do projeto, na íntegra, no formato do Colégio Anchieta, vivendo as cinco etapas do PPI. Não seria uma ênfase do Colégio no processo de desenvolvimento da excelência não só acadêmica, mas também humana?

Acredito, após os estudos realizados e as escutas feitas, que o Voluntariado é mais que um projeto, é uma oportunidade para este olhar que transpassa o currículo envolvendo as demais áreas de conhecimento a fomentar em nosso estudante o encontro consigo mesmo e o com o outro, percebendo, estudando e refletindo sobre a linguagem, a história, a geografia desse outro e a respeito de sua realidade; um espaço de reflexão, de pausa para compreender este mundo tão acelerado; um espaço para provocar o discernimento da ação na construção de um mundo para e com os outros. Busco em Larrosa o diálogo que nos auxilia a refletir sobre o tempo da experiência ao dizer:

*A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção [...], requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece [...]. (LARROSA, 2002, p. 24)*

Enfim, essas são questões que coloco ao alcance de nossos Colégios para refletirem. Vivemos novos tempos, novos desafios, mas nosso objetivo enquanto instituição, que tem no seu horizonte a Formação Integral, continua o mesmo: formar cidadãos mais justos, humanos e fraternos ou, como bem aponta o PEC, compassivos, comprometidos, conscientes e competentes. Acredito que, em cada Colégio da Companhia, o voluntariado pode desempenhar um papel singular na formação dos(as) nossos jovens e deve ser ofertado de forma diferente. É um ponto que ainda exige mais pesquisa e que segue aberto a novas reflexões, à espera dos próximos capítulos...

## REFERÊNCIAS

CARACTERÍSTICAS da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**. Em busca do tempo perdido. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HANVEY, James, SJ. **II Coloquio JESEDU-Global2021**: Ponencia sobre la educación para la fe. Disponível em: <https://www.educatemagis.org/wp-content/uploads/2021/05/JESEDU-Global2021-James-Hanvey-SJ-Spanish-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LARROSA, Jorge (org.). **Elogio da escola**. Tradução de Fernando Coelho. 1. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LONSDALE, David. **Olhos de ver, ouvidos de ouvir**: Introdução à espiritualidade inaciana. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LOPES, José Manuel Martins, SJ (org.). **A Pedagogia da Companhia de Jesus - Contributos para um Diálogo**. 2. ed. Braga: Axioma, 2018.

NOTÍCIAS falsas na rede: o poema que o Papa Francisco não escreveu e as frases que não enviou pelo Twitter. In: **ACI Digital**, 27 setembro 2013. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/noticias-falsas-na-rede-o-poema-que-o-papa-francisco-nao-escreveu-e-as-frases-que-nao-enviou-pelo-twitter-97914>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PEDAGOGIA Inaciana: uma proposta prática. Tradução de Pe. Mauricio Ruffier, SJ. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **PEC**: Projeto Educativo Comum. São Paulo: Loyola, 2016.

ROBINSON, Dave; GROVES, Judy. **Entendendo filosofia**: um guia ilustrado da história do pensamento. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Leya, 2012.

## APÊNDICE A – ACESSO À ENTREVISTA COMPLETA

Entrevista completa com os alunos disponível no link:

[https://drive.google.com/drive/folders/1\\_SxEqvv3sqJZSeqSOHrV'SqgpDud1-C3C?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1_SxEqvv3sqJZSeqSOHrV'SqgpDud1-C3C?usp=sharing).

Ou no *qr code* abaixo:





Marcela Vargas Brandt Costabeber



## ***A IMPORTÂNCIA DA TRADIÇÃO PARA O POSICIONAMENTO DE MARCA DO COLÉGIO ANCHIETA NO MERCADO DE EDUCAÇÃO BÁSICA PRIVADA DE PORTO ALEGRE***

### **1. INTRODUÇÃO**

O objetivo principal deste estudo é analisar, pelo método de pesquisa qualitativa e quantitativa, o posicionamento de marca do Colégio Anchieta no mercado de Educação Básica na cidade de Porto Alegre (RS), propondo soluções para o fortalecimento e para a manutenção da marca.

No Colégio Anchieta, o setor de Comunicação e Marketing atua de forma interna e externa, contemplando diversificados públicos, a fim de favorecer a manutenção da marca no mercado educacional privado de Porto Alegre, reforçando aspectos únicos da Rede Jesuíta de Educação (RJE) e buscando estar conectado às necessidades de mercado demandadas.

O setor de Comunicação e Marketing do Colégio Anchieta é formado por profissionais com formação em Comunicação Social, com especializações nas áreas afins. A coordenação é feita por uma Relações Públicas (RP), que não poderia fugir dos conceitos da graduação, os quais destacam a preocupação com a imagem da instituição.

---

*Graduada em Comunicação Social, com Habilitação em Relações Públicas pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2004). Pós-graduada em Gestão e Estratégia Empresarial pela Universidade Luterana do Brasil (2006). Coordenadora de Mídiaeducação do Colégio Anchieta.*

*Artigo apresentado ao curso de Educação Jesuíta: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orientação: Profª. Ms. Christiane Miranda Sisson.*

Pensando na imagem, o profissional de Relações Públicas prioriza sempre a manutenção da marca, as necessidades e as percepções do mercado em que se está inserido, assim como o diálogo e a circulação livre de informações. Eu, como profissional de RP e Supervisora do Setor de Comunicação e Marketing do Colégio Anchieta, procuro manter a transparência da instituição em seu dia a dia, na resolução de conflitos, bem como na blindagem ou seleção de informações, e nos princípios do proceder inaciano. Atuo no Colégio Anchieta há 15 anos, tendo ingressado em 2006, como Secretária da Direção-geral, passando pelo cargo de Assistente de Direção, Coordenadora de Eventos e, por fim, Supervisora no atual setor.

Atualmente, o Colégio Anchieta permanece sendo indicado, nas pesquisas de mercado realizadas na cidade de Porto Alegre e na região metropolitana, como pioneiro nos quesitos lembrança e preferência no ensino privado, concorrendo com mais de 85 instituições do mesmo segmento educacional. Contudo, a revisão e a manutenção da marca devem ser realizadas de forma periódica, buscando atender às necessidades de mercado.

Pensar na marca é pensar na identidade jesuíta, na tradição, na formação inaciana, na escolha do Colégio. Essa escolha se faz por muitos meios, entre eles o que é visto, sentido e saboreado nos veículos, na comunidade e na concorrência. O papel do setor de Comunicação e Marketing está justamente em construir e manter uma identidade sólida, transparente e que evidencie suas raízes, as raízes inacianas.

A tradição jesuíta educativa, está presente atualmente, no mundo, em mais de 840 colégios, em 72 países, totalizando assim, mais de 890 mil estudantes. A educação Jesuíta na América Latina está integrada à **Federação Latino-Americana de Colégios da Companhia de Jesus (FLACSI)**, sendo uma rede regional que conecta 13 redes nacionais, totalizando mais de 90 colégios. A nível Brasil, a Rede Jesuíta de Educação Básica (RJE) é formada por 14 colégios, 3 escolas e 6 universidades, somando mais de 30 mil estudantes e 4 mil colaboradores. A Companhia de Jesus no Brasil mantém ainda seis faculdades e universidades, além de atuar fortemente na área de Educação Popular, por meio de várias iniciativas, como Centro Santa Fé, Projeto OCA (Oficinas Culturais Anchieta), CAC (Centro Alternativo de Cultura) e Fundação Fé e Alegria, que atua em 14 estados, atendendo a mais de 10 mil crianças, adolescentes e jovens. Por meio dela, são compartilhados conhecimentos e recursos, e, principalmente, são estabelecidos projetos e metas comuns na região. Como rede regional, se une à rede global de Colégios da Companhia presente nos cinco continentes: África, Ásia, América Latina, América do Norte e Europa. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, [2018?])

A imagem se dá por meio daquilo que somos e demonstramos ser como instituição de ensino, é a construção da identidade, da marca que carrega a tradição educativa, o ensino de qualidade, a formação humana, a excelência acadêmica, a preparação da

pessoa toda para a vida toda, o carisma, o servir... as características básicas de um Colégio Jesuíta. Para tanto, é responsabilidade da área de *marketing* dar visibilidade, gerar memória, despertar desejo e captar alunos.

Pensando na proposta de análise do posicionamento, e na amplitude do assunto, foi necessária uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, abordando alguns conceitos de *marketing* e de metodologia de pesquisa. Assim, as reflexões sobre posicionamento de marca propiciadas pelos autores ajudaram a evidenciar aspectos a serem revistos e destacados, diante da atual e crescente concorrência no campo educacional, complementada, ainda, com uma pesquisa qualitativa e quantitativa entre pais de alunos do Colégio Anchieta.

A pesquisa foi desenvolvida com pais de alunos da Educação Básica, que efetuaram a matrícula de seus filhos nos anos de 2019 e 2020 na Educação Infantil, a fim de detectarmos o fator relevante na escolha do Colégio Anchieta. Diante desse contexto, primeiramente, optou-se por um estudo exploratório e detalhado, e, em seguida, pela análise dos resultados do estudo inicial, ressaltando aspectos que precisem ser refeitos, implementados e melhorados na instituição.

A Educação Básica (constituída pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), por exemplo, tem como objetivo-fim a formação integral dos alunos e alunas, para que se tornem pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas, capazes de assumir, na vida adulta, as grandes opções trazidas e ensinadas por Jesus Cristo. (JESUÍTAS BRASIL, 2016, p. 23)

Neste contexto, este estudo visa verificar o posicionamento de marca do Colégio Anchieta de forma eficaz, sendo assertivo para propor melhorias, rever conceitos e garantir sua posição privilegiada em relação à acirrada concorrência no mercado de Educação Básica privada de Porto Alegre. Evidenciando aspectos relevantes para a instituição como um todo, como marca educativa jesuíta.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pensar em um determinado produto ou serviço é pensar na marca, na relação entre consumidor, é pensar em sentimento, em lembranças, em experiências, em desejos, ocupando a mente e o coração. A marca nos diz muito a respeito do produto e de quem somos. Pensar a marca é pensar em nós mesmos, envolvendo sentimentos relacionados ao ontem, ao hoje e ao futuro.

Nos conectamos às marcas quando identificamos relações de semelhança entre determinados públicos, atraindo pessoas com atitudes parecidas às nossas. A marca é complexa, envolve uma composição de características que nos faz identificar as relações existentes nela, e nos motiva ao questionamento e ao desejo de pertencimento, ou não. A aquisição da marca é consequência da relação de desejo, consumo, pertencimento, conquista, imaginário... nunca deve ser vista de forma negativa, a marca constrói uma relação próxima, e não distante, e ao se tornar distante, é preciso atenção.

Quando começaram a ver cada marca como algo que representa o melhor que há em alguma categoria de preferência dos consumidores, os profissionais de marketing reconheceram a necessidade de ir além dos 4Ps de produto, preço, praça e promoção. A marca se tornou a alavanca estratégica e a organizadora de atividades para os esforços da empresa no mercado. (KOTLER, 2005, p. 65)

A marca do Colégio Anchieta está atrelada a sentimentos que promovem e estabelecem ligações de confiança entre as partes, seja em um nível simbólico, ou em um nível funcional. E, nesse sentido, a Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola, conhecida por oferecer educação de qualidade e pela produção de conhecimento para o desenvolvimento social, por meio da pesquisa científica e do aprofundamento intelectual, nos inspira a pensar a importância da tradição no contexto educacional de Porto Alegre.

Atualmente, são cerca de 16 mil jesuítas atuando em torno de 100 países dos cinco continentes. E em Porto Alegre, o Colégio Anchieta, com seus 131 anos, é referência na excelência acadêmica, na tradição educativa jesuíta, com ênfase no ensino de qualidade, voltado para a Formação Integral do aluno. Com seus mais de 3.000 alunos e uma média de 500 colaboradores acadêmicos e administrativos, tem lugar marcado no coração da comunidade porto-alegrense, uma vez que já formou milhares de alunos, que hoje já pais ou avós optam por voltar às suas origens como membros da chamada comunidade anchietana.

A Pedagogia Inaciana – que é baseada nos Exercícios Espirituais escritos por Santo Inácio e na sua experiência espiritual – norteia e inspira o modelo educacional do Colégio Anchieta, que visa à Formação Integral dos alunos, preparando pessoas com capacidade intelectual, senso crítico e visão humanitária e cristã para promoverem impacto positivo na sociedade. Para tanto, alguns documentos são inspiradores, orientando o projeto educativo ao longo dos 470 anos da Companhia de Jesus, entre eles, vale destacar: *Exercícios Espirituais*, de Santo Inácio de Loyola; *Constituições da Companhia de Jesus*; *Ratio Studiorum Superiorum*; *Características da Educação da Companhia de Jesus*; *Pedagogia Inaciana* e o *Projeto Educativo Comum* (PEC).

A Formação Integral é um diferencial da educação jesuíta, pois entende-se que “o nosso ideal é a pessoa harmonicamente formada, que é intelectualmente competente, aberta ao crescimento, religiosa, movida pelo amor e comprometida com a prática da justiça no serviço generoso ao povo de Deus”. (KOLVENBACH, 1986 apud KLEIN, 2017, p. 7).

O ensino jesuíta é reconhecido pelo cuidado, pela educação em seu modo integral, centrado na formação da pessoa toda para toda vida. E ao pensarmos na relação de vida que se estabelece entre o aprendizado e o sujeito, podemos dizer que há uma espécie de filtro entre a marca, os sentimentos, os valores e as memórias afetivas, oportunizando lembranças imediatas, sendo uma construção de vínculos entre produto ou serviço.

E ao estabelecer vínculos, surgem alguns questionamentos: Como estão os vínculos de marca e público do Colégio Anchieta? Como a instituição é vista como marca? É reconhecida pela tradição educativa jesuíta?

As estratégias de comunicação organizacional e *marketing* nas unidades da RJE também estão a serviço da missão e, como tal, contribuem para comunicar e reforçar os valores que integram a identidade institucional e a proposta curricular. Objetivos mercadológicos submetem-se à visão e à missão das escolas. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 72)

O posicionamento de marca é uma consequência da estratégia de comunicação, uma vez que constrói e propõe a manutenção da marca, com vistas ao sucesso, buscando lucratividade e solidez em sua posição no mercado. Desta forma, a visibilidade aumenta, o interesse em se tornar consumidor também, e conseqüentemente, temos lucratividade e crescimento no mercado.

O crescimento do Colégio Anchieta impôs uma mudança radical. O espaço na rua Duque de Caxias não mais comportava as atividades escolares, afinal não se tratava mais de abrigar algumas dezenas de alunos, Porto Alegre experimentava uma fase de crescimento acelerado, com aumento no número de construções e de população, o que se evidenciava por meio do movimento verificado no centro da cidade, onde ficava o Colégio. Em 1954, o terreno da Avenida Nilo Peçanha foi escolhido e aí entra em cena um personagem que ficaria definitivamente na história da comunidade: Pe. Henrique Pauquet. Depois de 13 anos de obras, em 11 de novembro de 1967, após a bênção da Igreja da Ressurreição, deu-se a inauguração oficial das novas dependências do Colégio Anchieta, onde funciona até hoje. (COLÉGIO ANCHIETA, [2016?])

Com a vinda do Colégio Anchieta para o bairro Três Figueiras, a região desenvolveu-se rapidamente, com novas construções, colégios, comércio, transporte, modificando o ambiente rural para um dos principais bairros comerciais e residenciais da cidade.

A relação entre escola e família envolve duas dimensões: (1) As famílias adquirem a prestação de serviços educativos, que são regulamentados por contrato; (2) elas são corresponsáveis pelo desenvolvimento e acompanhamento da aprendizagem integral. A constituição da comunidade educativa requer a integração saudável entre essas duas dimensões. (REDE JESUITA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 75)

Margarida Kunsch (2003) faz referência à imagem como a forma presente na mente dos públicos, no seu imaginário. Enquanto identidade é o que a organização é, faz e diz. Imagem tem a ver com o imaginário das pessoas, com as percepções. É uma visão subjetiva de determinada realidade.

A marca está atrelada à imagem, ela desperta interesses. Para a *American Marketing Association* (KOTLER, 1991, p. 442), “uma marca é um nome, sinal ou símbolo ou design, ou uma combinação de todos esses elementos, com o objetivo de identificar os bens ou serviços de um vendedor e diferenciá-los de seus concorrentes”.

## 2.1 Gestão de Marketing (Mix)

Kotler (1999) destaca quatro etapas como ferramentas de marketing, que são: preço, praça, produto e promoção, compondo o chamado *marketing mix* (4 Ps). Cada segmento tem seu significado no campo mercadológico e sua importância na construção ou manutenção do produto/serviço ofertado.

O preço é o custo para o cliente, a praça é o local onde é ofertado, o produto é o valor, e a promoção é a comunicação com o cliente. Com os 4Ps, é possível direcionar, posicionar e segmentar suas ações para determinado mercado, diferenciando-se do que já se tem, seja por meio do serviço, do valor, do local ou do que é comunicado sobre a marca de forma institucional.

A comunicação possui papel fundamental, uma vez que posiciona no mercado o serviço/produto oferecido. É ela que desperta o interesse, constrói a marca e divulga junto ao *marketing* as estratégias de comunicação para fidelização e captação de clientes.

Quando pensamos em posicionamento de marca, é imprescindível pensarmos como um todo, desde sua construção até a sua manutenção de forma cuidadosa. Kotler (2005) cita o produto/serviço relacionado com a marca, de forma prática e reforça para o cuidado com sua continuidade.

As marcas são a principal defesa contra a competição de preço. Marcas fortes criam mais confiança e conforto e uma imagem de melhor qualidade do que marcas menos conhecidas. As pessoas estão dispostas a pagar um preço mais elevado pelas marcas mais fortes. Mas deve-se entender que uma marca não é forte simplesmente porque gasta mais

dinheiro com propaganda. A força efetiva de uma marca baseia-se no desempenho, e não na promoção. Dizemos que uma marca é construída inicialmente pela publicidade e pela propaganda e se mantém pelo desempenho. (KOTLER, 2005, p. 65)

Para o Colégio Anchieta, ser a marca mais lembrada em pesquisas locais é a recompensa de que o que está sendo feito é reflexo de um trabalho com desempenho na gestão educativa. A instituição é lembrada pela comunidade por ser um centro educativo de tradição, perpetuando o trabalho iniciado e consolidado por Santo Inácio.

### 2.1.1 Posicionamento de marca

Para Kotler (2000, p. 33): “Um profissional de marketing é alguém que busca uma resposta (atenção, compra, voto, doação) de outra parte, denominada cliente potencial (*prospect*)”. O cliente está atento à marca, e conseqüentemente, ao seu posicionamento de mercado.

O Processo de Posicionamento pode ser dividido em duas etapas o posicionamento de mercado, no qual a empresa estabelece sua posição em relação ao ambiente competitivo; e o posicionamento psicológico, em que será definida a forma de comunicação para o mercado.

O posicionamento de mercado estabelece a posição desejável no mercado, traçando metas e objetivos para atender às expectativas consumeristas. É possível traçar um mapa perceptual com base no que os clientes percebem e, desta forma, identificar um reposicionamento de marca, migrando de uma posição para a outra.

A marca estabelece a identidade organizacional, que, segundo Heilbrunn (2002), tem a ver com a maneira com que os indivíduos da organização a representam ou imaginam, referindo-se aos seus projetos, valores e programa. A identidade da organização é o conjunto daquilo que a torna identificável e permite tal identificação.

A identificação com a instituição leva, por sua vez, à criação de vínculos, que possivelmente desperta o interesse em tornar-se consumidor. Contudo, ainda mais importante do que ser consumidor inicial, é dar continuidade, é estar presente como cliente de modo cativo, ininterrupto, com vistas à fidelização. Kotler e Fox (1994) reforçam o pensamento de que os alunos não devem ser vistos como uma audiência cativa, pois cada decisão de matrícula é renovada anualmente.

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica indicou que o posicionamento estratégico de marca faz parte de uma decisão planejada da instituição, devendo ser realizado de acordo com o mercado que se pretende atingir.

Deste contexto, surgiu o interesse de se analisar o posicionamento de marca do Colégio Anchieta na cidade de Porto Alegre. Para a obtenção das informações que orientaram o desenvolvimento deste estudo foi realizado um levantamento bibliográfico na área de Administração, com foco em *marketing*; na área de Comunicação Social, com foco em Relações Públicas e Publicidade; em Educação Básica, mantendo o foco no ensino e nos materiais da Rede Jesuíta de Educação; e por fim, em metodologia de pesquisa.

A escolha pela realização de um estudo exploratório com questionário quantitativo e qualitativo aplicado ao público-alvo foi determinante, a fim de identificar o posicionamento da marca junto aos clientes em potencial. Ou seja, a pesquisa foi realizada com pais/responsáveis acadêmicos que realizaram a matrícula de seus filhos na Educação Infantil, nos anos de 2019 e 2020, totalizando 326 questionários enviados.

A pesquisa foi realizada via e-mail institucional do Colégio Anchieta, cujo questionário foi enviado diretamente do segmento da Educação Infantil, no dia 16 de setembro, com data de devolução até o dia 21 de setembro do corrente ano. Dos 326 destinatários, 92 responderam à pesquisa, totalizando 28,2% dos pesquisados (Anexo 1).

O questionário contemplava duas perguntas qualitativas e uma quantitativa. O tempo médio para a conclusão da pesquisa por participante foi de 7 minutos e 14 segundos. A questão qualitativa foi respondida por 78 participantes, pois não era obrigatória, como as demais aplicadas.

A opção por este público foi relevante para a construção e a apresentação da pesquisa, a fim de identificar pontos positivos e negativos na manutenção da marca, no que diz respeito às necessidades de mercado, ao perfil do público e à concorrência no mesmo segmento. Destaca-se que a finalidade da investigação aqui proposta é rever o posicionamento de mercado educacional na acirrada concorrência da cidade de Porto Alegre.

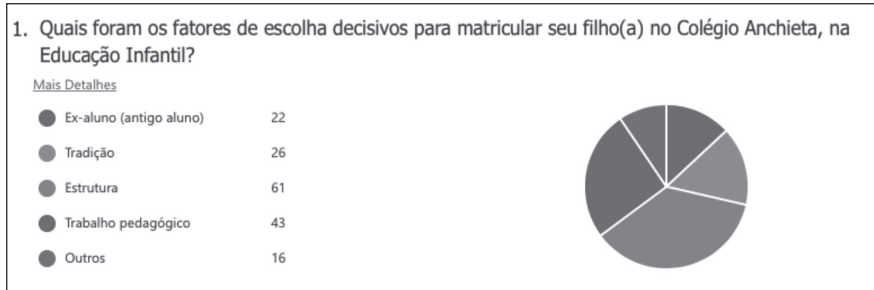
Para a apresentação dos resultados, serão utilizadas técnicas comparativas, por meio do uso de dados sem identificação dos pesquisados, bem como a representação das escolas concorrentes por “nomenclaturas” específicas.



## 4. RESULTADOS

A primeira pergunta fazia referência aos fatores decisivos para matricular o(a) filho(a) no Colégio Anchieta, sendo de múltipla escolha, e apontando cinco opções de resposta: a) ex-aluno; b) tradição; c) estrutura; d) trabalho pedagógico; e e) outros.

**Gráfico 1 – Dados sobre os fatores de escolha do respondente pelo Colégio Anchieta**

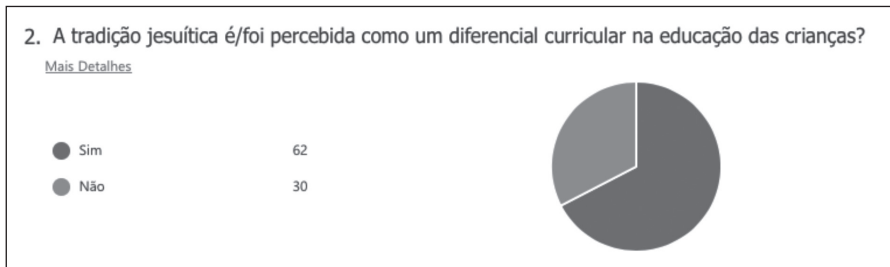


*Fonte: Resultados do questionário aplicado.*

Conforme demonstra o Gráfico 1, a estrutura do Colégio Anchieta é determinante na escolha da escola, totalizando 61 das 92 respostas, ou 36%. Outro fator significativo é o trabalho pedagógico, que aparece em 43 do total dos questionários, ou 26% dos entrevistados. A tradição do Colégio Anchieta é apontada em terceiro lugar, representando 15%, citada em 26 respostas das 92. O fato de ser ex-aluno também merece destaque, constando na pesquisa em 22 respostas, representando 13% das opções destacadas. Como último fator de escolha decisivo para matricular o filho no Colégio Anchieta, consta a opção “outros”, com a finalidade de ampliar as opções oferecidas, sem impor respostas.

A segunda pergunta tinha como propósito identificar se a tradição jesuítica é/foi percebida como um diferencial curricular na educação das crianças. Das 92 respostas, 62 dos pesquisados, ou 67%, responderam de forma afirmativa à questão, enquanto os outros 33%, ou 30 entrevistados, responderam não perceber a tradição jesuítica como um diferencial curricular na educação das crianças.

## Gráfico 2 – Dados sobre a percepção da tradição jesuítica no ensino



*Fonte: Resultados do questionário aplicado.*

Por fim, constava uma questão de caráter qualitativo, a fim de identificar, na percepção dos pesquisados, a justificativa do Colégio Anchieta ser há mais de 20 anos a marca mais lembrada entre as escolas particulares de Porto Alegre. Nessa questão, foram obtidas 78 respostas, ou 84,78% dos entrevistados participaram com suas opiniões, não sendo obrigatória, como as demais quantitativas.

De modo geral, e ainda sendo uma pergunta sem obrigatoriedade, a escrita livre demonstrou opiniões parecidas nas respostas. A palavra tradição consta em 28 das 78 respostas, enfatizando, novamente, assim como na primeira questão, o quão significativa é a história do Colégio Anchieta na comunidade, pois fazer parte e estar inserido na memória das pessoas há mais de 20 anos reforça a tradição da escola, conforme apontado pelos entrevistados.

Outro ponto destacado ainda na pesquisa qualitativa é a estrutura da instituição, constando em 18 respostas dos 78 participantes, ou seja, em 23,07% das citações. A qualidade no ensino também é fator determinante apontado na pesquisa por 17 dos 87 pesquisados.

A localização também foi atribuída na pesquisa, sendo citada em 12 das 78 respostas da mesma questão qualitativa. O tamanho do Colégio Anchieta aparece em algumas respostas de forma repetitiva, totalizando oito citações. O fator ex-aluno é apontado como influência no mercado como marca mais lembrada por seis pesquisados.

O trabalho pedagógico foi destacado por cinco entrevistados como fator determinante no posicionamento de marca. Outras opções aparecem de forma aleatória, mas que merecem ser consideradas como resultados de pesquisa, entre elas: o espaço ao ar livre; o envolvimento da escola com a família; a quantidade expressiva de alunos; as ações de *marketing*; o acolhimento; a qualidade, de modo geral, oferecida pelo estabelecimento; a infraestrutura; o atendimento às individualidades; os valores praticados na escola; e a capacitação profissional, cada uma com três citações dentre os 78 participantes.

No total, pode-se dizer que foram 56 apontamentos para justificar a lembrança e a permanência da marca Colégio Anchieta nesses 20 anos de premiações. Foram expostas aqui as respostas que foram atribuídas em até três entrevistados, portanto, há outras, mas com duas ou apenas uma citação.

## 5. DISCUSSÃO

A pesquisa foi significativa e necessária para apontar, na perspectiva de cliente, o quanto a marca representa para a instituição. É por meio de sua visibilidade e percepção que muitos dos consumidores tornam-se clientes. As perguntas aplicadas tinham o objetivo de identificar quais os fatores decisivos para matricular o(a) filho(a) na escola, a fim de se detectar o que é a essência do Colégio Anchieta, como é visto, e ainda reforçar pontos que precisam ser retomados e seguir a manutenção com fatores que são importantes, foram mencionados na pesquisa, mas que hoje, são contemplados na instituição.

A própria estrutura, que foi mencionada pelos pesquisados, reforça o quanto o *campus* é de suma importância na escolha da escola. O ambiente verde, o espaço ao ar livre, a infraestrutura oferecida e a localização privilegiada são fatores relevantes quando comparados ao atual mercado de escola particulares. Ainda que na pesquisa não tenham sido destacados concorrentes no campo educacional, como observação mercadológica cabe salientar esse ponto positivo que o Colégio Anchieta possui em detrimento dos demais colégios particulares.

O trabalho pedagógico foi citado como fator de escolha na escola e no posicionamento de marca. Reforçando o quanto a qualidade de ensino atrelada a fatores como a capacitação profissional, os valores praticados na escola, o acolhimento e a atenção às individualidades são fundamentais entre as opções destacadas. Na questão qualitativa, a estrutura e a qualidade de ensino tiveram pontuação muito próxima, reforçando que uma atribuição citada é reforçada com a outra, ou o binômio estrutura e qualidade de ensino está lado a lado na construção da marca.

É perceptível que a grande estrutura do Colégio Anchieta encanta e atrai clientes, mas a pesquisa trouxe o dado relevante da qualidade no ensino, fazendo-nos pensar que são condições como estas que tornam o Colégio Anchieta um diferencial no mercado.

A tradição esteve presente nas questões do questionário, tanto no nicho decisório, como na percepção dos clientes, e no posicionamento de marca. Desta forma, ao unir os três fatores – estrutura, qualidade de ensino e tradição –, temos uma perspectiva

de como o Colégio Anchieta é percebido por nossa comunidade. Vale destacar que as observações feitas na pesquisa corroboram a marca, pois evidencia-se a estrutura oferecida, o fazer diário, no que tange a qualidade na educação, amparada pela tradição educativa jesuítica.

A interação escola, família e comunidade abre espaços para o fomento do diálogo sobre a participação das famílias no espaço escolar. Ademais, acaba por incidir na criação de vínculos que promovam e construam a justiça social na sociedade e reverberem na inserção e no reconhecimento dos Colégios como parte constitutiva do contexto social no qual se localizam. (REDE JESUITA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 75).

A lembrança e o sentimento de pertença foram evidenciados na pesquisa pela presença dos ex-alunos, citados tanto como fator de escolha como no posicionamento de mercado. Mais uma vez, a tradição educativa está presente no público do Colégio Anchieta, uma vez que antigos alunos são parte da comunidade escolar, estão presentes como clientes, utilizam os serviços e participam das pesquisas de mercado, incidindo de forma positiva nas estatísticas do Colégio Anchieta.

Verificando os principais fatores destacados na pesquisa, é possível considerar que a estrutura, a qualidade de ensino e a tradição reforçam a percepção por parte dos entrevistados, que em alguns casos podem ser reconhecidos como “anchietanos”. O sentimento de pertencimento é fator decisivo na escolha, pois comprova o vínculo estabelecido com a estrutura, a qualidade e a tradição já vivenciadas por antigos alunos.

O fato de o Colégio Anchieta ser apontado como uma escola de grande estrutura, ao mesmo tempo que pode ser tomado como um fator positivo, cria um alerta em relação ao cuidado. O espaço amplo, desperta encantamento e dúvidas, pois os 12ha estão muito bem divididos por segmentos, e esse entendimento de um *campus* tão grande e ao mesmo tempo tão restrito, é vivido na prática. Percebeu-se na pesquisa que o acolhimento, a individualidade e o envolvimento com as famílias suprem esse ponto, pois evidencia que, mesmo com sua estrutura ampla, há o cuidado individual e coletivo.

Muitos fatores poderiam ser citados como fonte da pesquisa, mas ao equiparar respostas, é perceptível que há pontos convergentes, e ao analisarmos, é possível construir uma percepção de marca no mercado em que a instituição está inserida.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como intenção verificar o posicionamento de marca do Colégio Anchieta na Educação Básica na cidade de Porto Alegre, a fim de interpretar como o Colégio é visto por seus clientes de curto prazo, com matrículas efetuadas nos de 2019 e 2020.

A pesquisa evidenciou fatores que eram vistos e percebidos como possibilidades de atributos na escolha da escola para matricular o(a) filho(a), muitos já eram de conhecimento dos colaboradores da instituição, mas a solidificação em dados fortalece o que já era de conhecimento empírico. Os diferenciais em relação aos demais colégios particulares do município foram ressaltados, destacando suas particularidades e características que o diferem dos demais, tais como as apontadas na pesquisa: estrutura, qualidade no ensino e tradição.

Os dados possibilitaram a interpretação das respostas, proporcionando um entendimento amplo de como o Colégio Anchieta é “visto” na forma de marca pelos seus clientes. Oportunizando, assim, perceber, por meio de dados amplos e detalhados, aspectos que devem ser revistos, valorizados e descontinuados, de modo geral.

A importância da tradição para o posicionamento de marca do Colégio Anchieta no mercado de Educação Básica privada de Porto Alegre foi evidenciada entre os entrevistados. Dentre os aspectos relevantes na escolha, a tradição reforçou o quanto a marca jesuíta tem valor no campo educacional. Ser tradicional envolve muito mais do que um costume, envolve reconhecimento, qualidade, confiabilidade, transparência, pertencimento e respeito.

A tradição educativa jesuíta está presente na marca da instituição, amparada por laços e bases nos ensinamentos de Santo Inácio, o que torna a instituição um centro educativo de referência, no que diz respeito ao ensino de qualidade, atrelado à Pedagogia Inaciana.

Por fim, a pesquisa trouxe uma dimensão da atual realidade vivenciada, envolvendo o tempo, o ensino, e os laços históricos do Colégio Anchieta, ainda que o questionário tenha sido direcionado para parte do público, que se encontrava em plena pandemia.

A expectativa é que este artigo seja de conhecimento amplo e geral para os interessados, a fim de colaborar para o aprimoramento da instituição como Colégio integrante da Rede Jesuíta de Educação e parte das ideologias da Companhia de Jesus, sempre na perspectiva de Santo Inácio: “ser mais para os demais”.

## REFERÊNCIAS

CPAL (CONFERÊNCIA DOS PROVINCIAIS DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE). A Companhia de Jesus e o Direito Universal a uma Educação de Qualidade. Disponível em: <http://webexternos.asav.org.br/redejesuita/wp-content/uploads/2019/04/LivroDUECLancado27mar19.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

ANDRÉ, Alberto. **Ética e Códigos da Comunicação Social**. 4. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

CAMEIRA, Sandra Ribeiro. **O branding e a metodologia de sistemas de identidade visual**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2013.

COLÉGIO ANCHIETA. **História**. Porto Alegre: Colégio Anchieta, [2016]. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/historia/>. Acesso em: 9 set. 2021.

HEILBRUNN, Heitor. **A logomarca**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

JESUÍTAS BRASIL. **Introdução para Gestores da Companhia de Jesus**. Rio de Janeiro: Loyola, 2016.

JESUÍTAS BRASIL. **Manual de Direitos e Deveres do Colaborador da Província dos Jesuítas do Brasil**. Rio de Janeiro: Loyola, 2016.

KLEIN, Luiz Fernando. **A educação integral segundo a Pedagogia Inaciana**. 2017.

KOTLER, Philip. **O marketing sem segredos: Philip Kotler responde as suas dúvidas**. Trad. Baza Tecnologia e Linguística. Porto Alegre: Bookman, 2005.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing: a edição do novo milênio**. 10. ed. 5. reimp. Tradução: Bazán Tecnologia e Linguística. Revisão técnica: Arão Sapiro. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

KOTLER, Philip; FOX, Karen. **Marketing estratégico para instituições educacionais**. São Paulo: Atlas, 1994.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. 4. ed. Ver. atual. e ampl. São Paulo: Summus, 2003.

REDE JESUITA DE EDUCAÇÃO. **PEC: Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2016.

REDE JESUITA DE EDUCAÇÃO. **Educação Jesuíta na América Latina**. [S. l]: Rede Jesuíta de Educação [2018]. Disponível em: <http://www.redejesuitadeeducacao.com.br/educacaojesuita/educacao-jesuista-na-america-latina/>. Acesso em: 9 set. 2021.

**APÊNDICE A – PESQUISA****PESQUISA ACADÊMICA****PROGRAMA DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTA****UNISINOS**

Declaro estar plenamente de acordo em participar da pesquisa referente à Instituição COLÉGIO ANCHIETA, desenvolvida pelo Programa de Especialização em Educação Jesuíta: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Igualmente concordo em disponibilizar informações que permitam melhorar e conhecer a proposta de nossa instituição. Declaro também estar ciente de que os dados coletados serão utilizados com finalidade acadêmica, respeitando-se os preceitos éticos, conforme normas estabelecidas pelo Comitê de Ética da referida Universidade.

**1. Quais foram os fatores de escolha decisivos para matricular seu filho(a) no Colégio Anchieta, na Educação Infantil?**

- Ex-aluno (antigo aluno)
- Tradição
- Estrutura
- Trabalho pedagógico
- Outros

**2. A tradição jesuíta é/foi percebida como um diferencial curricular na educação das crianças?**

- Sim
- Não

**3. O Colégio Anchieta há mais de 20 anos é a marca mais lembrada entre as escolas particulares de Porto Alegre. O que na tua opinião justifica esta escolha.**



Márcia da Silva Zucolatto

## ***A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INACIANAS COMO UM FATOR ESSENCIAL PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL EM UM COLÉGIO JESUÍTA<sup>2</sup>***

### **1. INTRODUÇÃO**

O projeto de pesquisa surge a partir da necessidade de analisar a importância das emoções e da afetividade, nas práticas pedagógicas, como um tema de relevância para a Educação Integral, que como educadores de instituições pertencentes à Companhia de Jesus queremos construir. Um dos objetivos de um Colégio Jesuíta é o de instrumentalizar e formar um sujeito com habilidades e competências para enfrentar os desafios e as dificuldades que ao longo da vida se apresentarão e que saibam lidar com suas emoções de forma mais equilibrada, posicionando-se com responsabilidade e comprometimento com sua própria vida e com o coletivo.

Ao pensarmos em educação e na construção de sujeitos, precisamos nos dar conta

---

*Pedagoga e Orientadora Educacional pela UFRGS. Pós-graduada em supervisão e treinamento de Recursos Humanos pela PUCRS.*

*Artigo apresentado ao curso de Educação Jesuíta: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orientação: Profa. Ms. Christiane Miranda Sisson.*

<sup>2</sup> *Artigo apresentado ao curso de Educação Jesuíta: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Orientação: Profa. Ms. Christiane Miranda Sisson. E-mail: csisson@colegioanchieta.g12.br.*



que somos um todo em diálogo e em construção. Somos corpo, mente, sentimentos que agem em busca de seus objetivos. É preciso valorizar o que sentimos e os sentidos que atribuímos às experiências vividas. À escola cabe a formação de um ser que pensa criticamente, age e que também sente.

A proposta de analisar, a partir da minha prática como orientadora educacional de adolescentes de 14/15 anos, há 30 anos no Colégio Anchieta, a questão da importância da afetividade como fator essencial para a Educação Integral, ocorre por acreditar que na relação professor e aluno, a afetividade é fundamental para o êxito do processo de aprender, sabendo-se que essas interações podem contribuir para aprendizagens significativas na Formação Integral de cada pessoa.

Assim, é primordial levarmos em consideração a afetividade para o êxito do processo de aprendizagem, por isso, questiona-se: como a afetividade, na relação professor e aluno (ensinante e aprendente), configura um fator essencial das práticas pedagógicas inicianas, favorecendo a Educação Integral?

Precisamos, então, compreender a importância de as experiências afetivas estarem presentes nos espaços de aprendizagem.

Este estudo foi realizado a partir de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, a partir da busca de artigos que tratam da missão da Companhia de Jesus, análise de documentos da Educação Jesuíta, do Projeto Pedagógico Comum (PEC) da Rede Jesuíta de Educação e teóricos que estudaram as questões emocionais e seu desenvolvimento como Vygotsky, Wallon, e questões sociais/educacionais como Larossa e Paulo Freire, dentre outros autores.

A escolha do tema busca compreender a importância da afetividade na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, no reconhecimento de suas práticas. Por isso, realizei um questionário por amostragem via Forms, com os professores dos segmentos do Infantil C (última etapa da Educação Infantil), 4º Ano, 9º Ano e 2ª Série do Ensino Médio. Também analisei planos de aula das disciplinas de Ensino Religioso, Artes e Educação Física do 8º e do 9º Ano de 2019, com o intuito de observar se a afetividade aparece como um pilar importante na construção da Educação Integral. Por último, entrevistei as coordenadoras do SOE (Serviço de Orientação Educacional) e do SOP (Serviço de Orientação Pedagógica) do referido Colégio de atuação, a fim de compreender como a dimensão socioemocional aparece nos planejamentos e como são encaminhadas as ações neste enfoque, dentro dos serviços.

Emocionei-me com o que li, com as práticas dos colegas e com as vivências relatadas. Muitos colegas ajudaram neste percurso e agradeço de coração, pois, neste caminho que sigo como educadora e orientadora, me inspiram e fortalecem esta trajetória, motivando cada vez mais fazer o meu melhor, na busca dos ideais, na busca do Magis Iniciano.

Minha atuação profissional se desenvolve no Colégio Anchieta de Porto Alegre. Como Colégio da Companhia de Jesus, autodefine-se como um centro conceituado de humanização, de evangelização, de educação para a cidadania, de construção sistemática do conhecimento – pessoal e coletivamente efetivado na interação entre os vários sujeitos nele envolvidos – e de compreensão crítica da cultura e da história. A educação tem um compromisso com a ética, os direitos humanos, a ecologia, a sustentabilidade, a valorização da vida, a inclusão, a Formação Integral, a autonomia moral e intelectual. “Nosso trabalho sempre é concebido como parte da missão da Igreja e um serviço à sociedade” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 23).

A missão educativa tem como objetivo a formação de pessoas críticas por meio da leitura constante da realidade histórica em todas as suas dimensões, e “[...] busca educar as atuais e as novas gerações a partir de uma visão multicultural crítica, que leva em conta o reconhecimento da pluralidade e diversidade de sujeitos e de culturas com base no respeito e na tolerância recíproca” (COLÉGIO ANCHIETA, 2020, p. 7).

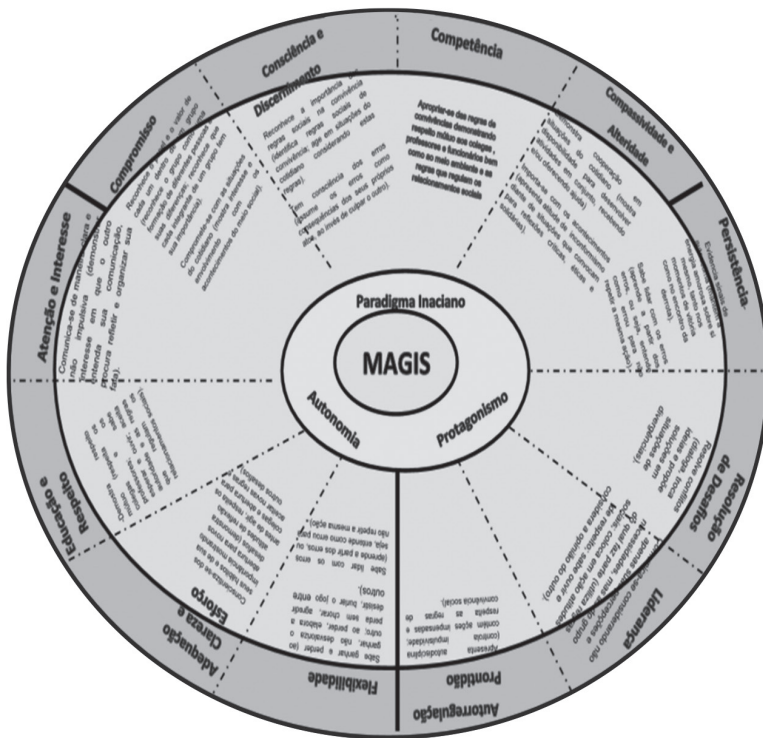
Como Colégio Jesuíta, o Colégio Anchieta tem a aprendizagem orientada pelo Paradigma Inaciano, que está centrado nos seguintes passos: contexto, reflexão, experiência, ação e avaliação, buscando transformar o conhecimento em habilidades e competências pessoais que se expressam no modo de “ser para e com os demais”.

Apresentam-se no PPI as diferentes dimensões para a construção da Educação Integral.

As dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa estão intimamente relacionadas, complementando-se mutuamente. A atenção e o desenvolvimento dessas dimensões constitutivas do ser humano possibilitam a formação integral de cada um e de todos os estudantes. (COLÉGIO ANCHIETA, 2020, p. 3)

O currículo escolar baseado nos documentos legais da Companhia de Jesus foi construído a partir das competências e habilidades socioemocionais, representadas em forma de esfera (Figura 1), em que o foco principal está na busca do MAGIS INACIANO, traduzido no Paradigma Pedagógico Inaciano e nos quatro Cs: Competência, Compromisso, Compassividade e Consciência. O princípio da convivência escolar faz-se presente na autonomia e suas competências de educação e respeito, adequação, esforço e flexibilidade. O protagonismo encontra-se nas competências de autorregulação e prontidão, liderança, resolução de desafios e persistência.

Figura 1 – Esfera competências e habilidades socioemocionais



Fonte: Colégio Anchieta, 2020, p. 4.

## 2. EDUCAÇÃO INTEGRAL E APRENDIZAGEM

Ao definir aprendizagem, podemos considerar que ela acontece pelo processo de criação de novas memórias e pelas conexões das redes neurais que vão se formando no armazenamento de novos conhecimentos e novas experiências de aprendizagem. Para acontecer este armazenamento, esta construção de conhecimento e novas experiências é necessário que este momento seja significativo para quem aprende, atribuindo significados.

A aprendizagem é provocada e se traduz em movimento a partir da ação do sujeito em interação com o objeto de conhecimento que consiste em um processo individual, interno, de estabelecimento de uma rede de relações, atribuindo significado à

nova informação, transformando-a em conhecimento. Para Piaget (1972), os sujeitos são ativos no seu processo de aprendizagem, na busca da formação de seres autônomos. “Toda a ênfase é colocada na atividade do próprio sujeito, e penso que sem essa atividade não há possível didática ou pedagogia que transforme significativamente o sujeito” (PIAGET, 1972, p. 43).

A construção do conhecimento é concebida pelo diálogo entre os diferentes modos de pensar, mediados pelas vivências e experiências do sujeito no mundo. A partir de atividades prazerosas, os alunos são estimulados pelo afeto presente na relação professor-aluno, despertando curiosidade para os novos saberes.

Por isso, conforme afirma Freire (2005), o processo de ensino-aprendizagem envolve uma interação socioafetiva entre um ensinante (aquele que ensina) e um aprendente (aquele que aprende). Esta interação se relaciona tanto com o ambiente escolar, social e familiar.

Aprender é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador. Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, mais se constrói e desenvolve a curiosidade do educando e essa curiosidade é despertada quando o aluno gosta da escola e se sente bem em sala de aula. (FREIRE, 2005, p. 27)

Hoje quando se fala em educação, se fala em educação integral, que contempla o sujeito em sua totalidade e isso significa também contemplar a dimensão socioemocional. Podemos então dizer que a educação deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade desse desenvolvimento.

Significa assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Cada vez mais, a realização nos âmbitos pessoal e profissional requer pessoas capazes de resolver problemas com criatividade, respeito, ética, diálogo e empatia. (MEC, 2018)

Para uma instituição educativa inaciana, o Colégio Anchieta tem no Paradigma Pedagógico Inaciano um de seus pilares, que se expressa num currículo que visa à Formação Integral do ser humano em todas as suas dimensões, fundamentada nos valores cristãos e evangélicos. Uma educação para toda a vida, continuada e aberta. Busca formar pessoas competentes, capazes de discernir o sinal dos nossos tempos de forma reflexiva e crítica, e que sejam protagonistas de suas ações de forma responsável.

A Educação Integral, nesse sentido, caracteriza-se pela “indissociabilidade da vida”. Baseada nessa visão, a Educação Integral, na concepção da Pedagogia Inaciana, propõe a articulação dos diversos espaços e agentes no ensinar e no aprender.

[...] A intenção é alcançar o desenvolvimento dos indivíduos na sua inteireza, mediante a construção do conhecimento, a relação colaborativa entre professor, aluno e família, pelas escolhas metodológicas adequadas e por uma avaliação processual e contínua, preocupada com todas as dimensões formativas que envolvem a educação assim concebida. (COLÉGIO ANCHIETA, 2018, p. 30)

Neste sentido, cito Antonio Pérez Esclarín que explana com poesia minha concordância com as dimensões do processo educativo. Ele nos faz refletir ao afirmar que:

educar toda a pessoa é educar com a razão, coração, inteligência, sentimentos, memória, imaginação, vontade e liberdade. Educa-se com os sentidos, com o corpo, com as vísceras, com a sexualidade. Educar toda a pessoa e a pessoa toda, ou seja, educar na sua integralidade. (ESCLARÍN, 2017, p. 12)

A sala de aula é uma estrutura viva, em movimento, em constante transformação, de construção de saberes, de trocas relacionais, de construção de valores para toda a vida.

### 3. PENSANDO AS EMOÇÕES E A AFETIVIDADE

Emoção é uma sensação física e emocional que é provocada por algum estímulo, que pode ser um sentimento, um acontecimento ou uma experiência. Vivenciar emoções é muito pessoal, elas podem ser sentidas de formas diferentes pelas pessoas.

Já os sentimentos são uma consequência das emoções e são sentidos de acordo com a sua experiência, personalidade, cultura e criação. São complementares, porque as emoções vividas dão origem aos sentimentos.

A questão da separação que se opera no contexto escolar entre emoção e razão, entre aspectos afetivos e cognitivos, tem sido denunciada há décadas.

Segundo Vygotsky (1997), a tendência intelectualista da divisão entre intelecto e afeto tem ignorado a importância do estímulo afetivo no desenvolvimento das atividades pela criança, negando a base dinâmica interdependente que existe entre os processos intelectuais e afetivos.

Aos poucos, a escola vem evoluindo, percebendo sua necessidade em atualizar-se diante das mudanças da sociedade. A escola do século XXI vem se reinventando, agregando e entendendo que o conhecimento não se constitui somente da natureza cognitiva, dando espaço para trabalhar a afetividade.

Para a Educação Jesuíta, a afetividade contribui significativamente para a Educação Integral da pessoa.

O intuito é de educar o aluno, visando à aprendizagem socioemocional, para que saiba lidar com os diferentes desafios da vida, com a regulação das emoções, com a empatia nas relações estabelecidas, com a resiliência para superar as adversidades, com o autocontrole, com a capacidade de escuta e com o respeito às diferentes opiniões, sendo colaborativo e flexível para com o trabalho em equipe. (COLÉGIO ANCHIETA, 2019)

Lev Vygotsky e Henri Wallon, famosos autores e especialistas na área da educação, concederam à afetividade uma elevada relevância no processo pedagógico. No âmbito da psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos na formação do caráter de uma pessoa.

Vygotsky (1997) defende que o pensamento e o afeto representam partes de um todo único, integral e indivisível, que é a consciência humana. Essa unidade, no entanto, não é rígida, mas sofre mudanças como o autor nos revela: “e o mais essencial para todo o desenvolvimento psicológico da criança é precisamente a mudança das relações entre o afeto e o intelecto” (VYGOTSKY, 1997, p. 271). Estabelece, assim, um padrão dinâmico e constante de relações entre os aspectos cognitivos e afetivos, que conduzem ao desenvolvimento.

Os fatores emocionais interferem de forma marcante no processo de ensino e aprendizagem. A emoção configura-se como um fator essencial a ser considerado dentro da prática pedagógica, pois os aspectos emocionais da relação professor-aluno são essenciais à aprendizagem.

O domínio das vivências das emoções não ocorre de forma direta, mas demanda mediação. Nesse contexto, Vygotsky (1999c, 2004a, p. 5) enfatiza:

[...] o caráter sociocultural da emoção, já que é por meio das experiências vivenciadas nas relações com o outro que as emoções humanas se configuram. Essas vivências são de caráter essencialmente ativo, revelando que a emoção atua como organizador interno e regulador do pensamento, predispondo o organismo para a ação.

Outro grande pensador cuja abordagem sobre a afetividade considero fundamental para a pesquisa realizada é o psicólogo francês Henri Wallon. Segundo Wallon (2000), a inteligência não é o elemento mais importante do desenvolvimento humano, mas esse desenvolvimento depende de três vertentes: a motora, a afetiva e a cognitiva. Assim, as dimensões biológica e social são indissociáveis, porque se complementam mutuamente. A afetividade surge nesse meio e tem uma grande importância na aprendizagem.

Para Wallon (2000, p. 122), “é inevitável que as influências afetivas que rodeiam as crianças desde o berço, tenham sobre sua evolução uma ação determinante”.

A afetividade faz parte da vida dos seres humanos desde o ventre materno. Através do amor, do afeto, nos aproximamos das pessoas, estamos em constante aprendizagem, impulsionados a explorar e a descobrir novidades. Uma criança amada, bem acolhida, certamente tem a curiosidade avivada, fator imprescindível para a aprendizagem. Para Wallon (2000), só há crescimento quando a criança aprende a lidar com as perdas, as frustrações e os limites. Ressalta a importância do lúdico, da manipulação de materiais em sala de aula, desde criança, para que aprenda a lidar com suas frustrações internas e seus conflitos.

Conforme Larrosa (2002), as palavras determinam nosso pensamento, porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras. Pensar não é somente raciocinar, calcular ou argumentar, mas dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.

O homem é um vivente com palavra. Se dá em palavra, está tecido em palavra, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e com a palavra [...] se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que acontece, de como correlacionamos as palavras às coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (LARROSA, 2002, p. 21)

A importância das experiências vividas pelas crianças e suas aprendizagens é ressaltada no PPI e percebemos nas ações pedagógicas propostas na Educação Infantil do Colégio Anchieta quando nos diz que:

A Educação Infantil fundamenta suas ações pedagógicas na ludicidade e nas interações, estimulando as diversas linguagens, a imaginação e a curiosidade. O processo educativo busca garantir a integração entre as dimensões expressivo-motora, afetiva, estética e sociocultural das crianças, oportunizando variedade de estímulos e diversidade de experiências. (COLÉGIO ANCHIETA, 2021, p. 10)

Como exemplo, o planejamento do Infantil B (2020) elenca as habilidades e competências previstas para o desenvolvimento socioemocional: “Identificar habilidades socioemocionais em vista de aplicá-las consigo, com o outro, por meio de vivências e resolução de problemas, ampliando a leitura de mundo” (COLÉGIO ANCHIETA, 2020, p. 27).

No Paradigma Inaciano, a experiência, a reflexão e a ação definem o modo de proceder da aprendizagem, como nos coloca Klein:

[...] A experiência envolve o “sentir e saborear internamente” o que se estuda, usando a imaginação e os sentidos, refere-se ao sabor das coisas que nos vem pela descoberta e pela experiência. É um fenômeno subjetivo que inclui sensações, emoções, pensamentos e vontades. É um resgate do coração e da capacidade de sentir em profundidade, derrubando a

decoreba e abrindo a mente para a criatividade. Prioriza-se a razão e os afetos experimentados. Pela experiência, garante-se o protagonismo do aluno na construção do saber, pois é ele quem assume a responsabilidade pelo aprender e, sem ele, não se pode chegar à ação comprometida, razão última de toda a Pedagogia Inaciana. Ter presente a experiência no planejamento da aula é conceber, conscientemente, estratégias que considerem o entendimento, os sentimentos e a imaginação no processo de ensino e aprendizagem. (KLEIN, 1994, p. 3)

A palavra experiência é como algo que faz sentir e que faz sentido, como uma casa repleta de significados. Cada espaço, cada objeto, cada ranhura nas paredes, sons, cores, odores, paisagens, fotografias de memórias contribuem para que sejam acionados e despertados sentimentos, emoções, vontades, desejos, ensinamentos, aprendizagens que ganham vida porque houve interação de todas as ordens: físicas, emocionais, racionais e irracionais.

Precisamos valorizar a experiência.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que ocorrem: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

#### 4. A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

A relação entre professor e aluno é essencial para que exista o processo de ensino-aprendizagem, pois é através dessa relação que professor e aluno interagem e definem seu papel nesse processo, trocando experiências, dificuldades e conquistas.

A afetividade é vista hoje como o ponto-chave nas relações produtivas entre o professor e o aluno, quando o aluno, ao se sentir motivado, muda seu comportamento positivamente, e seu interesse em aprender aumenta, levando-o a uma melhor aprendizagem.



O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente, pelas atitudes e métodos de motivação adotados pelo docente na sala de aula. Portanto, o professor não deve se preocupar somente com o conhecimento por meio de informações, mas também com o processo de construção da cidadania do aluno através do relacionamento entre os sujeitos aprendentes. (SILVA; NAVARRO, 2012, p. 95)

Desse modo, entender que as relações entre aluno e professor (docentes e discentes) envolvem comportamentos intimamente relacionados, em que as ações de um promovem ações do outro. As reflexões e ações são observadas e estimuladas por ambos os lados, sejam alunos ou professor. Temos que ter clareza que não existe isenção nessa relação e que a educação se faz na construção de uma formação crítica, posicionada e dialógica. “As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula faz parte das condições organizativas do trabalho docente”. (LIBÂNEO, 1990, p. 274)

A mediação do professor, portanto, não é meramente pedagógica ou cognitiva. A relação é permeada pelas vivências e experiências, pela emoção do aluno e do professor. O PEC também nos coloca o que se espera do professor.

[...] o professor é mais do que mediador das aprendizagens, especialmente em tempos de tamanha diversidade de “mediações”. O Professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os alunos indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 44)

O professor é um orientador/mediador que assume sua condição de problematizador, desenvolvendo ações pedagógicas desafiadoras, sendo referência afetiva e acadêmica com vistas a contribuir para a Formação Integral dos alunos.

O professor promove a participação ativa dos alunos, entendendo o ambiente educativo como um cenário de experiências de aprendizagens, considerando as individualidades. Busca, a todo momento, o desenvolvimento da autonomia, das competências e das potencialidades humanas de seus alunos. Procura relacionar os assuntos das aulas com a vida cotidiana de um modo prático, significativo e real, fazendo conexões tanto globais quanto locais. Integra estratégias críticas e criativas com o objetivo de promover uma cultura mais consciente e efetiva das aprendizagens. (COLÉGIO ANCHIETA, 2018, p. 34)

A relação professor-aluno deve ser construída primeiramente com base no diálogo. O diálogo significa uma atitude de abertura para o outro e para o mundo, reconhecendo diversos pontos de vista e buscando aprender conjuntamente.

A escola é um local educativo, onde a sua função principal é mediar o conhecimento e possibilitar ao aluno o acesso e a construção do saber. Onde as relações estabelecidas entre professor e aluno devem ser baseadas no afeto e para que essa relação seja bem significativa e tenha sucesso no processo ensino-aprendizagem, o diálogo é fundamental. (SARMENTO, 2010, p. 17-18)

A escuta sensível é fundamental neste jogo de saber, a necessidade de ouvir é essencial. Quando aprendemos a ouvir, sabemos dialogar, descobrimos necessidades, desejos, aflições e identificamos nossos sentimentos. Mas precisamos aprender a escutar, a exercer uma escuta efetiva, ativa e enriquecedora como nos fala Dunker:

precisamos praticar uma escuta transformativa, colocar-se no lugar do outro e abrir-se para aquilo que ainda não se sabe, o que ainda vai ser construído. A boa escuta é aquela que consegue suportar a incerteza, é renunciar a posição de poder, é deixar que a experiência e a linguagem estejam em primeiro lugar. (DUNKER, 2017)

Podemos também falar da importância da escuta afetiva, que é a capacidade de ouvir de forma respeitosa, atenta, isenta de julgamentos e empática. Ao sermos empáticos, buscamos agir e pensar da forma como o outro pensaria ou agiria nas mesmas circunstâncias. E da escuta ativa, que requer uma atitude de atenção, interesse e acolhimento.

A acolhida ao aluno é crucial no propósito de envolvê-lo na aprendizagem, para que o prazer em continuar aprendendo permaneça, construindo um vínculo com a escola e com o professor, estreitando laços de confiança pelos quais ajudará na descoberta de novos conhecimentos. “Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 2005, p. 79). Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos.

É importante que o professor esteja sempre com a atenção voltada para cada aluno em particular, levando em consideração o que cada um tem de melhor e auxiliando a lidar com seus problemas, pois o aluno, quando se sente amparado em suas dificuldades, consegue lidar melhor com elas.

A afetividade torna-se, sem dúvida, um dos fatores relevantes na prática pedagógica do professor, pois facilita e contribui para a aprendizagem dos alunos. Assim, se essa relação for baseada na afetividade, obviamente, tanto o professor como os alunos terão mais facilidade de construir valores essenciais para uma boa convivência em sociedade e de entendimento das diferenças comuns a todo ser humano. Precisamos estabelecer conexões amorosas, escuta afetiva e ativa, dar voz aos nossos alunos e escutar o que eles têm a dizer. Para tanto, a afetividade torna-se uma das principais referências no processo de construção do saber.

## 5. ANÁLISE DA COLETA DE DADOS

Ao realizar minha pesquisa quis buscar em materiais elaborados nos planejamentos, nas falas e nas vivências de professores e nos encaminhamentos das ações das coordenações dos serviços pedagógicos, o quanto se percebe que a afetividade tem um papel fundamental na construção de todo o ser, no processo ensino-aprendizagem e nas relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Para isso, realizei a coleta de dados, que foi dividida em três partes, como explicitado no Quadro 1:

**Quadro 1 – Etapas da coleta de dados**

Tipo de instrumento	Quantidades	Sujeitos envolvidos	Ano escolar de atuação dos Sujeitos	Descrição detalhada
Questionário	01	Professores da Educação Infantil, Fundamental I e II e Ensino Médio	2020	Questionário aplicado via Forms, para professores.
Planos de Aula e/ou estudos	03	Ensino Religioso, DCT (Design Cognitivo e Tecnologias) e Educação Física	2019	Planos de aulas dos e/ou estudos dos componentes curriculares de Ensino Religioso do 8º e 9º Anos, DCT (Design Cognitivo e Tecnologias) do 8º Ano e Educação Física do 8º e 9º Anos.
Entrevistas Semiestruturadas	02	Coordenadoras do SOE e SOP	2021	Entrevistas semiestruturadas, gravadas no Teams, com as coordenadoras de serviços (SOE e SOP) do Colégio Anchieta de POA.

*Fonte: Elaborado pela autora.*

## 5.1 Dados levantados no questionário aplicados aos professores

Com o objetivo de compreender qual a importância da afetividade para o professor iniciano, apliquei um questionário via Forms, 3 por amostragem, com professores da Educação Infantil C (última etapa da Educação Infantil), do 4º Ano do Ensino Fundamental I, do 9º Ano do Ensino Fundamental II e da 2ª Série do Ensino Médio, que espontaneamente responderam.

Ao analisar os dados, percebo que foi muito significativo e reflexivo perguntar a respeito deste tema da importância da afetividade para a Formação Integral, sobre o qual irei ressaltar alguns aspectos.

Foram contabilizados 24 professores respondentes, dos quais 5 possuem graduação, 12 tem especialização, 5 estão no nível de mestrado e 2 no de doutorado.

Quanto ao tempo que lecionam no Colégio Anchieta, 37,5% dos respondentes está entre 3 e 5 anos na Instituição, concentrando a maior quantidade de professores, 9 no total.

Todos os 24 professores participantes da pesquisa, ou seja, 100% afirmaram que a afetividade do professor influencia na relação com seus alunos em sala de aula.

Para exemplificar, destaco as respostas de dois professores: “A relação afetiva melhora o interesse em escutar, dialogar, refletir, construir coletivamente. A afetividade favorece as aprendizagens” (M.C.S) e “Fundamental para a relação professor aluno e no aprendizado. Sem afeto, muito difícil ter Educação Integral” (C.M.C).

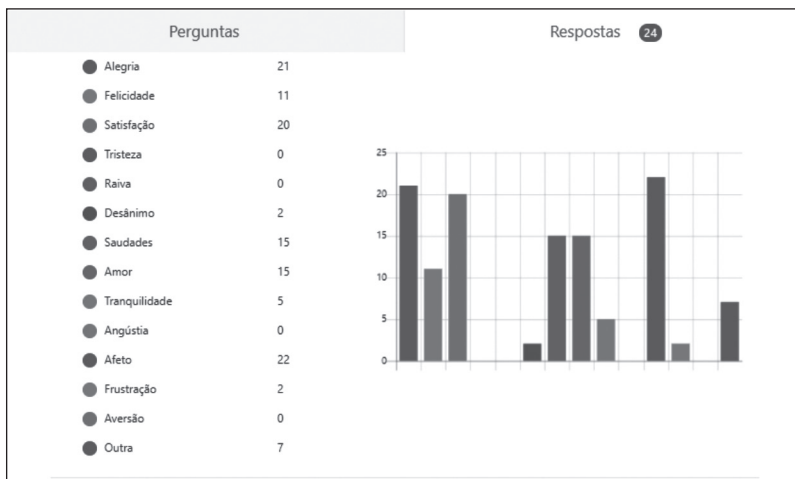
Ao perguntar quais os fatores que favorecem o bom vínculo professor e aluno, resalto algumas respostas de colegas: “A escuta e a atenção na hora de dúvidas, a compreensão com as dificuldades. O elogio quando há uma superação de obstáculos” (T.L.O) e “Empatia, respeito e bom humor” (A.L).

Ao serem perguntados sobre quais as emoções/sentimentos os mobilizam quando pensam nos seus alunos, 87,5% responderam afeto, alegria, satisfação, amor, motivação, tranquilidade, respeito, reconhecimento, carinho, orgulho e felicidade; 12,5% trouxeram também desânimo e frustração. O maior número de marcações foi em afeto, com 22 marcações, seguido de 21 em alegria e 20 em satisfação. Também resalto as 15 marcações em saudades e amor.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://forms.office.com/Pages/DesignPage.aspx?fragment=FormId%3DKiu3yTQLJUS5x8JFnsAVH8YTk0OeKKVHiplmLS9MQ9YSUOU1PR0xGQORSUjMONE9SMUdYRTlZMkxXSi4u%26Token%3D77f26539459840c9a78b6425adf86b93>.

Figura 2 – Resultados da pesquisa realizada com os professores via Forms



Fonte: Questionário Forms.

Em relação à forma que se envolvem nas dificuldades afetivas vivenciadas por seus alunos em seu cotidiano escolar, apenas um dos 24 professores que responderam ao questionário colocou que não se envolve. Os demais, ou seja, 23 professores, num percentual de 95,83%, citam escuta, orientação, acolhimento e encaminhamento ao serviço do SOE. Ressalto aqui as palavras da colega do SOE “Com uma escuta amorosa” (L.S).

Quanto às medidas que costumam adotar para alcançar o envolvimento afetivo da turma durante a aula, destaco as colocações:

“Muitas vezes, me coloco na posição de ouvinte para que eles ‘desabafem’ sobre diversos assuntos. Procuo motivá-los não somente em relação à vida de estudante, mas à vida em geral”. (D. N)

“Acolhimento, palavras de carinho, atenção, olhar atento, atividades socioemocionais com o grupo, estratégias socioafetivas, dinâmicas grupais, entre outras”. (S. S)

Quando perguntado quais os aspectos afetivos são valorizados na formação do indivíduo, responderam: convivência, exemplo, sensibilidade, motivação, respeito mútuo, cooperação, segurança, tranquilidade, empatia, amor, compaixão, solidariedade, carinho, diálogo, doação, comunicação, bom humor, amizade, cordialidade, cooperação, troca, confiança e “a aproximação com eles a fim de que eles percebam que todos somos iguais” (A. P. A. R).

Também destaco a resposta do colega da Educação Infantil:

“Educando pelas emoções vem sendo um cociente no trabalho da educação infantil nos últimos anos, isto é, busca-se que as crianças sejam capazes de identificar os sentimentos e pouco a pouco como lidar com eles. Além disso, o reforço do companheirismo, solidariedade e olhar ao próximo estão constantemente presentes na educação integral, que preza pelos valores cristãos nesta instituição”. (B.A.A)

Ao serem questionados se atualmente se sentem afetivamente motivados para ensinar, 100% dos participantes da pesquisa responderam que sim.

Finalizando o questionário, foi solicitado que relatassem uma experiência afetiva da sua prática docente. Transcrevo aqui apenas duas experiências que me emocionaram muito, dentre tantas outras relatadas, com tanto afeto e carinho das vivências significativas de cada colega:

“São muitas! No ano atípico de 2020 eu tive o privilégio de ter muitos alunos afetivos. Nas aulas de laboratório de ensino, nas sextas-feiras, um grupo de alunos sempre aparecia para conversar sobre a vida, além de tirar as dúvidas e mesmo quando não tinham dúvidas. Isso gerou uma interação muito interessante, pude entender quais eram as angústias da idade frente à COVID-19 e também angústias escolares”. (E.A.J)

“Nossa, são tantas! Como sou professora de Química, os alunos frequentemente me abordam com dúvidas sobre drogas lícitas e ilícitas e remédios para depressão e ansiedade. Os acolho da forma mais respeitosa e técnica possível, abordando a neurociência no comportamento social adolescente. Após algum tempo trabalhando em suas dificuldades, eles me agradecem pela ajuda e parceria, se mostrando mais maduros e conscientes das responsabilidades”. (A. E)

## 5.2 Análise dos Planos de aula e /ou estudos

Com o objetivo de observar se os professores, ao planejarem suas aulas, têm intencionalidade e deixam claro os objetivos, as estratégias e as metodologias no desenvolvimento de habilidades na área afetiva e se aparece a afetividade como um “pilar” importante na construção da Educação Integral, analisei alguns planos de aula.

Ao investigar os planejamentos de alguns componentes curriculares, os planos de aula e/ou estudos de Ensino Religioso do 8º e 9º Anos, DCT – Design Cognitivo e Tecnologias do 8º Ano e Educação Física do 8º e 9º Anos de 2019, constatei que aparecem claramente descritas as habilidades e as competências nas três dimensões – cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa. Ainda, os professores especificam os objetos de conhecimento, a dinâmica semanal considerando o tema da aula, a metodologia e

as técnicas que serão aplicadas, os recursos que serão necessários, além das etapas do PPI (Paradigma Pedagógico Inaciano: contexto, experiência reflexão, ação e avaliação) e a inserção do APC (Acompanhamento Processual Contínuo). Estes planejamentos são realizados em cada trimestre e acompanhados pelos Coordenadores de Área e pelo Serviço de Orientação Pedagógica (SOP).

É importante ressaltar que as três dimensões estão interligadas no desenvolvimento da prática do educador inaciano, mas que, para efeito de planejamento, são descritas separadamente. Todo o trabalho desenvolvido tem em sua intencionalidade o desenvolvimento da Educação Integral.

Destaco algumas habilidades e competências propostas nos planos de aula na dimensão socioemocional das referidas disciplinas.

Primeiramente, em DCT – Design Cognitivo e Tecnologias do 8º Ano, no 1º trimestre, encontramos:

“Demonstrar pensamento flexível para lidar com a diversidade da situação, acolhendo, a partir de pressupostos éticos, as escolhas e as atitudes de outras pessoas e/ou grupos”.

Em Educação Física do 9º Ano, no 2º trimestre, destaco:

“Agir respeitosa e adequadamente no ambiente escolar, demonstrando educação e cordialidade. Controlar a impulsividade, avaliando a situação antes de agir e tendo consciência do ato e de suas consequências”.

E finalizo, ressaltando na disciplina de Ensino Religioso do 9º Ano, no 3º trimestre:

“Demonstrar autonomia e prontidão na resolução de problemas, estabelecendo conexões e relações de causa e efeito, como forma de desenvolver a capacidade de inovação”.

### 5.3 Entrevistas com coordenadoras dos serviços – SOE e SOP

Ao realizar minha pesquisa, pensei que também seria importante entrevistar as coordenadoras do SOP (Serviço de Orientação Pedagógica) e do SOE (Serviço de Orientação Educacional) para compreender como a dimensão socioafetiva aparece nos planejamentos e como encaminham as ações neste enfoque dentro dos serviços, enfim, para ter uma visão dos encaminhamentos de gestão, em nível vertical e horizontal dentro da escola.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com as coordenadoras dos Serviços de Orientação Educacional (SOE)<sup>4</sup> e Orientação Pedagógica (SOP)<sup>5</sup> do Colégio Anchieta de Porto Alegre, de forma individual, gravadas pelo *Microsoft Teams* e, posteriormente, transcritas para facilitar a análise. Foi entregue antecipadamente um roteiro de perguntas que foram usadas para nosso encontro.

### 5.3.1 Entrevista com a coordenadora do SOE

A orientadora educacional Isabel Tremarin, além de coordenadora do Serviço de Orientação Educacional, tem como função a coordenação interna do Sistema de Qualidade na Gestão Escolar e a Orientação Educacional da 3ª Série do Ensino Médio, com 35 anos de atuação no Colégio Anchieta de Porto Alegre.

Em nossa conversa, ressaltou que a afetividade nos remete à relação professor e aluno, um vínculo que contribui para o processo de aprendizagem.

“É muito relevante este vínculo e vai ser o combustível da aprendizagem. A aprendizagem se dá quando se juntam os sentimentos, quando o aluno gosta do professor, reconhece a qualidade, a competência e a humanidade do professor, e ele, o professor, se relaciona também com o aluno da mesma forma, como um adulto de referência, que pode contribuir como um porto seguro.”

Salientou também que os princípios de convivência escolar, dispostos no Regimento do Colégio, amparam o relacionamento institucional. É o modo de ser e estar em convivência escolar, que se aponta por princípios de convivência em comunidade.

“São esses pactos de convivência que se transferem para as vivências que pautam nossas relações. Essas experiências, esses pactos de convivência que nos fazem evoluir, desde o mais íntimo (pessoal), da missão do educador, os parâmetros institucionais e as relações dentro da instituição. O cimento é a afetividade, a convivência com os alunos, com as famílias, com o fator humano. Somos seres humanos e onde tem seres humanos, tem afetos misturados com normas de relacionar-se.”

Quando perguntada como a afetividade e a dimensão socioemocional auxiliam na construção da Educação Integral, explicou que hoje quando se fala em educação, se fala de Educação Integral, uma educação que contemple o sujeito em sua totalidade e isso também significa contemplar a dimensão socioemocional.

---

<sup>4</sup> Gravação da entrevista na íntegra com a coordenadora do SOE disponível em: <https://web.microsoftstream.com/video/d07d7825-cafc-451a-b898-723ef0063fd0>

<sup>5</sup> Gravação da entrevista na íntegra com a coordenadora do SOP disponível em: <https://web.microsoftstream.com/video/44458786-bfb7-4d43-bd7a-02189b244c22>



Referindo-se ao Colégio Anchieta, pertencente à Rede Jesuíta de Educação, já são incluídas há três anos a dimensão socioemocional e a dimensão espiritual-religiosa no currículo, representando uma mudança de paradigma. Existe uma intencionalidade pedagógica nas metodologias, nos processos pedagógicos.

No Colégio Anchieta, a proposta pedagógica em desenvolvimento é de três competências gerais: a relação consigo mesmo (autoconhecimento), a relação com o outro (convivência no ambiente escolar) e a relação com o mundo (cidadania global).

“No Colégio Anchieta, vem-se trabalhando nas três grandes competências gerais e a expectativa é que ao final do Ensino Médio, o nosso aluno tenha desenvolvido várias habilidades que concorram para a efetivação dessas competências, na sua subjetividade, que tenham experiências de situações, que os qualifiquem na relação consigo mesmo, na relação com o outro e na relação com o mundo e demais culturas, no sentido da cidadania global. É a afetividade que permeia tudo isso, são os sentimentos que farão que as aprendizagens sejam significativas e que não fiquem no plano racional, para se reverter em construções subjetivas.”

O trabalho no Colégio Anchieta se sustenta a partir da formação continuada do professor, de forma permanente, na qual os Serviços de Orientação Educacional, Pedagógica e Religiosa, Espiritual e de Pastoral trabalham de forma conjunta.

“Os serviços preparam, organizam os estudos, as apresentações referenciais com os autores e matérias de estudo, organizam os tempos das reuniões e acompanham os registros dos planos dos professores, que já constam as três dimensões – cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa. É um trabalho de equipe – SOE, SOP e SOREP – com o grupo de professores. Temos um norte comum e cada um com suas especificidades colabora. Todos com objetivos comuns e isso nos fortalece; sabemos o horizonte, com processo e com intencionalidade pedagógica na colaboração das Equipes de Série/Ano, que, por sua vez, estão com seus docentes. É isso que assegura da base ao topo, esse trânsito que é o Projeto Pedagógico. Que ele seja realmente impregnado na vivência no dia a dia. Não adianta um projeto pedagógico maravilhoso, que não chega na sala de aula.”

Ao perguntar como é percebida/vivida no cotidiano escolar esta prática com os alunos, Isabel relatou sua percepção da forma como os alunos da 3ª Série do Ensino Médio estão saindo ao final de sua escolaridade no Colégio Anchieta.

“Na 3ª Série do Ensino Médio, onde o aluno já experienciou, já aprendeu muito ao longo da trajetória na escola, tenho notado fortemente que os alunos vêm se relacionando de uma forma mais autônoma, respeitosa, de uma forma colaborativa, eles colaborando com a escola. São atores

bastante ativos na proposta pedagógica e isso vem sendo formado ao longo da escolaridade, muitos vêm tendo atuações, sendo protagonistas, participando de projetos, vêm trazendo uma nova capacidade de liderança; é uma liderança que colabora com a instituição, mas não é uma liderança alienada, uma liderança crítica, mas respeitosa. Eles vêm, se posicionam, fazem críticas à escola, tentam que a escola procure novas alternativas, mas isso num clima de diálogo, de conversa e não num clima de animosidade. Apesar de serem jovens, que naturalmente são mais questionadores, contestadores, o que é bom e saudável, se forem muito cordatos, precisamos ficar preocupados, não se vê nossos alunos anchietanos cordatos, não são cordatos, mas quando querem se manifestar e, às vezes se manifestam fortemente, não é no nível da agressão, é no nível do questionamento, de fazer a crítica, de querer ser ouvido. Se consegue sentar, ouvir, conversar e repensar e isto está vinculado ao modo de conviver desta comunidade, a forma que vieram convivendo, as experiências as quais foram vivendo foi dizendo que é desse jeito que pode ser. Enxergo isso mais consolidado e fico bastante satisfeita pois estou no final do processo”.

### 5.3.2 Entrevista com a coordenadora do SOP

A orientadora pedagógica Dóris Trentini, coordenadora do Serviço de Orientação Pedagógica do Colégio Anchieta, tem 41 anos de atuação na instituição.

Iniciamos nossa conversa diferenciando afetividade e a dimensão socioemocional. Ela entende que “a afetividade se percebe na forma como a pessoa demonstra acolhimento, empatia com as outras pessoas, como ela demonstra seu afeto e como vive este afeto”, e que a dimensão socioemocional está na construção da Educação Integral:

“Uma dimensão que faz com que a pessoa não seja vista apenas por um aspecto. A Educação Integral se compõe da dimensão cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa”.

E como isso é percebido na prática?

“Quando eu vejo o aluno, quando está no processo de aprendizagem, ele não está apenas com o intelecto ou apenas com a sua espiritualidade ou religiosidade, ele também tem afeto. Estão envolvidas no momento de sua aprendizagem estas três dimensões (cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa). Todas se fazem presentes com a mesma força e a mesma ênfase. Então, as práticas de aula têm que considerar este aluno em sua integralidade. Enquanto Colégio Anchieta, a Educação Integral é o nosso norte”.

Enfatiza que a dimensão socioemocional impacta e muito em todos os sentidos da aprendizagem.

“A aprendizagem em sala de aula acontece pela interação entre aluno e professor, entre alunos e demais colegas e deste aluno com o conhecimento. É preciso ter uma conexão entre estes diferentes aspectos.”

E o papel do professor nesse processo é fundamental:

“O professor que consegue estabelecer um bom clima em sala de aula, que consegue acolher bem os alunos, os alunos se sentirem aceitos nesse espaço, isso já é um grande passo para que aconteça uma aprendizagem mais significativa. Essa relação, quando acontece, leva a uma aprendizagem mais significativa e mais duradoura”.

Salienta ainda, que está presente na prática pedagógica dos professores no dia a dia, dentro das atividades planejadas e desenvolvidas e que são visíveis no Acompanhamento Docente realizado pelo Serviço de Orientação Pedagógica da escola, inclusive previsto na análise de critérios e rubricas que se referem à relação do professor e aluno em situações de afetividade e acolhida nas práticas de sala de aula.

Ao ser perguntada sobre o trabalho com a dimensão socioemocional no currículo da escola, coloca que:

“Antes chamávamos de dimensão afetiva e agora em dimensões que se traduzem em habilidades e competências. Para que os alunos possam desenvolver estas competências da dimensão socioemocional, têm que ter desenvolvido ao longo do currículo, respeitando as características das faixas etárias, determinadas habilidades. Se começa desde o nível A, de três anos, com estratégias, ações e procedimentos do professor para que o aluno desenvolva habilidades socioemocionais. Começa, então, a mediação do professor, depois a relação com os colegas e vai se ampliando e aprofundando ao longo do currículo”.

A entrevistada enfatiza a importância de que, no desenvolvimento da dimensão socioemocional, o aluno trabalhe a sua relação consigo mesmo, “conhecer-se”, a relação com o outro e o ambiente, “reconhecer este outro e colocar-se numa atitude de empatia com este outro”, até chegar às habilidades da relação com o próprio mundo, sempre respeitando as etapas de desenvolvimento da pessoa.

Ao ser questionada sobre a formação dos professores e acompanhamento das práticas pedagógicas, salienta que a Equipe Pedagógica da escola precisa dar suporte para que os professores tenham entendimento e compreensão das características das faixas etária, “como se dá este desenvolvimento socioemocional ao longo da vida escolar do aluno”, o trabalho sobre o que são habilidades e competências, pensar conjuntamente estratégias de ensino, de ações e procedimentos que podem ser implementados na sala de aula para o desenvolvimento destas habilidades e competências.

“É uma elaboração coletiva, partilhada, muito discutida. Faz-se muitas leituras, reuniões com pessoas que abordam a temática e até jornadas pedagógicas, trabalhando esta dimensão, de forma bem formativa. Não é o professor recebendo pronto. Para chegar a estar no plano de aula do professor, é muito trabalhado, elaborado pelos próprios professores, estudado de forma aprofundada para traduzir-se na operacionalização do plano de aula. Tanto que nos planos de aula estão descritas as três dimensões e com habilidades – cognitivas, socioemocionais e espiritual-religiosas – que foram elaboradas em anos anteriores nos planos de estudos e que aparecem em forma de esfera.”<sup>6</sup>

Foi solicitado, já para terminar nossa entrevista, que relatasse uma vivência que percebesse afetividade dentro da sala de aula, entre professor e aluno.

“No virtual, como SOP – orientadora pedagógica – entro em sala de aula e observo a aula do professor. Como percebo essa dimensão da afetividade, do socioemocional? Desde a entonação da voz do professor, quando ele fala na aula, as suas palavras de acolhimento aos alunos; durante as atividades, as palavras de reforço à participação e as respostas que são dadas pelos alunos; a forma carinhosa que muitas vezes ele se manifesta e até no término da aula quando o professor faz a pergunta: e aí pessoal, o que vocês acharam da aula? E aí se ouve os alunos também se manifestando de forma carinhosa, afetuosa com o professor, dando um retorno para o próprio professor. Assim, se percebe também no virtual, que é tão difícil, que não é físico, mas se consegue acolher também dessa maneira. Sabemos que não tem esse olhar, do olho no olho, mas tem a voz como um elemento importante nesta acolhida.”

Agimos, interagimos, percebemos, sentimos, aprendemos e reaprendemos. A afetividade quando presente na relação professor e aluno se torna um facilitador de aprendizagens e trocas significativas. Cada gesto, cada ação incidirá na sua pessoa e no outro.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao educar hoje, o educador necessita tomar consciência do mundo e da sociedade que pretende ajudar a construir como tarefa educativa. A afetividade é de fundamental importância, ainda mais frente a pandemia da COVID-19 que, desde 2020, vem ceifando tantas vidas e agravando o quadro de desigualdades sociais, nos convocando a um olhar atento, acolhedor, empático e solidário com o outro.

---

<sup>6</sup> Representada na Figura 1, p. 131.

Os pressupostos de Desenvolvimento Integral, à luz da Pedagogia Inaciana, partem do princípio da formação de homens e mulheres para o mundo contemporâneo, com a mente, o coração e as mãos impregnadas de valores, habilidades e competências para construir um mundo conforme Deus quer. A Formação Integral ajuda a integrar conhecimento, afeto, sentido da vida, carinho e respeito com as pessoas, interações e vivências com o próprio projeto de vida, conforme aponta Klein (2016).

Portanto, como educadores inacianos, entendemos que a afetividade tem papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, bem como as relações professor e aluno, para que essas interações sejam construídas e permaneçam embasadas no respeito mútuo e no diálogo, consequentemente contribuindo para aprendizagens significativas. Sabemos que quando o indivíduo é motivado e integrado em suas dimensões afetiva, cognitiva e espiritual, ele alcança com mais facilidade os objetivos propostos pela escola, ou seja, a Formação Integral de cada pessoa. Neste processo, é necessário que aconteça a escuta, a disponibilidade, o diálogo, a reflexão e a experiência.

Em minha pesquisa, trouxe autores como Vygotsky e Wallon, que contribuíram em muito para ressaltar o entendimento da afetividade no processo de aprender e como Larrosa, que salienta a importância da experiência neste processo de construção de todo o nosso ser, corroborando, assim, para afirmar a importância de a afetividade estar presente intencionalmente nas práticas pedagógicas diárias dentro da escola.

O desenvolvimento das habilidades socioemocionais e afetivas impactam significativamente na aprendizagem, além de propiciar melhora no clima escolar e na convivência entre os estudantes. A convivência deve ser bem pensada e organizada para que haja respeito entre todos. É importante fazer uma ligação entre justiça, respeito e solidariedade com os alunos, referindo-se sempre à uma vida digna e saudável, pois assim entenderão que viver bem consigo e com os outros requer compromisso e corresponsabilidade.

Trabalhar com a perspectiva afetiva é fazer aflorar o sentimento de tolerância, de respeito a si e ao próximo, o que refletirá diretamente no clima escolar. Portanto, cabe a todos, que acreditam numa educação de qualidade e significativa, um empenho contínuo em busca da propagação da afetividade nas relações de toda a comunidade escolar.

Finalizando as reflexões sobre a importância da construção da afetividade como fator essencial para a Educação Integral, espera-se que outros pesquisadores possam vir a desenvolver mais estudos sobre esse tema, que é fundamental nos dias atuais, principalmente na educação vivenciada na escola, para que haja uma expansão consciente sobre a importância da afetividade na relação professor e aluno em busca da formação de sujeitos conscientes, autônomos e proativos, a fim de construirmos uma sociedade mais digna, justa e fraterna para todos.

Nesta perspectiva, precisamos ter esperança na possibilidade da construção de uma sociedade com relações dialógicas, plural, inclusiva, não autoritária e que respeite a vida em todas as dimensões.

Concluo a partir das reflexões aprofundadas com vistas ao referencial teórico, da análise e coleta dos dados da pesquisa e das entrevistas, que o trabalho com afetividade, escuta empática e instrumentalização do professor é indispensável para a eficácia do processo de aprendizagens significativas, contribuindo com a Formação Integral que buscamos desenvolver na Educação Jesuíta. Para que isso aconteça, é de suma importância que a escola proponha uma formação continuada aos serviços e ao corpo docente, para que todos possam, intencionalmente, com aprofundamento teórico, qualificar suas práticas pedagógicas.

Ressalto as palavras do Pe. Vicente Zorzo, SJ, na homilia de Celebração de São José de Anchieta, na Igreja da Ressurreição no Colégio Anchieta: “cada um de nós precisa continuar a perseverar no amor, ter o amor como finalidade”, como no pedido de Jesus “fazer no amor”.

Esclarín (2007, p. 6) nos lembra com maestria que “educar é iluminar pessoas autênticas, livres e solidárias; é forjar vontades, alimentar espíritos e moldar corações”. Por isso:

Faça valer a pena cada momento vivido na Terra. Tenha um propósito. Motive pessoas! Elogie mais, critique menos. Faça um “ninguém” se sentir um alguém do seu lado. Faça alguém sorrir. Faça a diferença. Faça amor. Faça as pazes. Faça com que as pessoas se sintam amadas. Tenha tempo para você. Faça pequenos momentos serem grandes. Faça tudo o que tiver que fazer e vá além. Viva novas experiências. Prove novos sabores. Não tenha arrependimento por ter tentado além do que deveria, por ter valorizado alguém mais do que deveria, por ter feito mais ou menos do que podia. Revele. Não guarde mágoas. Guarde apenas os aprendizados. Liberte o rancor. Transborde o amor. Doe amor. Ame mesmo quem não merece. Ame, sem querer receber nada em troca. Ame, pelo simples fato de você vibrar amor e ser amor. (LUFT, 2020)

Diante disso, entendemos que só pelo afeto, amor e troca recíproca, pelo respeito mútuo, pela escuta afetiva e pela responsabilidade social, conseguiremos aprender a sermos solidários e praticar a alteridade e a empatia, tão necessários nos dias de hoje.

Ensinar exige de nós, educadores inacianos, sensibilidade. Precisamos plantar a semente com carinho e afeto para que floresça futuramente!

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Geraldo. **A emoção na sala de aula de Wallon**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4YIp8G466fA&t=307s>. Acesso em: 7 set. 2020.
- ANTUNES, C. **A construção do afeto**. São Paulo: Augustus, 2000.
- BARREIRO, Álvaro; REMOLINA, Gerardo. **Sobre a tradição educativa e a espiritualidade Jesuítas**. Unisinos, 2005.
- BEZERRA, Ricardo J. L. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistêmica**, v. 4, 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/viewFile/1219/515>. Acesso em: 3 set. 2020.
- BAPTISTA, Isabelli de Castro. **A importância da afetividade na relação professor aluno**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/a-importancia-da-afetividade-na-relacao-professor-aluno/>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- BONA, Camila et alli, 2020. SOMOS REDE PSI. Emoções -Book: Guia de como se relacionar com suas emoções. *Emoções book (1).pdf*
- CARVALHO, Arlete Maria de; FARIA, Moacir Alves. A construção do afeto. **Revista eletrônica Saberes da Educação**. 2018. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- CAVALCANTE, M. Como criar uma escola acolhedora. **Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 180, p. 51-57, março 2005.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Educação Jesuíta: Contextual, doutrinal e conceitual**, 2018.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Boletim Informativo 2020**.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Educando para as emoções**: Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/em-tempos-de-pandemia-projeto-educando-para-as-emocoes-favorece-o-acolhimento-das-emocoes-e-sentimentos/>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Projeto Político Pedagógico**. 2014.
- COLÉGIO ANCHIETA. **POPP: Plano Orientador das Práticas Pedagógicas-Educação Infantil**. 2020.
- COLÉGIO ANCHIETA. **PPI – Fundamental I**. 2020.

COLÉGIO ANCHIETA. **Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade.** 2019.

COLÉGIO ANCHIETA. **Folder Competência Socioemocional: relação com o outro.** 2019.

COLÉGIO ANCHIETA. **Anchieta Narra 2020.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_KObAPeLArM](https://www.youtube.com/watch?v=_KObAPeLArM). Acesso em: 10 jun. 2020.

CORRÊA, P. R. **A dimensão do ser humano: contribuições a partir de Piaget.** 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). 48f. Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9815731-A-dimensao-afetiva-do-ser-humano-contribuicoes-a-partir-de-piaget.html>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CORTELLA, M. S. **A escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos.** 2. ed. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio Janeiro: O sextante, 2003.

DUNKER, Christian. **Como aprender a escutar o outro?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zo-jk4kViE8>. Acesso em: 26 set. 2020.

EKMAN, P. **El rostro de las emociones: signos que revelan significado más allá de las palabras.** Barcelona: RBA libros, 2012.

ESCLARÍN, Antonio. **Educar para humanizar.** Editora Paulinas. 2017.

ESCLARÍN, Antonio P. **Educar valores e o valor de educar-Parábolas.** Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo, Paullus, 2007, 3 Ed.

ESCLARÍN, Antonio. **Pedagogia del amor y la ternura.** 2013. Disponível em: <https://antonioperezesclarin.com/2013/11/28/pedagogia-del-amor-y-la-ternura/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ESPÍNDOLA, Matilde. **A Construção da afetividade.** 2016. Disponível em: <https://espirito.org.br/palestras/construcao-da-afetividade/>. Acesso em: 15 set. 2020.

ESPÍNDOLA, Matilde. **Afeto que educa: afetividade na aprendizagem.** 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/O-AFETO-QUE-EDUCA.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2020.

ESPINOSA. **Origem e natureza dos afetos-razão inadequada.** 2015. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinoza-origem-e-natureza-dos-afetos/>. Acesso em: 1 set. 2020.



FRAGA, Ana. **A importância da Afetividade no processo ensino-aprendizagem.** 2011. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-afetividade-no-processo-ensino-aprendizagem/63528#:~:text=Resumo%3A%20A%20afetividade%20do%20educador,que%20ocorre%20uma%20aprendizagem%20satisfatória%3%B3ria.&text=Cabe%20ao%20professor%20observar%20e,constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20car%C3%A1ter%20e%20personalidade>. Acesso em: 04 jun. 2020.

FREIRE, Madalena. **Reinvenção.** Publicado em 18 jun. 2020. Disponível em: <http://prosaber.org.br/blog/detalhe/reinvencao-por-madalena-freire>. Acesso em: 04 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FUNDAÇÃO LEMANN. **Guia das Competências da BNCC.** Disponível em: <https://fundacaolemann.org.br/noticias/guia-das-competencias-da-bncc>. Acesso em: 9 set. 2020.

KLEIN, Luiz Fernando, S.J. A Educação Integral segundo a Pedagogia Inaciana. Conferência proferida no I Encontro Virtual de Diretores Acadêmicos da FLACSI. 04 de setembro de 2017. Disponível em: <http://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2017/09/Pt-EducIntegralPedagInacianaFLACSI20set17-1.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2020.

KLEIN, Luiz Fernando, S.J. **A pessoa que a pedagogia inaciana quer formar.** 2017.

KLEIN, Luiz Fernando, S.J. **Pedagogia Inaciana-Inovações em marcha.** 2016. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.aspx?IdDocumento=2936>. Acesso em: 4 set. 2020.

KLEIN, Luiz Fernando, S.J. **Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana.** Edições Loyola, 2015.

KLEIN, Luiz Fernando, S.J. **Cartilha do PPI.** Centro Virtual de Pedagogia Inaciana, 1994. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:7LI64k-vLtr8J:www.pedagogiaignaciana.org/getfile.aspx%3Fiddocumento%3D1573+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl>. Acesso em: 28 dez. 2020.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GALLEGO, D. J.; ONGALLO, C. **Conocimiento y Gestión.** Pearson: Madrid, 2004.

GOLDANI, A; TOGATLIAN, M. A; COSTA. R. A. **Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola**. Rio de Janeiro: Epapers, 2010.

GROSSI, Esther Pillar. **Celebração do conhecimento na aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, GEEMPA, 1995.

LARROSA, Jorge Bondiá. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 out. 2020.

LEIDENS, Ingrid R. N. **Contribuições da afetividade na gestão escolar**. UFSM, 2009.

LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**. v. 20, n. 2. Ribeirão Preto, 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

LUFT, Lya. **A essência da Alma**, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/A.Essencia.da.Alma.Osny/videos/723975191856934/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e Processo de Ensino -Aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 12 abr. 2021.

MEDEIROS, M<sup>a</sup> Fabrícia. O papel da afetividade na relação professor e aluno e suas implicações na aprendizagem. **PGE – Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, v. 21, n. esp.2, p. 1165-1178, nov. 2017. ISSN: 1519-9029 DOI: 10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10179

MELLO, T. R; SILVEIRA, J. A. A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. v. 4, n. 1, 2013. ISSN 2177-7748, 2013.

MENDONÇA, Mônica R. D.; & SANTOS, Simone S. **A influência da afetividade na construção do conhecimento**: conhecendo a proposta pedagógica da LVB. 2012. Disponível em: <https://reuni.unijales.edu.br/edicoes/9/a-influencia-da-afetividade-na-construcao-do-conhecimento-conhecendo-a-proposta-pedagogica-da-lbv.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

NASCIMENTO, J. P. S. **Discutindo a afetividade a partir da relação professor-aluno**. Guarabira, 2012. 17f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia). Universidade Estadual da Paraíba. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd186/a-importancia-da-afetividade-no-ensino.htm>. Acesso em: 4 jun. 2020.

OLIVEIRA, Tony. **Como as habilidades socioemocionais podem melhorar a convivência**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17041/como-as-habilidades-socioemocionais-podem-melhorar-a-convivencia>. Acesso em: 4 set. 2020.

PAIVA, Josiane de Souza. **Aprendizagem socioemocional na promoção da formação integral**. Juiz de Fora, 2018.

PAR Plataforma Educacional. Competências socioemocionais na BNCC. *E-book*. Disponível em: [https://www.somopar.com.br/?utm\\_source=conteudo&utm\\_medium=pdf&utm\\_campaign=competencias-socioemocionais-na-bncc](https://www.somopar.com.br/?utm_source=conteudo&utm_medium=pdf&utm_campaign=competencias-socioemocionais-na-bncc). Acesso em: 9 set. 2020.

PEREIRA, Jalcinês da Costa. **Afetividade: A importância da relação professor e aluno como fator motivacional no processo de ensino e aprendizagem**. João Pessoa, 2017. Universidade Federal da Paraíba. Monografia apresentada ao curso de Ciências Biológicas (Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso), como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciado em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba, Campus I. Disponível em: <http://www.ccen.ufpb.br/cccb/contents/monografias/monografias-2017/jalcines-da-costa-pereira.pdf>. Acesso em: 2 jul.2020.

PIAGET, J. Desenvolvimento e aprendizagem. Traduzido por: Paulo Francisco Slomp do original. In: LAVATTELLY, C. S. e STENDLER, F. **Reading in child behavior and development**. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **PEC: Projeto Educativo Comum**. São Paulo. Loyola, 2016.

SARMENTO, N. R. G. **Afetividade e Aprendizagem**. Porto Alegre, 2010. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SIGNIFICADO DE EMOÇÃO. Disponível em: [www.significados.com.br/emocoes](http://www.significados.com.br/emocoes). Acesso em: 4 set. 2020.

SILVA, André Luís. **Epistemologia de Maturana**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/ciencias/epistemologia-de-maturana/>. Acesso em: 13 set. 2020.

SILVA, O. G; NAVARRO, E. C. A Relação Professor-Aluno no Processo Ensino -Aprendizagem, 2012. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar**. v. 3, n. 8, p. 95. 2012.

SOUZA, M<sup>a</sup> Claudia R. **O vínculo no processo de aprendizagem**. São Leopoldo, 2018.

SOUZA, Maria M.; SARMENTO, Tereza. **A importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem**. 2010. Disponível em: <https://www.efideportes.com/efd186/a-importancia-da-afetividade-no-ensino.htm>. Acesso em: 10 set. 2020.

VIEGAS, Amanda. **Professor e aluno: entenda a importância dessa relação**. 2018. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/professor-e-aluno/>. Acesso em: 3 jun. 2020.

VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de: BEZERRA, P. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Original publicado em 1934).

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas V: fundamentos de defectología**. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução de: BEZERRA, P. São Paulo: Martins Fontes, 1999a. (Original publicado em 1925)

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. 2. ed. Tradução de: BEZERRA, P. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. (Original publicado em 1924).

VYGOTSKY, L. S. **Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico**. 3. reimp. Tradução de: VIAPLANA, J. Madrid: Akai, 2004b. (Original publicado em 1984)

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 200-rom, 1994.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevista semiestruturada com coordenadoras dos Serviços – SOP e SOE:

- 1) Identificação: Nome, cargo, quantos anos de atuação na escola.
- 2) Como a afetividade e a dimensão socioemocional auxiliam na construção da Educação Integral?
- 3) Os aspectos socioemocionais, presentes na relação professor-aluno, interferem na aprendizagem? Que importância eles têm nas práticas Pedagógicas Inicianas? O quanto eles impactam nos relacionamentos e no clima?
- 4) Para você, qual o diferencial existente no trabalho com a afetividade (emoções) e com as competências?
- 5) É oferecida ao grupo de professores formação para o desenvolvimento e/ou entendimento da competência socioemocional? Periodicidade? Como? É uma prioridade? Acompanhamento?
- 6) A afetividade, o socioemocional está presente no planejamento vertical e horizontal da escola? Onde encontramos?
- 7) Quais os desafios percebidos no desenvolvimento da competência socioemocional na prática dentro do Colégio Anchieta? O que ainda falta avançar?
- 8) Como é percebido/vivido no cotidiano escolar esta prática com os alunos? Dê um exemplo.



Dimensão Espiritual Religiosa	Objetivos de Avaliação e acompanhamento Processual Contínuo (APC)	
Apropriar-se do conhecimento de forma crítica, recusando a superficialidade e caracterizando o seu modo de ser e proceder no mundo.	<p>1. Contribuir para o bom andamento da aula, respeitando a pontualidade e a assiduidade, predispondo-se a participar das atividades físicas com atitudes conscientes de comprometimento, responsabilidade e cooperação com os demais.</p> <p>2. Executar os gestos técnicos dos desportos coletivos, demonstrando coesistência na escolha do melhor momento para a sua aplicabilidade.</p> <p><b>APC.</b> Apresentar-se com roupas adequadas para a realização das atividades físicas.</p>	<p><b>17/06 a 21/06: Futebol.</b> <b>Ação:</b> Realização de exercícios específicos de passe. Passe com a bola parada, com o lado interno e externo do pé, com o peito do pé, em movimento, durante a condução de bola, alternando pés direito e esquerdo. <b>Reflexão:</b> “A importância do treinamento dos fundamentos técnicos”. Materiais esportivos.</p> <p><b>24/06 a 28/06: Voleibol.</b> <b>Ação:</b> Jogos adaptados, para a identificação das técnicas a serem aprimoradas pelo grupo, utilizando como base o 1º trimestre. <b>Reflexão:</b> “Os fundamentos são fundamentais”. Materiais esportivos.</p> <p><b>01/07 a 05/07: Treinamento Físico Funcional.</b> <b>Ação:</b> Potencializar as capacidades físicas de força, flexibilidade, agilidade, resistência e equilíbrio, através de exercícios específicos e combinados. <b>Reflexão:</b> “A importância de respeitar as funções articulares durante os exercícios”. Materiais esportivos.</p> <p><b>08/07 a 12/07: Futebol.</b> <b>Ação:</b> Realização de exercícios específicos de finalização. Chutes com a bola parada, em condução e com a bola quicando. <b>Reflexão:</b> “O melhor momento para a aplicabilidade deste fundamento”. Materiais esportivos.</p> <p><b>15/07 a 19/07: Futsal.</b> <b>Ação:</b> Realização de exercícios específicos de finalização. Chutes com a bola parada, em condução e com a bola quicando. <b>Reflexão:</b> “O melhor momento para a aplicabilidade deste fundamento”. Materiais esportivos.</p> <p><b>05/08 a 09/08: Dança.</b> <b>Ação:</b> Potencializar as capacidades físicas de força, flexibilidade, agilidade, resistência e equilíbrio, através de exercícios específicos e combinados. <b>Reflexão:</b> “A importância de respeitar o tempo rítmico em cada estilo musical e dificuldades encontradas na prática”. Materiais esportivos.</p> <p><b>12/08 a 16/08: Voleibol.</b> <b>Ação:</b> Jogos adaptados, para aprimorar o tempo de reação e a técnica do ataque, utilizando como base o 1º trimestre. <b>Reflexão:</b> “Os fundamentos são fundamentais”. Materiais esportivos.</p>

		<p><b>19/08 a 23/08: Handebol.</b> <b>Ação:</b> Pequenos e grandes jogos, visando os conteúdos trabalhados e criando situações de ações coletivas.</p> <p><b>Reflexão:</b> “A importância do trabalho em equipe”.</p> <p>Materiais esportivos.</p> <p><b>26/08 a 30/08: Futsal.</b> <b>Ação:</b> Realização de exercícios específicos de finalização. Chutes com a bola parada, em condução e com a bola quicando.</p> <p><b>Reflexão:</b> “O melhor momento para a aplicabilidade deste fundamento”.</p> <p>Materiais esportivos.</p> <p><b>02/09 a 06/09: Treinamento Físico Funcional.</b> <b>Ação:</b> Potencializar as capacidades físicas de força, flexibilidade, agilidade, resistência e equilíbrio, através de exercícios específicos e combinados.</p> <p><b>Reflexão:</b> “A importância do treinamento funcional e as valências físicas”.</p> <p>Materiais esportivos.</p>
--	--	---





<p>Dimensão Socioemocional</p>	<p><b>26/02/2019 a 01/03/2019</b>  <b>Metodologia:</b> Trabalho em grupo, os mesmos da aula anterior, retomar as listas com os itens que ainda apresentam problemas na estrutura física do Colégio. Cada grupo deverá escolher um item e buscar três alternativas para a sua solução. Não haverá limite orçamentário, o importante será encontrar a melhor solução para o item escolhido. Todos os grupos apresentarão suas soluções. Caberá aos colegas ouvir atentamente as soluções e questionar sua viabilidade e se resolverá o problema de forma efetiva.</p> <p><b>Ação:</b> Escolher o item, buscar soluções, preparar a apresentação e defesa das soluções para os colegas. Decidir o participante que irá representar o grupo.</p> <p><b>Reflexão:</b> Após ouvir soluções, defesas e esclarecimentos pensar o que significa a expressão “custo benefício” e em que outras situações, em suas vidas, poderíamos usar esta equação?</p> <p><b>04/03/2019 a 08/03/2019</b>  <b>Tema da aula:</b> Empatia, Colaboração e Experimentação.</p> <p><b>Contextualização:</b> Retomar os conceitos básicos da metodologia do design thinking trabalhados em conexões no ano anterior. Anotar no quadro o que os alunos lembram de cada etapa.</p> <p><b>Metodologia:</b> explicar como trabalharemos durante o ano, esclarecendo que se trata de uma disciplina de caráter prático, não possui conteúdo pré-estabelecido e sim desafios a serem desenvolvidos por equipes de trabalho. Critérios para a escolha dos colegas que constituirão a equipe de trabalho com foco nas habilidades individuais, organização, comunicação, criatividade, domínio de diferentes tecnologias...</p> <p><b>Reflexão:</b> Trabalho individual. Cada aluno deverá listar suas principais habilidades pensando em como estes talentos poderão somar em uma equipe de trabalho.</p> <p><b>Ação:</b> Escolher a equipe de trabalho, agora considerados sócios, com base em suas habilidades.</p> <p><b>1º Desafio para as equipes:</b> Apontar a melhor solução para agilizar o atendimento do bar do Colégio durante o recreio. O cliente está em dúvida entre contratar mais funcionários ou adotar máquinas de autoatendimento para lanches industrializados, chocolates, refrigerantes.</p> <p><b>11/03/2019 a 22/03/2019</b>  <b>Experiência:</b> Buscar informações para decidir o que será melhor para o cliente. Pesquisar na internet, entrevistar atendentes do bar e consumidores. Quanto custa um funcionário para o empregador, salário, encargos sociais, direitos... Máquinas para autoatendimento precisam de um investimento muito alto? Existem diferentes modalidades além da compra do equipamento como aluguel ou comodato. Qual será a melhor opção para o cliente.</p> <p><b>Metodologia:</b> Pesquisar, analisar os dados pesquisados e apontar a melhor solução para o cliente. Organizar e preparar a apresentação dos dados pesquisados que apoiam a solução encontrada.</p>
<p>Demonstrar pensamento flexível para lidar com a diversidade de situações, acolhendo, a partir de pressupostos éticos, as escolhas e as atitudes de outras pessoas e/ou grupos</p>	

		<p><b>Ação:</b> Encontro com o cliente e apresentação dos dados pesquisados e a solução encontrada pela consultoria para resolver o problema.</p> <p><b>Avaliação PPI:</b> Ficha de desempenho dos sócios e autoavaliação de sua contribuição para a solução apresentada para o cliente.</p>
Dimensão Espiritual Religiosa	Objetivos de Avaliação e acompanhamento Processual Contínuo (APC)	<p><b>25/03/2019 a 19/04/2019</b>  <b>Tema da aula:</b> Aplicar a metodologia do DT para reestruturar a sala de arte/dct nº16.</p> <p><b>Ação:</b> Constituir novas equipes, sócios em um escritório de arquitetura.</p> <p>a) Criar o nome e logo para o escritório;  b) Obter informações com a cliente, seus desejos e necessidades para a reestruturação;  c) Elencar as necessidades apontadas pela cliente e as observadas pela equipe;  d) Organizar o trabalho com a equipe, estabelecer prioridades e o que cada sócio fará para desenvolver o projeto.</p> <p><b>Metodologia:</b> Empatia, compreender as reais necessidades das pessoas que usam o espaço. Elaborar um croqui do espaço atual, fazer um memorial descritivo de móveis e equipamentos já existentes.</p> <p><b>Ação:</b> Fazer o registro fotográfico da sala. Medir o espaço e tudo que abriga para desenhar a planta baixa. Usar o escalímetro para desenhar a planta baixa de trabalho. Desenhar e recortar os gabaritos de móveis e equipamentos na escala. Testar as ideias apontadas pela equipe para o melhor aproveitamento do espaço. Pesquisar materiais e soluções inovadoras para tornar o espaço mais funcional.</p> <p>Agendar um novo encontro com a cliente para ajustar o protótipo elaborado, refazer o que for necessário e preparar a apresentação final para a cliente em slides e com planta baixa digital.</p> <p><b>22/04/2019 a 10/05/2019</b>  <b>Avaliação:</b> Cada escritório apresentará o seu projeto, em slides para a cliente e demais escritórios.</p> <p><b>Critérios:</b></p> <p>a) Apresentação completa com atenção aos detalhes;  b) Soluções estéticas e funcionais;  c) Ideias criativas, inovadoras;  d) Fidelidade ao briefing da cliente;</p> <p><b>PPI:</b> Ficha de desempenho dos sócios e autoavaliação individual.</p> <p><b>13/05/2019 a 24/05/2019</b>  <b>Estudo de caso:</b> Visita para observar a arquitetura e soluções para salas de trabalho na UNISINOS, com atenção a estética e funcionalidade. Fotografar as ideias interessantes, obter informações sobre usos, o que deu certo ou errado, que ajustes foram feitos até agora para corrigir equívocos.</p> <p>Retomar o projeto desenvolvido pelo escritório observando semelhanças e diferenças com as observações na visita de campo. Apontar acertos, substituir ideias equivocadas (se necessário).</p>
Compartilhar sua paixão pela justiça e pelos pobres, agindo de forma solidária na convivência de que estamos unidos em uma humanidade.		

## Ensino Religioso – 9º Ano/2019

PLANO DE ESTUDOS DE ENSINO RELIGIOSO			
ANO/SÉRIE: 9º ANO			
3º TRIMESTRE			
COMPETÊNCIAS	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS DE AVALIAÇÃO e APC
Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz.	<p><b>DIMENSÃO COGNITIVA</b></p> <p>(EF09ER06) Reconhecer a coexistência como uma atitude ética de respeito à vida e à dignidade humana.</p> <p>(EF09ER08) Construir projetos de vida assentados em princípios e valores éticos.</p> <p><b>DIMENSÃO EMOCIONAL</b></p> <p>Demonstrar autonomia e prontidão na resolução de problemas, estabelecendo conexões e relações de causa e efeito, como forma de desenvolver a capacidade de inovação.</p> <p>Agir respeitosa e adequadamente no ambiente escolar, demonstrando educação e cordialidade. Controlar a impulsividade avaliando a situação antes do agir e tendo consciência do ato e de suas consequências.</p> <p>Ser um ouvinte atento demonstrando compreensão e respeito às opiniões alheias.</p> <p>Comunicar-se com clareza e polidez, organizando o pensamento de forma adequada às diferentes situações.</p>	<p>3º TRIMESTRE</p> <p><b>Princípios e valores éticos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Intolerância de Religiosa:</li> <li>- Os conflitos e guerras contemporâneas com implicações, influência ou fundo religiosos.</li> <li>- As Religiões dialogando para a paz.</li> <li>- O Diálogo Inter-Religioso.</li> <li>- Pressupostos do diálogo inter-religioso.</li> <li>- Tipos e Formas de diálogo inter-religioso.</li> <li>- Liberdade e Diversidade Religiosa.</li> <li>- Cartilha da diversidade religiosa.</li> <li>- Projeto - Encontro com Líderes Religiosos em Busca da Paz</li> <li>- Evento: Religiões em busca da paz. (Encontro com o grupo de diálogo inter-religioso de POA).</li> </ul> <p>Temas Integradores:</p> <p>Diálogo inter-religioso e Diversidade Religiosa; Solidariedade; Novas configurações familiares;</p>	<p>1. Criar ações e atitudes promotoras do diálogo inter-religioso caracterizando os pressupostos básicos e as formas para estabelecer esse tipo de diálogo.</p> <p>APC - Demonstrar excelência na entrega e apresentação de trabalhos, participando ativamente da exposição do grupo.</p>

<p>Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz.</p>	<p>Fé e justiça</p> <p>Apropriar-se do conhecimento de forma crítica, recusando a superficialidade e caracterizando o seu modo de ser e proceder no mundo.</p> <p>DIMENSÃO ESPIRITUAL RELIGIOSA</p> <p>Elaborar, olhando para si e para o mundo, num processo de alteridade, um sentimento de pertencimento a diferentes grupos sociais.</p> <p>Compartilhar sua paixão pela justiça e pelos pobres, agindo de forma solidária na convicção de que estamos unidos em uma humanidade comum.</p> <p>Comprometimento - Desenvolver uma consciência crítica a respeito do meio ambiente, participando da criação em uma aliança de comprometimento, tendo em vista o bem comum.</p>	<p>Movimentos sociais; Migrantes, Imigrantes e Refugiados; Diversidade de Gênero.</p>	
---	---	---	--

Rosária Anele



## CURA PERSONALIS:

*Um modo de ser e proceder da Educação Jesuíta para e com as Lideranças Intermediárias*

### 1. INTRODUÇÃO

O ato de cuidar/acompanhar e dar atenção, principalmente neste tempo de pandemia devido à COVID-19, tem sido uma súplica por parte de todos os seres da “Casa Comum” – planeta Terra.

Trazendo presente esses verbos para o contexto educacional, propriamente falando sobre a Educação Jesuíta, utilizando-se o universo da Educação Básica como o ambiente de estudo para a busca de evidências com a finalidade de responder ao problema em questão, farei um recorte em relação às suas características relevantes, tratando em especial da expressão *Cura Personalis* – termo de origem latina que significa o cuidado para e com as pessoas, um tipo de acompanhamento que qualifica os processos, que no âmbito católico se denominam “Educação Integral”. As Lideranças Intermediárias, nesta pesquisa, são profissionais dos Serviços de Orientação Pedagógica (SOP), Educacional (SOE), de Convivência Escolar (SOCE) e Religiosa, Espiritual e de Pastoral (SOREP)

---

*Especialista em Educação Jesuíta: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade pela UNISINOS (2020/2021); Especialista em Educação Infantil pela UNISINOS (2013). Graduada em Licenciatura Plena em Matemática e Ciências pela PUC (1992). Atuou como Orientadora Religiosa, Espiritual e de Pastoral da Educação Infantil do Colégio Anchieta. Realizou cursos diversificados na área da Educação, Iniciação Cristã, sendo catequista no Colégio Anchieta, bem como completou as cinco etapas dos Retiros das Pegadas Inacianas.*

*Artigo apresentado ao curso de Educação Jesuíta: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orientação: Prof. Dr. Pe. Sérgio Eduardo Mariucci, S.J*

do Ensino Fundamental I do Colégio Anchieta de Porto Alegre (RS), cujo número de alunos chega a aproximadamente 3.300 e que abarca mais de 400 colaboradores, entre acadêmicos e administrativos. O meu envolvimento com a pesquisa ocorre por conta de eu fazer parte do Colégio Anchieta desde 2006 como, inicialmente, professora do 4º Ano, sendo responsável pelo componente curricular Ensino Religioso. Em 2011, recebi o convite para integrar as Lideranças Intermediárias, colaborando com o SOREP da Educação Infantil até hoje. Ao todo, são 15 anos buscando desenvolver da melhor maneira possível esse serviço, com amor, competência, disponibilidade, cuidado, com o olhar para o *Magis*<sup>2</sup>, juntamente com as equipes das quais fiz e faço parte com o espírito coletivo e colaborativo, visando contemplar em ação o que Santo Inácio de Loyola<sup>3</sup> deixou em seu legado, dentre tantos ensinamentos, para leigos e jesuítas: o acompanhamento/cuidado/atenção para e com as comunidades educacionais que viriam a surgir, formadas pelos alunos e suas famílias, professores, colaboradores administrativos e demais organismos que as compõem.

A partir de minhas experiências durante esses anos, como por meio da participação em um importante programa de formação denominado “Pegadas Inacianas”, organizado em cinco tempos, baseados nos Exercícios Espirituais<sup>4</sup> fui vivenciando e percebendo, em cada etapa dos retiros, esse cuidado/acompanhamento exemplificado pelo fundador da ordem. Ao mesmo tempo, fui colocando em prática as aprendizagens sobre a *Cura Personalis*, conceito esse que nasce dos acompanhamentos dados aos exercitantes dos Exercícios Espirituais, desde os tempos de Inácio de Loyola. Com isso, foi despertando em mim o desejo de conceituá-la, dar sentido à sua atuação para cada sujeito do processo ensino-aprendizagem e poder buscar responder algumas inquietações que surgiram ao longodesses últimos dez anos.

Uma das primeiras inquietações foi entender como se dava, efetivamente, esse acompanhamento/cuidado/atenção para e com as Lideranças Intermediárias; ainda, se havia um plano estratégico institucional a ser desenvolvido para e com elas; qual o sentido para cada profissional em foco sobre esse fenômeno em estudo; como percebem no seu dia a dia acontecer, buscando exemplos e, ainda, vislumbrando qualificar esse processo da *Cura Personalis* com proposições/sugestões.

Assim, esta pesquisa poderá, igualmente, contribuir para melhorar o modo de ser e proceder da organização e da gestão escolar como um todo, pois destacará aspectos

---

<sup>2</sup> “Termo em latim que quer dizer o mais, o maior, o melhor. É uma palavra muito utilizada por Santo Inácio de Loyola e significa que sempre podemos experimentar um avanço em relação àquilo que já fazemos ou vivemos.” (COLÉGIO ANCHIETA, 2013, p. 40).

<sup>3</sup> Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus.

<sup>4</sup> Exercícios Espirituais refere-se a um pequeno livro, escrito por Inácio de Loyola, a partir de sua experiência com Deus.

relevantes, a partir dos dados coletados e analisados, o que me traz a seguinte indagação: Como institucionalizar, por meio de um planejamento estratégico, o aprimoramento dessa característica jesuítica nas lideranças inicianas, em especial nas lideranças intermediárias, promovendo, assim, o cuidado com o cuidador?

Diante desse contexto e apoiada nos documentos educativos oficiais da Companhia de Jesus, como as Constituições da SJ (Parte IV) e o Projeto Educativo Comum – PEC (2016), discursos dos Padres Gerais como o de Kolvenbach (1993), outras fontes como Klein (2015), Lopes (2005), Geger (2014), Martin (2015) e, ainda, referências externas como Libâneo (2015), Piaget (2007), Cabral e Seminotti (2009), expressei meu desejo de qualificar e responder ao problema deste artigo.

Partindo dos documentos da Companhia de Jesus, foi necessário, para aprofundar a sua origem, começar pela vida do Fundador, Santo Inácio de Loyola, seus sonhos, desafios, concretude de seus (im)propósitos. Além disso, entender a estrutura consolidada para um Apostolado Educacional, suas obras, atualizações, com o foco no cuidado e na formação do sujeito integral. Também, tópicos referentes à *Cura Personalis* que garantiram maior aproximação para o entendimento da origem, objetivo, percepções sobre a transposição da teoria para a práxis.

A respeito das referências externas, foi possível encontrar abordagens que elucidaram a formação do profissional da educação, o modo de conduzir a sua missão sob uma pedagogia crítica, participativa, de forma colaborativa e coletiva, visando à valorização do olhar afetivo, humano e transformador, bem como o conhecimento de conceitos específicos sobre a organização e gestão escolar.

Para a elaboração do projeto de pesquisa, optei por trabalhar uma abordagem qualitativa, baseada em análise documental, bibliográfica e perguntas estruturadas direcionadas à Direção-geral, Acadêmica e Administrativa; Coordenação da Unidade I – Educação Infantil e Ensino Fundamental I; Coordenação-geral do SOP, SOE, SOCE e SOREP e Lideranças Intermediárias. As perguntas enviadas para os colaboradores foram: “O que você entende por *Cura Personalis*?”; “Como entende/percebe acontecer a *Cura Personalis* para e com as Lideranças Intermediárias? Exemplifique”; e “O que considera importante qualificar no processo da *Cura Personalis* para e com as Lideranças Intermediárias?”

Organizei o estudo da seguinte forma: em um primeiro momento, faço uma introdução da pesquisa; no segundo, apresento aspectos sobre a(s) estrutura(s) documental(is) e oficial(is) da Companhia de Jesus, assim como a organização histórica que constitui o termo *Cura Personalis*: sua origem, seu significado, bem como a contextualização em diferentes cenários, desde a época de seu surgimento, inspirado em Inácio de Loyola, até a contemporaneidade. Visando entender como se dá e qual/quais caminho(s) a percorrer para aprimorar esse processo para e com as Lideranças Intermediárias, desejosos



na busca do Magis, por meio da análise de dados e entrelaçamentos com os autores citados anteriormente, pretende-se finalizar este documento chegando a provocações que incentivem a qualificação da *Cura Personalis* no dia a dia das Lideranças Inacianas.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Nasce um horizonte

No percurso de missão da Companhia de Jesus, que vai do século XVI até os dias de hoje, a história da presença jesuítica na educação se fez significativa em todos os lugares onde ela se fez aparente, ou por meio de um colégio, ou de uma pequena escola ou universidade. O Documento orientador da educação jesuíta, finalizado em 1599, permaneceu ao longo dos séculos como sendo a referência do modo jesuítico de ensinar e de suas raízes humanísticas. A *Ratio Studiorum* foi retomada e atualizada apenas no contexto pós Concílio Vaticano II, sob a liderança do Padre Pedro Arrupe, então superior geral da Companhia de Jesus nessa época. Arrupe marcou um novo capítulo na educação jesuítica e seu discurso, *Nossos Colégios Hoje e Amanhã* (1980), impulsionou o início do que conhecemos como Pedagogia Inaciana.

Em 1986, um novo documento é lançado para responder aos novos contextos: *Características da Educação da Companhia de Jesus*. Segundo Mesa<sup>5</sup> (2019, p. 8), esse documento “reúne o consenso sobre o que é central e característico de nossa educação no final do século XX”.

A partir desse documento, um movimento positivo foi se estabelecendo entre os Colégios Jesuítas, o que fez com que surgisse uma nova solicitação para tornar mais claro o jeito pedagógico de ser. Surge, assim, o documento *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática* (1993), que apresenta o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) e, segundo Klein (2015, p. 9), “não é um método, mas um estilo integrado por cinco elementos: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação”. Um novo passo foi dado! Um novo desafio era iniciado: dar continuidade à Identidade Inaciana marcada pelo Apostolado em Cristo Jesus, com olhos, ouvidos e corações abertos para novos contextos, novas experiências-reflexões-ações para o século XXI.

No âmbito brasileiro, uma nova obra é elaborada pelas Unidades Educativas que

---

<sup>5</sup> *Secretário Mundial para a Educação da Companhia de Jesus, comunicativa, corporal e sociopolítica. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 48-49).*

compõem a Rede Jesuíta de Educação: o *Projeto Educativo Comum* – PEC (2016) – que tem por objetivo:

rever, reposicionar e revitalizar o trabalho Apostólico da Companhia de Jesus na área de Educação Básica no Brasil e, ao mesmo tempo, inspirar, orientar e direcionar os necessários ajustes e/ou qualificação do que já fazemos hoje. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 9)

Assim, a Companhia de Jesus, reescrevendo e buscando ressignificar os marcos pedagógicos de sua presença na educação, tem como finalidade o desenvolvimento global da pessoa, que conduz para a ação inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo, formando homens e mulheres para e com os outros. Formação esta permanente à luz dos valores humano-cristãos com a mediação do educador inaciano – jesuítas e leigos – que contribuirá no processo de ensino e aprendizagem e que fará do aluno o protagonista da sua própria história.

Dessa forma, como aponta o PEC:

toda a ação educativa converge para a formação da pessoa, enfatizando a necessidade de reconhecer as potencialidades do indivíduo e garantindo o desenvolvimento das dimensões afetiva, espiritual, ética, estética, cognitiva, comunicativa, corporal e sociopolítica. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 48-49)

Portanto, cabe, nesse momento, conhecer melhor a característica que é o fio condutor deste estudo, o “ponto-chave” desta pesquisa, e que reúne as abordagens anteriormente destacadas e específicas sobre o cuidado para e com a vida, não somente dos estudantes, mas também a dos profissionais que atuam para a Formação Integral, assim, em busca constante do *Magis*.

Mas antes, vale uma referência ao termo *Magis*: “termo em latim que quer dizer o mais, o maior, o melhor. É uma palavra muito utilizada por Santo Inácio de Loyola e significa que sempre podemos experimentar um avanço em relação àquilo que já fazemos ou vivemos” (COLÉGIO ANCHIETA, 2013, p. 40). É um dos fundamentos da Educação Jesuíta e que caracteriza profundamente a conversão de Inácio de Loyola, vislumbrando tudo para a maior glória de Deus, no seu pensar, agir, construir e entregar, com uma disponibilidade completa, sem restrições, discriminações e sim, de coração aberto. Na Espiritualidade Inaciana, é algo que sempre podemos descobrir dentro de cada pessoa, como um impulso a desejar a atingir grandes objetivos, uma sede inesgotável, que nos conduz a uma atitude de busca e de maior serviço (Programa *Magis* Brasil – Juventude e Vocações, 2015-2018).

Segundo o PEC (2021-2025), na Pedagogia Inaciana, diz respeito ao máximo que a pessoa pode atingir, tendo em vista seu contexto, características, habilidades e experiências.

Assim, o desejo de que possamos atingir ao mais, ao maior, ao melhor, sem a ideia de competição, e sim, de dar o melhor de si para realizar o melhor ao que foi pensado, planejado, proposto e saboreado, em busca da excelência na ação formativa, dando testemunhos de excelência.

## 2.2 *Cura Personalis*

### 2.2.1 *Cura Apostólica e Cura Personalis*

Segundo o que diz Araújo (2020), em uma formação da Rede Jesuíta de Educação<sup>6</sup>, a *cura* faz parte do jeito de ser e proceder da Companhia de Jesus, podendo ser encontrada, inclusive, nas referências jesuítas, presente em expressões como *Cura Personalis* e *Cura Apostólica*, uma complementando a outra. Para ele, a *Cura Apostólica* é um termo que visa ao cuidado que os superiores/provinciais devem demonstrar pelo bem das obras jesuítas como um todo. Este conceito é inseparável da *Cura Personalis*: são dimensões de uma só *cura*.

A partir dessa premissa, darei maior atenção a esta última expressão, *Cura Personalis*, a começar pela sua origem, conceito e objetivo.

### 2.2.2 *Origem, conceito e objetivo*

A expressão *Cura Personalis* não foi usada pelos jesuítas precursores. Segundo Geger (2014), em tradução livre, “seu uso mais antigo parece vir do Padre Wladimir Ledóchowski, Superior Geral da Companhia de Jesus, 1915 a 1942”, que, também, atribuiu aos Companheiros de Jesus, em seu novo pedido, um cuidado maior aos alunos para a experiência pessoal com Deus. Ou seja, a *Cura Personalis* descreve, como objetivo, o respeito pelo que constitui um indivíduo, o que implica, também, um acompanhamento muito atento ao desenvolvimento intelectual, imaginativo, criativo, socioemocional, ético, corporal e espiritual, ou seja, a sua dignidade essencial, pois é criado à imagem e semelhança de Deus e “é um ser único e irrepetível”. (LOPES, 2005, p. 29)

A *Ratio Studiorum* (1599) destaca exatamente este aspecto que irá consolidar a Educação Jesuíta: “[...] que é o acompanhamento personalizado dos alunos [...]” (LOPES, 2005, p. 62), por meio do entusiasmo e envolvimento do professor com o objetivo de dialogar e criar vínculo afetivo e acolhedor, respeitando o caminho de cada

---

<sup>6</sup> Emmanuel Silva Araújo, palestrante da formação: *Rezar, formar e partilhar, em tempo de pandemia à luz das curas personalis e apostólica. Rede Jesuíta de Educação, 2020. 1 vídeo (1h 51min). [Webinar] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sthjgegjkqe&t=2s>. Acesso em: 23 jun. 2020.*

educando, conhecendo e desenvolvendo o aluno em suas virtudes e habilidades, tornando-o consciente de seus valores e de seu protagonismo como agente transformador para e com os demais na sociedade. Da mesma forma, destaca-se no Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI), advindo dos Exercícios Espirituais, a personalização do ensino, para que os educandos sejam atores ativos do seu processo de aprendizagem e, deste modo, sendo sujeitos críticos, capazes de tomar decisões importantes, assertivas e, assim, se tornarem construtores de um mundo mais humano, mais justo, dialogante e de paz. Pode-se relacionar o PPI com uma das linhas pedagógicas mais difundidas no Brasil: o construtivismo. Desenvolvida por Jean Piaget, psicólogo, biólogo e epistemólogo suíço, no início da década de 1920, trata sobre como se dá a construção do conhecimento pelo sujeito, sua interação com o meio. Cada indivíduo é valorizado/respeitado pelo seu ser, pela sua bagagem de experiências para as suas construções e interações de aprendizagem e que cada pessoa aprende a seu modo, estilo e ritmo. (PIAGET, 2007). Essa relação se dá pela personalização do ensino, em que o professor potencializa o melhor do aluno para desenvolver o seu interesse, a sua curiosidade, que o leve a se autodescobrir mais e mais e, por meio de estratégias, possa interagir com seus pares e construir juntos o conhecimento.

Sendo assim, interligando os princípios dos Exercícios Espirituais e da Pedagogia Inaciana, temos uns dos fundamentos da Educação Jesuíta que é a *Cura Personalis*, envolvendo trocas/interações que convidam ao movimento, assim como Inácio propõe: sermos “contemplativos na ação”, princípio esse considerado básico na sua caminhada apostólica-evangelizadora. Conforme versa Kolvenbach (2007, p. 2, tradução nossa), “a ‘*Cura Personalis*’ se manifesta nos atos humanos de ‘dar’ e de ‘receber’, um ato de transmissão e, portanto, de recepção”<sup>7</sup> um modelo convidativo para refletir, discernir, agir de forma construtiva e contemplativa.

Portanto, a expressão *cura* tem o significado de ser o cuidado para e com as pessoas e a missão: cuidar das pessoas que realizam a missão; cuidar das pessoas que nos são confiadas na missão; cuidar dos meios para realizar a missão; cuidar das obras e da sua sintonia com o fim da missão; cuidar da unidade do Corpo Apostólico; cuidar da colaboração na missão e, principalmente, deixar-se cuidar na missão e para a missão.

### 2.2.2.1 Santo Inácio e a *Cura Personalis*

A referência da *Cura Personalis* tem sua raiz semântica nos Exercícios Espirituais até hoje praticados e que são essenciais, pois, “assim como passear, caminhar e correr são

---

<sup>7</sup> “La ‘*Cura Personalis*’ se manifiesta en los actos humanos de ‘dar’ y de ‘recibir’, un acto de transmisión y por lo mismo de recepción.”

exercícios corporais” (LOYOLA, 2011, p. 9-10), os “Exercícios Espirituais” fortalecem e capacitam a alma do indivíduo, promovendo o seu próprio caminho, buscando suas respostas, seu autoconhecimento. Do mesmo modo que nos Exercícios Espirituais, baseando-se na obra de James Martin (2015), a quarta parte das Constituições da Companhia de Jesus destaca a importância que Inácio dava ao tratamento personalizado de cada pessoa, fosse na dimensão espiritual e decisão de uma situação de vida, fosse nos estudos dos jesuítas da época ou até na organização de suas tarefas e obrigações.

### 2.3 *Cura Personalis* e as Lideranças Intermediárias

Antes de falar sobre as Lideranças Intermediárias, contextualizo a vida escolar do corpo discente das instituições jesuítas, que recebe o cuidado, o acolhimento, o acompanhamento e a atenção de diversos profissionais, como professores, coordenadores, orientadores educacionais, pedagógicos, de convivência escolar e espirituais-religiosos e de pastoral, bem como dos demais membros da equipe de funcionários. Para a Rede Jesuíta de Educação, todos são responsáveis pela formação dos alunos; todos são Educadores Inacianos – colaboradores (leigos e jesuítas) que integram o quadro de funcionários de uma instituição jesuítica. Assim, como destaca-se no PEC: “nos Colégios da RJE, entendemos que os que lidam cotidianamente com os alunos são os agentes mais importantes dessa formação” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 54). E mais, segundo Klein (2020, p. 7), “os colaboradores leigos – aí incluídos diretores, educadores e funcionários dos diversos serviços – são agentes importantes, multiplicadores e corresponsáveis pela missão”. Assumem, juntos aos jesuítas, responsabilidades na missão de lideranças inacianas.

Mas... e quem são as Lideranças Intermediárias?

### 2.4 Lideranças Intermediárias

Para os Colégios da Rede Jesuíta, as Lideranças Intermediárias exercem um grande papel na vida escolar.

Os Líderes Intermediários no Colégio Anchieta são constituídos pelo SOE, SOP, SOCE e SOREP – cabendo salientar que esses são Serviços de Apoio ao Ensino que integram cada uma das Unidade de Ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio). Dentre as atribuições comuns a esses profissionais, segundo o texto *Estrutura Organizacional dos Colégios da BRM* (2011), estão a participação afetiva e efetiva dos percursos que envolvem as dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa, acompanhando, cuidando e dando atenção dos/aos/docentes, discentes, famílias, colaboradores administrativos, bem como aos

planejamentos, recursos, comunicações, avaliações, qualificando, assim, o processo pedagógico-emocional-espiritual de todos que compõem a unidade.

Faz-se importante ilustrar a liderança nos contextos das instituições inicianas como nos apresenta o PEC (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 55): “[...] um modelo de gestão em que o poder é serviço, e a liderança é espaço de compartilhamento de poder e de responsabilidade, tendo como foco o cumprimento da missão”.

A partir disso, a liderança “depende do contexto no qual é exercida e das interações” presentes nesse meio, como citam Cabral e Seminotti (2009, p. 4-5),

não apenas entre líder e liderados, mas entre todos os atores que interagem na organização e compartilham a sua cultura, o planejamento estratégico da empresa e demais fatores organizacionais e sociais que permeiam esse cenário: líder-liderados, liderados-liderados, líder-líderes (pares e superiores hierárquicos).

Assim, com autonomia, participação e construção conjunta do ambiente de trabalho, Neagley e Evans (1969 apud Libâneo, 2015, p. 90) apontam cinco fundamentos teóricos para o trabalho em equipe ou trabalho participativo:

Em primeiro lugar a equipe deve ter uma meta, propósito, causa ou objetivo que seja identificado, aceito, compreendido e desejado por todos os membros da equipe. Em segundo lugar, a equipe deve ter espírito, moral e desejo de triunfar ainda que seja ao custo de consideráveis sacrifícios individuais. Em terceiro, as linhas de autoridade e responsabilidade devem estar claramente definidas e compreendidas perfeitamente por todos. Em quarto lugar, devem ser estabelecidos os canais de comunicação. Em quinto lugar, o líder deve descobrir e utilizar ao máximo as capacidades criadoras de cada uma das pessoas e uni-las numa equipe homogênea.

Então, para acontecer, realmente, o cuidado integral no ambiente de convívio e trabalho das lideranças, requer-se a escuta, o saber ouvir mais que propriamente falar. Martin (2013, p. 218) reforça a fala de Inácio de Loyola: “Nós deveríamos demorar para falar e ser pacientes para escutar a todos [...] Nossos ouvidos deveriam estar bem abertos para nosso próximo até que ele pareça já ter dito tudo o que está em seu coração”. A esses momentos particulares, que Inácio de Loyola oportunizava a quem desejasse expressar suas intenções, desejos, preocupações, foidado o nome de “Conversas Espirituais”. Nessas conversações, surgiam indagações, trocas, falas sobre Deus, sobre o que Inácio aprendeu com os ensinamentos de Jesus Cristo e, com discernimento, orações, escritas... assim, ia se constituindo a *Cura Personalis*, com respeito, confiança, atenção e correção fraterna.

Em se tratando de contextos acadêmicos, aqui podemos ampliar para organizações escolares, que possuem eminentemente um sistema de relações com fortes características de interação entre pessoas para a promoção da formação humana, portanto, a importância de uma gestão (uma administração institucionalizada) para tal. Libâneo (2015) diz que essa gestão se constitui por um processo que requer a tomada de decisões e a direção e controle dessas decisões, e ainda destaca um objetivo fundamental para ilustrar o envolvimento, neste caso, das lideranças: “promover o envolvimento das pessoas no trabalho por meio da participação e fazer o acompanhamento e a avaliação dessa participação, tendo como referência os objetivos de aprendizagens” (LIBÂNEO, 2015, p. 87-88).

Portanto, as Lideranças Intermediárias (leigas ou jesuítas) são importantes agentes participativos para a busca do engajamento nas propostas e nos desafios da instituição. Isto se confirma em um dos princípios do Colégio referido para o estudo: trabalhar em equipe, perpassando pela reflexão-ação-reflexão, em diferentes instâncias dos processos acadêmicos, a fim de resultar em uma melhor solução para as demandas do cotidiano escolar (nesse caso, no contexto dos educadores).

A seguir, encontram-se os dados, discussões e resultados relativos aos questionários realizados com o intuito de dar voz a essas lideranças, a fim de colaborar com o aprimoramento do cuidado com o cuidador, reiterando o modo de ser e proceder da Companhia de Jesus.

### 3. MATERIAL(IS) E MÉTODOS

A metodologia usada para a investigação é baseada em análise documental, bibliográfica e por meio de perguntas estruturadas.

Os participantes são lideranças – nominadas aqui gestores – que exercem as funções Diretivas e de Coordenações e intermediárias, conforme já mencionado, formadas pelos serviços: SOP, SOE, SOREP e SOCE e que fazem parte do Ensino Fundamental da Unidade I, do Colégio Anchieta/RS. Ao total são 21 lideranças integrantes da pesquisa, sendo três Diretores, uma Coordenadora de Unidade, quatro Coordenadores de Serviços e 13 Lideranças Intermediárias. As lideranças receberam, pelo correio eletrônico institucional, três perguntas para serem respondidas de forma espontânea, baseadas nas suas experiências, preferencialmente, sem a busca de referências bibliográficas, com o objetivo de aprimorar o artigo em questão. As três indagações encaminhadas foram: “O que você entende por *Cura Personalis*?”, “Como entende/percebe acontecer a *Cura Personalis* para e com as Lideranças Intermediárias? Exemplifique.” e “O que

considera importante qualificar no processo da *Cura Personalis* para e com as Lideranças Intermediárias?”.

Conforme Hoppen, Lapointe e Moreau (1996, p. 7), “os instrumentos de pesquisa são utilizados para ‘ler a realidade’”. Desta forma, a elaboração do questionário com as perguntas estruturadas quer retratar a realidade de cada liderança intermediária a partir de suas percepções a respeito da *Cura Personalis*, bem como o olhar da Direção e Coordenadores (Unidade I, do SOE, SOP, SOCE e SOREP) sobre o assunto, dando, assim, consistência aos resultados adquiridos para esta pesquisa. Os resultados serão analisados, discutidos e entrelaçados com as teorias abordadas neste artigo.

Esclareço ainda que, dos 21 convidados, 16 responderam e validaram a expectativa ao ler, refletir e analisar os resultados apresentados a seguir.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados a seguir abarcam as respostas das três perguntas elaboradas para o questionário qualitativo que oportunizou às lideranças (gestores e intermediárias) refletirem sobre o acompanhamento da instituição para e com o objeto de estudo, as Lideranças Intermediárias, destacando elementos relevantes para a *práxis* de cada uma.

As Lideranças Intermediárias foram identificadas pela abreviatura *LI* e um numeral, como, por exemplo, *LI08*. Já para os Gestores utilizou-se *G* mais o número, referindo-se aos Diretores e aos Coordenadores.

A seguir, apresentam-se as respostas, entrelaçando-as com diálogos pertinentes à revisão conceitual já mencionada.



## 4.1 Sobre o entendimento por parte das lideranças a respeito do que é *Cura Personalis*

Apresento as respostas dos 16 participantes por meio de uma categorização que os próprios manifestaram. Foram três contextos abordados: contexto educacional, contexto espiritual e contexto profissional. Lembrando que os três estão interligados e necessitam de um olhar atento ao que se propõe enquanto Educação Jesuíta para um cuidado integral do sujeito pertencente à Comunidade Educativa.

- **Contexto Educacional**, a *Cura Personalis* refere-se a um ensino personalizado em que a relação professor-aluno se destaca e revela o comprometimento entre ambos para a construção permanente da aprendizagem. Com isso, o professor é sujeito responsável por colaborar para que o estudante seja protagonista do seu próprio ser e fazer, conhecendo a história do estudante, as suas características, a bagagem que ele traz consigo como prontidão em aprender. Enfim, como escreve uma das Lideranças Inicianas:

*“A atitude fundamental do professor é acreditar na dignidade, na capacidade e na atividade do aluno. É familiarizar-se com a sua história e contexto de vida, é empenhar-se em ajudá-lo a atingir o seu pleno desenvolvimento. O seu papel é orientar a aprendizagem do aluno, criar instrumentos de trabalho apropriados aos ritmos e necessidades específicas dos alunos”. [E finaliza dizendo que o professor é] “conforme proposto pela Ratio Studiorum, sobretudo, um tutor, um conselheiro, um acompanhante.” (G03)*

É o que nos indica o PEC (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 44): “O professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor”.

- **Contexto Espiritual** – nesse contexto, apresenta-se, fundamentalmente a essência dos Exercícios Espirituais, um modo de viver a fé cristã católica baseando-se na experiência de Deus que Santo Inácio de Loyola viveu. A dimensão espiritual-religiosa abarca o despertar do sujeito em busca do conhecer-se melhor, conhecer e sentir Deus em diferentes propostas desenvolvidas nos diferentes níveis de ensino, bem como com os colaboradores acadêmicos, administrativos, Diretivos.

Desta forma, segue-se na perspectiva do cuidado, que “os Exercícios Espirituais são as normas norteadoras de um desenvolvimento humano integral”, segundo Klein (2015, p. 241), o que se pode ilustrar com alguns depoimentos dos respondentes:

*“A Cura Personalis, em sua dimensão pastoral tem o cuidado com o desenvolvimento da fé e do compromisso religioso, de tal maneira que, desenvolvendo-se como pessoa que tem Jesus Cristo como modelo de vida, também estabelece como busca de ‘ser cristão’ uma relação com os demais pautada no amor e serviço aos outros e à comunidade.” (G01)*

*“O conceito ‘Cura Personalis’ é aplicado também no contexto dos Exercícios Espirituais, na vida religiosa e nas relações de trabalho. Nos Exercícios Espirituais, há o exercitante, o que pratica os EE, e o acompanhante, que personaliza o ritmo da experiência ao nível do exercitante.” (G03)*

*“A ‘Cura Personalis’ constitui um termo latino que se refere ao cuidado da pessoa toda. Como princípio da espiritualidade inaciana, a ‘Cura Personalis’ atenta para a integralidade dos ser humano, considerando não apenas a saúde física, mas tudo aquilo que se refere às dimensões constitutivas da pessoa, sobretudo a socioemocional e a espiritual, suas competências, habilidades e desejos. Por estar fundada na espiritualidade inaciana, o acompanhamento aparece interligado diretamente ao princípio da ‘Cura Personalis’, sendo esse, uma maneira peculiar de ajudar a pessoa no processo do autoconhecimento, colaborando para que ela alcance o máximo da sua potencialidade na relação consigo mesmo, com o outro e com Deus.” (G04)*

- **Contexto Profissional** — destaca-se uma relação envolvendo o líder e os liderados em que a *Cura Personalis* acontece à medida que exista confiança, respeito, diálogo, comprometimento entre os pares e líderes quanto à escuta ativa, bem como, deixar-se cuidar para buscar a melhor versão dos envolvidos no processo da gestão escolar. Assim, como nos diz Klein (2015, p. 57), “a atenção pessoal continua a ser uma característica básica da educação jesuíta”. E ainda, nas relações de trabalho, a *Cura Personalis* será exercida pelo líder em relação ao liderado, em função das dimensões pessoal e profissional em vista da missão.

*“Entendo que a ‘Cura Personalis’ é um acompanhamento personalizado que a pessoa recebe na função das dimensões pessoais e profissionais. Na Companhia de Jesus é muito forte e se ampara no modo de proceder próprio da espiritualidade inaciana, uma vez que é o meio pelo qual o orientador ajuda a pessoa a buscar um maior conhecimento de si.” (G06)*

*“Considero esse, um dos processos mais importantes da instituição, pois através dele acolhemos as necessidades dos educadores que, antes de serem profissionais da educação, ou ainda colaboradores na área administrativa, são/somos seres humanos que passam por inúmeras situações que podem interferir no fazer diário pedagógico.” (LI10)*

Portanto, são contextos que abarcam, respectivamente, as relações entre professor e aluno, com o transcendente e entre líder e liderados. Todos os sujeitos envolvidos nesses contextos são protagonistas do seu desenvolvimento, do seu

autoconhecimento, de suas potencialidades e que necessitam, de acordo com a característica genuína inaciana, de cuidado, de um acompanhamento e atenção “em busca constante do maior serviço de Deus (*‘Magis’*)” (KLEIN, 2015, p. 86).

Somos convidados a inteirar “a *Cura Personalis* e a responsabilidade que cada educando tem pela sua própria educação” (LOPES, 2018, p. 21). Em relação às Lideranças Intermediárias, cabe a cada uma buscar o entendimento dessa inteireza da expressão no seu dia a dia e, também, serem acompanhadas pelos seus líderes de forma a ajudá-las nessa compreensão, sistematicamente, por meio de Formação Integral.

#### **4.2 Sobre “Como entende/percebe acontecer a *Cura Personalis* para e com as Lideranças Intermediárias? Exemplifique.”**

A partir de suas experiências, os Gestores – Diretor Administrativo, Coordenadora de Unidade e demais Coordenadores-gerais dos Serviços – pontuaram os/as seguintes entendimentos/percepções a respeito de como acontece a *Cura Personalis* para e com as Lideranças Intermediárias. Considerando a importância de se sentir pertencente a uma comunidade que possui uma missão, neste caso, a da Rede Jesuíta de Educação, imbuída de valores humano-cristãos, destaca-se no Quadro 1 as percepções dos respondentes sobre como acontece a *Cura Personalis*.

### Quadro 1 – Como acontece a *Cura Personalis* segundo os respondentes

#### Participação:

- \* em cursos, sejam eles, congressos, seminários, especialização, mestrado e doutorado;
- \* em cursos específicos sobre como exercer a função de liderança intermediária;
- \* em reuniões de assessoria, equipe, Direção.
- Conhecimento/leitura dos documentos oficiais da Companhia de Jesus.
- Escuta ativa pelos líderes, podendo ser leigos ou jesuítas.
- *Feedbacks* e abertura ao diálogo, criando, com isso, uma rotina de atendimento individualizado dos integrantes de suas equipes; correção de rotas de ações e processos que precisam ser ressignificados; dar a oportunidade de retomar as condutas que levem ao *Magis*.
- Reconhecimento ao trabalho das Lideranças, participação com reflexão e avaliação em decisões que impactam em seu trabalho.
- Existência de uma boa estrutura organizacional e de recursos humanos.
- O cuidado e a atenção para e com cada pessoa e com o seu processo de crescimento pessoal e profissional como sendo um diferencial da Educação Jesuíta.

*Fonte: Elaborado pela autora.*

Dando sequência aos dados e resultados da segunda questão respondida por dez Lideranças Intermediárias (LI), pude observar que as diversas respostas se enquadram em dois grupos, sendo eles: os que percebem a *Cura Personalis* já acontecendo no ambiente escolar, e os que percebem que está em processo de efetivação, ou seja, formalização institucional.

Quanto ao reconhecimento da presença efetiva da *Cura Personalis* no meio de trabalho, são ressaltados alguns pontos e exemplos nos quais pode ser percebida, como:

- **Relações Interpessoais:** por meio de “*trocas diárias com as lideranças, com os pares e com os orientadores espirituais*” (LI08) e “*dentro dos próprios grupos e por meio da Coordenação. Sempre com apoio, com cuidado e com a atenção ao que ocorre dentro de nós*” (LI09).
- **Correção Fraternal:** percebendo o “*diálogo aberto e sincero*” (LI10) como “*a prática mais assertiva*” (LI10), que gera momentos “*muito frutuosos*” (LI10), sendo também debatida a razão pela qual ocorrem essas conversações: “*sobre alguma situação ocorrida em que o liderado necessite refletir sobre a sua conduta na instituição*” (LI14), necessitando, por consequência, de tempo e compreensão para que “*de fato tenha efeito no indivíduo*” (LI04). Ademais, se efetiva como “*cuidado que vai além das necessidades acadêmicas e de saúde física, uma escuta afetuosa a partir da perspectiva da fé*” (LI15).

Além disso, dentre as habilidades destacadas das Lideranças Inacianas, por meio da *práxis* da atenção pessoal, pode-se notar a presença de um “*olhar atento das minhas lideranças*” (LI16), demonstrando a valorização, por parte de orientadores/superiores, do projeto de vida de cada um em particular, dando e concretizando a devida e almejada atenção personalizada.

Já no outro ponto de vista, em que são abordados temas que retratam uma visão da *Cura Personalis* “em desenvolvimento” no ambiente de trabalho, há aqueles que percebem certa parcialidade, ou seja, incompletude da prática desse conceito, destacando opiniões e desejos nos seguintes temas:

- **Conselhos e Reflexões:** “[...] *nas conversas, nas buscas pela coordenação de ensino, nas angústias que levo, tenho obtido as respostas, os conselhos e reflexões que surgem a partir disso*” (LI07).
- **Expectativas:** reafirmando o tema como sendo “*uma caminhada*” (LI13) e enfatizando o desejo de chegar ao nível que o próprio fundador da Companhia de Jesus chegou: “*estamos longe de fazer o que Santo Inácio se propôs: um acompanhamento realmente individual, personalizado e sistemático aos que necessitam, sejam eles educadores ou educandos*” (LI13).
- **Fragilidades:** em relação a ações práticas, algumas são vistas como “*conversas com o serviço*” (LI11) que ocorrem “*se tiver uma demanda vinda de colegas, famílias sobre o trabalho desenvolvido*” (LI11); existe a necessidade de ocorrer com “*intencionalidade*” (LI12) e “*periodicidade*” (LI12), que são percebidas como “*relevantes para a ‘Cura Personalis’, pois valoriza o momento, promove a empatia, a partilha, desenvolvimento pessoal e coletivo*” (LI12).

Considerando os resultados mencionados, ainda que com as diferenças entre os dois agrupamentos de respostas, existem alguns pontos em comum, que acabam por

revelar a verdadeira visão das Lideranças Intermediárias a respeito da *Cura Personalis* como atuante em seus meios. Os benefícios da efetivação desse processo são fatores que estiveram presentes em todas as respostas, demonstrando o quão ela é importante para uma boa convivência entre os diversos grupos e pessoas, principalmente, como ressaltado, pelo especial afeto com que deve ser praticado. Afeto esse que permite acolhida, suporte e serviço em favor do outro que esteja passando por alguma necessidade, buscando tornar esses atos cada vez mais semelhantes aos de Jesus Cristo, baseando-se, principalmente, no exemplo dado por Inácio de Loyola, com seu carisma que instituiu um cuidado personalizado para cada pessoa, conforme suas aptidões e fraquezas.

#### 4.3 Sobre “O que considera importante qualificar no processo da *Cura Personalis* para e com as Lideranças Intermediárias?”

Com a finalidade de obter sugestões eficazes e reais para aprimorar o processo da *Cura Personalis* para e com as Lideranças Intermediárias, foi solicitado, aos 16 participantes, uma reflexão quanto ao que poderia ser qualificado na prática do cuidado para o cuidador. Com base nisso, foram analisados os dados e constata-se que, dentre muitos assuntos, as respostas se fundamentam em “evidenciar as práticas já existentes” (LI15) e trabalhar na “implementação de novas” (LI15), visando sempre à formação de “laços de respeito e confiança com os envolvidos no processo educativo” (LI13). Destaca-se, portanto:

- **A Formação Integral:** apresentou-se, dentre os entrevistados, como a mais desejada forma de qualificar a ação da *Cura Personalis* no ambiente de trabalho. Seja através de palestras, de especializações ou até de “encontros” com maior duração “com formadores da Rede Jesuíta” (LI08), os objetivos principais dessa capacitação individual (ou em grupo) seriam possibilitar maior visibilidade e aprofundamento no assunto, para que, aprendendo sobre ele, sejam todos capazes de “reconhecer as potencialidades” (G06) da equipe de Lideranças Intermediárias e garantir “o desenvolvimento das dimensões afetiva, cognitiva, espiritual, ética, comunicativa” (G06), permitindo a melhor utilização dos benefícios dessa prática de afeto no ambiente de trabalho e agindo, também, como forma de “orientação mais direcionada que resgate o modo de ser e proceder na vida cotidiana” (LI08).
- **O Acompanhamento Emocional:** realizado, principalmente, por meio de uma “escuta” (LI11), da “disponibilidade” (LI13) e da “doação de tempo” (LI14), seria extremamente eficaz na qualificação do ambiente de trabalho, amenizando casos de ansiedade e estresse. Esses acompanhamentos, como sugerem as Lideranças Inacianas Intermediárias, poderiam ser realizados através de momentos trimestrais ou semestrais que visariam, especialmente,

refletir sobre “*a caminhada do profissional*” (LI11), sendo capazes, dessa maneira, de “*avaliar nossa prática com mais foco e retroalimentar nossos ‘fazeres’*” (LI07).

- **A Institucionalização do Tema:** nesse aspecto, aborda-se a necessidade de tornar a *Cura Personalis* “*institucionalizada enquanto processo*” (G04), com “*intencionalidade e periodicidade*” (LI12), passando “*a ser foco de todos os serviços e setores, minimizando os riscos da existência de ‘pessoas invisíveis’ institucionalmente*” (G04), referindo-se àqueles que, por sua determinada função, acabam sendo privados do cuidado para com o cuidador. Objetiva-se, também, aprimorar os encontros da presença perceptível da *Cura Personalis* no cotidiano das lideranças, fazendo com que esses não sejam presentes apenas “*nos momentos ‘informais’*” (LI09), mas, sim, a cada instante em que um profissional ou estudante se encontrar em uma instituição jesuíta.
- **O “Protocolo de *Cura Personalis*”:** voltado para o “*acompanhamento às Lideranças Intermediárias e estímulo para elaboração de planos de desenvolvimento individual (PDI), subsidiados em avaliação por indicadores que estejam alinhados aos princípios da espiritualidade e da pedagogia Inaciana*” (G03).

Enfim, pode-se perceber como a *Cura Personalis* tem se mostrado objeto de interesse e estudo para muitos indivíduos, que buscam, essencialmente, o cerne dessa expressão posto em prática, contribuindo e possibilitando vínculos de maior afeto e compaixão, aprendizagem e ensino, fazendo com que todos contribuam positivamente para um ambiente educacional mais agradável. Os meios teóricos para conseguir alcançar essa meta apresentam, em sua origem, uma boa Formação Integral da pessoa; tendo amplo conhecimento a respeito do assunto, tornar-se-á mais fácil pô-lo em real estado empírico. A partir disso, caberia à instituição e aos demais grupos organizadores a fundamentação de ações que consolidariam a *Cura Personalis* no ambiente profissional, mantendo-a sempre ativa nas relações, incentivando uma melhor autoavaliação do encargo do cuidador.

Para ilustrar e ajudar na organização de uma autoavaliação eficaz, segue o que aponta o n. 73 do PEC quanto à avaliação da Gestão de Pessoas:

Sobre a avaliação de desempenho, é desejável que aconteça anualmente, segundo critérios estabelecidos pelo setor de Recursos Humanos local, alinhando as melhores metodologias disponíveis com qualidades e competências desejáveis para uma liderança inaciana, conforme documentos institucionais. A avaliação poderá subsidiar as Equipes Diretivas com informações que viabilizem a gestão de

pessoas, bem como a indicação das eventuais fragilidades existentes nas equipes de trabalho, das quais poderão derivar planos de formação e capacitação. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 64)

Portanto, a validação dessa proposição resgata o desejo das manifestações dos líderes e liderados ao responderem o questionário. Particularmente, creio que seja importante uma prática sistemática, planejada estrategicamente, no período trimestral/semestral, para que as evidências, apontadas de acordo com os critérios construídos e analisados pelo Diretivo e pelas Coordenações gerais das Equipes de Lideranças Intermediárias, juntamente com o departamento de Recursos Humanos, contribuam para o aprimoramento da *Cura Personalis*.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta investigação sobre a *Cura Personalis*, focada na visão das Lideranças, buscou-se demonstrar, baseando-se em escritos teóricos e práticos, majoritariamente, a verdadeira e real eficácia, presença e história deste termo, sempre remetido ao tratamento do cuidado para e com o cuidador. O objetivo dessa investigação possui direta relação comigo, pesquisadora, que faço parte das Lideranças Intermediárias que atuam no Colégio Anchieta/RS.

A pesquisa desenvolvida demonstrou o quanto a instituição carrega em sua história marcas relevantes do seu fundador, Inácio de Loyola; a identidade e o sentimento de pertença visíveis no dia a dia de cada participante envolvido nesse trabalho, bem como a presença das características inicianas quanto a espiritualidade, a Educação Integral, a leitura do mundo, o diálogo entre a fé e a cultura, a relação aluno-professor, os valores humano-cristãos, autoconhecimento, discernimento, *Cura Personalis*, entre outras. A partir dos resultados obtidos e analisados, pode-se verificar o quanto de entendimento e compreensão tem-se sobre o sentido real da expressão *Cura Personalis*, por parte dos respondentes que apontam ser o cuidado para e com a pessoa no seu todo, considerando as dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa.

Já se tratando da real percepção dessa prática no ambiente de vivência, percebe-se o quanto é relevante a participação da administração da Rede Jesuíta de Educação nas propostas de formação e acompanhamento dos educadores e educandos. Isso se baseia em reflexões originárias das respostas dos questionados, que percebem a maior efetividade e apropriação dessa *Cura* como proveniente de experiências oportunizadas, em suas essências, pela instituição, como formações acadêmicas; experimentações



sociais; reflexões e avaliações a partir do reconhecimento do serviço, provindas tanto da parte dos superiores quanto das próprias Lideranças Intermediárias, proporcionando, no todo, um atendimento individualmente característico e marcante. Porém, ainda que haja, verdadeiramente, a presença da *Cura Personalis* nos aspectos retratados anteriormente, continua a notar-se uma carência de aprimoramento e qualificação da sua atuação na vida e no meio profissional dos participantes, que retratam, enfaticamente, o quão essa *práxis* auxilia na excelência do seu trabalho (emocionalmente, psicologicamente e espiritualmente) e demonstram opinião favorável quanto à implementação de mudanças, propondo até soluções diretas. São desafios a serem planejados pela instituição para uma melhoria efetiva dessa característica tão peculiar e de significado de cuidado, acompanhamento e atenção.

Todos esses aspectos apontados reforçam a validade de um pensar/refletir sobre o cuidado para e com as Lideranças Intermediárias com ações que fornecerão evidências para justificar essa formalização, por meio de um Plano de Formação. Este plano refere-se ao plano estratégico institucional, referente a uma das perguntas-problema desta pesquisa e que se pode constatar nas respostas apresentadas quanto à melhoria da *Cura Personalis* na vida dos profissionais em questão, por meio do aprimoramento da Formação Integral, do acompanhamento emocional, da própria institucionalização do fenômeno em estudo enquanto processo e tendo um protocolo da *Cura Personalis* que abarque a construção de indicadores que contribuam no desenvolvimento individual através da avaliação das lideranças, estando em alinhamento com os princípios e valores institucionais. Dentre algumas possibilidades de ações citadas pelos respondentes que já acontecem e que necessitam dar continuidade, destacam-se: formação continuada através de congressos, seminários, projetos sociais, retiros espirituais ou pós-graduações; reuniões gerais de equipes, professores e a participação ativa nos grupos de trabalho/comissões, tomada de decisões, tendo o discernimento, a reflexão e o diálogo como estrutura inicial para a resolução de enfrentamentos e projeção de soluções para o bem comum da comunidade escolar.

Obviamente que os estudos sobre a temática *Cura Personalis* para e com os cuidadores – Lideranças Intermediárias – não se esgotam por aqui. Durante o percurso desta pesquisa, foram surgindo outros questionamentos a partir das leituras e dos resultados apresentados e que dariam novos objetos de estudos como, por exemplo, o papel do leigo na Ordem da Companhia de Jesus, a formação dos leigos para assumirem a missão de líderes/gestores, a ideia de se criar um Grupo de Trabalho para pensar sobre o “Protocolo de *Cura Personalis*”, assim nominado por um dos respondentes. Enfim, um percurso a ser ainda explorado, aprofundado, oportunizando novas possibilidades para o enriquecimento do modo de ser e proceder para com as Lideranças Intermediárias.

Reafirmo, portanto, a seguinte questão: *Como institucionalizar, por meio de um planejamento estratégico, o aprimoramento dessa característica jesuítica nas lideranças*

*inacianas, em especial nas Lideranças Intermediárias, promovendo, assim, o cuidado com o cuidador?* – Uma potência e tanto a dar continuidade ao estudo, sendo pensada, discernida, planejada e...por que não, executada?

É um desafio, sim, possível e que dará aos liderados dessa categoria a base de apoio para que possam exercer suas missões com excelência, sentindo-se ainda mais acolhidos por meio da escuta ativa e afetiva em busca de traçar mapas que conduzam ao *Magis*. É preciso dar continuidade, não estagnar na caminhada de projeções e desejos, a fim de que se tenha um percurso significativo, integral, profícuo e amável.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emmanuel Silva. **Rezar, formar e partilhar, em tempo de pandemia à luz das curas personalis e apostólica**. Rede Jesuíta de Educação, 2020. 1 vídeo (1h 51min). [Webinar] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sthjgegjkqe&t=2s>. Acesso em: 23 jun. 2020.

CABRAL, Patrícia Martins Fagundes; SEMINOTTI, Nedio A. (2009a). O trabalho coletivo entre líderes: ampliando a concepção do líder-herói nas organizações. **Revista da SBDG**, n. 4, pp. 18-28, setembro.

CABRAL, Patrícia Martins Fagundes; SEMINOTTI, Nedio A. A dimensão coletiva da liderança. **Caderno IHU Ideias**, UNISINOS, ano 7, n. 120, 2009.

CARACTERÍSTICAS da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 1986.

COLÉGIO ANCHIETA. **Humanização do Ambiente Escolar: em busca do “Magis”**. Rede Jesuíta de Educação, 2013.

CUNHA, A.G. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

GEGER, Fr. Barton T. *Cura Personalis: Some Ignatian Inspirations* Regis University, Jesuit Higher Education: A Journal, 2014.

HOPPEN, Norberto; LAPOINTE, Liette; MOREAU, Eliane. Um guia de avaliação de artigos de pesquisa em sistemas de informação. **REAd**, Edição 3, v. 2, n. 2, nov. 1996.

KLEIN, Luiz Fernando (org.). *Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação Jesuíta: Tradição e Atualização**. Colecion CEPAL, 2020.

KOLVENBACH, Peter-Hans. Discurso pronunciado por el P.General Peter-Hans Kolvenbach, S.J. en la apertura del curso-taller sobre “El Acompañamiento Espiritual

em la Tradición Ignaciana” (Roma, Enero-Febrero 2007) organizado por el Secretariado de Espiritualidad Ignaciana de la Compañía. Traducción: Ignacio Echániz, S.J

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 6. ed. Revista e Ampliada. Goiânia: MF Livros, 2015.

LOPES, José Manuel Martins (org.). **A Pedagogia da Companhia de Jesus: Contributos para um Diálogo**. 2. ed. Portugal: Braga, Axioma, 2018.

LOPES, José Manuel Martins. A Cura Personalis e a Educação na Companhia de Jesus - II. **Revista Broteria**, 16, 1: 159-182, 2005. Loyola e Commons, Ignatian Pedagogy Bibliography. Disponível em: <https://ecommons.luc.edu/ignatianpedagogy/355>. Acesso em: 22 jun. 2021.

Programa MAGIS Brasil – Juventude e Vocações – Instrumento de Trabalho – Orientações, 2015-2018.

LOYOLA, Inácio de. **Autobiografia de Santo Inácio de Loyola**. Braga: Apostolado da Oração, 2005.

LOYOLA, Inácio de. **Escritos de Santo Inácio**. Exercícios Espirituais. Tradução de R. Paiva, SJ. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MARTIN, James, SJ. **A sabedoria dos jesuítas para quase tudo**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2013.

MESA, José Alberto. Preâmbulo: a reflexão deve continuar. In: ICAJE (Comissão Internacional do Apostolado da Educação Jesuíta). **Colégios Jesuítas: uma Tradição viva no século XXI – Um exercício contínuo de discernimento**. 1. ed., Roma, Itália, 2019.

MIRANDA, Margarida; LOPES, José Manuel Martins (eds.). **Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599): Regime Escolar e Plano de Estudos**. Tradução de Margarida Miranda. Braga: Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia, 2018.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **PEC: Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2016.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **PEC: Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2021.

RHODEN, João Claudio (coord.). **Estrutura Organizacional dos Colégios da BRM**. Porto Alegre, 2011.

SCHNEIDER, Dário (org.). **Educação Jesuítica: aprendizagem integral, sujeito e contemporaneidade – tematizando práticas e experiências significativas**. Porto Alegre: Colégio Anchieta, 2018.

Sheila Guidi Milioli



## ***A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO NO PROCESSO ESCOLAR DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA PANDEMIA***

*Toda a experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome [...]. É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome.*

(Rubem Alves)

### **1. INTRODUÇÃO**

Os anos de 2020 e 2021 têm sido um divisor de águas no que se refere ao desempenho acadêmico e à interação social, objetivos centrais da escola. De uma hora para outra, todas as nossas vivências passaram a ser *on-line*, o que representou a aproximação da educação com a evolução das tecnologias educacionais por meio da cocriação, da interatividade, da integração e das trocas de forma criativa, inventiva, formativa e, também, inclusiva. Contudo, a inclusão digital, ou seja, “formar indivíduos no mundo em rede conduzido pela internet, tornando-os capazes de se autoprogramar, gerar conhecimentos

---

*Orientadora Educacional do 7º Ano/Ensino Fundamental II do Colégio Anchieta e Psicopedagoga. Formação em Pedagogia Orientação Educacional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Especialista em Psicopedagogia pela mesma instituição. Formação em Terapia de Casal e Família pelo Centro de Estudos da Família e do Indivíduo – CEFI/Porto Alegre.*

*Artigo apresentado ao curso de Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orientação: Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Costa.*

e utilizá-los” (CASTELLS, 2003, p. 227), não foi democrática. E esse foi apenas um dos desafios que a sociedade precisou, e ainda precisa, enfrentar neste tempo de ensino remoto/híbrido provocado pela pandemia, em decorrência da COVID-19.

São muitas as preocupações de pais e professores em relação ao que as crianças e os adolescentes aprenderam, e se aprenderam. A preocupação vai além disso, pois o sentido que foi dado às aprendizagens pelos estudantes também é uma preocupação.

Em relação ao ano letivo de 2020, foi possível observar o comprometimento com as atividades propostas, assim como conferir as presenças nas aulas síncronas. Mas e o que a escola não identificou? Quanto ao desempenho acadêmico, podemos até mensurar; no entanto, quanto ao desenvolvimento socioemocional, a avaliação é mais subjetiva.

A importância da aprendizagem na vida do indivíduo se constitui – uma vez que é através dela que o homem se afirma como sujeito – na construção da personalidade e da identidade que o prepara para cumprir o papel que lhe é reservado na sociedade na qual está inserido. Nesse sentido, compreendemos que a aprendizagem decorre de interações sucessivas entre os sujeitos por meio de uma “relação vincular”, ou seja, é por meio do outro que as crianças e os jovens adquirem novas formas de pensar e agir e, desta forma, constroem novas aprendizagens. Daí o recorte deste estudo: averiguar a importância do vínculo afetivo no processo escolar de ensino-aprendizagem no Colégio Anchieta em tempos pandêmicos.

Ressaltamos aqui dois fundamentos elementares para o processo de ensino-aprendizagem: o vínculo professor-estudante e a escola no seu tempo e espaço físico. Nesse sentido, pesquisas apontam para decisões que sustentam o sucesso na aprendizagem e aumentam as chances de se alicerçar uma relação afetiva positiva entre o estudante e os objetos de conhecimento, designando-se uma relação saudável.

Debrucemo-nos, pois, na palavra vínculo, do latim “*vinculum*”<sup>2</sup> que remete a apego, a relação, a uma atadura de características duradouras. A noção de “vínculo” é de primeira importância no desenvolvimento da personalidade da criança, afirmativa que se baseia na inquestionável sentença de que “o ser humano se constitui sempre a partir de um outro” (ZIMERMAN, 2009, p. 21). Isso não impede que a qualidade do vínculo traga situações positivas ou negativas para o indivíduo. Também importante destacar que vínculo induz a alguma forma de ligação entre as partes que estão inseparáveis, embora elas permaneçam claramente demarcadas entre si. Um estado mental que pode ser expresso por meio de diferentes formas de abordagem.

---

<sup>2</sup> VÍNCULO. In: *Dicionário de Etimologia Médico*. Disponível em: <https://dicimedico.com/vinculo/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

A noção de *vínculo* é antiga e tem seu significado em várias áreas do conhecimento. Já aparece na Bíblia, no mais secular livro da história, como qualquer coisa que liga; no Dicionário Bíblico on-line,<sup>3</sup> ele; na sociologia, vínculo social de Durkheim; para a antropologia é a importância do outro, a identidade; na filosofia, experiência e intuição; nas artes, é o contato e a interação com o outro. Mas foi o psicanalista britânico Wilfred Ruprecht Bion quem aprofundou os estudos sobre *vínculos* em várias modalidades: quais são, como se formam, como se articulam e como funcionam ao longo da vida do indivíduo. Outros autores psicanalíticos como Freud, Klein, W. Baranger, Pichon Rivière e Bowlby também fundamentam o termo. Chamou a nossa atenção os estudos de Bion (1994, p. 113), que conceituaram vínculos como “elos de ligação – emocional e relacional – que unem duas ou mais pessoas, ou duas ou mais partes dentro de uma mesma pessoa”.

Poeticamente, o primeiro espelho da criatura humana é o olhar de sua mãe, seu sorriso, suas expressões faciais e a voz. Do ponto de vista do bebê, “eu olho e sou visto, logo, existo”. Bion, mesmo não tendo usado a palavra vínculo, consegue traduzir o seu sentido. Assim, também Zimerman (2009, p. 25) apresenta como um elo profundo entre a mãe e seu filho, como se o bebê pudesse, de forma primitiva, ter sensações de que se o olhar da mãe for de felicidade, funciona como um espelho que, numa licença de imaginação, lhe diz algo assim: “*Meu filho, mamãe está feliz contigo, te ama muito*”, portanto: “*Eu, bebê, sou amado, desejado e posso confiar na minha mãe*”.

Após a experiência e a segurança do vínculo com a mãe ou com outra função que exerça esse cuidado, o bebê vai crescer e aprender a se relacionar com os parentes e cuidadores próximos. O segundo momento da experiência na vida da criança é na escola, onde vai se adaptar a uma nova realidade com todos os atores que lá estarão, principalmente, o/a professor/a.

A qualidade do vínculo afetivo na relação entre professor e estudante será determinante para a qualidade do que se ensina e do que se aprende. Para Paulo Freire (2014), é no plano da sensibilidade que deverão ser encontradas as raízes mais profundas da relação entre aluno e conhecimento, e da relação entre professor e aluno, uma vez que a tarefa educativa é essencialmente e, por natureza, relacional. Neste contexto, de forma a abranger o tema, Moreno (1987, p. 16) diz que

no começo foi a existência. Mas a existência não tem sentido. No começo foi a palavra, a ideia – mas o ato foi anterior. No começo foi o ato, mas o ato não é possível sem o agente, sem o objeto em direção ao qual se dirija e sem um tu a quem se encontrar. No começo foi o encontro.

<sup>3</sup> *VÍNCULO*. In: *Dicionário Bíblico Online*. Disponível em: <https://www.casadosenhor.com.br/dicionario/palavra.php?palavra=V%C3%8DNCULO&id=5457>. Acesso em: 05 jan. 2021.

Sabendo que a aprendizagem é permeada pela subjetividade, o componente afetivo interfere tanto positiva quanto negativamente no processo. Nessa troca relacional, o afeto do professor influenciará no afeto do estudante, em que a qualidade da mediação, em muitos casos, determina toda a história futura da relação entre o aluno e um determinado conteúdo. Assim, uma “mediação afetiva, com resultados afetivos, determina processos de constituições individuais duradouros e importantes para o indivíduo” (LEITE; TASSONI, 2002, p. 19).

A importância da afetividade no processo de desenvolvimento é aprofundada pelo educador francês Henri Wallon, cuja fundamentação teórica contribui para este estudo. Wallon (2007) diz que o componente afetivo estará presente em todas as situações e vivências, assim como a motricidade e a cognição. Portanto, tudo o que diz respeito ao tempo e ao espaço físico e/ou virtual, com todos os seus protagonistas, causará acolhida ou repulsa.

No intuito de trazer mais fundamentação para esta pesquisa, o neurocientista português, referência em pesquisas atuais sobre o cérebro humano e sobre as bases neurológicas das emoções, António Damásio, se mostrou um teórico a ser relevado neste estudo. O pesquisador aborda como as emoções e os sentimentos regulam não apenas a vida individual das pessoas, mas também a vida em sociedade e torna-se essencial para o êxito da espécie humana.<sup>4</sup>

Diante dessas verdades e dos aspectos globais em que estamos vivendo, o presente artigo irá pontuar três etapas: fundamentação teórica; pesquisa; e análise dos dados da seguinte reflexão: como a Pedagogia Inaciana nos inspira nas ações pedagógicas de forma afetiva no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes durante a pandemia? O que justifica a problematização deste trabalho.

---

<sup>4</sup> DAMÁSIO, António. *Entrevista António Damásio. [Entrevista cedida a] Viver Mente & Cérebro. Revista Viver Mente & Cérebro Scientific American, ano XIII, n. 143, dez. 2004. Disponível em: [https://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/entrevista\\_antonio\\_damasio.htm](https://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/entrevista_antonio_damasio.htm). Acesso: 23 jun. 2021.*

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*É tempo de travessia: e se não ousarmos fazê-la, teremos  
ficado para sempre, à margem de nós mesmos!*

(Fernando Teixeira de Andrade)

Quem um dia imaginou que o mundo pudesse parar? Sempre tivemos receio e temores das máquinas, da inteligência artificial, das guerras e suas armas, das intempéries climáticas, do terrorismo. Mas foi um vírus que fez o mundo parar. Em poucas semanas, em todos os lugares do mundo, compartilhamos o mesmo sentimento: a impotência. Além da insegurança diante do desconhecido, deparamo-nos com nossos sentimentos e com a necessidade de nos reinventarmos.

No Brasil, 81,9% dos alunos da Educação Básica deixaram de frequentar escolas. No mundo, esse total soma 64,5% dos estudantes, segundo dados do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, publicados em parceria com a Unesco do Brasil e com o Itaú Social (2020).<sup>5</sup>

Há mais de 18 meses, convivemos com a pandemia e com as suas trágicas consequências. Em alguns lugares do mundo, a situação pode parecer mais controlada devido ao avanço do sistema vacinal; em contrapartida, o Brasil ainda sofre intercorrências resultantes da mutação do vírus. A pandemia da COVID-19 vem causando morte, medo, insegurança, tristeza e ansiedade, agravados pela instabilidade social e econômica global desde o primeiro caso que surgiu na China, a saber, em 31 de dezembro de 2019.

Em processo acelerado, a humanidade percebeu grande impacto em áreas como saúde, economia, tecnologia, ciência, meio ambiente, cultura e educação. Os prognósticos de muitas pesquisas indicam nomenclaturas pessimistas para descrever este momento, acarretando sentimentos negativos que assombam a sociedade e provocam desigualdade ainda mais acirrada em relação ao desenvolvimento das áreas citadas em diferentes países.

Atualmente, “menos de 43% das escolas do ensino fundamental e 62% das escolas do ensino secundário na América latina e Caribe têm acesso à internet para fins pedagógicos” (BANCO MUNDIAL, 2021, p. 12). A “pobreza de aprendizagem”, no final da educação primária, pode aumentar em mais de 20%. Mais de dois em cada três alunos do Ensino Médio podem ficar abaixo dos níveis mínimos de desempenho esperados, e as perdas de aprendizagem serão substancialmente maiores para os alunos mais desfavorecidos (BANCO MUNDIAL, 2021, p. 14).

---

<sup>5</sup> FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica*. 2020. Informe nº 1. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>. Acesso em: 27 jul. 2021.



A ciência e a tecnologia estão no *ranking* das felizes descobertas que mais avançaram. Ainda não havíamos acompanhado tamanha evolução em tão pouco tempo. E foi essa tecnologia que nos reconectou e impulsionou a uma realidade até então temerosa por grande parte dos educadores: o uso das tecnologias educacionais. No entanto, há de se considerar que são recursos disponibilizados a uma parcela ínfima da sociedade, ou seja, apenas às classes economicamente privilegiadas. Grande parte das crianças e dos adolescentes brasileiros encontram-se sem recursos tecnológicos, sem o convívio social que se dá nas escolas e, portanto, sem as aulas. Elencamos aqui apenas as condições referentes aos aspectos pedagógicos, mas não podemos desconsiderar outros ganhos que a vida em uma comunidade escolar oportuniza. A escola, como sabemos, oferta outros tipos de auxílio como alimentação e de acompanhamentos como assistência social e psicológica. Sem isso, é evidente que, no Brasil, haverá uma disparada quanto ao número de marginalizados provocada pela exclusão social/digital.

A realidade já preocupante com a educação, em nosso país, será cada vez mais agravada em tempos de pandemia. Hoje vivemos o contexto escolar entre o real e o virtual e, conforme formos retornando ao ensino presencial, verificaremos outras tantas consequências provocadas pelo distanciamento físico e pela distância da escola que foi imposta aos estudantes.

É fato que houve ganhos a partir da proximidade com as tecnologias digitais, pois deixaram de ser apenas ferramentas pouco aproveitadas por educadores para se tornarem aliadas à informação e ao conhecimento. Essa descoberta pode ser compreendida a partir do que explicita Di Felice (2016, p. 18): “a descoberta é o resultado de um tipo de conhecimento que se abre ao novo, ao desconhecido, ao não dito, que inevitavelmente é um tipo de conhecimento poético”.

Muitas pesquisas apontam para os impactos da pandemia já na alfabetização até o ingresso nas universidades, na prática dos professores e seus recursos digitais; no sentimento das famílias, ou não, de acolhimento por parte das escolas. Logo, são muitas conjecturas sobre os prejuízos educativos, no entanto não se pode mensurar, sobretudo, ao que se refere à dimensão socioemocional.

As novas diretrizes propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC),<sup>6</sup> com foco na Educação para o século 21, incentivada pela Unesco, visa ao desenvolvimento das seguintes competências no currículo: autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidade de relacionamento e tomada de decisão responsável. E essa demanda proposta pela BNCC, hoje, mostra-se ainda mais necessária, pois somente por meio do gerenciamento das emoções são viáveis caminhos que preservem os aspectos

---

<sup>6</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

socioemocionais das crianças e dos jovens. Essas competências mostram-se cada vez mais importantes na formação de cidadãos que exerçam papel ativo na sociedade.

Na perspectiva do cuidado e da atenção com o estudante, a Pedagogia Inaciana caracteriza-se pela identidade e pela experiência de vida a partir dos escritos de seu fundador, Santo Inácio de Loyola: visão de mundo que entende o sujeito de forma integral, contemplando as dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa. A Pedagogia Inaciana busca o desenvolvimento global da pessoa, formando homens e mulheres para e com os demais.

A Pedagogia Inaciana se diferencia das demais por reconhecer suas tradições, a partir da fundamentação teórica que permeia desde os escritos dos Exercícios Espirituais de Inácio, possibilitando trajetórias que suscitam segurança e confiança. Conforme o Projeto Educativo Comum (PEC) (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 48-49),

toda ação educativa converge para a formação da pessoa, enfatizando a necessidade de reconhecer as potencialidades do indivíduo e garantindo o desenvolvimento das dimensões afetiva, espiritual, ética, estética, cognitiva, comunicativa, corporal e sociopolítica.

A Rede Jesuíta de Educação (RJE) sempre teve cuidado com o estudante, com quem ele se relaciona e com o mundo que o cerca. Para a RJE, é necessária a atenção às questões afetivas e espirituais, exercitando a escuta empática e o olhar ao outro de uma forma mais amorosa e atenciosa. O cuidado consigo é fundamental, pois o conhecimento e a transparência acolhem e libertam.

Antonio Pérez Esclarín (2011 apud KLEIN, 2017), em concordância com as dimensões previstas no Projeto Educativo Comum da RJE, afirma que educar toda a pessoa é educar com a razão, o coração, a inteligência, os sentimentos, a memória, a imaginação, a vontade e a liberdade. A educação, para ele, é realizada por meio dos sentidos, com o corpo, com as vísceras, com a sexualidade. Educar, portanto, corresponde à educação do sujeito no todo, em toda a sua dimensão, na sua globalidade. Uma educação já proposta por Piaget (1994, p. 129), ao afirmar que

é indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência.

Na linha da perspectiva pedagógica inaciana, o analista Wallon (2007) defende a ideia do sujeito ser apreciado nos aspectos motor, afetivo e cognitivo, o que se reflete nos temas centrais da sua pesquisa: emoção, movimento, inteligência e cognição.

Seus estudos baseiam-se em experiências como médico do exército no *front* da Primeira Guerra Mundial, quando teve a oportunidade de estudar as bases neurológicas dos soldados lesionados, alicerce para seus estudos posteriores com crianças. Entendemos aqui ser paralelo simbólico ao nosso atual momento.

Para Wallon (2007), o social e o biológico são indissociáveis. Além das demandas biológicas, as sociais também irão contribuir nas etapas de desenvolvimento de cada sujeito, formando um ser na sua totalidade e concretude. Wallon explicava que era possível conhecer o adulto através da criança, onde cada estágio de desenvolvimento, por vezes, se beneficia do afetivo e do cognitivo, alternadamente, em uma postura dialética (SILVA, 2016).

Na Teoria Psicogenética, o autor organiza os estágios do desenvolvimento em cinco etapas: impulsivo-emocional – 0 a 1 ano (predomínio afetivo e motor); sensório-motor – 1 a 3 anos (domínio cognitivo); personalismo – 3 a 6 anos (fase da imitação); categorial – 6 a 11 anos (diferenciação do outro de forma mais nítida); puberdade e adolescência – a partir dos 11 anos até a constituição da pessoa adulta, prevalecendo a busca pela autoafirmação e autonomia (SILVA, 2016).

Nesta última fase, há uma mistura de sentimentos em que o adolescente não se vê nem criança e nem adulto. Ele está em condições de aprender e de interagir, mas, ao mesmo tempo, imerso numa inquietude na qual o tempo e o espaço do ambiente escolar tornam-se pequenos demais. E assim, como nas outras fases do desenvolvimento, se faz necessário a compreensão e o envolvimento afetivo dos protagonistas do processo ensino-aprendizagem.

Para o autor, de acordo com suas pesquisas, a motricidade, a cognição e a afetividade se revezam em cada uma das etapas do desenvolvimento, quando o sujeito é um todo completo e não fragmentado que aprende com seu passado e reinventa o seu futuro com base em suas experiências. Nesse sentido, Wallon (2007, p. 122) diz que:

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seu modo de sentir, mais precisamente, ao contrário, porque se dirigem, à medida que ela desperta, a automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, a reações de ordem íntima e fundamental. Assim, o social se amalgama ao orgânico.

Buscando significado para a palavra afetividade na Psicologia, o Dicionário Informal traz como sendo o “termo utilizado para designar a suscetibilidade que o ser humano experimenta perante determinadas alterações que acontecem no mundo

exterior e a si próprio. Tem como constituinte fundamental um processo cambiante no âmbito das vivências do sujeito”.<sup>7</sup> É o que afeta e influência nas trocas relacionais.

Hoje, em meio à pandemia, embora os termos afetividade e inteligência venham sendo estudados amplamente na área da neurobiologia (GOLEMAN, 1995), a relação afetiva é o ponto fraco e forte da essência humana e nos permite questionar sobre as nossas necessidades como indivíduo, como parte da sociedade e circulando nessas relações.

E é no contexto educacional, primeiro contato social do sujeito fora do ambiente familiar, que grande parte das etapas do desenvolvimento irão acontecer, onde sua vida será experienciada, sentida, realizada com todos os pontos positivos e negativos. É no contato com o outro que o sujeito irá se ver como parte integrante de uma sociedade, na qual ele não vive só e precisa respeitar seus limites e buscar o equilíbrio nas dimensões físicas, mentais e emocionais.

Parafraseando Larrosa (2002, p. 25), a palavra *experiência* também contém “inseparavelmente a dimensão da travessia do perigo”. É quando nos deixamos vulneráveis e salientes frente aos eventos e situações inesperadas e até inusitadas que nos deparamos com ela. Quem se opõe a isso, não está vivendo, não está passando, nada está acontecendo. O dia a dia em sala de aula – e a vida, não são diferentes – é permeado por situações assim, as esperadas e as inesperadas. Vamos sentir o que a nossa experiência já viveu e vamos nos deixar levar como um pirata.

Tanto na perspectiva de Wallon quanto da Pedagogia Inaciana, o sujeito/aluno é um ser na sua completude e protagonista da sua própria caminhada, na qual os aspectos afetivos estão diretamente conectados aos aspectos cognitivos, “[...] pressupondo o aluno como centro do processo de aprendizagem” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 46). E ainda, “[...] o trabalho docente precisa ser organizado a partir da aprendizagem e das metas definidas para as múltiplas dimensões envolvidas no processo” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 47).

Nos escritos de Santo Inácio de Loyola sobre sua experiência espiritual – que mais tarde, aprovado pelo Papa Paulo III, em 1548, deu origem ao livro dos Exercícios Espirituais, base da Pedagogia Inaciana – já havia uma “descrição ideal da inter-relação dinâmica entre o professor e o aluno, na caminhada deste último rumo à maturidade do conhecimento e da liberdade” (KLEIN, 2015, p. 183).

Os Exercícios Espirituais abrangem o corpo, a mente, o coração e a alma, propondo temas de meditação, contemplação, reflexão e avaliação dos sentimentos, possibilitando a busca pela vontade divina na organização da própria vida (KLEIN, 2015). Para que esse processo da experiência para a ação aconteça, é necessário que haja uma confiança no seu professor-orientador, conforme cita Klein (2015, p. 184):

---

<sup>7</sup> AFETIVIDADE. In: *Dicionário Informal*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/afetividade/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

não surpreende, pois, que encontremos em seus princípios e orientações para guiar a outros durante os Exercícios Espirituais uma descrição perfeita da atitude pedagógica do professor, como alguém cuja função não é a de meramente informar, mas de ajudar o estudante em seu processo rumo a verdade, Para servir-se com êxito do Paradigma Pedagógico Inaciano, os professores devem estar cômicos da própria existência, atitudes, opiniões, para que não imponham aos alunos as próprias ideias.

Na trajetória de nosso fundador Inácio de Loyola, recentemente surgiu o termo *Cura Personalis*. Segundo Geger (2014, p. 6), a origem do termo ainda é desconhecida, mas o uso da expressão vem aumentando nas últimas duas décadas. Para o referido autor, temos três definições importantes: a) educação holística que atende as dimensões espiritual e moral, bem como o desenvolvimento cognitivo; b) educação que respeita as necessidades e identidade de cada aluno; c) dever de solicitude dos administradores e superiores com quem trabalha nas suas instituições.

Professores e administradores, tanto jesuítas quando leigos, são mais do que guias acadêmicos. Eles estão envolvidos na vida dos alunos, tendo um interesse pessoal no desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual de cada aluno. [...] Eles estão prontos para ouvir seus cuidados e preocupações sobre o sentido da vida, para compartilhar suas alegrias e tristezas, para ajudá-los com o crescimento pessoal e com os relacionamentos interpessoais. [...] Eles tentam viver de forma que ofereça um exemplo para os alunos, e eles estão dispostos a compartilhar suas próprias experiências de vida. *Cura Personalis* (preocupação com a pessoa individual) continua sendo uma característica básica da educação jesuítica. (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO JESUÍTICA apud GEGER, 2014, p. 8, tradução nossa)<sup>8</sup>

Em uma entrevista com Damásio<sup>9</sup> sobre emoção e razão, o autor explica que nós avaliamos uma outra pessoa principalmente pela voz e pela expressão facial. Isso fez sentido à pesquisa deste artigo por termos ficado um longo tempo com aulas *on-line*, nas quais o(a) professor(a) não apenas deveria apresentar os conteúdos, propor atividades e corrigi-las,

<sup>8</sup> *“Teachers and administrators, both Jesuit and lay, are more than academic guides. They are involved in the lives of the students, taking a personal interest in the intellectual, affective, moral and spiritual development of every student... They are ready to listen to their cares and concerns about the meaning of life, to share their joys and sorrows, to help them with personal growth and interpersonal relationships.... They try to live in a way that offers an example to the students, and they are willing to share their own life experiences. “Cura personalis” (concern for the individual person) remains a basic characteristic of Jesuit education.”*

<sup>9</sup> DAMÁSIO, Antônio. “O homem está evoluindo para conciliar a emoção e a razão”, diz Antônio Damásio. [Entrevista cedida a] Júlia Carvalho. Revista Veja, São Paulo, 29 jun. 2013, 19:08. Atualizado em 6 mai, 2016, 16:19. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/o-homem-esta-evoluindo-para-conciliar-a-emocao-e-a-razao-diz-antonio-damasio/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

mas estar “disparadamente acolhendo” os estudantes. Ou seja, como cita Damásio (2018, p. 121), “[...] negligenciar o afeto empobrece a descrição da natureza humana. Não é possível explicar satisfatoriamente a mente cultural sem levar em conta o afeto”.

Na obra *A estranha ordem das coisas* (2018), o referido autor aborda as origens biológicas dos sentimentos e da cultura, e explana liricamente que a mente e a cultura da humanidade estão interligadas aos nossos antepassados e devemos ter um respeito grandioso por isso. No livro citado (2018, p. 16), Damásio dialoga:

nós, humanos, somos contadores de histórias natos, e muito nos satisfazemos contando histórias sobre como tudo começou. Temos um êxito razoável quando narramos um projeto ou um relacionamento [...] Mas, por outro lado, quando o assunto é o mundo natural, não somos tão bons.

Emoções e sentimentos são sinônimos, mas, segundo Damásio, em entrevista concedida em 2013 para o canal do Fronteiras do Pensamento,<sup>10</sup> podemos defini-los com mais precisão, em que a emoção é o conjunto de ações sucessivas do corpo a certos estímulos, sendo assim uma experiência comportamental; e os sentimentos podem ser definidos quando a mente toma consciência das emoções que o corpo está sentindo, é uma experiência mental. Concluindo, assim, é mais fácil perceber o que se passa nas ações e reações (corpo) do que na mente (sentimento).

Damásio (2018, p. 123-124) complementa que os sentimentos são as nossas experiências de vida dentro de um corpo, fazendo, assim, “um relato, momento a momento, do estado da vida interior do organismo”. Ele chama esses registros de “*valência*”, que é a qualidade das experiências obtidas que guardamos como “agradável, desagradável ou algo entre esses dois extremos” (p. 125).

A partir do momento em que o corpo é acionado, a mente registra, percebe, dá o seu devido valor ou tem apenas uma sensação. Mas o que torna singulares os sentimentos são as representações sentidas quando somos afetados. Percebemos que uma emoção está acontecendo não pelo que desencadeou, mas pela experiência que foi resgatada por meio das emoções. Segundo Damásio (2018, p. 136),

os sentimentos emocionais equivalem a ouvir não a música de fundo da vida, mas sim as canções ocasionais e, às vezes, magníficas árias inteiras de uma ópera. As composições ainda são executadas pelas mesmas orquestras, na mesma sala de concerto – o corpo – e contra o mesmo pano de fundo, a vida.

<sup>10</sup> ANTÓNIO Damásio – Entrevista exclusiva, 2013. 1 vídeo (26min30seg). Publicado pelo canal Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://youtu.be/SIj3hOMaIIM>. Acesso em: 20 jun. 2021.

É fascinante a relação entre o corpo e a mente, são mistérios e inquietações para a ciência das novas gerações. As teias e as constelações entre todos os mecanismos que o nosso organismo tem e passa ao longo da vida é uma arte e, com certeza, existem para equilibrar a nossa vida pessoal e a vida em sociedade. Não é à toa que diversas doenças ou intercorrências da vida, como a pandemia da COVID-19, perturbam o funcionamento geral do nosso corpo e da nossa mente, impactando fortemente nossas emoções e nosso juízo. São os sentimentos, providos de memórias, que dão sentido à nossa existência. São os truques da nossa memória, como comenta Damásio (2018, p. 166):

o que uma pessoa espera e como ela encara a vida a sua frente depende de como seu passado foi vivido, não só em termos objetivos, comprováveis por fatos, mas também em termos de como os dados objetivos são experienciados ou reconstruídos em suas recordações. A recordação está à mercê de tudo o que nos torna pessoas únicas.

Com base nestas citações, fica claro que não estamos apenas nos adaptando ao contexto, mas atravessando um momento turbulento com todas as emoções sentidas no corpo e os sentimentos registrados na mente. Se essa travessia for realizada com discernimento, cuidado, atenção e respeito, podemos minimizar os possíveis entraves. Para isso, devemos valorizar e resgatar trajetórias já vivenciadas, como a do nosso fundador, Santo Inácio de Loyola.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

*O amor consiste mais em obras que em palavras.  
(Santo Inácio de Loyola)*

A pesquisa de cunho qualitativo foi realizada por meio de entrevistas com sete famílias da Educação Infantil ao Ensino Médio do Colégio Anchieta (via questionário *Forms*), de consulta a reportagens realizadas pela instituição em seu site, da análise de dados de pesquisa do Projeto Acompanhamento Docente, realizada pelo Serviço de Orientação Pedagógica (SOP), e de um parecer da Coordenadora do Serviço de Orientação Educacional.

Na questão sobre os desafios vividos em relação aos filhos durante a pandemia da COVID-19, apareceram: a) adaptação ao formato das aulas; b) auxílio nas demandas escolares; c) distanciamento social, principalmente de colegas e professores; d) saúde física e mental.

Sobre a percepção na relação dos filhos com as aulas remotas: a) boa relação com o Colégio, principalmente quando a instituição se mantém organizada; b) oscilação

entre momentos bons com compartilhamento de novidades entre colegas e professores, e ruins pelo surgimento de questões emocionais importantes, corroborando a desmotivação com os estudos.

Em relação aos seus temores com as consequências do período pós-pandemia: a) prejuízo pedagógico, principalmente com a escrita formal; b) prejuízo psicológico pelo isolamento social; c) uso excessivo da internet para as redes sociais.

Dentre os sentimentos negativos, surgiram o medo, a ansiedade, as incertezas, a tristeza, a angústia, a raiva, as dúvidas; e os sentimentos otimistas como a gratidão pela família e pela saúde, a compaixão, a solidariedade, a alegria pela vida, a felicidade, o otimismo, o amor que salva e liberta, a adaptação e a esperança; já a saudade, vamos deixar pelo que cada um sentiu e viveu: a saudade de viver em um mundo sem distanciamento social ou a saudade das perdas ocorridas.

Ainda entre os fatores positivos, o convívio com a família por um longo tempo possibilitou uma proximidade maior entre pais e filhos, descobrindo juntos o que os pais fazem no trabalho e os filhos fazem no Colégio. De certo modo, a família conseguiu proporcionar as vivências que supriram a falta que o Colégio fez.

O isolamento social tem despertado muitos sentimentos em pais, alunos e profissionais, e, pensando nisso, o Colégio promoveu alguns eventos *on-line* a partir do Projeto Rede de Pais e realizou reuniões pedagógicas por Ano/Série com a participação de mães e pais representantes de turma com o objetivo de o Colégio ouvir como os alunos estavam em casa.<sup>11, 12</sup>

O Projeto Rede de Pais do Colégio Anchieta existe desde 2006 em parceria com a Associação de Pais e Mestres (APM) e visa acompanhar, apoiar, fortalecer vínculos e acolher as famílias em sua complexa tarefa de educar, em consonância com a missão educativa do Colégio. Nesse momento difícil de travessia, o diálogo e a integração entre família e escola foram fundamentais.

Sobre os sentimentos de amor e esperança, uma das palestras destinadas aos professores foi ministrada pelo Padre Sergio Mariucci, SJ, em que o jesuíta enalteceu a importância da amorosidade nas relações, principalmente entre educador e educando,

---

<sup>11</sup> COLÉGIO Anchieta organiza calendário de encontros entre coordenações, equipes pedagógicas e mães representantes e referência de Ano/Série. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 26 mai. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/colégio-anchieta-organiza-calendario-de-encontros-entre-coordenacoes-equipes-pedagogicas-e-maes-representantes-e-referencia-de-ano-serie/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

<sup>12</sup> PSQUIATRA debate sentimentos gerados no isolamento social em live do Colégio Anchieta. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 13 jul. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/psiquiatra-debate-sentimentos-gerados-no-isolamento-social-em-live-do-colegio-anchieta/>. Acesso em: 25 jul. 2021.



ressaltando que o vínculo é o desdobramento da fé e o potencializador da gestão. Mariucci afirmou “que a força do professor e da educação é tremendamente forte no currículo, mas ele não é transmitido por um robô ou por uma inteligência artificial, é o professor inteiro que sabe acolher o aluno”.<sup>13</sup>

Valorizando a expressão dos sentimentos das crianças na pandemia, os alunos do Ensino Fundamental I escreveram o que sentem em cartinhas para o Colégio Anchieta. Em entrevista, a professora que deu vida ao projeto relatou que “percebeu uma escrita afetiva. Eles contam que estão com saudades, mas também estão amando estar com a família. Têm necessidade de falar, expressar o que estão sentindo”.<sup>14</sup>

Da família para o Colégio, a gratidão chegou por meio de cartazes, vídeos e palavras carinhosas aos professores do Ensino Fundamental I e II. “Quem foi importante para os nossos filhos neste momento?”: o questionamento de uma mãe anchieta deu origem a um movimento de agradecimento e valorização dos professores. “Nunca tivemos tanta aproximação com eles. [...] Fomos conhecendo a personalidade de cada um, o jeito de trabalhar e a maneira como lidam com as crianças”, observa uma mãe da nossa comunidade.<sup>15, 16</sup>

Não importa a idade e nem a função que cada um exerce na família e na sociedade, todos estamos sentindo uma imensidão de emoções boas e não tão boas em relação ao contexto. Mas, como explicar às crianças algo tão abstrato? O Projeto Educando para as Emoções da Educação Infantil existe muito antes da pandemia e vem contribuindo para que as crianças reconheçam, identifiquem e expressem as suas emoções por meio de propostas de aprendizagem que primam por vivências, histórias, jogos digitais, entre outros, elaborados pelas professoras com o acompanhamento do Serviço de Orientação Educacional. “Essas vivências favorecem o processo de autoconhecimento e possibilitam a validação das emoções, o acolhimento dos sentimentos e construção da identidade” ressalta a Orientadora Educacional da Educação Infantil.<sup>17</sup>

<sup>13</sup> ENCONTRO debate Educação, amor e esperança. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 9 mar. 2021. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/encontro-debate-educacao-amor-e-esperanca/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

<sup>14</sup> EM CARTAS ao Colégio Anchieta, alunos expressam como se sentem durante a quarentena. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 16 jul. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/em-cartas-ao-colegio-anchieta-alunos-expressam-como-se-sentem-durante-a-quarentena/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

<sup>15</sup> UM VÍDEO para expressar a gratidão aos professores. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 19 ago. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/um-video-para-expressar-a-gratidao-aos-professores/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

<sup>16</sup> UMA MENSAGEM especial aos professores. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 27 jul. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/uma-mensagem-especial-aos-professores/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

<sup>17</sup> EM TEMPOS de pandemia, projeto Educando para as Emoções favorece o acolhimento das

O Projeto Acompanhamento Docente, desenvolvido no Colégio Anchieta, é organizado pelo Serviço de Orientação Pedagógica. Por meio dele, são observadas as aulas dos professores de todos os níveis (Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio) em três âmbitos de atuação do professor: metodologia, clima da sala e tempo. Para este artigo, a reflexão se deu em relação ao âmbito “clima da sala”, no qual se observa-se os seguintes indicadores: a) o professor cria um ambiente propício para a aprendizagem em termos de confiança e respeito, demonstrando afetividade; b) o professor zela pela manutenção dos princípios e normas de convivência na sala de aula; c) o professor demonstra domínio de turma, alcançando a todos em sua explanação; d) o professor identifica e atua rapidamente em problemas potenciais, demonstrando consciência do que ocorre na sala de aula; e) a dinâmica da aula desperta o interesse e a curiosidade dos alunos pela aprendizagem; f) a dinâmica da aula mantém o interesse dos alunos pela aprendizagem.

Durante o período de pandemia, mantiveram-se os indicadores da mesma forma, mas alinhou-se o olhar do orientador pedagógico, uma vez que, principalmente, no âmbito “clima da sala”, faltaram elementos de observação.

Sobre o indicador “o professor identifica e atua rapidamente em problemas potenciais, demonstrando consciência do que ocorre na sala de aula”, considerou-se na observação elementos como atenção aos aspectos virtuais da sala de aula (acesso ao *chat*, aceitação ou não de alunos no *lobby*, atrasos no acesso à aula, microfones ligados etc.). Quanto aos indicadores “d” e “e”, a observação também exigiu maior esforço no sentido de que os alunos pouco se manifestavam nas aulas síncronas. Pequenas manifestações de fala ou de abertura de câmera configuravam interesse por parte dos alunos.

“O Projeto Acompanhamento Docente permaneceu durante toda a pandemia, porém com ajustes. O período nos exige adaptação de olhar, mas dele emergem outras questões que podem ser observadas e acompanhadas, haja vista que o objetivo do projeto é, efetivamente, o acompanhamento do professor e o feedback de suas práticas.” (ORIENTADORA PEDAGÓGICA)

Visando à segurança e à qualidade nas aulas *on-line* para professores e alunos, o Colégio Anchieta, bem como toda a Rede Jesuíta de Educação, aderiu a uma plataforma fora das propostas gratuitas para impedir que imagens fossem divulgadas sem permissão, “uma ferramenta que tem capacidade de colocar 350 pessoas em videoconferência. Possui *chat* e possibilita o compartilhamento da tela e a gravação da reunião. Além disso, atua de maneira

---

*emoções e sentimentos. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 4 jul. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/em-tempos-de-pandemia-projeto-educando-para-as-emocoes-favorece-o-acolhimento-das-emocoes-e-sentimentos/>. Acesso em: 25 jul. 2021.*

integrada com a plataforma de colaboração”, conforme divulgado no site do Colégio.<sup>18</sup> Sobre o tema, o PEC (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 38) afirma que:

As tecnologias digitais vêm alterando a vida nas sociedades contemporâneas. Novas e surpreendentes tecnologias da informação e da comunicação tem estreitado as distâncias e possibilitado a cocriação, apropriação e disseminação de conhecimentos [como nunca antes visto]. Junto com as demais organizações, a educação está imersa num entorno tecnocomunicativo. Há uma conexão em tempo real entre os seres humanos e coletivos, independentemente de onde estejam na qual virtual e real se misturam e afetam, principalmente, os nativos da cultura digital.

O trecho acima publicado em 2016 segue bastante atual mesmo neste momento e é justo complementar que foi nessa conexão “tecnocomunicativa” que nos mantemos presentes, conectados e cumprindo com os valores da nossa missão em relação ao cuidado com a pessoa, buscando uma “[...] postura acolhedora expressa por meio do diálogo e da abertura ao outro, respeitando a dignidade de cada um, de modo que todos se responsabilizem mutuamente e aprendam uns com os outros”.<sup>19</sup>

No pressuposto 75 do PEC (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 65) encontramos uma afirmação para a postura acolhedora no “modo de proceder”, contribuindo na construção do Clima Institucional de uma escola jesuítica. Nesse modo de ser e de proceder inaciano é possível que a forma de acolhida, a empatia e o pertencimento sejam percebidos por toda a comunidade escolar. Sendo característica desse legado a atenção básica a cada indivíduo. E, “o interesse pessoal se estende ainda aos antigos alunos, aos pais e aos alunos dentro de suas famílias” (KLEIN, 2016, p. 58).

Voltando à citação de Damásio (2018, p. 166), na qual ele diz que “[...] a recordação está à mercê de tudo o que nos torna pessoas únicas” e rememorando as experiências espirituais de Inácio, percebemos que ele nos deixou um lembrete de que a vida é antes de tudo uma jornada de espírito, lembremos que neste processo de acolhida e pertencimento estão alguns itens muito simples que fazem parte da espiritualidade inaciana: “fazer boas escolhas, encontrar uma ocupação relevante, ser um bom amigo, viver com simplicidade, pensar sobre o sofrimento, aprofundar a oração, se esforçar para ser uma pessoa melhor e aprender a amar” (MARTIN, 2013, p. 26).

Se, como diz Larrosa (2002), devemos pensar a educação a partir do par experiência/sentido, então temos de traduzir o sujeito em um ser integral não apenas nas

<sup>18</sup> PLATAFORMAS virtuais garantem segurança aos alunos. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 1 jun. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/plataformas-virtuais-garantem-seguranca-aos-alunos/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

<sup>19</sup> COLÉGIO ANCHIETA. Nosso valores: cuidado com a pessoa. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/missao-visao-e-valores/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa, mas também como um indivíduo com tudo o que tem dentro dele: sua família, seus sentimentos, seus valores, suas expectativas e suas travessias.

Em uma das frases ditadas pelas famílias ouvidas sobre o futuro a partir desse momento, encontramos o seguinte: “*seguimos caminhando com a escola, que é a base de tudo*” e “*a escola terá um papel fundamental na inserção desses estudantes ao novo contexto pós pandemia*”. A partir daí, valoriza-se ainda mais uma Instituição humanizada e humanizadora. O que antes já era um dever, formar cidadãos competentes, conscientes, compassivos e comprometidos, agora temos o desafio de trabalhar o resgate da percepção do ser humano, o reconhecimento de nossas necessidades e a formação de um sentido para a vida: sentir, significar, direcionar nossa existência (FRAIMAN, 2020).

Para isso, sementinhas estão sempre sendo plantadas, uma delas é o Projeto de Vida do novo Ensino Médio. Considerando a Lei n. 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do Ensino Médio, entendemos o contexto de mudanças na perspectiva de oportunidades para a maior ressignificação da nossa proposta formativa e pedagógica e pretendemos contribuir na construção de um projeto de vida de nossos jovens, alinhado com a Formação Integral e inspirado na rica tradição do apostolado educativo da Companhia de Jesus.

Projetar a vida é ir contracorrente, ser pessoa, ser revolucionário em uma sociedade que não dá tempo para se pensar, decidir e escolher os rumos. É poder dizer sim à vida, escolhendo valores que nos façam mais humanos. É poder dizer não ao consumismo, à destruição da natureza. Projetar a vida é usar a Inteligência para possibilitar o surgimento de um bem maior. É assumir a missão de ser livre e libertador das amarras que impedem as pessoas de viverem felizes. É ser chamado a construir um mundo cuja tônica é a partilha. (PROGRAMA MAGIS BRASIL, 2020 apud COLÉGIO ANCHIETA, 2021, p. 4)

Independente da situação em que vivemos, a educação está sempre nos convidando a ressignificar nossas práticas, a não perder a esperança e a acreditar na transformação das dificuldades em motivações para seguirmos em busca do *Magis*.<sup>20</sup> O encontro do *Magis* requer estudo e dedicação a partir de uma equipe interdisciplinar presente nas práticas educativas, atenta ao cotidiano escolar e às mudanças na sociedade. Um

---

<sup>20</sup> *Magis é um termo em latim que quer dizer o mais, o maior, o melhor. Palavra muito utilizada por Santo Inácio de Loyola, quer dizer que sempre podemos experimentar um avanço em relação àquilo que já fazemos ou vivemos. Disponível em: <https://magisbrasil.tumblr.com/sobre>. Acesso em: 26 ago. 2021.*

olhar baseado na Pedagogia Inaciana, como apresenta a Coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Colégio Anchieta:

“A Pedagogia Inaciana é inspirada na espiritualidade de Inácio de Loyola, especialmente nos Exercícios Espirituais. No contexto da espiritualidade inaciana a *‘cura personalis’* é uma expressão que significa o cuidado e a atenção a cada pessoa em particular, com seu processo de crescimento na vivência espiritual. Na transposição da *‘cura personalis’* para o processo educativo há a ênfase no cuidado pessoal a cada discente, numa relação de afeto genuíno em vista da sua formação integral. Essa atenção pessoal confere identidade às relações educativas e se constitui em um modo de ser e proceder, uma cultura institucional, na qual educadores e estudantes se preocupam e aprendem uns com os outros, contribuindo para a formação integral de cada um e de todos os componentes da comunidade educativa. Assim professores e direção, jesuítas e leigos, são mais do que orientadores acadêmicos, estão envolvidos na vida dos estudantes e têm interesse pessoal no seu desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual, contribuindo para que se tornem pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas na compaixão”.

A Orientação Educacional tem, pois, a função primordial de apoiar e acompanhar o processo de aprendizagem entre o aluno e o professor com “o objetivo de aproximar e de qualificar os vínculos das famílias com o Colégio, com a formação pessoal e profissional do professor e com a ação formativa junto aos alunos” (COLÉGIO ANCHIETA, 2017, p. 32).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Apenas os que dialogam podem  
construir pontes e vínculos.  
(Papa Francisco)*

A Pedagogia Inaciana nos inspira nas ações pedagógicas de forma afetiva. No processo de ensino e aprendizagem dos estudantes durante a pandemia, fomos traçando caminhos levando em conta conhecimentos que adquirimos ao longo de nossas trajetórias profissionais, orientações da comunidade escolar, mas, sobretudo, no que orientam os documentos da Companhia de Jesus. A necessidade de adaptação e de enfrentamento às novas realidades em decorrência da pandemia exigiu da família anchietana protagonismo por parte do suporte pedagógico para as adaptações, mas também a certeza do sentimento de pertencimento e de acolhida que o vínculo pode promover.

Este estudo teve como objetivo geral compreender a importância do vínculo afetivo no processo escolar de ensino-aprendizagem durante a pandemia, em especial, no Colégio Anchieta a partir da pedagogia Inaciana.

Os dados evidenciaram que

- a) os vínculos estabelecidos entre professor e estudante são fundamentais para a qualidade do que se ensina e do que se aprende;
- b) a afetividade em todas as situações e vivências é estabilizadora da vida individual e social dos estudantes;
- c) as ações da Pedagogia Inaciana alentam um caminho possível de acolhida e de afeto para o atual contexto.

Complemento as evidências com outro trecho do depoimento da Coordenadora do Serviço de Orientação Educacional para este trabalho:

“[...] o princípio da *'cura personalis'* continuou a inspirar e nortear o nosso processo educativo. Com as devidas adaptações metodológicas e tecnológicas, o Colégio se manteve fiel à sua proposta educativa e comprometido com uma entrega de educação integral. Assim, as experiências educativas mantiveram a intencionalidade de fortalecer os vínculos afetivos e de acompanhar os alunos na travessia das adversidades ainda presentes no contexto da pandemia”.

Chegamos ao fim deste trabalho, mas não ao término da pandemia. Ainda estamos conhecendo os rastros deixados pelo caminho e aprendendo com os ensinamentos. Troçamos em alguns desafios como a adaptação escolar neste novo modelo de vida, mas já avançamos muito e sabemos que ainda avançaremos em busca de uma escola plena. É sabido que as consequências do fator emocional deste momento ainda serão palco de nossas escolas e da nossa vida em sociedade. Portanto, essa história ainda não está acabada, embora tenha um final provisório. Estamos no entre-lugar daquilo que se faz como pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- AFETIVIDADE. In: Dicionário Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/afetividade/>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- ALVES, R. A arte de produzir fome. Sinapse, **Folha de São Paulo**, 2 out. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- ANDRADE, F. T. [Frase]. In: Pensador. [S.l], c2021. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTAwMDgwNA/>. Acesso em: 15 set. 2021.
- BANCO MUNDIAL. **Agindo agora para proteger o capital humano de nossas crianças**: Os custos e as respostas da pandemia de COVID-19 no Setor de Educação da América Latina e do Caribe. Grupo Mundial Educação, 2021. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/35276/Acting%20now-sumPT.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- BION, W. R. **Conversando com Bion**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- BION, W. R. Uma teoria sobre o pensar. In: BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- CASTELLS, M. A. **Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Projeto Político Pedagógico**, 2014.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Regimento Escolar**, 2017.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Novo Ensino Médio**: Projeto de Vida, 2021.
- COLÉGIO ANCHIETA. **Nossos valores**: cuidado com a pessoa. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/missao-visao-e-valores/>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- COLÉGIO Anchieta organiza calendário de encontros entre coordenações, equipes pedagógicas e mães representantes e referência de Ano/Série. Porto Alegre, RS: **Colégio Anchieta**, 26 mai. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/colégio-anchieta-organiza-calendario-de-encontros-entre-coordenacoes-equipes-pedagogicas-e-maes-representantes-e-referencia-de-ano-serie/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

DAMÁSIO, A. “O homem está evoluindo para conciliar a emoção e a razão”, diz António Damásio. [Entrevista cedida a] Júlia Carvalho. **Revista Veja**, São Paulo, 29 jun. 2013, 19:08. Atualizado em 6 mai. 2016, 16:19. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/o-homem-esta-evoluindo-para-conciliar-a-emocao-e-a-razao-diz-antonio-damasio/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

DAMÁSIO, A. **A estranha ordem das coisas**: as origens psicológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DAMÁSIO, António. Entrevista António Damásio. [Entrevista cedida a] Viver Mente & Cérebro. **Revista Viver Mente & Cérebro Scientific American**, ano XIII, n. 143, dez. 2004. Disponível em: [https://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/entrevista\\_antonio\\_damasio.htm](https://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/entrevista_antonio_damasio.htm). Acesso: 23 jun. 2021.

DAMÁSIO, António. – Entrevista exclusiva, 2013. 1 vídeo (26min30seg). Publicado pelo canal Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://youtu.be/SIj3hOMaIIM>. Acesso em: 20 jun. 2021.

DI FELICE, M. Entrevista com Massimo Di Felice. [Entrevista cedida a] Eduardo Felipe Weinhardt Pires. **Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n. 13, p. 7-19, jan-jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/52497/34529>. Acesso em: 30 set. 2020.

**EM CARTAS ao Colégio Anchieta, alunos expressam como se sentem durante a quarentena**. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 16 jul. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/em-cartas-ao-colegio-anchieta-alunos-expressam-como-se-sentem-durante-a-quarentena/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

**EM TEMPOS de pandemia, projeto Educando para as Emoções favorece o acolhimento das emoções e sentimentos**. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 4 jul. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/em-tempos-de-pandemia-projeto-educando-para-as-emocoes-favorece-o-acolhimento-das-emocoes-e-sentimentos/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

**ENCONTRO debate Educação, amor e esperança**. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 9 mar. 2021. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/encontro-debate-educacao-amor-e-esperanca/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

ESCLARÍN, A. P. **Educación Integral de Calidad**. Editora San Pablo, 2011, p. 21. In: Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.aspx?IdDocumento=442>. Acesso em: 30 jun. 2020.



FIOCRUZ. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia da COVID-19: crianças na pandemia COVID-19**. 2020. Disponível em: [https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%CC%A7as\\_pandemia.pdf](https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%CC%A7as_pandemia.pdf). Acesso em: 27 jul. 2021.

FRAIMAN, L. **Caminhos para a superação: inspirações para uma escola humanizada**. São Paulo: FTD Educação, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica**. 2020. Informe nº 1. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>. Acesso em: 27 jul. 2021.

GALVÃO, I. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. In: ARANTES, V. A.; AQUINO, J. G. (eds.). **Afetividade na escola**. Alternativas teóricas e práticas. Campinas, SP: Ed. Summus, 2003. pp. 71-88.

GEGER, Fr. B. T, SJ. **Cura Personalis: Some Ignatian Inspirations** Regis University, **Jesuit Higher Education: A Journal**, v. 3, n. 2, p. 6-20, 2014.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. 82. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

INSCRIÇÕES abertas 2021 – Colégio Anchieta. 1 vídeo (1min). Publicado pelo canal anchietars. Disponível em: <https://youtu.be/kJ7MnLx2TWw>. Acesso em: 25 jul. 2021.

KLEIN, L. F. **Pedagogia Inaciana: sua origem espiritual e configuração personalizada**. In: 2º Encontro de Diretores Acadêmicos de Colégios Jesuítas da América Latina. Quito (Cumbayá): 08 a 12 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2014/09/PedInacOrigemConfig18set14.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

KLEIN, L. F. (org.) **Educação jesuíta e pedagogia inaciana**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

KLEIN, L. F. Conferência proferida no I Encontro Virtual de Diretores Acadêmicos da FLACSI, dia 4 de setembro de 2017.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr/, 2002.

LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e mediação do professor. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A (orgs.), **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LÉVY, P. **O fogo libertador**. Colaboração de Darcia Labrose. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.

MAGIS BRASIL. **Experiência Inaciana**: descoberta do mundo dos desejos. 1. out. 2018. Disponível em: <https://magisbrasil.com/reflexoesinacianas8-20181001>. Acesso em: 15 dez. 2020.

MAGIS BRASIL. **Semana de Inácio de Loyola – 2º dia**. [Frase de Santo Inácio]. Disponível em: <https://magisbrasil.com/semana-de-inacio-dia2-20180725>. Acesso em: 26 ago. 2021.

MARTIN, J. **A sabedoria dos jesuítas para (quase) tudo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

MOREIRA, J. M. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.N34.17123>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1997.

PAPA FRANCISCO. [Frase]. In: **Citações e frases famosas**. [S.l], c2021. Disponível em: <https://citacoes.in/citacoes/579507-papa-francisco-i-ainenas-os-que-dialogam-podem-construir-pontes-e-vi/>. Acesso em: 15 set. 2021.

PIAGET, J. La relación del afecto com la inteligència en el desarrollo mental del niño. In: DELAHANTY, G.; PERRÉS, J. (eds.). **Piaget y el psicoanálisis**. Universidad Autónoma Metropolitana: Xochimilco, 1994. pp. 181-289. (Trabalho original publicado em 1962).

**PLATAFORMAS virtuais garantem segurança aos alunos**. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 1 jun. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/plataformas-virtuais-garantem-seguranca-aos-alunos/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

**PSIQUIATRA debate sentimentos gerados no isolamento social em live do Colégio Anchieta**. Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 13 jul. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/psiquiatra-debate-sentimentos-gerados-no-isolamento-social-em-live-do-colegio-anchieta/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

**REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. PEC – Projeto Educativo Comum**. 8. versão editada e finalizada. São Paulo: Loyola, 2016.

SANTOS, B. S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Edições Almedina, S.A. Coimbra. Portugal. 2020. Disponível em: [https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro\\_Boaventura.pdf](https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf). Acesso em: 14 abr. 2021.

SILVA, L. B. **A afetividade na prática de professores de escolas públicas bem-sucedidas em avaliações de larga escala.** 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Educação, Tecnologia e Comunicação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/1955>. Acesso em: 05 jan. 2021.

**UM VÍDEO para expressar a gratidão aos professores.** Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 19 ago. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/um-video-para-expressar-a-gratidao-aos-professores/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

**UMA MENSAGEM especial aos professores.** Porto Alegre, RS: Colégio Anchieta, 27 jul. 2020. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/uma-mensagem-especial-aos-professores/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

UNESCO. **A crise da COVID-19 e o currículo:** manter resultados de qualidade no contexto da aprendizagem remota. Nota Informativa – Setor de Educação. 2020. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373273\\_por.locale=en](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373273_por.locale=en). Acesso em: 13 jul. 2021.

VIEIRA, L. **A Educação em Tempos de Pandemia: Soluções Emergenciais pelo Mundo.** Observatório do Ensino Médio em Santa Catarina, Santa Catarina. 2020. Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id\\_cpmenu/7432/EDITORIAL\\_DE\\_ABRIL\\_\\_\\_Let\\_cia\\_Vieira\\_e\\_Maike\\_Ricci\\_final\\_15882101662453\\_7432.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL___Let_cia_Vieira_e_Maike_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf). Acesso em: 13 jul. 2021.

VÍNCULO. In: **Dicionário de Etimologia Médico.** Disponível em: <https://dicimedico.com/vinculo/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

VÍNCULO. In: **Dicionário Bíblico Online.** Disponível em: <https://www.casadosenhor.com.br/dicionario/palavra.php?palavra=V%C3%8DNCULO&id=5457>. Acesso em: 05 jan. 2021.

WALLON, H. **A evolução da psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes Editora. [1941] 2007.

WINNICOTT, D. W. Sobre a contribuição da observação direta da criança para a psicanálise. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação:** estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.

ZIMERMAN, D. E. **Os Quatro Vínculos:** amor, ódio, conhecimento e reconhecimento. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Thais Menotti de Souza



## ***O TRABALHO PASTORAL NOS COLÉGIOS DA REDE JESUÍTA***

### **1. INTRODUÇÃO**

Considerando o mundo globalizado e conectado no qual vivemos hoje, já não é mais possível pensar de forma segmentada, fracionária. Nosso olhar precisa ser amplo, completo e pleno. No que se refere à educação escolar, trata-se de ir além dos conhecimentos formais e preocupar-se, também, em preparar o aluno para a vida.

A Companhia de Jesus aposta numa proposta pedagógica centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; “o objetivo é uma Aprendizagem Integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 37). Quando nos dispomos a pensar a educação numa perspectiva integral, quer dizer que estamos olhando para o nosso aluno como um ser humano complexo, e constituído de vários aspectos: biológico, físico, psicológico, espiritual e cognitivo.

Diante deste cenário, a educação jesuíta, com toda sua tradição, que mais adiante vamos compreender melhor, tem uma grande importância, visto que pretende promover

---

*Graduada em Magistério (La Salle), Pedagogia (UNISINOS) e Teologia Popular (Estef). Professora desde 2004. Atualmente, professora do 2º Ano do Colégio Anchieta e catequista da Eucaristia I e Eucaristia II.*

*Artigo apresentado ao curso de Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orientação: Profa. Ms. Christiane Miranda Sisson.*

uma Educação Integral, que possibilite o respeito aos saberes do aluno, promovendo a autonomia, a responsabilidade e o desenvolvimento de habilidades cognitivas, socioemocionais e espiritual-religiosas.

Na busca por essa formação ampla e, podemos dizer, saborosa, a Companhia de Jesus traz a ideia de Educação Integral como fundamento recorrente em sua proposta de trabalho exposta no Projeto Educativo Comum (PEC): “É meta, para os próximos anos, colocarmos o aluno no centro do processo educativo, buscando um currículo que faça sentido e dê sabor a suas vidas” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 14).

Essa proposta de educação busca atender o indivíduo em todas as suas necessidades, permitindo que ele possa interagir no ambiente no qual está inserido para ser um agente de transformação da sociedade. A Rede Jesuíta de Educação (RJE) busca oferecer uma Formação Integral, que desenvolva todas as potencialidades do aluno e o capacite para lidar com diferentes temas e questões, sempre considerando os valores cristãos, conforme o que diz o PEC:

O desafio de articular fé e justiça nos leva a considerar, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões étnico-raciais, elementos referentes às culturas indígena, africana e afro-brasileira no Brasil e todos os temas similares relacionados a categorias ou grupos sociais que sofrem discriminação, violência e injustiça. São realidades que, iluminadas pela fé e em comunhão com a Igreja, precisam fazer parte, de forma transversal, de um ‘currículo evangelizador’ (VE 30), voltado para uma aprendizagem integral. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 38)

Nessa perspectiva de Formação Integral do sujeito, surge meu interesse de olhar para a prática pastoral desenvolvida nos Colégios da Rede Jesuíta, a fim de verificar evidências que demonstrem o quanto ela impacta na comunidade escolar e como colabora para a construção da Identidade Inaciana dos sujeitos que por ela passam.

A escolha desse tema se dá em função das minhas experiências e pela afeição que tenho pela vida pastoral. Além de pedagoga, também sou formada em Teologia Popular e catequista por vocação. A vida em comunidade e a vivência pastoral sempre fizeram parte da minha jornada. Vejo com muita gratidão o fato de poder trabalhar em uma escola confessional e acompanhar como o trabalho Pastoral se faz presente no meu dia a dia de educadora, e como se torna uma marca positiva do nosso jeito de ser e de proceder.

O objetivo deste artigo é conhecer a ação do trabalho pastoral, nas turmas do Ensino Fundamental I de dois Colégios da Rede Jesuíta, bem como seus impactos na comunidade escolar, com o propósito de responder à seguinte questão: Qual a importância do trabalho pastoral na construção da Identidade Inaciana, dentro de um colégio da Rede Jesuíta?

É com grande contentamento que invisto nessa reflexão e busco conhecer mais a fundo o trabalho pastoral realizado dentro dessas instituições Jesuítas, pois acredito que esse conhecimento vai agregar significativamente no meu trabalho docente e no ministério catequético. Aproveito aqui para falar dos lugares que ocupo atualmente, por acreditar que eles constituem quem sou e dão autenticidade à minha fala. Leciono há 16 anos, tendo passado também pela rede pública de ensino. Em 2017, iniciei no Colégio Anchieta, de Porto Alegre, onde, desde o meu ingresso, atuo no 2º Ano do Ensino Fundamental, e grande parte do tempo, na equipe de planejamento do Ensino Religioso. Neste mesmo ano de 2017, também já passei a fazer parte da equipe de catequistas do Colégio, o que é motivo de muita alegria e gratidão. Essas duas atuações tão significativas para mim só foram interrompidas por um motivo ainda mais sublime: a maternidade. Contudo, logo após meu retorno ao trabalho, tive a satisfação de poder voltar a esses espaços que são tão valiosos para mim.

A metodologia utilizada para realização deste estudo foi a pesquisa documental e a pesquisa de campo, através de entrevista semiestruturada com os sujeitos envolvidos nesta dinâmica do Colégio Anchieta/Porto Alegre e do Colégio Catarinense/Florianópolis.

A confessionalidade dentro das instituições de ensino privado é algo muito presente na educação brasileira, e teve seu início no período de colonização, com a chegada dos jesuítas ao Brasil. Ser uma instituição de ensino confessional significa professar um credo ou religião e pressupõe uma ação guiada nesta perspectiva de espiritualidade.

A Constituição Federativa do Brasil vigente (1988), conforme Art. 213 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no seu artigo 20º, garante às instituições de ensino privado o direito de exercerem atividades de cunho religioso e confessional. Segundo a LDB, em seu inciso III do artigo 20º, são entendidas como confessionais “as escolas instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas” (BRASIL, 1996).

Atualmente essa marca confessional de um Colégio da RJE vai além do caráter catequético, ou seja, não se trata apenas de transmitir valores e dogmas da doutrina católica. A maioria das escolas estão abertas ao diálogo inter-religioso e trabalha para desenvolver a espiritualidade do aluno, superando as questões religiosas. O Concílio Vaticano II (série de conferências religiosas ocorridas na década de 1960) convocou a Igreja a se abrir para o diálogo inter-religioso, e o Papa João Paulo II (em 1982) convoca a Companhia de Jesus a fazer desse tema sua prioridade apostólica do terceiro milênio.

Nos decretos publicados a partir da Congregação Geral XXXIV (1997), há um capítulo intitulado *Nossa missão e o diálogo inter-religioso*, no qual se destaca o caráter inter-religioso no trabalho de Evangelização. “O diálogo inter-religioso não se opõe,

mas faz parte da proclamação do Evangelho” (DECRETOS DA CONGREGAÇÃO GERAL, 1997, p. 62). Trata-se de trabalhar a fim de “promover uma cultura do diálogo, na vida e no apostolado da Companhia de Jesus” (DECRETOS DA CONGREGAÇÃO GERAL, 1997, p. 62).

No intuito de dar vida a esse apostolado cristão, o trabalho Pastoral é presença na rotina do Colégio Anchieta. É trabalho efetivo e afetivo que reverbera na vida dos colaboradores, dos estudantes e de suas famílias. É parte integrante da Identidade Inaciana, já antes assegurada pela proposta da Companhia de Jesus, que entende o Colégio como uma obra apostólica, parte integrante da Igreja Católica, sendo, assim, um espaço de experiência eclesial e pastoral.

Além do trabalho pastoral realizado pelo Serviço de Orientação Religiosa, Espiritual e de Pastoral (SOREP) na condução de dinâmicas com os professores e com os alunos, também temos a oferta da Iniciação à Vida Cristã para aquelas famílias que desejarem. Essa oferta está prevista no PEC, conforme trecho a seguir:

Considerando as necessidades pastorais do Povo de Deus e as orientações da Igreja Local em que o Colégio está localizado, é recomendável a oferta de processos de Iniciação Cristã – Eucarística e Crisma. Na catequese, atua-se no sentido de incentivar a participação dos alunos e suas famílias em um espaço de iniciação à fé cristã e constituição comunitária. Trata-se de um espaço em que se oportuniza uma experiência explícita da confessionalidade cristã de identidade católica e de inspiração na Espiritualidade Inaciana. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 81)

Portanto, voltaremos nosso olhar para o trabalho pastoral nesses dois âmbitos que se apresentam: o trabalho de orientação religiosa, que envolve alunos, famílias e colaboradores, e o trabalho da Iniciação Cristã, que é ofertado à comunidade escolar. Ambos têm o propósito de ministério apostólico, marca dos Colégios da Companhia de Jesus, embora, tenham suas especificidades na forma de exercer esse apostolado.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho tem como objeto de estudo questões bastante específicas das instituições de ensino que fazem parte da Companhia de Jesus. Assim sendo, o suporte teórico que será citado consiste basicamente nos documentos da Companhia. Para conversar com estes textos, também serão apresentadas ideias do Papa Francisco, como Jesuíta que é, e alguns conceitos de evangelização e trabalho pastoral.

Para bem entender o funcionamento e os princípios de uma instituição da RJE, é fundamental conhecer um pouco da história do Fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola. Iñigo López de Loyola, nome de batismo, nasceu em 23 de outubro de 1491, na Espanha.

Filho de família nobre, foi um jovem boêmio e impulsivo, até que, aos 30 anos, foi atingido por uma bala de canhão e ficou enfermo por muito tempo. Neste período de convalescença, Inácio pediu livros para ler e recebeu obras que falavam da vida de Jesus Cristo e dos Santos. Começa, assim, seu processo de conversão.

Para marcar sua decisão de abandonar a vida militar e servir a Deus, Inácio foi até a capela do santuário de Nossa Senhora de Montserrat e, lá, deixou sua espada pendurada no altar. Esse gesto simboliza o abandono da vida de aparência da corte e o ingresso em uma vida de sacrifícios e renúncias. Passou esse tempo em penitência e solidão. Foi nessa época que preparou toda a base de sua obra mais importante: o livro intitulado *Exercícios Espirituais*.

Os exercícios espirituais (aprovados pelo Papa Paulo III) consistem em um roteiro,

um caminho a percorrer, uma maneira vital de dispor-se inteiramente à ação do Espírito ('deixar-se conduzir por Ele'), que transforma e liberta o coração de todo desejo desordenado, para buscar, encontrar e realizar a vontade de Deus na própria vida de quem procura fazê-los. (JESUÍTAS BRASIL, c2021)

Trata-se de uma proposta de oração, um convite ao autoconhecimento e ao conhecimento do projeto de Deus. É uma experiência de entrega e confiança. Segundo Klein (2015, p. 96), “nos exercícios cada um tem a possibilidade de descobrir que, embora pecador, ele ou ela, é particularmente amado por Deus e convidado a responder esse amor”.

Após sua peregrinação por Jerusalém, Inácio foi estudar em Barcelona, e mais tarde em Paris. Lá conheceu alguns companheiros que, imbuídos do mesmo desejo de responder ao projeto de Deus, mais tarde formariam a Companhia de Jesus, que foi formalmente aprovada pelo Vaticano em 1540.

Embora não fosse essa a finalidade original, logo no início da sua história, a Companhia de Jesus já assume seu caráter educativo. Conforme Klein (2015, p. 100): “Logo se tornaram evidentes os resultados que se poderiam obter através da educação da Juventude e não passou muito tempo sem que os Jesuítas se dedicassem a esse trabalho”.

Com o passar dos anos, o número de Colégios sob a responsabilidade da Companhia foi se multiplicando, e em 1599, acontece a publicação da *Ratio Studiorum*, um documento norteador do trabalho pedagógico,



que foi guia nos primeiros séculos da Companhia. Só em 1986, surge um documento com temas centrais e característicos do século XX: *Características da Educação da Companhia de Jesus*. E, em 1993, vem o novo marco pedagógico: *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*.

Ao analisar todos esses documentos, fica claro que os Colégios são parte da tradição missionária da Companhia, enraizada inicialmente na tradição humanista do renascimento, e aprimorada na *cura personalis*, como traço distintivo de seu modelo educativo.

Hoje, podemos dizer que as instituições de ensino são a “menina dos olhos” da Companhia de Jesus, pois é nelas que se realiza sua missão apostólica. São mais de 840 Colégios, espalhados em 72 países, além de mais de 1.300 instituições e projetos educativos apoiados.

Embora o processo educativo tenha mudado radicalmente desde os tempos de Inácio, e as maneiras de expressar os conceitos religiosos sejam completamente diferentes, a educação da Companhia continua a ser um meio para ajudar os estudantes a conhecer melhor a Deus e responder a Ele; o Colégio continua a ser apto para responder às novas necessidades do Povo de Deus. O objetivo da educação da Companhia é a formação de pessoas orientadas em seus princípios e em seus valores para o serviço aos outros, segundo o exemplo de Jesus Cristo. Por isso, ensinar em um Colégio da Companhia é um ministério. (KLEIN, 2015, p. 72)

Essa ideia de educação a serviço da evangelização é o pilar dos princípios jesuítas. A educação da Companhia busca proporcionar ao estudante este encontro consigo mesmo e com Deus, a exemplo do que Santo Inácio propõe nos *Exercícios Espirituais*. É uma educação sensível e acolhedora, que pensa o indivíduo em todas as suas dimensões.

Inácio usava o termo *Magis*, que consiste em dar o seu melhor, o que se tem de maior valor. A Educação Jesuíta pressupõe essa busca pela excelência, que não é apenas acadêmica, mas refere-se a todas as dimensões que constituem o indivíduo. Na obra *A Nova Educação e o Pacto Educativo Global*, Pe. Klein faz um compilado dos discursos do Papa sobre educação. O Papa fala das desigualdades na educação, agravadas pela crise da pandemia da COVID-19 e provoca os professores a fazerem uma educação integradora e humana. Papa Francisco diz que:

Precisamos, pois, de um conceito de educação que englobe a ampla gama de experiências de vida e processos de aprendizagem e que permita aos jovens, individual e coletivamente, desenvolver a sua personalidade. (Discurso do Papa Francisco aos membros do Corpo Diplomático Acreditado Junto da Santa Sé para as Felicitações de Ano Novo, 09/01/20). (KLEIN, 2020, p. 16)

Na história da Companhia, sempre esteve presente esta perspectiva de Educação Integral, porém sem essa nomenclatura. A proposta de trabalhar pelas pessoas sempre foi o cerne das instituições educativas da RJE. Consiste em levar o indivíduo ao desenvolvimento pleno, prepará-lo para a vida, o que também abrange a preparação para a vida eterna.

Deus revela-se também na pessoa humana, “criada à imagem e semelhança de Deus”. Desta forma, a educação jesuíta busca significar a vida humana e se preocupa com a Formação Integral de cada aluno como indivíduo pessoalmente amado por Deus.

Arrupe aponta quatro notas que as instituições jesuítas devem oferecer na Educação Integral. Formar homens de serviço segundo o Evangelho, como promotores da justiça, a partir da caridade evangélica. Formar homens novos, com uma forma de vida tão coerente com os valores que aprenderam de Jesus Cristo que se destaquem no serviço aos outros. Formar homens abertos ao crescimento pessoal, ao mundo mutável atual. E, por fim, formar homens equilibrados, que conciliem os valores acadêmicos e evangélicos, já que não é ideal dos nossos Colégios produzir estes pequenos monstros acadêmicos, desumanizados e introvertidos; nem mesmo o devoto crente alérgico ao mundo em que vive e incapaz de vibração. O nosso ideal aproxima-se mais ao insuperado homem grego, na sua versão cristã, equilibrado, sereno e constante, aberto a tudo aquilo que é humano. (KLEIN, 2017, p. 6).

Tendo como meta essa Educação Integral, a educação jesuíta tem como objetivo promover “o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus” (KLEIN, 2015, p. 52). Ela busca formar indivíduos capazes de atuar no mundo, fazer a diferença na promoção do Reino de Deus. As reflexões e as ações que levam a essa formação perpassam todo o planejamento e o trabalho pedagógico e devem estar no horizonte de todo o corpo docente. Contudo, a fim de garantir o desenvolvimento da dimensão espiritual-religiosa, existe o trabalho da Pastoral escolar.

Segundo Klein (2015, p. 63), “a atenção pastoral é uma dimensão da ‘*cura personalis*’ que permite que cresçam sementes de fé e de compromisso religioso em cada pessoa, possibilitando que cada uma reconheça e responda à mensagem do amor divino [...]”.

O trabalho pastoral dentro de um Colégio da RJE deve ser presença constante e significativa, pois ele imprime a identidade católica da Companhia. Esse compromisso eclesial com a evangelização está descrito em fontes como *Características da Educação da Companhia de Jesus* e *Preferências Apostólicas Universais* e talvez seja o maior desafio que as instituições educativas têm pela frente: Como não perder sua identidade de Colégio Cristão Católico diante dessa nova realidade que se apresenta?

No livro *Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI*, este tema é bastante enfatizado quando colocado como um dos identificadores globais dos Colégios Jesuítas. A preocupação em deixar claro para estudantes e famílias a conexão intrínseca entre o evangelho e os objetivos educativos se faz fundamental. “Nem todas as pessoas vinculadas a um Colégio Jesuíta são ou serão católicas, mas são convidadas a entender a identidade eclesial do Colégio e a participar dessa identidade na medida que for apropriada para elas” (ICAJE, 2019, p. 63).

No *documento de Aparecida* (redigido a partir do grande encontro dos bispos e demais participantes da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe/2007), a questão da educação já aparece como elemento fundamental da evangelização.

A educação humaniza e personaliza o ser humano quando consegue que este desenvolva plenamente seu pensamento e sua liberdade, fazendo-o frutificar em hábitos de compreensão e em iniciativas de comunhão com a totalidade da ordem real. Dessa maneira, o ser humano humaniza seu mundo, produz cultura, transforma a sociedade e constrói a história. (CELAM, 2007, p. 150)

O documento reforça a missão evangelizadora dos centros educativos católicos e diz que: “A Igreja é chamada a promover em suas escolas uma educação centrada na pessoa humana que é capaz de viver na comunidade oferecendo a esta o bem que a Igreja possui” (CELAM, 2007, p. 151).

Respeitando todas as crenças e confissões dos indivíduos da comunidade educativa, há espaço para o diálogo inter-religioso. Contudo, o exemplo a ser seguido é a pessoa de Jesus Cristo. A RJE aposta em profissionais que possam dar testemunho desta vida em Cristo, sejam eles jesuítas ou leigos, evidenciando uma “amizade pessoal com Jesus”. Cada vez mais a Companhia vem dividindo seu fazer apostólico com os leigos e estabelecendo uma relação de corresponsabilidade de evangelização. Os colaboradores são chamados a anunciar de maneira constante e eficaz a Boa Nova, em todos os espaços que ocupam.

### 3. METODOLOGIA

Como já referido anteriormente, o presente artigo tem como objetivo conhecer a ação do trabalho pastoral nas turmas do Ensino Fundamental I de dois Colégios da RJE, bem como seus impactos na comunidade escolar, com o propósito de responder à

seguinte questão: Qual a importância do trabalho pastoral na construção da Identidade Inaciana, dentro de um Colégio da Rede Jesuíta?

Este capítulo tem como finalidade descrever a metodologia adotada neste trabalho, que envolveu uma pesquisa de abordagem qualitativa, ou seja, aquela que analisa de forma crítica os dados coletados, numa perspectiva de análise subjetiva. É de natureza básica, pois trata de um tema já existente, aprofundando essa reflexão. Caracteriza-se como descritiva, já que é baseada em assuntos teóricos, e exploratória, pois quer trazer elementos novos. Como procedimentos, adotamos a pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, como livros, artigos e periódicos. As entrevistas realizadas serviram de base para a costura entre o que os documentos falam, as propostas curriculares e o fazer em si.

Inicialmente, foi realizada uma busca nos documentos da Companhia de Jesus a fim de conhecer os princípios e os fundamentos deste modo de fazer e proceder das instituições educativas.

Em seguida, passamos à pesquisa de campo, realizando entrevista semiestruturada com os sujeitos partícipes deste trabalho pastoral, através da plataforma *Teams*. As entrevistas realizadas serviram como fio condutor para a costura entre o que os documentos dizem, as propostas curriculares e o fazer em si.

As conversas foram gravadas, mediante autorização dos participantes, para melhor análise dos dados.

No Colégio Catarinense, a entrevista foi com a professora responsável pela Formação Humana Cristã, assim denominado o trabalho desenvolvido nas turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, espaço onde se fala sobre os princípios e valores cristãos.

Já no Colégio Anchieta, a entrevista foi realizada com oito pessoas que ocupam diferentes lugares e espaços neste processo. Foram ouvidos: o coordenador geral do SOREP, o Padre Referência da Formação Cristã e coordenador da Formação Cristã, duas catequistas, a professora representante do 4º Ano, dois catequizandos e suas famílias.

Foi necessário manter a neutralidade que o papel de pesquisadora requer, pois, estando inserida no fazer diário do Colégio Anchieta, o contato com os entrevistados já existia e havia algumas hipóteses previamente elaboradas acerca do trabalho realizado.

A seguir, as perguntas que serviram como norteadoras para a conversa:

- a. Como vê o trabalho da Pastoral no seu Colégio?
- b. Quais as expectativas frente a este trabalho?
- c. Observas evidências na formação dos alunos? Quais?
- d. Qual o maior diferencial que percebes nestas experiências ofertadas em relação a outras instituições?

As entrevistas ocorreram ao longo de um mês e, a cada nova conversa, novos temas de interesse iam surgindo, o que motivou muito a pesquisa bibliográfica. A escolha dos entrevistados se deu considerando o envolvimento dos sujeitos no trabalho pastoral das referidas instituições.

Realizadas as entrevistas, passou-se para a análise das falas dos sujeitos da pesquisa, sustentada nas contribuições de Schwandt (2006, p. 197) que destaca, em seus estudos sobre análise de discursos, que:

[...] para entender uma parte (uma frase, um enunciado ou um ato específico), o investigador deve entender o todo (o complexo de intenções, crenças e desejos ou o texto, o contexto institucional, a prática, a forma devida, o jogo de linguagem etc.) e vice-versa.

Cabe salientar aqui que esta pesquisa aborda um tema no qual não é possível listar dados ou informações de maneira padronizada. É uma pergunta respondida de maneira muito singular, refere-se a percepções bem subjetivas de cada sujeito, portanto, não há como não considerar o lugar de fala de cada sujeito envolvido no processo.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, será descrita a análise dos dados coletados a partir da pesquisa de campo, conversando com o que foi encontrado na pesquisa bibliográfica. Faz-se necessário recordar aqui o problema deste estudo, que é elencar elementos que respondam a seguinte questão: “Qual a importância do trabalho pastoral na construção da Identidade Inaciana, dentro de um Colégio da Rede Jesuíta?” As perguntas das entrevistas, bem como as fontes bibliográficas, foram escolhidas no intuito de responder ao objetivo geral da pesquisa que é: conhecer a ação do trabalho pastoral nas turmas do Ensino Fundamental I do Colégio Anchieta, bem como seus impactos na comunidade escolar.

O primeiro questionamento da entrevista pretendia mapear como os sujeitos veem o trabalho pastoral dentro do Colégio em que estão inseridos. Ficou evidente que todos reconhecem a importância deste trabalho e têm consciência de como ele é marca das instituições da Companhia de Jesus. Inácio já reconhecia as instituições como um ministério, uma obra apostólica. A pastoral não deixa esquecer este legado inaciano, é viva e pulsante.

Um dos entrevistados define esse trabalho como “*carro-chefe de um Colégio Jesuíta*” (G.V). É um trabalho feito com muita seriedade, e alinhado com a proposta descrita nos documentos da Rede. É possível perceber que há sequência e conexão nas

estratégias desenvolvidas. Tanto no Colégio Anchieta como no Colégio Catarinense as equipes do SOREP contam com um número significativo de professores envolvidos nesse processo, pensando juntos as estratégias mais adequadas. Um dos entrevistados ressalta que:

“a estrutura que temos dentro do Colégio de trabalhar por ano/série nos dá uma qualidade incrível de trabalho, são poucas as instituições que têm essa estrutura. Dá uma clareza maior, onde é possível pensar e estruturar melhor o trabalho”. (C.M)

Destaca-se também a oferta de formação constante para todos os orientadores religiosos, tendo sempre em vista ser testemunho vivo, mirando como modelo Jesus Cristo. “*Temos profissionais muito bem preparados e que vestem a camisa da instituição. É um trabalho que se confunde com a missão*” (M.L).

O fazer do SOREP apresenta um viés religioso e espiritual que está inserido no cotidiano do aluno, e que considera sua formação em caráter integral. No Ensino Fundamental I de ambos os Colégios pesquisados, cada etapa/ano tem uma ou duas professoras responsáveis por pensar as estratégias que serão desenvolvidas, contemplando o que está elencado no plano de estudos de cada instituição e assessoradas pelo Orientador Religioso. Estas estratégias aprimoram competências não só da área espiritual, mas também cultural, afetiva e socioemocional. São construídas considerando as possibilidades e as potencialidades de cada faixa etária e estabelecendo relações interdisciplinares. Conforme a definição de Formação Integral que encontramos do documento *Educação Jesuíta: fundamentos contextual, doutrinal e conceitual*, no qual se lê:

É formação, ou seja, estimulação, favorecimento, proposição, ajuda, e não imposição, doutrinação ou ideologia. É integral, pois engloba as faculdades equalidades do ser humano e as oito dimensões de sua vida: espiritual, cognitiva, afetiva, comunicativa, estética, corporal, sócio-política [sic] e ética. (COLÉGIO ANCHIETA, 2018, p. 12)

Essa percepção da pessoa na sua integralidade vem dos ideais de Inácio, que via todos como seres dignos e transcendentos e merecedores da oportunidade de evolução constante, sendo chamados a dar o melhor de si, sempre. Aí se faz presente o trabalho da pastoral, que vai acompanhar cada pessoa nesse processo, se fazendo presença efetiva e afetiva nesse seu caminho.

Ainda cabe destacar aqui o entendimento deste termo pastoral, citando uma fala de um dos entrevistados: “*Pastoral vem da atividade do pastor, que está ligado ao cuidado, que é o que há de mais bonito no ser humano. Nascemos com esse instinto de cuidar*”

da gente e do outro” (J.R). E é esse olhar sensível e cuidadoso que se apresenta nas ações desenvolvidas pela pastoral.

No texto *Retos y Fines de la Pastoral Educativa Escolar Ignaciana, en los Colegios de la Compañía de Jesús en Latinoamérica*, encontramos uma excelente definição da pastoral inaciana:

A pastoral inaciana consolidou-se na cena educativa e eclesial através de uma série de ações que partem de sua natureza e identidade e que estão vinculadas ao exercício comunitário. Essas ações estão entre as que promovem a formação inaciana e a formação eclesial cristã; aquelas que promovem o acompanhamento ou, em palavras inacianas, “*Cura Personalis*” e, finalmente, aquelas que promovem o compromisso social. (FLACSI, 2017, p. 16, tradução nossa)<sup>2</sup>

Um trabalho pastoral com tamanho significado, obviamente, projeta grandes expectativas. A seguir serão apresentadas as mais citadas pelos entrevistados. A busca pela construção e pela manutenção da identidade católica e inaciana é um desses grandes objetivos do trabalho pastoral nos Colégios da RJE. Indo além da questão religiosa, há a busca pela espiritualidade em toda comunidade educativa, sempre tendo como modelo a ser seguido Jesus Cristo.

Inácio dizia, e praticava: “Em tudo amar e servir”. Na fala de uma das entrevistadas (professora e catequista), é possível perceber esse convite a fazer o bem. Quando questionada sobre as expectativas em relação ao trabalho pastoral que desempenha no Colégio Anchieta, ela respondeu que espera “*deixar as pessoas com o coração mais amoroso, formar para que sintam compaixão [...] despertar em todos o desejo de pastorear/cuidar*” (A.F).

Em todas as entrevistas, bem como na leitura dos documentos mais recentes da RJE, a Formação Integral é citada como fazer integral que considera a cidadania global como parte integrante dessa formação. Em sua conferência no I Congresso da RJE e VI Congresso Inaciano de Educação, Pe. José Alberto Mesa, Secretário Mundial para Educação secundária e pré-secundária da Companhia, diz que “a educação na cidadania global é parte constitutiva da nossa Formação Integral hoje, e falar de Formação Integral sem falar de Cidadania Global não é possível” (MESA, 2019, p. 41).

Essa preocupação e o empenho em formar um cidadão global, que seja “para e

---

<sup>2</sup> *La Pastoral Ignaciana se ha consolidado en el escenario educativo y eclesial, a través de una serie de acciones que parten de su naturaleza e identidad y que están vinculadas al ejercicio comunitario. Dichas acciones se encuentran entre las que promueven la formación ignaciana y la formación cristiana – eclesial; las que promueven el acompañamiento, o dicho en palabras Ignacianas “Cura Personalis”; y, finalmente, aquellas que promueven el compromiso social.”*

com os demais” – como nos pede o Pe. Pedro Arrupe – se reflete nos planos de estudos dos Colégios da RJE e impulsiona o desenvolvimento de estratégias que façam os alunos refletirem sobre sua condição de sujeito único que está em uma comunidade, que faz parte de um todo. Trata-se de um exercício de entender como ações individuais repercutem no grupo. No relato da professora que atua no SOREP do Colégio Catarinense fica evidente o grande esmero para educar cidadãos globais. Lá, no Ensino Fundamental I, os encontros de Formação Humana e Cristã, como são chamados os momentos conduzidos pelo SOREP, ocorrem semanalmente e isso é visto de maneira muito expressiva pelo corpo docente, que refere o quão significativo é esse trabalho. O professor titular da turma desenvolve estratégias pensadas para o desenvolvimento destas habilidades socioemocionais e espirituais-religiosas. Já no Ensino Fundamental II, a dinâmica é diferente: são encontros mensais, previamente agendados, nos quais ao longo da manhã são realizadas reflexões, a partir do exercício da pausa inaciana e da abordagem de temáticas pertinentes aos grupos atendidos. Cabe citar, que os alunos do Ensino Médio têm um componente curricular chamado Projeto de Vida, no qual o objetivo é propiciar discussões sobre suas decisões e escolhas.

A professora destaca como grande desafio e missão desse trabalho de valorização da dimensão humana: fazer com que os alunos percebam sua singularidade, seu valor. *“Entender que eles são muito mais que uma nota, um número. Reconhecerem-se como seres humanos”* (M.C).

Esse mesmo olhar sensível e humano está presente também no fazer pedagógico do Colégio Anchieta, demonstrando, assim, o que nos aproxima como instituições da RJE. É um jeito singular de pensar a educação como obra apostólica da Igreja, que busca formar cidadãos para os quais o modelo fundamental seja Jesus Cristo. Na Educação Infantil e no Fundamental I, o Orientador Religioso acompanha as estratégias desenvolvidas pelas professoras titulares nas aulas de Ensino Religioso, que ocorrem semanalmente. Também realiza, mensalmente, os encontros do Projeto Nos Passos de Inácio e conduz momentos de espiritualidade. No Fundamental II e no Ensino Médio, cada Ano/Série tem o seu Orientador Religioso, que além de ministrar as aulas de Ensino Religioso, acompanha os projetos voltados para a espiritualidade inaciana e para as ações sociais e de cidadania. Um dos entrevistados menciona o adulto que se almeja formar: *“[...] que no seu fazer profissional pensa no outro. Seja Magis – ser mais para e com os outros”* (G.V).

Ao mesmo tempo que a Companhia tem um ideal de cidadão que deseja formar, também as famílias procuram a escola pensado neste ideal para seus filhos. Isso fica claro no trecho que veremos a seguir, extraído da entrevista realizada com uma mãe anchietana:



*“Nós acreditamos que o trabalho pastoral desenvolvido pelo Colégio Anchieta no sentido de introduzir para as crianças, desde pequenas, o conhecimento, o despertar pela religiosidade é fundamental e de extrema relevância para o crescimento espiritual e vem reforçar ainda mais a escolha que fizemos ao colocá-los no Anchieta, pois essa questão é um dos pilares que julgamos ser essenciais para a construção da Educação dos filhos bem como a essência do caráter; pois outros assuntos que também são abordados nesse contexto como a história da escola e os princípios de solidariedade servem de exemplo a eles e fazemos questão de conversar sobre isso para entenderem por que (dentre outros motivos) optamos por esta escola e a importância que ela representa.” (V.G)*

Passamos a tratar agora das evidências apontadas pelos entrevistados no que se refere ao trabalho desenvolvido pela pastoral. Este aspecto é de suma importância, pois é ao elencar as evidências que se tem certeza de que, de fato, os objetivos estão sendo atingidos.

No relato dos entrevistados, fica claro que muitas são as evidências percebidas em seu fazer diário que demonstram que os alunos têm conhecimento sobre os assuntos discutidos em aula. Podemos citar algumas aqui, tais como: o envolvimento e o entusiasmo dos alunos do Fundamental I com os Projetos “Apadrinhamento” e “Nos Passos de Inácio”; a grande procura dos alunos do Fundamental II e do Ensino Médio pelos projetos voltados para a espiritualidade, a ação social e a cidadania como “Voluntariado”, “GVX” (Grupo de Vida Cristã) e “Socioambiental”; os relatos das famílias e dos antigos alunos que também são abarcados nestas ações.

Um dos alunos entrevistados relata, ainda com detalhes, sua participação no Projeto Apadrinhamento. Ele recorda com carinho o nome da instituição e o nome do afilhado. *“Foi muito legal receber as crianças aqui no Colégio. A gente se sentiu muito bem e eles ficaram muito felizes. A gente brincou, rezou e fez um lanche bem gostoso” (M.C).*

Certamente as marcas que as experiências proporcionadas pelo trabalho pastoral deixam nos alunos são profundas, são memórias ricas em afeto e sensibilidade.

Vale diferenciar aqui o trabalho do Ensino Religioso e do SOREP. O primeiro, embasado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tem como foco a cultura religiosa, a relação com o transcendente. Já o segundo, tem um viés plenamente cristão católico. É consenso que, tanto nas conversas formais desenvolvidas em sala de aula bem como nas conversas de corredores, os estudantes lembram das questões sociais. Esse despertar para justiça é o que nos pede Santo Inácio, quando fala da preferência pelos pobres.

Também as famílias são chamadas a experienciar vivências inicianas na medida que participam de projetos como: a APM (Associação de Pais e Mestres), o Grupo de Espiritualidade (que se reúne periodicamente para momentos de espiritualidade) e a Família Anchieta Solidária (projeto que possibilita aos alunos, famílias e colaboradores o contato direto com as instituições que o Colégio apadrinha). Em cumprimento ao que sugere o PEC (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 76):

Especial atenção e cuidado pastoral são dados à oferta da Espiritualidade Inaciana às famílias e ao acompanhamento espiritual, levando em consideração a variedade de modalidades que integram a tradição da Companhia de Jesus e o perfil dos integrantes da comunidade educativa. Incentivam-se a criação e a promoção de canais oficiais de escuta das famílias, em modo de ouvidorias, visando a favorecer a interação e a comunicação entre escolas e famílias. Para mais aproximar as famílias da missão educativa e suas finalidades, bem como do ambiente e da Identidade Inaciana dos Colégios, surge a necessidade de promover e desenvolver um Programa de Liderança Inaciana para pais.

Um aspecto interessante a ser salientado é a participação dos antigos alunos, que ao serem chamados assim, e não como ex-alunos, já deixa claro a conservação da identificação com esse carisma inaciano. Eles são presença constante nas celebrações eucarísticas realizadas na Igreja da Ressurreição e participação ativa em campanhas solidárias. Cabe esclarecer aqui que particularmente no Colégio Anchieta esse grupo é denominado como 4A, Associação dos Antigos Alunos do Anchieta.

Seria ingênuo de nossa parte acreditar que o trabalho alcança a totalidade dos alunos e suas famílias, mas o fato é que a parcela abrangida é bastante significativa e que os resultados desse trabalho aparecem nos gestos de cuidado e amor ao próximo. O nosso desafio é sempre provocar esta discussão e reflexão acerca do que acontece ao nosso redor. É o contexto, tão inaciano. Nossa comunidade educativa é convidada a participar desta reflexão, e, indo além disso, atuar e ser um agente de pequenas transformações. Os que compreendem a missão e se colocam à disposição do ser e para com os outros enriquecem nosso propósito e o tornam vivo.

Certamente esse envolvimento de alunos, famílias e antigos alunos está intimamente ligado ao fato de os professores estarem comprometidos com a causa e envolvidos nas atividades. Quando o professor de fato se deixa envolver pela proposta, assume o papel de mediador, que vai muito além da transmissão de valores e conhecimentos.

Sabemos que outras instituições educativas também desenvolvem um trabalho pastoral efetivo, alicerçado em seus princípios e conduzidos por seus carismas. Então, surge a questão: qual o diferencial do trabalho pastoral desenvolvido nos Colégios da RJE? Pode-se dizer que nas instituições jesuítas, a grande marca é o legado de Santo Inácio: os Exercícios Espirituais. Há uma grande identificação com o carisma inaciano. Outra característica que chama a atenção é um fazer que promove o protagonismo de todos os envolvidos, favorecendo o sentimento de pertença. No Colégio Anchieta, o lema “ensinando a pensar” desperta para uma consciência crítica. Vai além da formação escolar. Assim como já dito anteriormente, é uma formação para a vida. É o desejo de formar profissionais comprometidos em “ser mais para e com os outros”.

Pretendemos aqui também dar a conhecer alguns dados sobre a Formação Cristã, uma atividade extraclasse, oferecida nas duas instituições que participaram da

pesquisa. Conforme nos define o PEC (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 83): “Trata-se de um espaço em que se oportuniza uma experiência explícita da confessionalidade cristã de identidade católica e de inspiração na Espiritualidade Inaciana.” Acontece em consonância com a proposta das arquidioceses nas quais os Colégios estão inseridos, chamada Iniciação à Vida Cristã (IVC), que prevê dois anos de preparação para a Primeira Eucaristia e dois anos para o Crisma. Os encontros ocorrem semanalmente e têm a dinâmica da leitura orante, na qual o texto bíblico é o centro das discussões. Na entrevista com o Padre coordenador da Formação Cristã do Colégio Anchieta, ficou explícito que grande parte das famílias que buscam pela formação cristã o fazem por serem católicos atuantes na fé: *“A formação Cristã está na vida das famílias vinculadas ao fato de serem católicas praticantes. Então, por terem fé, frequentar uma comunidade paroquial, pela tradição familiar [...] querem também que os filhos cresçam na fé”* (G.V). Um desafio que se apresenta em relação a este trabalho é a prevalência de grupos pequenos, a fim de favorecer a partilha e o envolvimento no pós-eucaristia, ou seja, ter os catequizandos dando sequência à sua formação.

Diante de tantas reflexões relevantes surgem também desafios que se desenham a partir do contexto, inclusive considerando todas as adaptações referentes à pandemia da COVID-19. Em seu texto *A educação Jesuíta frente à Pandemia*, Pe. Klein apresenta os resultados obtidos a partir de uma pesquisa realizada em 2020 com as instituições educativas da Federação Latino-Americana de Colégios da Companhia de Jesus (FLACSI). No que se refere à espiritualidade, é destacada a questão da instabilidade emocional causada pelo contexto pandêmico e a necessidade do envio regular, não apenas para os estudantes, mas também para familiares e colaboradores, de orações, mensagens espirituais, vídeos, imagens, músicas e reflexões. No momento atual, a reflexão pertinente é como ir retomando os encontros dos diversos grupos que alunos e antigos alunos participam, tendo consciência, conforme mostram os dados desta pesquisa descrita por Klein (2020, p. 13), estamos diante de “uma mudança de época, a qual já está afetando o campo educacional”.

Outro aspecto que também se apresenta como bastante desafiador, no caso do Colégio Anchieta, é tornar o Mapa das Aprendizagens o grande referencial para todas as equipes, inclusive para o SOREP. Esse instrumento surgiu, em 2019, como parte do processo de avaliação do Colégio Anchieta no Sistema de Qualidade na Gestão Escolar da FLACSI, em execução desde 2017 até o momento. Após a comunidade acadêmica participar de estudos com o objetivo de refletir sobre os fundamentos contextual, doutrinário e conceitual, evidenciou-se a necessidade de construir o Mapa das Aprendizagens Curriculares, abrangendo as três dimensões norteadoras: Cognitiva, Socioemocional e Espiritual-religiosa, e posteriormente a elaboração de competências e habilidades para cada uma delas, com vistas à Formação Integral, que é o objetivo principal do programa.

Já tratamos anteriormente sobre o diálogo inter-religioso, premissa já estabelecida pela Companhia, e que se apresenta como ponto a ser desenvolvido, principalmente no que tange à visão de que seria “inadequada” a abordagem de outras práticas religiosas. Então, é preciso tornar explícita essa postura de abertura ao conhecimento e ao diálogo com outras vivências religiosas, sem abrir nossas convicções e dogmas como Apostolado Cristão.

Um dos entrevistados aponta como desafio o fato de “*sermos mais corajosos ao anunciar Jesus*” (G.V). Essa fala vai ao encontro do que nos diz São João: “Ai de mim se eu não anuncio o Evangelho” (1 Cor 9, 16). Somos uma Igreja em missão, imersa nos desafios urbanos. Esse sentimento de pertença à Igreja e de comprometimento do Evangelho fica indubitável em todos os documentos orientadores da Companhia de Jesus.

Um dos projetos citados com bastante frequência nas falas dos entrevistados do Colégio Anchieta foi o Projeto nos Passos de Inácio, que atende os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I e é realizado pelo SOREP, juntamente com os professores das turmas. São promovidos encontros mensais, nos quais as crianças conhecem um pouco mais sobre a vida de Inácio e refletem como podem seguir os seus passos hoje, com pequenos gestos e ações do seu cotidiano. Esse projeto é muito rico e vai sendo construído de maneira progressiva, do 1º ao 5º Ano, considerando as especificidades de cada faixa etária.

Aqui cabe a observação feita por uma das entrevistadas que alerta para a necessidade de repensar a repetição das mesmas estratégias, pois em algum momento da sua vida escolar parece que alguns alunos de certa forma já automatizaram as falas, e acabam respondendo de forma mecânica. “*Ao chegar no 4º Ano fica automatizado, a reflexão já não é intensa porque eles já sabem o que seria o adequado, o que a gente espera ouvir*” (A.P). Talvez seja necessária aqui a proposição de uma reflexão mais profunda e que traga novos elementos.

Outro projeto que tem especial valor para o Ensino Fundamental I é o Apadrinhamento, que consiste na relação com diferentes instituições sociais que são parceiras do Colégio Anchieta. Os alunos vivenciam experiências de trocas, conversas e encontros ocorridos no Colégio e na instituição. Até 2020, esses momentos foram vividos com muito entusiasmo e aproximação. Desde o início da pandemia, esse projeto vem sendo remodelado, mas mantendo suas “experiências solidárias e afetivas.”

Pe. José Alberto Mesa diz que “a tradição inaciana é como uma correnteza que nos leva e sempre é nova. Sim, é a mesma, no entanto é sempre nova” (MESA, 2019, p. 44). Com essa metáfora da correnteza, entendemos o valor da tradição jesuíta e sua capacidade de renovação, de adaptação frente aos desafios propostos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras que seguem na parte final deste artigo não podem ser definidas como uma conclusão, no sentido de finalização, já que este estudo se apresenta como um primeiro olhar sobre este tema que tem tanta relevância para a Companhia de Jesus e abre uma pluralidade de possibilidades de pesquisa. É uma reflexão que não se esgota aqui, muito pelo contrário, apenas suscita a necessidade de lançar um olhar cada vez mais amoroso e atento sobre o trabalho pastoral nas instituições da RJE.

A partir da pesquisa bibliográfica e das entrevistas realizadas, foi possível observar que a ação do trabalho pastoral é fundamental na construção da Identidade Inaciana dos membros da comunidade escolar. É ele que, através dos momentos de espiritualidade e de suas práticas de cuidado, fomenta o carisma inaciano, mantém viva a missão apostólica destas instituições. Certamente não é um trabalho isolado, ele está alinhado com todos os outros setores, até porque a RJE busca promover uma Educação Integral e integralizadora do sujeito. Trabalha-se numa perspectiva que considera igualmente relevantes as dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual- religiosa. Assim sendo, uma ação complementa a outra, e aí está a beleza do nosso fazer.

Percebemos que o trabalho realizado nas duas instituições de ensino que participaram da pesquisa de campo é bastante semelhante, mantendo o jeito de ser e proceder da Companhia. A fala de ambos os Colégios é a mesma, pautada no conhecimento dos documentos orientadores, bem como a identificação com a Pedagogia Inaciana. Outro marco comum é o modelo em Jesus Cristo, o valor do testemunho e da Evangelização. Esse dado traz segurança para RJE, pois demonstra a compreensão e a validação das normativas dispostas nos documentos publicados e a real compreensão do carisma inaciano. Cabe ressaltar que, obviamente, existem diferenças nas instituições, até porque há o respeito ao contexto e à realidade na qual estão inseridas. Contudo, estas diferenças referem-se apenas à organização e à estrutura na condução do trabalho, jamais no que ele desenvolve e no seu objetivo maior.

Fica claro que o trabalho pastoral impacta de forma bastante significativa nessa formação humanizadora a qual as instituições se propõem realizar, pois muitas são as evidências observadas no fazer diário dos colaboradores e nos relatos de alunos e famílias. Sabendo que sempre é possível expandir esse alcance, sendo necessário, para isso, constante reflexão e renovação das práticas.

Considerando o momento em que este artigo foi escrito, seria impossível não citar os efeitos da pandemia da COVID-19, que mudou drasticamente a vida de todos desde março de 2020. Também o trabalho pastoral precisou ser reformulado, e num período pós-pandêmico certamente surgirão novos desafios a serem superados.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. São Paulo: Paulinas, 2002.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

CARACTERÍSTICAS da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 1986.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a\\_pdf/cnbb\\_2007\\_documento\\_de\\_aparecida.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf). Acesso em: 25 jun. 2021.

DECRETOS DA CONGREGAÇÃO GERAL XXXIV. **Jesuítas e Leigos: Servidores da Missão de Cristo**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

FLACSI. **Retos y Fines de la Pastoral Educativa Escolar Ignaciana, en los Colegios de la Compañía de Jesús en Latinoamérica**. Documento produzido pela Rede de Homólogos de Pastoral FLACSI, 2017.

ICAJE (Comissão Internacional do Apostolado da Educação Jesuíta). Colégios Jesuítas. Uma tradição viva no século XXI. In: **Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana**. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.aspx?IdDocumento=5226>. Acesso em: 27 de junho de 2021.

JESUÍTAS BRASIL. **Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Jesuítas Brasil, c2021. Disponível em: <https://www.jesuitasbrasil.org.br/espiritualidade/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

KLEIN, Luiz Fernando. A Educação Jesuíta frente à pandemia. In: **Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana**, 7 de junho de 2020. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.aspx?IdDocumento=5104>. Acesso em: 03 jun. 2021.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

KLEIN, Luiz Fernando. **A Educação Integral segundo a Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Loyola, 2017.

KLEIN, Luiz Fernando. **A Educação Integral segundo a Pedagogia Inaciana**. Conferência proferida no I Encontro Virtual de Diretores Acadêmicos da FLACSI, dia 4 de setembro de 2017.

KLEIN, Luiz Fernando. **A Nova Educação e o Pacto Educativo Global**. Edição da Conferência dos Provinciais na América Latina e Caribe – CPAL. Março de 2021.

MESA, José Alberto. Educação Jesuíta para a Cidadania Global. In: REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. I Congresso RJE da Rede Jesuíta de Educação: VI Congresso Inaciano de Educação. São Paulo: Aneas Edições Loyola, 2020.

**PEDAGOGIA Inaciana: uma proposta prática**. Loyola: São Paulo, 1993.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **PEC: Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

SCHWANDT, Thomas. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

---

*Este livro foi composto com tipografia Garamond  
impresso pela gráfica Impresul - julho/2022*

---



Este livro é o resultado da 4ª edição da Especialização "Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade". Ofertada pela UNISINOS. É um dos projetos de formação continuada da RJE com os Colégios da Rede.

